



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

**Vivências que Transformam: Proposição e Evidências de um Programa de Intervenção com Professores para o Enfrentamento do Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes**

Fernanda Monteiro Lima

Belém – PA

2025



**Vivências que Transformam: Proposição e Evidências de um Programa de Intervenção com Professores para o Enfrentamento do Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes**

Fernanda Monteiro Lima

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Lília Iêda Chaves Cavalcante

Belém – PA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Biblioteca

---

L732v Lima, Fernanda Monteiro, 1983-  
Vivências que transformam: proposição e evidências de um programa de Intervenção com professores para o enfrentamento do abuso sexual contra crianças e adolescentes / Fernanda Monteiro Lima. — 2025.

226 f. il.: color

Orientadora: Lília Iêda Chaves Cavalcante  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2025.

1. Análise do comportamento. 2. Ecoetologia. 3. Crianças e Adolescentes (abuso sexual). 4. Professores (programa de intervenção).  
I. Título.

CDD - 23. ed. — 150.724

---

Catalogação na fonte: Maria Célia Santana da Silva – CRB-2/780



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

## **Defesa de Doutorado**

**“Vivências que Transformam: proposição e evidências de um programa de intervenção com professores para o enfrentamento do abuso sexual contra crianças e adolescentes”.**

**Aluna: Fernanda Monteiro Lima.**

**Data da Defesa: 14 de abril de 2025.**

**Resultado: Aprovada.**

**Banca Examinadora:**

---

Profª Drª Lília Iêda Chaves Cavalcante (orientadora – UFPA).

---

Profº Drº Alex Sandro Gomes Pessoa (membro 1 – UFSCar).

---

Profª Drª Aline Beckmann de Castro Menezes (membro 2 – UFPA).

---

Profª Drª Ana Letícia de Moraes Nunes (membro 3 – SEDUC).

---

Profª Drª Milene Maria Xavier Veloso (membro 4 – UFPA).

## Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para Publicação Digital no Repositório Institucional da UFPA

### IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

Autor\*: Fernanda Monteiro Lima

Vínculo com a UFPA: ( ) Servidor; (X) Discente Unidade: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Subunidade: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Tipo do documento: (X) Tese; ( ) Dissertação; ( ) Livro; ( ) Capítulo de Livro; ( ) Artigo de Periódico; ( ) Trabalho de Evento; ( ) Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

Título do Trabalho: Vivências que Transformam: proposição e evidências de um programa de intervenção com professores para o enfrentamento do abuso sexual contra crianças e adolescentes.

Data da Defesa: 14/04/2025 Área do Conhecimento: Ecoetologia

Agência de Fomento: não se aplica

\*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

### DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA

O referido autor:

- Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 3.0 *Unported*, e de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a partir desta data.

Permitir o uso comercial da obra?

( ) Sim (X) Não

Permitir modificações em sua obra?

( ) Sim, contanto que compartilhem pela mesma licença


(X) Não

O documento está sujeito ao registro de patente?

( ) Sim (X) Não

A obra continua protegida conforme a Lei Direito Autoral.

Belém (PA), 26/ 06 /2025

Documento assinado digitalmente  
 **FERNANDA MONTEIRO LIMA**  
Data: 26/06/2025 13:01:00-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos do Autor

Dedico esta tese aos mais de cem  
professores que aceitaram participar  
desta pesquisa!

## Agradecimentos

Aos meus pais, Fernando e Heloisa, por sempre proporcionarem condições para que eu seguisse nos estudos e por incentivarem meu crescimento pessoal e profissional.

Agradeço, principalmente, por me acompanharem tão de perto nesse sonho de fazer doutorado, tanto com incentivos financeiros quanto com colo em momentos de atribulação.

Ao meu companheiro de vida, Helber, por ter sido o primeiro a me incentivar quando falei que estava com vontade de fazer doutorado e, mesmo com dois empregos, ele sempre disse que eu daria conta.

Ao meu irmão, Fabio, e à alegria da minha vida, meu sobrinho Augusto, que mesmo de longe me proporcionam sempre momentos de amor e leveza.

À minha orientadora, Lília Cavalcante, por ter aceitado esse tema e por ter incentivado uma pesquisa com intervenção acreditando que seríamos capazes. Obrigada por confiar no meu trabalho e, mais do que isso, ter acreditado em mim. Sua orientação ao longo desses quatro anos fez toda a diferença!

Às minhas alunas voluntárias da pesquisa que se tornaram amigas para vida e que estiveram comigo desde antes da qualificação, Ana Carolina, Isabela e Marina. E as meninas que chegaram no momento superimportante da coleta, Gabryella, Hêmely, Sara, Jhuliene e Mariely. Obrigada por todos os momentos de trabalho e descontração. Nós formamos um grupo de pesquisa!

À minha amiga, Letícia, a quem me uni a partir de um *tweet*! Quanta alegria o nosso encontro! Obrigada também por, além da amizade, me repassar seus vastos conhecimentos sobre Iramuteq.

Às meninas do GEAV, em especial, Maíra, Vivian e Dani Baldez, por terem me acolhido quando cheguei na UFPA, sem conhecer ninguém, e por me mostrarem que pesquisa se faz em grupo.

Às diretoras e aos diretores das instituições escolares pelas portas abertas. Se não fosse essa entrada nas escolas, esta tese não teria saído do papel.

Às professoras que participaram dos encontros, estar com vocês me transformou! Ouvir e partilhar cada vivência me fez querer ainda mais lutar por um ambiente menos opressor e violento para todas nós, meninas e mulheres.

Aos mais de cem professores e professoras que aceitaram participar de todas as etapas, fosse preenchendo formulários ou se expondo em discussões nos encontros. Ter encontrado com cada um, poder ouvir suas experiências de vida e profissão com certeza ampliou meu olhar enquanto psicóloga.

**Lima, F. M. (2025). Vivências que Transformam: proposição e evidências de um programa de intervenção com professores para o enfrentamento do abuso sexual contra crianças e adolescentes. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará, Belém-PA. 226 p.**

### **Resumo**

Compreende-se o abuso sexual como um fenômeno complexo e multideterminado, sustentado e reproduzido por crenças que o toleram ou o legitimam, bem como por imagens sociais acerca de seus autores e vítimas. Dessa forma, destaca-se que o enfrentamento do abuso sexual passa pela desestabilização dessas crenças e imagens sociais, considerando o papel fundamental do professor e da escola na rede de apoio e proteção a crianças e adolescentes. Nesse sentido, o objetivo desta tese foi desenvolver, aplicar e avaliar os efeitos, a viabilidade e a aceitabilidade de um programa de intervenção voltado para professores sobre crenças relacionadas ao abuso sexual contra crianças e adolescentes, bem como as imagens atribuídas aos autores e às vítimas. Para isso, foram realizados quatro estudos independentes, porém interrelacionados. O primeiro estudo teve o objetivo de analisar as crenças que os professores participantes da pesquisa têm acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes e sua relação com as variáveis pesquisadas. Para isso, realizou-se uma pesquisa descritivo-exploratória com a participação de 105 docentes, com os quais foram utilizados dois instrumentos, formulário de caracterização e a Escala de Crenças sobre o Abuso Sexual contra crianças e adolescentes (ECAS). A análise estatística, por meio do Teste Qui-Quadrado, revelou uma associação significativa entre as variáveis sexo e ter sofrido abuso sexual ( $\chi^2=0,05$ ), indicando que mulheres têm maior probabilidade de relatar esse tipo de experiência em comparação aos homens. Os resultados indicaram também uma frequência (14%) na posição “nem discordo, nem concordo” demonstrando uma posição de neutralidade no que diz respeito a quem é o autor de agressão. O segundo estudo teve o objetivo de analisar as imagens sociais atribuídas pelos professores da educação básica às crianças e aos adolescentes vítimas de abuso sexual, bem como sobre os autores dessa forma de violência, a partir de instrumento específico sobre as imagens sociais. As frequências das palavras foram: triste (45) à imagem da criança vítima de abuso sexual, agressivo (31) ao adolescente vítima de abuso sexual corroborando com a imagem negativa encontrada nos estudos sobre o adolescente em situação de acolhimento institucional. Quanto ao autor de abuso sexual, a imagem teve o sentido da dissimulação (33), violência (21) e manipulação (19). A partir desses achados, construiu-se o terceiro estudo, cujo objetivo foi de desenvolver um programa de intervenção com professores no sentido de contribuir para o enfrentamento do abuso sexual contra crianças e adolescentes. Elaborou-se assim o programa “Vivências que Transformam”, cuja estrutura detalhada busca fornecer subsídios para que ele possa ser replicado em diferentes contextos escolares e diversas regiões. Por fim, o quarto estudo buscou as evidências sobre os efeitos, a viabilidade e a aceitabilidade do programa, analisando os construtos crenças e imagens sociais por meio de instrumentos aplicados antes e depois da intervenção, além do *follow-up*, utilizando grupo experimental e grupo controle. Os resultados demonstraram um impacto positivo na percepção dos participantes, sugerindo que as diferenças encontradas no grupo experimental podem ser atribuídas à participação no programa proposto. O Teste Qui-

Quadrado demonstrou significância estatística das mudanças nas respostas ao longo do tempo. Destacando-se no grupo experimental uma mudança significativa nas respostas relacionada à primeira assertiva, com o ( $p=0,007$ ) sobre os abusadores serem pessoas diferentes das pessoas normais, com (30%) dos participantes discordavam totalmente antes da intervenção aumentando para (70%) após, e permanecendo em (65%) no *follow-up*. Outro resultado que merece ser destacado diz respeito a responsabilização dos adolescentes vítimas, antes da intervenção (63%) discordavam totalmente, após (81%) e no *follow-up* (92%). Outrossim, os professores demonstraram alta aceitabilidade e adesão, sem registro de desistências a partir do questionário de avaliação de eficácia e satisfação com o programa. Diante desses achados, considera-se que o programa de intervenção proposto por esta tese pode contribuir para a formação de políticas públicas voltadas para a prevenção e o enfrentamento do abuso sexual contra crianças e adolescentes. Ressalta-se que se trata de um programa de baixo custo, passível de aplicação em diferentes contextos, que pode favorecer a construção de um ambiente mais seguro e propício ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: abuso sexual contra crianças e adolescentes, programa de intervenção, crenças sociais e imagens sociais.

**Lima, F. M. (2025). Experiences that Transform: proposal and evidence of a teacher intervention program to address child and adolescent sexual abuse. Doctoral Thesis. Postgraduate Program in Behavioral Theory and Research. Federal University of Pará, Belém-PA. 226 pages.**

### **Abstract**

Sexual abuse is understood as a complex and multi-determined phenomenon, sustained and reproduced by beliefs that tolerate or legitimize it, as well as by social images about its perpetrators and victims. Thus, it is emphasized that confronting sexual abuse involves destabilizing these beliefs and social images, considering the fundamental role of teachers and schools in the support and protection network for children and adolescents. In this sense, the objective of this thesis was to develop, implement and evaluate the effects, feasibility and acceptability of an intervention program aimed at teachers on beliefs related to sexual abuse against children and adolescents, as well as the images attributed to perpetrators and victims. For this, four independent but interrelated studies were conducted. The first study aimed to analyze the beliefs that the teachers participating in the research have about sexual abuse against children and adolescents and their relationship with the variables studied. For this, a descriptive-exploratory study was conducted with the participation of 105 teachers, with whom two instruments were used, a characterization form and the ECAS scale. Statistical analysis using the Chi-Square Test revealed a significant association between the variables gender and having suffered sexual abuse ( $\chi^2=0.05$ ), indicating that women are more likely to report this type of experience compared to men. The results also indicated the frequency (14%) of the “neither disagree nor agree” regarding the perpetrator of the aggression demonstrates a worrying position of neutrality. The second study aimed to analyze the social images attributed by elementary school teachers to children and adolescents who are victims of sexual abuse, as well as to the perpetrators of this form of violence. The same teachers who participated in the first study also participated in the second, responding to another instrument, but specifically about social images. The frequencies were: sad (45) to the image of the child victim of sexual abuse, and the image of aggressive to the adolescent victim of sexual abuse (31), corroborating the negative image found in studies about adolescents in institutional care. As for the perpetrator of sexual abuse, the image had the meaning of dissimulation (33), violence (21) and manipulation (19). Thus, the third study was constructed, which aimed to develop an intervention program with teachers in order to contribute to the confrontation of sexual abuse against children and adolescents. The program “Experiences that Transform” was thus developed. The detailed proposal of the program highlights the commitment to provide support so that it can be replicated in different school contexts and different regions. The last study sought evidence of the effects, viability and acceptability of the program based on the analyses of the constructs beliefs and social images through the results of the instruments before, after the intervention and follow-up with the experimental group and control group. The results indicated that the program had a positive impact on the participants’ perception, and it is possible to assume that the differences found in the experimental group can be attributed to participation in the proposed program. The Chi-Square Test demonstrated statistical significance of changes in responses over time. Standing out in the experimental group,

there was a significant change in responses related to P1, with ( $p=0.007$ ) about abusers being different from normal people, with (30%) of the participants totally disagreeing before the intervention, increasing to (70%) after, and remaining at (65%) at follow-up. Another result that deserves to be highlighted concerns the accountability of adolescent victims, before the intervention, (63%) totally disagreed, after (81%) and at follow-up (92%). The effect of the intervention seems to be more notable in some items such as P1 and P7, while in others the intervention did not cause significant changes. Furthermore, the teachers demonstrated high acceptability and adherence, with no dropouts recorded. Given these findings, it is considered that the intervention program proposed in this thesis can contribute to the formation of public policies aimed at preventing and addressing sexual abuse against children and adolescents. It is a low-cost program, capable of being applied in different contexts, which can favor the construction of a safer environment that is conducive to the healthy development of children and adolescents.

Keywords: sexual abuse against children and adolescents, intervention program, social beliefs and social images.

## **Lista de Figuras**

*Figura 1 - Grafo de similitude “crianças vítimas de abuso sexual”*

*Figura 2 - Grafo de similitude “adolescentes vítimas de abuso sexual”*

*Figura 3 - Grafo de similitude “autores de abuso sexual”*

*Figura 4 - Sala de aula*

*Figura 5 - Sala de leitura*

*Figura 6 - Arthur*

*Figura 7 - Pasta dos participantes*

*Figura 8 - Café e biscoitos*

*Figura 9 - Sala preparada para o primeiro encontro*

*Figura 10 - Vídeo: Violência contra crianças e adolescentes*

*Figura 11 - Vídeo: Autores de agressão/violência sexual*

*Figura 12 - Vídeo: Abuso sexual usando a metáfora da xícara de chá*

*Figura 13 - Vídeo: Canto de cicatriz*

*Figura 14 - Card de aviso entre os encontros*

*Figura 15 - Fluxograma do processo de realização da pesquisa*

*Figura 16 - Grupo experimental, Afirmativa 1*

*Figura 17 - Grupo experimental, Afirmativa 7*

*Figura 18 - Análise Temática*

## **Lista de Tabelas**

- Tabela 1 - Características sociodemográficas dos participantes*
- Tabela 2 - Porcentagem de respostas para cada afirmativa da ECAS*
- Tabela 3 - Associação Ter filhos X Acompanhar casos de violência*
- Tabela 4 - Associação Sexo X Ter sofrido abuso sexual*
- Tabela 5 - Associação Ter sofrido abuso sexual X Acompanhar casos de violência*
- Tabela 6 - Associação Ter acompanhado casos de abuso X Nível de ensino que leciona.*
- Tabela 7 - Análise prototípica referente ao estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 105)*
- Tabela 8 - Análise prototípica referente ao estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 105)*
- Tabela 9 - Análise prototípica referente ao estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 105)*
- Tabela 10 - Síntese das principais informações do programa Vivências que Transformam*
- Tabela 11 - Organização dos objetivos dos encontros*
- Tabela 12 - Síntese das atividades e recursos utilizados nos encontros*
- Tabela 13 - Estrutura das escolas com grupo experimental durante a coleta em 2023*
- Tabela 14 - Alfa de Cronbach*
- Tabela 15 - Respostas Etapa A, Re-etapa A e follow-up do grupo experimental*
- Tabela 16 - Respostas Etapa A e Re-etapa A do grupo controle*
- Tabela 17 - Comparação grupo controle e grupo experimental*
- Tabela 18 - Análise prototípica - estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 27) Etapa A – Grupo Experimental*
- Tabela 19 - Análise prototípica - estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 27) Re-etapa A – Grupo Experimental*
- Tabela 20 - Análise prototípica - estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 26) Follow-up – Grupo Experimental*
- Tabela 21 - Análise prototípica - estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 27) Etapa A – Grupo Experimental*
- Tabela 22 - Análise prototípica - estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 27) Re-etapa A – Grupo Experimental*
- Tabela 23 - Análise prototípica - estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 26) Follow-up – Grupo Experimental*

*Tabela 24 - Análise prototípica - estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 27)*

*Etapa A – Grupo Experimental*

*Tabela 25 - Análise prototípica - estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 27)*

*Re-etapa A – Grupo Experimental*

*Tabela 26 - Análise prototípica - estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 26)*

*Follow-up – Grupo Experimental*

*Tabela 27 - Análise prototípica - estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 78) Etapa A – Grupo Controle*

*Tabela 28 - Análise prototípica - estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 78) Re-etapa A – Grupo Controle*

*Tabela 29 - Análise prototípica - estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 78) Etapa A – Grupo Controle*

*Tabela 30 - Análise prototípica - estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 78) Re-etapa A – Grupo Controle*

*Tabela 31 - Análise prototípica - estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 78) Etapa A – Grupo Controle*

*Tabela 32 - Análise prototípica - estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 78) Re-etapa A – Grupo Controle*

*Tabela 33 - Resultados do Questionário de avaliação da eficácia e satisfação com o programa*

## Lista de Siglas

|        |   |
|--------|---|
| CEP    | Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos                   |
| CNPq   | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico   |
| DRE    | Diretoria Regional de Ensino                                    |
| ECA    | Estatuto da Criança e do Adolescente                            |
| ECAS   | Escala de Crenças sobre Abuso Sexual                            |
| ECV    | Escala de Crenças sobre Violação                                |
| ECVC   | Escala de Crenças sobre Violência Conjugal                      |
| ECVS   | Escala de Crenças sobre Violência Sexual                        |
| EJA    | Educação de Jovens e Adultos                                    |
| ES-SFP | Experiences Survey – Short Form Perpetration                    |
| FCS    | Formulário de Caracterização Sociodemográfico                   |
| GEAV   | Grupo de Estudo de Autores de Violência                         |
| GC     | Grupo Controle  |
| GE     | Grupo Experimental  |
| LED    | Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento                      |
| PPGTPC | Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento |
| QIS    | Questionário de Imagens Sociais                                 |
| SEDUC  | Secretaria de Estado de Educação                                |
| SINAN  | Sistema de Informações de Agravos e Notificação                 |
| TCLE   | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido                      |
| TALP   | Técnica de Associação Livre de Palavras                         |
| UFPA   | Universidade Federal do Pará                                    |

## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| <b>Apresentação.....</b>   | 17  |
| <b>Introdução.....</b>   | 20  |
| Objetivo geral.....  | 30  |
| Objetivos específicos.....   | 30  |
| <b>Estudo 1 – Investigações de crenças sociais sobre abuso sexual: o uso de uma escala de crenças sobre abuso sexual com professores da educação básica....</b>  | 31  |
| Objetivo geral.....  | 46  |
| Objetivos específicos.....   | 46  |
| Método.....  | 47  |
| Delineamento da pesquisa.....  | 47  |
| Procedimentos éticos.....  | 47  |
| Contexto da pesquisa.....  | 47  |
| Participantes.....   | 47  |
| Instrumentos.....  | 48  |
| Análise de dados.....  | 49  |
| Resultados e discussão.....  | 50  |
| Considerações finais.....  | 59  |
| Referências.....   | 61  |
| <b>Estudo 2 – Imagens sociais atribuídas a autores e crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual na perspectiva da bioecologia do desenvolvimento: um estudo com professores da educação básica.....</b> | 66  |
| Objetivo geral.....  | 71  |
| Objetivos específicos.....   | 72  |
| Método.....  | 72  |
| Delineamento da pesquisa.....  | 72  |
| Procedimentos éticos.....  | 72  |
| Contexto da pesquisa.....  | 72  |
| Participantes.....   | 73  |
| Instrumentos.....  | 74  |
| Análise de dados.....  | 74  |
| Resultados e discussão.....  | 75  |
| Considerações finais.....  | 85  |
| Referências.....   | 87  |
| <b>Estudo 3 – Vivências que Transformam: elaboração de um programa de intervenção com professores para enfrentamento do abuso sexual no contexto escolar.....</b>  | 91  |
| Método.....  | 98  |
| Público-alvo.....  | 99  |
| Ambiente.....  | 99  |
| Seleção de voluntários.....  | 100 |
| Materiais utilizados.....  | 100 |
| Desenvolvimento do programa.....   | 100 |
| Programa Vivências que Transformam.....  | 102 |
| Considerações finais.....  | 110 |
| Referências.....   | 112 |
| <b>Estudo 4 – Avaliação dos efeitos, da viabilidade e da aceitabilidade do programa de intervenção: Vivências que Transformam.....</b>   | 114 |
| Objetivo geral.....  | 116 |
| Objetivos específicos.....   | 116 |

|  |            |
|--|------------|
| Método.....  | 116        |
| Delineamento da pesquisa.....  | 116        |
| Procedimentos éticos.....  | 117        |
| Contexto da pesquisa.....  | 117        |
| Participantes.....   | 119        |
| Ambiente.....  | 120        |
| Instrumentos.....  | 120        |
| Procedimento de coleta.....  | 121        |
| Apresentação do programa.....  | 123        |
| Procedimentos de realização do programa de intervenção.....  | 123        |
| Procedimentos de análise .....   | 125        |
| Resultados e discussão.....  | 126        |
| Análise das crenças: antes, após o programa e <i>follow-up</i> .....                                   | 128        |
| Análise das Imagens Sociais antes, após o programa e <i>follow-up</i> .....                            | 139        |
| Análise Temática.....  | 151        |
| Questionário de avaliação do programa Vivências que Transformam.....                                   | 174        |
| Considerações finais.....  | 177        |
| Referências.....   | 180        |
| <b>Considerações Finais da Tese.....</b>   | <b>185</b> |
| Referências.....   | 192        |
| Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....   | 206        |
| Apêndice B - Formulário de caracterização sociodemográfica.....  | 208        |
| Apêndice C - Questionário de Imagens Sociais.....  | 209        |
| Apêndice D - Questionário de avaliação de eficácia e satisfação com o programa.....                    | 210        |
| Apêndice E - Artigo Pesquisas com escalas sobre abuso e violência sexual: Uma revisão integrativa..... | 211        |
| Anexo A- Escala de Crenças sobre Abuso Sexual.....   | 219        |
| Anexo B - Parecer Comitê de Ética.....   | 222        |

## **Apresentação**

A presente pesquisa de doutorado teve como objetivo desenvolver, aplicar e avaliar os efeitos, a viabilidade e a aceitabilidade de um programa de intervenção voltado para professores sobre crenças relacionadas ao abuso sexual contra crianças e adolescentes, bem como sobre as imagens sociais atribuídas aos seus autores e vítimas. Parte-se do entendimento de que o microssistema escolar pode proporcionar experiências que protejam crianças e adolescentes dos diferentes tipos de violência, especialmente do abuso sexual. No entanto, reconhece-se que esse ambiente também pode cotidianamente produzir e/ou reproduzir crenças e imagens sociais que legitimam diversas formas de agressão e ofensa.

O interesse por esse tema vem da experiência profissional da doutoranda que atua há 16 anos como psicóloga escolar em uma Diretoria Regional de Ensino (DRE), vinculada à Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/PA), que tem como função intermediar a relação entre esta e 22 escolas em Belém/PA. Durante sua atuação como psicóloga escolar, a doutoranda acompanhou diversos casos de violência sexual no contexto escolar, desde assédio por parte dos professores/técnicos em relação às alunas até educadores que negligenciaram situações conhecidas de violência sofrida por alunos no contexto familiar ou outros ambientes externos, sem realizar os encaminhamentos necessários. As razões alegadas pelos professores envolviam dúvidas sobre seu papel ou desconfiança em relação aos relatos de violência, entre outros motivos.

Partindo do pressuposto teórico de que a psicologia escolar atua, preferencialmente, por meio de ações preventivas e tem, como objetivo contribuir para a otimização dos processos educativos – entendidos de forma ampla e complexa devido às

múltiplas variáveis que neles interferem (Martinez, 2010) –, identificou-se com base na experiência prática e em estudos teóricos realizados para a elaboração desta pesquisa, uma lacuna na produção científica referente a programas de natureza preventiva, voltados para professores sobre o tema do abuso sexual. Este é especialmente o caso de programas localizados na região Norte do Brasil, mas sobretudo, a realidade em Belém.

Nesse contexto, além de realizar uma pesquisa no ambiente escolar até então inédita no contexto local, pretendeu-se dar continuidade às pesquisas que vêm sendo realizadas pelo Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento (LED), pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), por meio do Grupo de Estudo de Autores de Violência (GEAV). Esta pesquisa, assim como outras desenvolvidas pelo grupo, pretende ampliar o conhecimento científico com relação ao estudo das condições ecológicas que envolvem o fenômeno da violência sexual.

Com o crescente interesse de alunos de graduação e pós-graduação pelo tema, tornou-se possível a realização de diversos estudos pelo GEAV em nível de graduação, mestrado e doutorado. A primeira pesquisa foi a dissertação de mestrado de Lucilene Paiva da Costa, defendida no ano de 2015, intitulada “Características Biopsicossociais de Autores de Agressão Sexual de Crianças e/ou Adolescentes em Contextos Intrafamiliar e Extrafamiliar”. No ano de 2016, alguns Trabalhos de Conclusão de Curso também foram defendidos pelos membros do grupo concluintes do curso de Serviço Social da UFPA, além da defesa da tese de doutorado de Daniela Castro dos Reis intitulada “Autores de Agressão Sexual de Crianças e Adolescentes: Características Biopsicológicas e Trajetórias de Vida”, apresentada em 2016.

No ano de 2019, em Edital lançado pelo CNPq, foi aprovado o projeto intitulado “Jovens Vítimas e Autores de Agressão Sexual em Mesorregiões do Pará: Fatores e

Contextos de Desenvolvimento Biopsicossocial”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Lília Iêda Chaves Cavalcante, permitindo a ampliação da faixa etária investigada e tornando possível agregar mais projetos de mestrado, doutorado e iniciação científica.

Devido ao fenômeno da violência ser caracterizado como multideterminado e complexo, a perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano, com seu olhar sistêmico, possibilita a combinação de abordagens qualitativas e quantitativas dos dados coletados. Contemplando essas duas abordagens, esta pesquisa de doutorado realizou a coleta de dados quantitativos a partir da aplicação dos instrumentos e a coleta qualitativa a partir da aplicação e avaliação de um programa de intervenção com a participação de professores.

De acordo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner (2011), as crenças e imagens sociais que fazem parte do macrosistema se expressam nas relações diádicas presentes no microsistema, como é o caso das relações professor-aluno no microsistema escolar. Desta condição, pode-se dizer que se expressa a relevância exercida pelos docentes no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes. Parte-se, assim, da necessidade científica, prática e social de desenvolver, aplicar e avaliar os efeitos, a viabilidade e a aceitabilidade de um programa de intervenção sobre crenças sociais acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes e das imagens sociais de seus autores e vítimas com a participação de professores.

Ainda que o modelo de pesquisa com intervenção tenha uma presença histórica no meio científico, permanece a necessidade de desenvolver soluções inovadoras por meio de programas que promovam a interrupção dos ciclos de violência que persistem até os dias atuais. Essa abordagem, sustentada por uma perspectiva sistêmica, visa não apenas a quebra dessas dinâmicas, mas o investimento sistemático no desenvolvimento mais saudável das crianças e adolescentes.

## Introdução

A violência se mostra como um fenômeno complexo, multifacetado, controverso, perpetrado por indivíduos contra outros indivíduos. Manifesta-se, pois, a partir de diversos meios e métodos de coerção e dominação que são utilizados invariavelmente com a finalidade de conquistar, obter poder ou privilégios (Andrade et al., 2018; Diniz et al., 2023; Reis & Cavalcante, 2018).

A violência sexual é uma das facetas do fenômeno violência. Essa violência alcança todas as faixas etárias, classes sociais e ambos os sexos, atingindo desde recém-natos até idosos. É um fenômeno que tem alcance mundial e está presente em relações heterossexuais e homossexuais, desde que o autor da agressão se encontre em um estágio de desenvolvimento mais avançado que o da vítima e tenha o objetivo de estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obtenção de satisfação sexual pessoal (Sindeev & Guzmán-Negrón, 2018).

A violência sexual pode ser dividida em abuso sexual e exploração sexual, sendo esta última um fenômeno que guarda uma relação mercantil, visando a obtenção de lucro com esse tipo de transação econômica, como por exemplo, em situações que envolvem prostituição e pornografia. Na presente pesquisa, o tema aborda, especificamente, o abuso sexual no âmbito das relações interpessoais, o que inclui tanto os casos de abuso extrafamiliar, que se distinguem pela não existência de vínculo familiar entre a vítima e o autor da agressão ou mesmo conhecimento prévio entre eles, quanto as situações de abuso intrafamiliares, que ocorrem no território físico e simbólico da estrutura familiar, por um processo de poder e domínio estabelecido pelas regras sociais que requer agressores que possuem vínculos consanguíneos ou de parentesco com as vítimas (Alves et al., 2013; Costa et al., 2018; Habigzang et al., 2011; Reis & Cavalcante, 2018).

As pessoas vítimas de abuso sexual podem ter diversos tipos de sequelas, o que inclui as lesões físicas e o risco de adquirirem infecções sexualmente transmissíveis. Essas pessoas também podem se tornar mais vulneráveis a outros tipos de violência ou a desenvolverem distúrbios sexuais, abuso de substâncias entorpecentes, quadros de depressão, transtornos de ansiedade, de estresse pós-traumático, alimentares, dissociativos, hiperatividade e déficit de atenção. Do mesmo modo, podem apresentar alterações comportamentais, cognitivas e afetivas, tais como, sentimento de culpa, medo, vergonha, diferença em relação aos pares, desconfiança, conduta hiper sexualizada, baixo rendimento escolar ou evasão escolar, fugas do lar, isolamento social, irritabilidade, ideias ou tentativas de suicídio. Essas repercussões podem se manifestar a curto, médio ou longo prazo. Além de possíveis alterações na configuração familiar e outras mudanças de vida decorrentes da revelação da situação de violência. Devido à magnitude dessas sequelas, a violência sexual adquiriu caráter endêmico, tornando-se um problema de saúde pública (Aznar-Blefari et al., 2020; Habigzang et al., 2006; Reis & Cavalcante, 2019).

Os danos aos quais a vítima estará exposta dependem do tempo do abuso (frequência, duração), da idade da vítima e do tipo de violência empregada (intensidade), sendo também relevante a relação dessa com o autor de agressão, além da existência ou não de uma rede de apoio social e da presença de figuras protetoras. Estudos (Aznar-Blefari et al., 2020; Duarte et al., 2022; Habigzang et al., 2011; Hohendorff & Patias, 2017) mostram que algumas consequências negativas são exacerbadas em vítimas que não dispõem de uma rede de apoio social e afetiva. Essa rede de apoio é o conjunto de sistemas e de pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento existentes e percebidos pelo sujeito.

Nesse sentido, o apoio social e afetivo está relacionado com a percepção que a pessoa tem de seu mundo social, como ela se orienta nele e suas estratégias e competências para estabelecer vínculos. O impacto do abuso sexual também pode estar relacionado a fatores intrínsecos à criança e ao adolescente, tais como vulnerabilidade e resiliência, predisposição individual ao desenvolvimento de sintomas/transtornos mentais, e a existência de fatores de risco e proteção extrínsecos (recursos sociais, funcionamento familiar, recursos emocionais dos cuidadores e recursos financeiros, incluindo acesso ao tratamento) (Andrade et al., 2018; Habigzang et al., 2006; Hohendorff & Patias, 2017).

Apesar de os meninos também serem vítimas, a maioria dos casos de violência sexual envolve crianças e adolescentes do sexo feminino, evidenciando questões de gênero, uma vez que diferenças relativas à condição feminina são convertidas em desigualdades, possibilitando seu processo de dominação e exploração. Na pesquisa realizada por Cezar et al. (2017) a partir dos dados epidemiológicos presentes em 316 notificações compulsórias de violência, em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 2009 e 2013, na faixa etária da infância e da adolescência, identificou-se que, aproximadamente, 57% dos casos notificados de violência foram contra o sexo feminino e o restante contra o sexo masculino (43%). Especificamente na faixa etária entre 10 e 19 anos, houve 210 registros, sendo 123 de violência contra meninas e 87 contra meninos.

No estudo realizado por Andrade et al. (2018), na cidade de Salvador, a partir de dados coletados no Sistema VIVA referente aos registros de crianças e adolescentes vítimas de violência física e sexual atendidos nas instâncias do SUS, no período de 2009 a 2015, observou-se que dentre os casos notificados, a violência física foi mais frequente nos anos de 2014 e 2015, e os vitimados em sua maioria eram do sexo masculino,

adolescentes de cor negra. Nesses anos, também se registrou o maior número de casos de violência sexual, sendo mais comum entre crianças e adolescentes do sexo feminino, pardas ou negras. Estima-se que a proporção de casos denunciados de violência sexual infanto-juvenil represente apenas 1/3 do total real e que o silêncio ocorra na maioria das vezes devido à cultura que defende que o que acontece no âmbito doméstico não diz respeito à sociedade, a despeito de instrumentos legais que preveem exatamente o contrário.

No estudo epidemiológico realizado por Ferraz et al. (2021) a partir da base de dados obtida no banco de registros do Sistema de Informações de Agravos e Notificação (SINAN), foi analisada uma amostra constituída por informações sobre crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, na faixa etária entre 0 e 19 anos, com casos notificados entre os anos de 2014 e 2016 em Belém/PA. Constatou-se 4,870 casos de violência contra crianças e adolescentes no referido período, sendo 75,77% casos de violência sexual. Do total de 3.690 casos de violência sexual identificados, 84,8% foram praticados contra meninas. Foi observado que a faixa etária mais vulnerável à violência sexual para o sexo feminino é de 11 a 14 anos, representando 44,07% para esse grupo. Já no caso do sexo masculino, a faixa etária mais atingida é de 6 a 10 anos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), instituído pela Lei nº 8.069, é um instrumento legal que colabora na identificação de mecanismos para a exigibilidade dos direitos constitucionais da população infanto-juvenil, passando a ser juridicamente sujeitos de direitos e não mais menores incapazes, objetos de tutela, obediência e submissão. Nele a criança passa a ser compreendida como pessoa em desenvolvimento e com prioridade absoluta. Há, com ele, uma mudança no discurso sobre violência contra criança e adolescente com uma tomada de consciência acerca da importância de proteger essa parcela da população (Cezar et al., 2017). Nessa direção, o artigo 227 da Constituição

Federal, que respaldou a proposição do ECA, expõe que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar com prioridade à criança e ao adolescente o direito a uma vida digna, colocando-os a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988). Além disso, a Lei nº 13.431 (2017) estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e cria mecanismos para prevenir e coibir a violência.

As leis estabelecem o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência, criam mecanismos de prevenção à violência e estabelecem medidas de assistência e proteção e, além disso, indicam a necessidade de capacitação profissional continuada e preferencialmente multidisciplinar para a utilização de técnicas de entrevistas cientificamente reconhecidas. Por fim, a nova doutrina estabelece questões relativas à integração das políticas de atendimento nas áreas da saúde, assistência social, segurança pública e justiça, que envolvem desde os encaminhamentos das notificações recebidas até a possibilidade de criação de serviços específicos para esse público, medidas de proteção em procedimentos investigativos, entre outros. Assim, a escola e os professores, especificamente, ganham papel importante na identificação e notificação de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes (Aznar-Blefari et al., 2020; Duarte et al., 2022).

Diante do exposto, como forma de tentar minimizar as consequências negativas que as vítimas de abuso e violência sexual estão expostas, há a necessidade de um atendimento contextualizado no qual a ação profissional individualizada deve ceder espaço à implantação de uma rede que acolha, trate e aja de forma integrada. O fortalecimento das Redes de Proteção e Assistência devem se estruturar pela articulação entre os distintos atores das organizações envolvidas, para troca de experiências e, principalmente, no enfrentamento de problemas concretos e comuns. A magnitude, a

incidência e o impacto da violência requerem atuação de equipes multiprofissionais, com enfoque interdisciplinar que transcenda a dimensão biológica do cuidar, bem como articulações com as redes de atendimento e garantia de direitos, entre outros setores sociais responsáveis pelo bem-estar e proteção dos grupos mais vulneráveis (Andrade et al., 2018; Duarte et al., 2022).

Na função de mecanismos de reprodução social e histórica da violência, encontram-se as crenças e as imagens sociais. As crenças estão presentes na sociedade e a sua reprodução pode afetar aspectos da cognição, da afetividade e do comportamento dos indivíduos. Pode-se definir crenças como sendo a representação aceita por uma ou mais pessoas, atuando de forma direta nas atitudes e comportamentos humanos, tendo efeitos sobre a socialização, a cultura e a ideologia na sociedade, ou seja, orientam condutas sociais e influenciam na tomada de decisão dos indivíduos (Felizmino & Silva, 2021; Pereira et al., 2019). A imagem social é a forma que indivíduos ou grupos são classificados a partir da construção de crenças sobre eles ou sobre o porquê se comportam do modo que se comportam. O comportamento e as interações sociais passam a ser influenciados por essas imagens, buscando confirmá-las, ou seja, elas estão relacionadas ao que é esperado desse grupo e de seus membros (Patias et al., 2017; Praia et al., 2024).

Estudar crenças e imagens sociais mostra-se relevante porque, de acordo com a teoria bioecológica de Bronfenbrenner (2011), é no macrossistema que elas se encontram, porém o macrossistema atravessa de forma dinâmica os contextos imediatos, e os indivíduos as expressam em seus comportamentos nos microssistemas, em suas relações face a face. A pesquisa de Zappe et al. (2016) comparou grupos de leigos com grupos de trabalhadores da área de proteção à infância e à adolescência e encontraram que esses grupos não se diferenciavam ao caracterizar as famílias com filhos institucionalizados, pois ambos apresentaram percepções e sentimentos negativos em relação a essas famílias.

Isso é preocupante porque, no caso dos trabalhadores, quando há esse tipo de sentimento, o trabalho institucional é atravessado por crenças que levam ao pessimismo e ao descrédito sobre as possibilidades de resultados positivos para o futuro dessas crianças e adolescentes institucionalizadas.

Em um contexto de abuso sexual, o microsistema escolar se destaca por seu lugar e importância na constituição das redes de proteção e assistência à infância e adolescência e, nesta pesquisa, foi evidenciada a importância das crenças que os professores possuem acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes e as imagens sociais de seus autores e vítimas. Assume-se que as crenças sobre crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual presentes no macrosistema são expressas nos comportamentos dos professores em diferentes microsistemas, mas principalmente no escolar, interferindo nas relações diádicas professor-aluno, auxiliando na construção de um ambiente que protege ou reproduz a violência, influenciando negativa ou positivamente no desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Nesse sentido, o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (MBDH) proposto por Urie Bronfenbrenner surge a partir da necessidade das ciências humanas de superar o antigo paradigma que via o desenvolvimento apoiado em uma causalidade linear, conferindo-se um maior valor a uma abordagem complexa e multifatorial dos fenômenos relacionados às propriedades humanas. O MBDH entende o desenvolvimento como um processo complexo e que acontece ao longo de todo o ciclo de vida, propondo a interação entre os componentes Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (PPCT). O nível Processo é definido pelo *processo proximal* que é considerado como uma transferência de energia bidirecional ou unidirecional de uma pessoa para os objetos, símbolos e outras pessoas, estando todos imersos no mesmo ambiente, sendo o motor para o desenvolvimento. Esse processo é uma forma particular de interação entre o organismo e

o ambiente, agindo ao longo do tempo, podendo gerar capacidades, motivação, conhecimentos, recursos e habilidades para exercer atividades cada vez mais complexas (Bronfenbrenner & Evans, 2000; Leme et al., 2016).

O nível Pessoa é composto pelas características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais da pessoa, durante o ciclo vital, que produzem de forma dinâmica a maneira como ocorrem as relações interpessoais. Pode-se dizer que as características das pessoas podem facilitar ou dificultar tanto o estabelecimento quanto o engajamento das relações nos processos proximais (De Carvalho Barreto, 2016; Santos & Böing, 2018). O Contexto é o ambiente ecológico onde se dá o desenvolvimento, é um componente complexo e composto por quatro sistemas interdependentes que interagem entre si e que agregam elementos físicos, sociais e culturais, assim como a forma como a pessoa vive as relações interpessoais estabelecidas, quais sejam: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema (Bronfenbrenner, 2011).

A escola, enquanto espaço de aprendizagem de conhecimentos, habilidades e valores, possui um papel social de formação dos cidadãos, sendo, por isso, um ambiente de socialização entre os indivíduos está inserida no microsistema, onde as pessoas estabelecem relações sociais face a face e diariamente, principalmente por díades. Para o ambiente escolar, as relações que as crianças e os adolescentes estabelecem no contexto microsistêmico impulsionam o desenvolvimento humano. O mesossistema é composto por dois ou mais sistemas frequentados ativamente pela pessoa, por exemplo, os fenômenos que acontecem no ambiente escolar interferem no microsistema familiar e vice-versa. No exossistema, o indivíduo não necessariamente está presente no ambiente, contudo, sofre a influência indireta dele. Ou seja, são os ambientes dos quais a pessoa não faz parte, mas, mesmo distante, é afetada por eles. No ambiente escolar, os alunos estão em sala de aula, contudo, as decisões diretivas da Secretaria de Estado de Educação terão

influências nas propostas pedagógicas e, conseqüentemente, nas vidas dos alunos, como o fechamento de uma escola ou uma diretriz sobre a grade curricular (Piske et al., 2019).

O macrosistema é formado pelas instituições como o Governo Federal, Estadual e Municipal que exercem influência sobre a pessoa, interferindo em todos os níveis ambientais. As políticas públicas refletem na organização da sociedade, bem como em seus costumes, padrões sociais, ideologias, crenças, imagens sociais e a cultura. Então, as políticas públicas voltadas para as crianças e os adolescentes, bem como voltadas para a educação irão influenciar no microsistema escolar, assim como as crenças e imagens sociais irão ser expressas a partir dos comportamentos dos sujeitos. O nível Tempo ou cronossistema, diz respeito às experiências intergeracionais e intrageracionais que se mostram potencializadoras de comportamentos funcionais ou não. Nessa concepção, o tempo não diz respeito apenas a idade cronológica da pessoa, mas também ao tempo social e histórico.

Assim, entende-se que o microsistema escolar, após o familiar, é o ambiente de maior convívio social das crianças e dos adolescentes. Nele, a educação se apresenta como um ambiente de construção para a formação do indivíduo em desenvolvimento e a escola mostra-se privilegiada por promover a troca de conhecimentos, repasse de valores sociais e formação de hábitos, sendo esse microsistema propício às crianças e adolescentes para o exercício de papéis sociais importantes na construção de seus repertórios comportamentais (Alves, 2016; Giordani et al., 2017; Hernández de Frutos & Olmo Vicén, 2014; Lira et al., 2017; Nesello et al., 2014; Petrucci et al., 2016; Sato & Croce, 2021).

No Brasil, o cenário da educação mostra uma realidade social desigual, com indicadores que apontam para a exclusão de crianças e jovens em todos os níveis de ensino, especialmente na rede pública. Estudo sobre violência escolar revelou que, em

seis cidades brasileiras, 84% dos estudantes consideram sua escola violenta e 70% reportaram ser vítimas de violência escolar, que inclui violência física, discriminação e exclusão social, entre outros comportamentos. Os alunos que enfrentam violência e outros riscos podem sofrer efeitos negativos incluindo baixo rendimento escolar, baixo nível de concentração, alto índice de absenteísmo e abandono escolar (Abramovay, 2015; Ferreira et al., 2021; das Neves Filho et al., 2023; Oliveira, 2023; Salles et al., 2014).

Compreende-se a educação como uma mercadoria, e não como direito, o que divide o país em escolas particulares e públicas com condições de funcionamento muito diferentes. As relações professor-aluno reproduzem as desigualdades sociais, a escola ignora a realidade de vida das crianças e adolescentes, criando um abismo entre o processo educacional e o desenvolvimento seguro dos alunos (Campos & Urnau, 2021; Ferreira et al., 2021; Moreira & Guzzo, 2017; Viodres & Ristum, 2008). Entende-se que a escola não pode se tornar um lugar de descompromisso com seu alunado. A instituição e seus agentes precisam estar cientes da violência que essas crianças e adolescentes podem estar sofrendo no próprio ambiente escolar ou em suas famílias para que as vítimas possam ver professores e equipe pedagógica como pessoas de apoio e não pessoas que irão banalizar ou reproduzir mais violência.

Desse modo, compreende-se a violência sexual enquanto um fenômeno complexo e multideterminado, sustentado e reproduzido por crenças que toleram ou legitimam o abuso sexual, e também por imagens sociais acerca de seus autores e vítimas dessa violência. Assim, destaca-se que o enfrentamento da violência sexual exige a desestabilização e modificação dessas crenças e imagens sociais. Na presente pesquisa, buscou-se desenvolver, aplicar e avaliar um programa de intervenção voltado para professores sobre crenças acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes, bem como as imagens sociais atribuídas aos autores e vítimas. A pesquisa foi orientada pela

tese de que programas de intervenção em um modelo de grupo vivencial podem ter o efeito positivo na desestabilização e modificação das crenças dos professores sobre o fenômeno, bem como das imagens sociais dos autores e vítimas que, de alguma forma, legitimam ou toleram a violência sexual. Dito isso, espera-se contribuir para o enfrentamento desse fenômeno no contexto escolar, com possíveis repercussões também em outros contextos.

### **Objetivo Geral**

Desenvolver, aplicar e avaliar os efeitos, a viabilidade e a aceitabilidade de um programa de intervenção voltado para professores sobre crenças relacionadas ao abuso sexual contra crianças e adolescentes, bem como as imagens sociais atribuídas aos autores e vítimas.

### **Objetivos Específicos**

- Analisar as crenças dos professores participantes da pesquisa sobre o abuso sexual contra crianças e adolescentes e sua relação com as variáveis pesquisadas;
- Analisar as imagens sociais atribuídas pelos professores da educação básica às crianças e aos adolescentes vítimas de abuso sexual, bem como aos autores dessa forma de violência;
- Desenvolver um programa de intervenção com professores, com o objetivo de desestabilizar crenças e imagens sociais que banalizam e perpetuam a violência contribuindo para o enfrentamento do abuso sexual contra crianças e adolescentes;
- Averiguar os efeitos, a viabilidade e a aceitabilidade de um programa de intervenção aplicado com professores para desestabilização das crenças e imagens sociais em relação às crianças e aos adolescentes vítimas de abuso sexual e de seus autores, comparando as suas percepções antes, após o programa e *follow-up*.

## **ESTUDO 1 - Investigações de crenças sociais sobre abuso sexual: o uso de uma escala de crenças sobre abuso sexual com professores da educação básica.**

Indivíduos atribuem significados sobre os fenômenos que estão dispostos em sociedade por meio das assertivas/proposições disponíveis e, esses significados, são disseminados através das relações interpessoais. Com relação à violência sexual, entende-se que uma das dificuldades para detectar a ocorrência de situações desse tipo de violência é a presença de crenças sociais errôneas sobre o fenômeno, pois elas alimentam e perpetuam estereótipos sendo muitas vezes veiculadas e reforçadas pela mídia. Além disso, as crenças podem interferir no bem-estar das vítimas, pois não só dificultam o reconhecimento da experiência abusiva, como também promovem atitudes que podem vir a acentuar as dinâmicas traumáticas, sendo que sabe-se o quanto o ideal é quando a vítima é amparada por meio de uma rede de apoio e proteção com as intervenções essenciais de saúde e saúde mental, sendo essa a fase mais importante para tentar minimizar possíveis traumas, diminuição de consequências da violência e possibilitando processos de resiliência (Almeida & Costa, 2010; Carneiro & Sousa, 2024; Clementino et al., 2024; Hohendorff et al., 2017; Nunes & Morais, 2021; Reis & Cavalcante, 2019; Ribeiro & Soeiro, 2011; Silveira et al., 2022).

Durante a primeira metade do século XX, havia pouco interesse no estudo sobre o abuso sexual de crianças. Essa falta de atenção, estava relacionada à percepção de que os relatos das crianças poderiam ser fantasiosos ou pouco confiáveis, pois se acreditava que sua memória apresentava falhas e era suscetível a distorções e manipulações por terceiros. Outro ponto importante para esse descrédito errôneo, foram os casos em que a criança desdisse a revelação do abuso, sendo que isso poderia estar ligado ao medo de represálias, novas ameaças, culpa pela separação da família, entre outros fatores que poderiam fazer ela ficar confusa ou arrependida. Não respeitar o relato da criança tem

sido responsável por reproduzir a violência, silenciando a voz da vítima e perpetuando a crença de que “crianças mentem ou fantasiam sobre o abuso”, desacreditando ou desautorizando o relato da criança ocasionando com que ele não seja reconhecido como válido pelos adultos (Almeida, 2003; Oliveira et al., 2021).

Outrossim, algumas crenças sobre a violência sexual já identificadas como inadequadas quando comparadas com a realidade podem ser assim organizadas: acredita-se, erroneamente, que situações de violência sexual não são frequentes ou estão relacionadas a um problema socioeconômico, ocorrendo apenas em camadas mais baixas da sociedade e em contextos de vulnerabilidade. Além disso, há a crença de que esse tipo de violência sempre envolve agressão física, de que ela se restringe à penetração vaginal ou anal, e de que a ausência de evidências físicas indica que o abuso não ocorreu (Almeida, 2003; Brino & Williams, 2003; Duarte et al., 2022; Ribeiro & Soeiro, 2011).

Contrariando a crença de que situações de violência não são frequentes, mas sim episódicas ou eventuais, o Disque Direitos Humanos, também conhecido como ‘Disque 100’, serviço de denúncia anônima e gratuita para casos de violações de direitos humanos, recebe diariamente relatos de diversos tipos de violência. Esses dados são coletados e analisados pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos (SDH) e, ao longo do ano de 2023, tem-se que o Disque 100 recebeu 476.518 denúncias, sendo que a violência sexual representou 25% das denúncias relacionadas a crianças e adolescentes, com a maior parte das vítimas meninas, representando 70% dos casos denunciados, e com idades entre 10 e 14 anos (Brasil, 2024).

Quanto ao uso comum de agressão física, verifica-se que, em casos de violência sexual, por vezes o autor utiliza-se da sedução, da coação e da manipulação da vítima. E a crença de que, na violência sexual, sempre há penetração vaginal ou anal está

relacionada com a necessidade de evidências físicas de que o abuso aconteceu para a validação do relato (Hohendorff & Patias, 2017; Ribeiro & Soeiro, 2011).

Outras crenças estão relacionadas aos autores de agressão sexual. Nota-se que as crenças tentam criar um perfil único do autor de agressão baseada no senso comum, no entanto, elas acabam por contribuir para a construção dos estereótipos sobre os potenciais autores, fazendo com que os que não possuem essas características e/ou determinado perfil sejam inocentados e desacredita-se ainda mais a denúncia como, por exemplo, dizer que o agressor é sempre uma pessoa desconhecida da vítima, ou que é desumano, não merece compaixão, ou que ele possui doenças psiquiátricas graves, que o agressor é sempre um homem e ainda se uma mulher abusar de um homem, ele teve sorte (Almeida, 2003; Duarte et al., 2022; Pereira, 2020; Ribeiro & Soeiro, 2011; Sousa, 2021).

As crenças sobre as vítimas de agressão sexual contribuem para que muitas delas não partilhem o que viveram, principalmente, as vítimas do sexo masculino. Assim, perpetua-se a crença de que as vítimas são sempre do sexo feminino, porém, apesar da baixa notificação, meninos também sofrem violência sexual (Oliveira et al., 2021; Pereira, 2020; Ribeiro & Soeiro, 2011; Sousa, 2021).

Crenças sobre as vítimas de agressão sexual geralmente apontam que elas, em sua maioria meninas e mulheres, estariam dentro de um padrão de beleza, com ar feminino, angelical, cabelos longos. Ao mesmo tempo, essas crenças tendem a culpabilizá-las pelo abuso, atribuindo-lhes um comportamento supostamente sedutor ou insinuando que, de alguma forma, “se ofereceram” ao agressor, muitas vezes devido ao uso de roupas vistas socialmente como inadequadas. Nessa linha que culpabiliza a vítima e considera o seu comportamento como inadequado, surge a crença equivocada de que bebês não podem ser vítimas de violência sexual. As crenças reforçam a ideia de que a vítima nunca irá se recuperar da violência sofrida e que todas irão apresentar os mesmos sintomas (Almeida,

2003; Duarte et al., 2022; Hohendorff & Patias, 2017; Pereira, 2020; Ribeiro & Soeiro, 2011; Sousa, 2021).

Com relação aos homens, há a crença de que eles não podem ser vítimas de abuso sexual nem ser forçados a ter relações sexuais contra a sua vontade. Presume-se também que os homens nunca recusam relações sexuais e que, se um homem for abusado por várias pessoas, a culpa é dele. Além disso, há a crença de que as pessoas que foram abusadas necessariamente se tornam abusadores no futuro e de que, se a vítima não tentou interromper fisicamente o ato, isso significa que não houve violência (Almeida, 2003; Hohendorff & Patias, 2017; Pereira, 2020; Ribeiro & Soeiro, 2011; Sousa, 2021).

Diante do exposto, apresentam-se a seguir, outros estudos organizados em ordem cronológica, demonstrando o avanço da pesquisa sobre o tema. Como critério de seleção, foram incluídas pesquisas que aplicaram pelo menos uma escala de crenças sobre abuso ou violência sexual para a coleta de dados.

As autoras Brino e Williams (2003) realizaram um estudo cujo objetivo foi avaliar a eficácia de uma intervenção com educadoras no sentido de capacitá-las para atuarem nos casos de abuso sexual com seus alunos, aumentando assim seu repertório de informações sobre abuso sexual infantil, modificando crenças inadequadas sobre o assunto e identificando procedimentos corretos frente a denúncias e encaminhamentos de casos de abuso sexual. Participaram dessa pesquisa 11 educadoras de escolas municipais de ensino infantil da cidade de São Carlos (SP). Como apenas cinco professoras compareceram a todos os encontros, decidiu-se que elas seriam o grupo com intervenção (GI) e as outras seis educadoras que não participaram das intervenções, formariam o grupo controle (GC). Brino e Williams (2003) utilizaram para coleta de dados, um Registro sobre Abuso Sexual (RAS) e elaboraram um Questionário sobre Conhecimento e Crenças a Respeito de Abuso Sexual. Ambos os instrumentos foram aplicados

individualmente em 11 educadoras, antes do primeiro encontro, após o último encontro e, novamente, após o período da consultoria. O curso de capacitação foi composto por quatro encontros quinzenais, tendo três horas de duração cada encontro. Os encontros consistiam em apresentações e exposições orais sobre o tema, discussões em grupo, role-play, estudos de caso, apresentação de filmes e vídeos, orientações gerais sobre a legislação, leituras e espaço para dúvidas e comentários.

Conforme relatado por Brino e Williams (2003), a segunda fase da intervenção foi denominada “consultoria”. Nela foram realizadas reuniões semanais individuais com as professoras, nas quais eram discutidas questões referentes ao abuso sexual e possíveis casos suspeitos. Quando havia um caso suspeito, a primeira autora acompanhava uma aula, observando os comportamentos da criança junto com a professora. Em seguida, o caso era encaminhado em conjunto para os órgãos necessários e serviços de apoio psicológico. As autoras assim, concluíram que o RAS se mostrou adequado para detectar mudanças nos comportamentos das educadoras se for aplicado com intervalos maiores de tempo, o que não foi possível na pesquisa. E quanto ao questionário aplicado, elas pontuaram que as participantes do GI apresentaram um aumento em seu repertório sobre abuso sexual, enquanto as participantes do GC mantiveram o repertório inalterado.

A pesquisa realizada por Martins et al. (2012) teve por objetivo validar para a população portuguesa a Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS) devido a inexistência de instrumentos com essa capacidade de aferição na época e a relevância do tema, procurando identificar o grau de tolerância/legitimação do sujeito quanto ao uso da violência sexual e conhecendo as crenças que mantêm esses comportamentos entre os sujeitos. Participaram do estudo 1000 estudantes do ensino superior, homens (46,2%) e mulheres (54,4%) com idades entre 18 e 24 anos de diferentes áreas de formação. Os autores concluíram que a escala apresentada possui níveis satisfatórios de precisão e

validade, sendo mais um instrumento importante para investigar as crenças de tolerância à violência sexual.

Partindo do pressuposto teórico de que as atitudes e crenças que toleram a violência sexual criam um potencial para que atos sexualmente violentos possam ocorrer sendo ainda reforçados por fatores pessoais e experiências sexuais prévias, o estudo de Peixoto et al. (2013) objetivou identificar se estudantes universitários do sexo masculino, praticantes de modalidades esportivas de contato, apresentariam um nível superior de legitimação ou tolerância frente à violência sexual sobre as mulheres e se apresentam uma taxa de prevalência de atos de violência sexual no namoro mais elevada quando comparados a estudantes não-atletas.

Nessa pesquisa, foram envolvidos 100 estudantes universitários com idades entre 18 e 38 anos, divididos em 50 universitários atletas de modalidades de contato (futsal, basquete, handebol, polo aquático e judô) e 50 universitários não atletas, a Escala de Crenças sobre Violação (ECV) e o Experiences Survey – Short Form Perpetration (ES-SFP). Os resultados apontados por Peixoto et al. (2013) demonstraram que atletas e não atletas apresentaram resultados semelhantes, isto é, quando comparadas as suas médias estas não apontaram diferenças estatisticamente relevantes. De modo geral, dois grupos apresentaram um reduzido nível de suporte às crenças que justificam ou desculpabilizam a violência sexual. Porém, em relação ao comportamento avaliado especificamente pelo SES-SFP, os dois grupos apresentaram resultados similares e uma taxa superior de perpetração de atos sexuais abusivos na intimidade associados à categoria “tipo mais grave”, a violação, alertando que a violência sexual na sua expressão mais severa possa ser uma realidade entre a população universitária estudada.

Com o objetivo de identificar crenças e atitudes legitimadoras de violência nas relações de intimidade entre adolescentes, Ventura et al. (2013) utilizaram a Escala de

Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC) com 682 estudantes de duas escolas do ensino secundário da região de Coimbra. Os resultados da escala mostraram que, em sua maioria (68,9%), os estudantes discordam das crenças legitimadoras da violência sexual, porém, os participantes do sexo masculino tiveram uma concordância maior com os comportamentos violentos do que as do sexo feminino. As autoras apontam que o resultado pode estar relacionado com fatores socioculturais como as concepções mais tradicionais de socialização do sexo masculino com resistência a comportamentos mais afetivos e emocionais e com integração de papéis relacionados com força física e conflitos verbais para mostrar que é forte, legitimando condutas de controle e agressões na intimidade.

Na pesquisa de Paiva et al. (2017), o objetivo foi relacionar as crenças que legitimam a violência conjugal com os conceitos de autoestima, satisfação com a vida e personalidade. Para isso, os pesquisadores utilizaram quatro instrumentos: Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC), Escala de Autoestima de Rosenberg (1965), Inventário de Personalidade de Dez Itens (TIPI), Escala de Satisfação com a Vida (ESV) e um questionário sociodemográfico. A amostra selecionada foi formada por 305 pessoas da população geral, maioria mulheres (63%), com idades entre 18 e 62 anos, residentes na cidade de João Pessoa (PB). Na amostra, 68,89% afirmam estar em um relacionamento amoroso, não sendo vítimas de violência (88,8%) e sem denúncia de violência conjugal dos companheiros (97%). Os resultados dessa pesquisa apontaram que fatores pessoais como autoestima e personalidade possuem relação com a legitimação das crenças sobre violência sexual, ou seja, quanto mais se aumenta a autoestima, menor é a concordância com os fatores de crença de legitimação da violência. Quanto mais se aceita que a violência é algo natural e parte das trocas mútuas entre casais, menos se encontram pessoas com traços acentuados nos polos estáveis emocionalmente, flexíveis e

agradáveis, respectivamente. Contudo, a satisfação com a vida não demonstrou essa relação, o que os autores sugerem que pode ser mais bem investigado em estudos posteriores.

Em sua dissertação de mestrado, Dias (2018) realizou um estudo com 503 portugueses estudantes do ensino superior, com idades entre 17 e 34 anos, sendo 282 do sexo feminino e 219 do sexo masculino, com o objetivo de explorar e avaliar os níveis de agressão da amostra e investigar as suas crenças acerca da violência nas relações de intimidade com o intuito de verificar qual o grau de tolerância/aceitação da violência. Os instrumentos para coleta de dados foram: a Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC), um questionário de agressão e um questionário sociodemográfico. O estudo concluiu que a amostra de sujeitos majoritariamente evidencia uma tendência de discordância moderada quanto ao conjunto das crenças que legitimam a violência nas relações. Ressalta-se que existe uma relação positiva entre agressão física e as crenças que legitimam a pequena violência, quanto mais os sujeitos são agressivos fisicamente, maiores são as suas crenças no que diz respeito à banalização da pequena violência como sendo pouco grave.

A pesquisa de Araújo (2018) teve como objetivo analisar a possível relação entre as crenças sobre violência conjugal e a predisposição para a agressão. O estudo buscou compreender de que forma as crenças de legitimação, tolerância e banalização da violência sexual no namoro poderão contribuir para a perpetração deste tipo de comportamento dentro dos relacionamentos amorosos, pois crenças sociais são um fator importante na perpetuação da violência. Participaram da pesquisa 285 estudantes do primeiro ano do nível superior em diferentes áreas científicas, sendo 57% do gênero feminino e 43% do gênero masculino, com idades entre 18 e 37 anos, a maioria de nacionalidade portuguesa. Foram aplicados: um questionário sociodemográfico, a Escala

de Crenças de Violência Conjugal (ECVC) e um questionário sobre agressão. Os resultados apontaram que as crenças de legitimação da violência são mais frequentes em jovens do sexo masculino, o que pode ser justificado pelas práticas tradicionais de socialização comuns na sociedade, na qual homens são ensinados a ser fortes, dominantes, enquanto mulheres são ensinadas a serem submissas. A autora destaca que crenças equivocadas sobre violência tendem a estimular a culpabilização da vítima e a desculpabilização do autor de agressão. Assim, é importante abordar e intervir previamente na temática de crenças, buscando compreender melhor os vários motivos que sustentam a formação de crenças que legitimam a violência, com o objetivo de modificar possíveis crenças já existentes e prevenir a perpetração da violência.

Ao buscar analisar a existência de uma associação entre a presença de sintomatologia depressiva e crenças legitimadoras da violência no contexto das relações íntimas de estudantes universitários, Ferreira (2018) conduziu uma pesquisa da qual participaram 274 estudantes universitários do primeiro ano do primeiro ciclo de estudos (licenciatura) de um dos cursos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas selecionados por conveniência, sendo 56,9% do sexo feminino e 43,1% do sexo masculino, com idades entre 18 e 37 anos. Foram aplicados os seguintes instrumentos: um questionário sociodemográfico, a Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC) e o Center for Epidemiologic Studies – Depression Scale (CES-D) (versão portuguesa). Concluiu-se que o nível de legitimação da violência em contexto universitário é baixo, porém apresentando valores superiores no gênero masculino. A autora concluiu que é fundamental e necessário pesquisar e intervir nessa área temática, pois as crenças exercem um papel importante na sociedade ao influenciar comportamentos dos indivíduos, orientando suas ações e ditando regras sociais que devem seguir. Além disso, crenças errôneas podem conduzir a

intervenções inadequadas, as quais interferem na assistência e proteção das vítimas, bem como na perpetuação e normalização da violência.

A pesquisa de Pereira et al. (2019) teve como objetivo adaptar e validar para o contexto brasileiro a Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS), elaborada e validada inicialmente para Portugal. A escala se propõe a apresentar uma medida de tolerância/legitimação do abuso sexual, especificamente cometido contra crianças e adolescentes, suprimindo a necessidade de um instrumento que auxilie na obtenção de medidas válidas para o tema. A validação se deu em duas fases. A primeira, denominada de validação exploratória, na qual participaram 208 estudantes dos cursos de Direito e Psicologia de universidades públicas e privadas, na cidade de João Pessoa (PB), sendo aplicada a escala e um questionário sociodemográfico. Na segunda fase, denominada de validação confirmatória, com os mesmos procedimentos que a primeira, participaram 209 estudantes universitários com iguais características da fase anterior. A escala original portuguesa possui três fatores: legitimação do abuso pela sedução infantil; legitimação pela ausência de violência; e a crença de que o abuso não existe quando o ofensor não corresponde a um estereótipo pré-definido, e está organizada com 17 itens com opções de resposta em uma escala *Likert* de 5 pontos. Na adaptação para o contexto brasileiro, os autores propõem a unifatorialidade da escala e a retirada de seis itens, ficando com 11 itens e sendo capaz de mensurar as crenças frente ao abuso sexual infantojuvenil organizada em torno de um único fator. Assim, os autores consideraram que a escala apresentou indicadores satisfatórios de validade e consistência interna podendo ser utilizada para o contexto brasileiro, destacando-se que a escala poderá contribuir para área social e científica já que as crenças estão diretamente associadas ao comportamento de proteção, prevenção ou até mesmo violação dos direitos das crianças e dos

adolescentes, colaborando para políticas públicas e orientação dos profissionais e da comunidade.

Com o objetivo de desenvolver e testar uma escala de Normas e Crenças Sociais sobre a Escala de Violência Baseada no Gênero (VBG) que fosse capaz de medir a mudança ao longo do tempo em normas sociais e crenças pessoais associadas à violência contra mulheres e meninas entre homens e mulheres membros da comunidade em áreas humanitárias complexas e de poucos recursos, Perrin *et al.* (2019), realizaram uma pesquisa com a participação de 415 pessoas de comunidades dos países Somália e Sudão do Sul. Após a análise dos dados, os pesquisadores concluíram que a escala desenvolvida se mostra como um instrumento com fortes propriedades psicométricas, tendo consistência interna e confiabilidade para medir a mudança em normas sociais prejudiciais associadas à VBG. Sendo, de acordo com os autores, um dos primeiros 28 instrumentos a apresentar boas qualidades para ser aplicado no contexto de áreas humanitárias e com poucos recursos.

O estudo exploratório de Pereira (2020), realizado em Lisboa (Portugal), teve o objetivo de avaliar a percepção dos profissionais e estudantes da área da saúde em relação às crenças existentes sobre o abuso sexual contra vítimas do sexo masculino. Participaram da pesquisa 188 sujeitos, com idades entre 18 e 61 anos, sendo 127 profissionais e 61 estudantes, que responderam a um instrumento com quatro partes. A primeira parte é composta por um questionário de dados sociodemográficos; a segunda parte do instrumento contém oito crenças sobre abuso sexual no gênero masculino através de uma escala *Likert*; a terceira parte é constituída por cinco itens conforme as expectativas sociais em relação ao papel do homem e a quarta parte é exclusiva aos profissionais de saúde. Os resultados mostraram que os sujeitos apresentaram o mesmo nível de

discordância em relação aos estereótipos de gênero e não encontraram diferenças entre homens e mulheres, profissionais ou estudantes (Pereira, 2020).

Com o objetivo de identificar as crenças que os estudantes do ensino fundamental têm frente ao abuso sexual infanto-juvenil, bem como verificar se tais crenças interferem na autoindicação do bullying tanto entre provocadores quanto entre provocados, Felizmino e Silva (2021), realizaram uma pesquisa com uma amostra por conveniência, não probabilística, de 284 estudantes no 9º ano no ensino fundamental em oito escolas públicas da Grande Aracaju (SE), de ambos os sexos, com idades entre 14 e 18 anos. Para coleta dos dados, foram aplicados a Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS), a Escala de Autoindicação de Bullying e um questionário de dados pessoais do aluno. Os resultados apontam que o abuso sexual ainda é uma prática cotidiana nas escolas em que a pesquisa ocorreu e, em alguns casos, esse tipo de violência sexual é uma manifestação de bullying. Os autores ressaltam que o tema abuso sexual ainda está atrelado a tabus e inibições o que dificulta o debate e as informações corretas sobre ele. Contudo, os resultados obtidos através da ECAS mostraram que a maioria dos alunos discorda das afirmações que toleram, legitimam e culpabilizam a vítima, o que pode ser manifestação de um avanço sobre o tema.

Com o intuito de investigar a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitários de ambos os sexos, as diferenças entre homens e mulheres, os sintomas psicopatológicos, crenças sobre a violência sexual e dificuldades de regulação emocional, o estudo de Sousa (2021), aplicou uma Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS) com 26 itens de autorrelato, com três estratégias sexualmente agressivas: coação sexual, abuso sexual e força física. Inventário de Sintomas Psicopatológicos com 53 itens de autorrelato; Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS) com 30 itens de autorrelato e Escala de Dificuldades de

Regulação Emocional (DERS) com 36 itens de autorrelato. Aplicados com 546 estudantes universitários heterossexuais, ambos os sexos, sendo 56,4% mulheres e 43,6% homens. Os sujeitos tinham idades entre 18 e 39 anos. Os resultados encontrados foram que 36,4% dos participantes já recorreram pelo menos uma vez a estratégias agressivas contra o sexo oposto, sendo 44,5% dos homens e 30,2% das mulheres. Confirmando que estudantes universitários do sexo masculino recorrem mais a estratégias sexualmente agressivas do que o sexo feminino. As mulheres sexualmente agressivas apresentaram mais sintomas psicopatológicos e dificuldades de regulação emocional, enquanto os homens apresentaram mais crenças legitimadoras da violência sexual, na tentativa de legitimar seus comportamentos e diminuir os danos causados e acentuando a culpabilização da vítima (Sousa, 2021).

Com o objetivo de conhecer e analisar as crenças dos estudantes universitários sobre a violência conjugal, por ser um fenômeno com elevada prevalência na população portuguesa, Mota (2021) utilizou três instrumentos, sendo eles, um questionário sociodemográfico, a Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC) e o Inventário de Violência Conjugal (IVC). A amostra foi formada por conveniência com 175 estudantes do ensino superior da Universidade do Porto, com média de idade de 24 anos, sendo 57,7% do gênero feminino e 42,3% do gênero masculino. Os resultados revelaram que os estudantes têm um grau baixo de tolerância/aceitação perante a violência conjugal. Contudo, os estudantes do gênero masculino apresentaram níveis mais elevados de tolerância do que as estudantes do gênero feminino. E, apesar dos participantes apresentarem níveis baixos de tolerância/aceitação à violência conjugal, esses dados não invalidaram a frequência de comportamentos abusivos, por isso, a autora alerta para a necessidade de serem desenvolvidas ações de formação e/ou sensibilização, sendo fundamental que se debatam questões socioculturais, uma vez que as crenças enraizadas

culturalmente comprometem a vítima assim como o apoio social recebido, tanto pela rede informal quanto pelos profissionais e instituições que lidam com as queixas.

As autoras Moura et al. (2021), realizaram um estudo com objetivo de traduzir, adaptar e verificar evidências de validade da Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC). Para tanto, participaram do estudo 1.337 adultos brasileiros, maiores de 18 anos, oriundos de todas as regiões brasileiras, sendo 66,34% mulheres e 33,65% homens. As autoras aplicaram um questionário sociodemográfico e a ECVC que permite avaliar as crenças legitimadoras em relação à violência física e psicológica exercida nas relações conjugais, constituída por 25 itens, em escala *Likert* de 5 pontos. Os resultados apontaram que a estrutura unifatorial da versão brasileira da escala apresentou melhores índices. Assim, o referido estudo apresentou evidências de validade da ECVC, indicando que essa escala pode ser um instrumento útil na avaliação de crenças legitimadoras da violência conjugal.

Partindo do pressuposto que crenças errôneas sobre violência sexual contra crianças e adolescentes podem levar a uma intervenção mal realizada pelo psicólogo que é um profissional importante na rede de atendimento às vítimas, Silveira et al. (2022), investigaram se existem diferenças nas crenças entre estudantes de graduação em psicologia, em diferentes fases do curso. Para isso foram aplicados dois instrumentos, um questionário sociodemográfico e a Escala de Crenças de Abuso Sexual (ECAS) com 413 graduandos de psicologia matriculados em instituições de ensino em todo o Brasil. Os resultados indicaram que os estudantes questionados não legitimam crenças comuns sobre violência sexual contra crianças e adolescentes e que não houve diferenças nas crenças de acordo com o semestre do aluno no curso. Os autores ressaltam, no entanto, que não basta a não legitimação da violência, mas que o profissional precisa ter conhecimento para realizar intervenções adequadas, além de saber combatê-la e preveni-la, por isso é

importante que os cursos de psicologia tenham em sua grade curricular disciplinas que tratem do assunto, sendo que na referida pesquisa, apenas 21% dos participantes relataram ter visto o tema em uma disciplina.

Em pesquisa conduzida por Duarte et al. (2022), investigaram-se as crenças de 164 professores dos ensinos fundamental e médio, de escolas públicas e privadas acerca da violência sexual contra crianças e adolescentes, por meio da aplicação de um questionário sociodemográfico e a Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS). Os resultados apontaram uma tendência à discordância e neutralidade à tolerância/legitimação das crenças que perpetuam e banalizam a violência sexual. Dentre os dados encontrados, a experiência com casos suspeitos, participação em formações, palestras sobre o tema, não apresentaram diferenças estatisticamente significativas em relação às crenças. Ao passo que, gênero, faixa etária e presença de filhos influenciaram sobre a presença de crenças.

As pesquisas apresentadas neste tópico demonstram que os instrumentos utilizados foram capazes de mensurar as crenças, evidenciando a presença daquelas que reforçam a legitimação ou tolerância ao abuso e à violência sexual. Em sua maioria, as limitações das pesquisas apontadas pelos autores, dizem respeito à falta de diversidade na amostra, destacando a necessidade de mais pesquisas com diferentes públicos-alvo. O estudo das crenças sociais é relevante porque, a partir delas, formam-se as imagens sociais que classificam indivíduos e grupos, influenciando diretamente os comportamentos e as relações dos sujeitos.

De maneira geral, os estudos mencionados indicam que as crenças sobre violência sexual desempenham um papel fundamental nos comportamentos e atitudes dos indivíduos, influenciando tanto na tolerância quanto na legitimação de práticas violentas. As escalas aqui apresentadas têm se mostrado eficazes na mensuração dessas crenças. No

entanto, ainda existem lacunas na compreensão das crenças sobre violência sexual em populações específicas como os profissionais da educação, o que destaca a necessidade da realização de intervenções voltadas para a modificação de concepções equivocadas e para a prevenção de comportamentos que perpetuam e banalizam a violência sexual contra crianças e adolescentes.

Desse modo, a presente pesquisa visa, entre outros objetivos, verificar se as crenças dos professores relacionadas ao abuso sexual contra crianças e adolescentes toleram ou legitimam o abuso sexual e/ou culpabilizam a vítima. Além disso, objetiva-se examinar a associação dessas crenças com variáveis como: o nível de ensino em que leciona, a experiência de ter filhos, a vivência anterior com casos de abuso sexual ou se a pessoa já sofreu abuso sexual.

## **Objetivos**

### **Objetivo geral**

- Analisar as crenças dos professores participantes da pesquisa sobre o abuso sexual contra crianças e adolescentes e sua relação com as variáveis pesquisadas.

### **Objetivos específicos**

- Caracterizar sociodemograficamente os participantes da pesquisa;
- Identificar as crenças dos professores acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes e testar a sua associação com as variáveis pesquisadas (nível de ensino em que leciona, ter filhos, experiência com casos desse tipo de violência ou histórico pessoal como vítima de violência sexual);
- Verificar se as crenças dos professores tendem a tolerar ou legitimar o abuso sexual contra crianças e adolescentes e/ou culpabilizar a vítima.

## **Método**

### **Delineamento da pesquisa**

Trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem quantitativa dos dados e com delineamento transversal.

### **Procedimentos éticos**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de natureza exploratório-descritiva, com abordagem quanti-qualitativa dos dados. Com relação às considerações éticas, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), Parecer nº 5.611.972 (Anexo B).

### **Contexto da pesquisa**

A pesquisa foi realizada em quatro escolas públicas da cidade de Belém, escolhidas por conveniência, integrantes de uma Unidade Seduc na Escola, atualmente denominada de Diretoria Regional de Ensino (DRE) vinculada à Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/PA). O município de Belém, totaliza 224 escolas estaduais que, por sua vez, são distribuídas entre as DREs. As escolas aqui escolhidas e que consentiram em participar, são escolas regulares de ensino e oferecem Ensino Fundamental I e II e/ou Ensino Médio. Todas contam com uma infraestrutura com quadra de esportes, sala de leitura ou biblioteca, laboratório de informática e salas de aula climatizadas.

### **Participantes**

O presente estudo contou com uma amostra selecionada por conveniência, não probabilística, composta por 105 participantes, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, que atuavam como professores no momento da pesquisa em uma das quatro escolas públicas estaduais situadas no município de Belém na área de abrangência da DRE que a

orientanda faz parte e que é composta por 22 escolas. As quatro escolas totalizavam juntas, no momento da aplicação dos questionários, 123 professores. Desse modo, os 105 professores participantes representam 85% da amostra. Para compor a amostra, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: ser maior de 18 anos, estar atuando como professor em uma das quatro escolas selecionadas e aceitar voluntariamente participar da pesquisa. Os critérios de exclusão foram: ser menor de 18 anos, estar afastado do trabalho por qualquer tipo de licença.

Para ter acesso aos possíveis participantes da pesquisa, foi solicitada uma reunião com os professores à direção de cada uma das quatro escolas, com o intuito de explicar o objetivo da pesquisa e suas etapas. Na reunião, os professores foram convidados a participar. No entanto, em todas as escolas, foi necessário voltar em outro momento além da reunião, a fim de alcançar os professores ausentes e assim obter o maior número de participantes possível e constituir uma amostra significativa. Os professores que aceitaram participar, receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) e os instrumentos já citados: 1. Formulário de Caracterização Sociodemográfica (FCS) (Apêndice B), 2. Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS). Todos os materiais foram impressos, sendo lidos e preenchidos pelo próprio participante que os devolveu para as voluntárias da pesquisa. A aplicação dos instrumentos ocorreu entre os meses de fevereiro, março e abril de 2023.

### **Instrumentos**

Compõem o presente estudo os seguintes instrumentos: 1. Formulário de Caracterização Sociodemográfica (FCS) (Apêndice B); 2. Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS).

#### ***Formulário de Caracterização Sociodemográfica - FCS (Apêndice B)***

Com o objetivo de caracterizar a amostra, os participantes responderam inicialmente a um Formulário de Caracterização Sociodemográfica (FCS) (Apêndice B). O formulário elaborado pela autora consta com 15 itens, sendo eles, 1. Idade; 2. Sexo; 3. Orientação sexual; 4. Cor/etnia; 5. Religião; 6. Estado civil; 7. Se possui filhos; 8. Local de nascimento: zona rural, urbana ou ribeirinha; 9. Local de moradia: zona rural, urbana ou ribeirinha; 10. Escolaridade; 11. Nível de ensino que leciona; 12. Tempo de atuação como professor; 13. Tempo de atuação na referida escola; 14. Se já acompanhou algum caso de abuso sexual; 15. Se já sofreu abuso sexual na infância, adolescência ou vida adulta.

#### ***Escala de Crenças sobre Abuso Sexual - ECAS (Anexo A).***

A escala elaborada por Machado, Gonçalves e Matos (2000), em Portugal, adaptada e validada para o Brasil por Pereira et al. (2019), inclui assertivas voltadas para as crenças em torno dos abusos sexuais, especificamente, cometidos contra crianças e adolescentes. Na versão adaptada para o contexto brasileiro, a escala possui 11 itens, com as opções de respostas apresentadas em uma escala *Likert* de 5 pontos, variando de 1 “discordo totalmente” a 5 “concordo totalmente”. A referida escala adaptada para o Brasil possibilita mensurar as crenças frente ao abuso sexual contra crianças e adolescentes organizada em torno de um único fator e, desse modo, sua validação apresentou um alfa de Cronbach ( $\alpha$ ) de 0,88, garantindo um índice de consistência interna na validação de Pereira et al. (2019) maior que a encontrada no instrumento de Portugal.

#### **Análise de dados**

As informações advindas da caracterização sociodemográfica e através da aplicação da Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS) foram organizadas inicialmente em planilhas no programa *Microsoft Excel*, armazenadas separadamente

para facilitar o tratamento dos dados. Posteriormente, essas informações foram transferidas para o Software R, versão 4.4.1, a fim de realizar análises estatísticas, abrangendo tanto procedimentos descritivos quanto inferenciais. Todas as análises consideraram um nível de significância de  $p < 0,05$  para identificar associações estatisticamente significativas entre as variáveis investigadas.

### **Resultados e Discussão**

A análise do presente estudo foi realizada a partir das respostas de 105 professores que atuavam na educação básica no município de Belém na época da coleta de dados da pesquisa. As respostas ao Formulário de Caracterização Sociodemográfica (FCS) (Apêndice B) apontam que 100% deles vivem na zona urbana, sendo 53% mulheres e 47% homens, tendo a maioria (43% da amostra) idades entre 41 e 50 anos. Dentre os participantes, 54% declararam-se pardos, 27% brancos e 19% pretos ou negros. Com relação à escolaridade, 15% têm graduação em nível superior e 85% possuem pós-graduação. Todos os participantes atuam na rede estadual de ensino do estado do Pará sendo vinculados à mesma DRE. Quanto ao nível de ensino no qual lecionam, 24% atuam apenas no Ensino Fundamental II, 45% somente no Ensino Médio e 31% no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Sobre o tempo de atuação, 30% atuam como professor entre 21 e 25 anos; 22% entre 16 e 20 anos e 17% têm entre 11 e 15 anos de atuação. Com relação às situações de abuso sexual, 77% declararam nunca ter sofrido e 23% declararam já ter sofrido algum tipo de abuso sexual. Quanto à já terem acompanhado algum caso de abuso sexual, 66% relataram nunca ter acompanhado, enquanto 34% relataram já terem acompanhado algum caso de abuso sexual na escola.

**Tabela 1**  
*Características sociodemográficas dos participantes*

| Características        | Grupo<br>N = 105 <sup>1</sup> |
|------------------------|-------------------------------|
| Idade                  | 47 (9)                        |
| Sexo                   |                               |
| Feminino               | 56 (53%)                      |
| Masculino              | 49 (47%)                      |
| Orientação             |                               |
| Heterossexual          | 93 (89%)                      |
| Homossexual            | 4 (3.8%)                      |
| Outro                  | 8 (7.6%)                      |
| Etnia                  |                               |
| Branca                 | 28 (27%)                      |
| Parda                  | 57 (54%)                      |
| Preta/negra            | 20 (19%)                      |
| Religião               |                               |
| Agnóstica              | 7 (6.7%)                      |
| Católica               | 52 (50%)                      |
| Cristã                 | 13 (12.4%)                    |
| Espírita               | 11 (10%)                      |
| SI                     | 13 (12%)                      |
| Filhos                 |                               |
| Não                    | 35 (33%)                      |
| Sim                    | 70 (67%)                      |
| Nascimento             |                               |
| Ribeirinha             | 2 (1.9%)                      |
| Rural                  | 4 (3.8%)                      |
| Urbana                 | 99 (94%)                      |
| Moradia                |                               |
| Urbana                 | 105 (100%)                    |
| Nível                  |                               |
| Fundamental II         | 25 (24%)                      |
| Fundamental II e médio | 33 (31%)                      |
| Médio                  | 47 (45%)                      |
| Escolaridade           |                               |
| Graduação              | 16 (15%)                      |
| Pós-graduação          | 89 (85%)                      |
| Tempo                  | 20 (8)                        |
| Acompanhou             |                               |
| Não                    | 69 (66%)                      |
| Sim                    | 36 (34%)                      |
| Sofreu                 |                               |
| Não                    | 81 (77%)                      |
| Sim                    | 24 (23%)                      |

<sup>1</sup> Frequência (%) ou média (desvio padrão)

A aplicação da ECAS na presente pesquisa apresentou um excelente índice de consistência interna, conforme evidenciado por um alfa de Cronbach ( $\alpha$ ): 0,842. O

intervalo de confiança de 95% (IC95%) para este coeficiente indicando alta confiabilidade nas respostas obtidas e reforçando a validade do instrumento utilizado no contexto deste estudo.

Com o objetivo de melhor caracterizar o posicionamento dos professores, foram calculadas as frequências e porcentagens relativas a cada afirmativa na escala *Likert* da ECAS. Essa abordagem é adequada considerando que os dados analisados são de natureza categórica e não quantitativa, uma vez que a referida escala avalia o grau de concordância dos participantes em relação às afirmativas apresentadas, oferecendo uma análise qualitativa das percepções coletadas, conforme pode ser observado na Tabela 2.

Obteve-se então, que as maiores porcentagens para cada afirmativa foram as respostas “Discordo totalmente” e “Discordo” indicando uma não tolerância/legitimação das crenças que banalizam ou perpetuam a violência ou que culpabilizam a vítima. Em “Nem concordo, nem discordo” que demonstra uma preferência de neutralidade obteve-se menores percentuais, sendo mais relevantes em 14% em “Os abusadores são pessoas que parecem diferentes das pessoas normais” e 5,7% em “As adolescentes levam os homens mais velhos a abusar delas”. No entanto, as menores porcentagens foram em “Concordo” e “Concordo totalmente” que indicariam alguma tolerância/legitimação da violência sexual, porém, apareceram somente na primeira e na segunda afirmativas da escala, quais sejam, “Os abusadores são pessoas que parecem diferentes das pessoas normais” que obteve 12% em “Concordo” e 1% em “Concordo totalmente” e “As crianças podem provocar o abuso pelo seu comportamento sedutor” que obteve 1,9% em “Concordo” e nenhuma em “Concordo totalmente”.

Assim, os dados demonstram que a grande maioria dos participantes possui crenças que não validam e nem legitimam o abuso sexual contra crianças e adolescentes, corroborando com os estudos de Duarte et al. (2022) que também aplicou a referida escala

em um público de professores, totalizando uma amostra com 164 participantes e também corrobora com a pesquisa de Felizmino e Silva (2021) que aplicou a ECAS em uma amostra de 284 estudantes do Ensino Fundamental com idades entre 14 e 18 anos. O que pode demonstrar uma evolução da consciência social acerca do fenômeno da violência ao longo dos tempos, mudando o posicionamento que antes culpabilizava a vítima para uma mudança que entende a severidade e do fenômeno. Em parte, devido ao enquadramento jurídico e as discussões sociais sobre o tema, nas quais, muitas vezes, docentes são incluídos.

**Tabela 2**

*Porcentagem de respostas para cada afirmativa da ECAS*

| <b>Afirmativa</b>   | 1*  | 2*  | 3*   | 4*   | 5* |
|---|-----|-----|------|------|----|
| Os abusadores são pessoas que parecem diferentes das pessoas normais.   | 36% | 36% | 14%  | 12%  | 1% |
| As crianças podem provocar o abuso pelo seu comportamento sedutor.  | 79% | 16% | 2,9% | 1,9% | -- |
| Só se pode falar de abuso quando há violência.  | 78% | 21% | 1,0% | --   | -- |
| Se alguém abusa sexualmente de uma criança/adolescente, é porque não consegue arranjar parceiras(os) adultas(os). | 79% | 18% | 2,9% | --   | -- |
| Se uma criança/adolescente só se queixa do abuso muito mais tarde, então ele provavelmente não existiu.           | 73% | 25% | 1,9% | --   | -- |
| As adolescentes levam os homens mais velhos a abusar delas.   | 72% | 22% | 5,7% | --   | -- |
| Só com crianças pequenas é que se pode falar de abuso.  | 74% | 25% | 1,0% | --   | -- |
| Se um(a) adolescente se envolve com alguém mais velho, a culpa é sua.   |     |     |      |      |    |
| Se o abusador não tiver magoado a criança/adolescente o abuso é pouco grave.                                      | 89% | 10% | 1,0% | --   | -- |
| Só se pode falar de abuso se a criança/adolescente resistir fisicamente.  | 88% | 12% | --   | --   | -- |
| A maioria das queixas de abuso sexual são falsas.   | 61% | 36% | 2,9% | --   | -- |
| Se não houver penetração, então o abuso é pouco grave.  | 88% | 12% | --   | --   | -- |

\*1 Discordo totalmente; 2\* Discordo; 3\* Nem concordo, nem discordo; 4\* Concordo; 5\* Concordo totalmente

Na amostra de 105 participantes, foram realizadas as relações entre as seguintes variáveis: ter filhos e acompanhar casos de violência sexual contra crianças e adolescentes; sexo e sofrer violência sexual; e ter sofrido abuso sexual e acompanhar casos dessa violência ocorrida com os discentes. Essas associações foram analisadas por

meio do teste Qui-quadrado ou do Teste Exato de Fisher, com o objetivo de verificar a existência de relações significativas entre variáveis. Esses testes avaliam se as diferenças observadas nas frequências são consistentes com a hipótese nula (ausência de associação) ou indicam uma relação estatisticamente significativa. O Teste Exato de Fisher, em particular, foi utilizado para garantir maior precisão nos resultados, especialmente em casos em que as frequências esperadas em uma ou mais categorias eram pequenas, conforme observado na presente pesquisa com 105 participantes. Conforme demonstrado a seguir.

**Tabela 3**

*Associação Ter filhos X Acompanhar casos de violência*

|                   | Filhos                    |              | $\chi^2$ |
|-------------------|---------------------------|--------------|----------|
|                   | Não (N = 35) <sup>1</sup> | Sim (N = 70) |          |
| <b>Acompanhou</b> |                           |              | 0.7      |
| Não               | 24 (69%)                  | 45 (64%)     |          |
| Sim               | 11 (31%)                  | 25 (36%)     |          |

<sup>1</sup> n (%)

<sup>2</sup> Teste Qui-quadrado de Pearson

Na Tabela 3, 35 participantes declararam não ter filhos e 70 afirmaram ter filhos. Dentre os que não têm filhos, 69% não acompanharam nenhum caso de abuso sexual, enquanto 64% dos que têm filhos também não acompanharam nenhum caso de violência sexual. Após a aplicação do teste Qui-quadrado, conclui-se que o valor de  $\chi^2$  obtido não é estatisticamente significativo. Isso indica que, na amostra analisada, a presença ou ausência de filhos não exerce influência sobre a variável relacionada ao acompanhamento de casos de abuso sexual denunciados ou suspeitos sofridos pelos estudantes. Assim, o teste sugeriu que a variável "ter filhos" não tem impacto significativo sobre a experiência dos participantes em relação ao envolvimento dos professores com os discentes quanto a essa temática. O resultado encontrado corrobora com os dados obtidos por Duarte et al. (2022), que levantaram a hipótese de que ter filhos poderia influenciar a forma como a violência sexual contra crianças e adolescentes é encarada, levando a uma menor

tolerância à violência. No entanto, os resultados encontrados foram opostos a essa expectativa. Supõem-se, portanto, que professores com filhos podem se distanciar do assunto como forma de proteção ou negação, já que a possibilidade de serem pais poderia aumentar o desconforto pessoal diante do tema, o que, por sua vez, poderia contribuir para a perpetuação de crenças errôneas. No entanto, entendendo que se trata de uma forma grave de violência, é preciso desenvolver estratégias de formação e capacitação que levem em conta as peculiaridades dos participantes, uma vez que essas características pessoais podem influenciar as atitudes dos profissionais.

**Tabela 4.**

*Associação Sexo X Ter sofrido abuso sexual*

|               | Sexo                           |                    | $\chi^2$ |
|---------------|--------------------------------|--------------------|----------|
|               | Feminino (N = 56) <sup>1</sup> | Masculino (N = 49) |          |
| <b>Sofreu</b> |                                |                    | 0.05     |
| Não           | 39 (70%)                       | 42 (86%)           |          |
| Sim           | 17 (30%)                       | 7 (14%)            |          |

<sup>1</sup> n(%)

<sup>2</sup> Teste Qui-quadrado de Pearson

Conforme apresentado na Tabela 4, dos 105 participantes, 56 são mulheres e 49 são homens. Dentre as mulheres, 30% relataram já ter sofrido abuso sexual, enquanto entre os homens, esse percentual é de 14%. Após a aplicação do teste Qui-quadrado, obteve-se um valor de  $\chi^2$  igual a 0,050. Este valor sugere que, na presente amostra, a diferença observada entre os percentuais de mulheres e homens que relataram ter sofrido abuso sexual é estatisticamente significativa, com um  $\chi^2$  muito próximo do limite convencional de 0,05. Portanto, pode-se concluir que existe uma associação significativa entre o sexo e a experiência de abuso sexual, indicando que as mulheres têm uma probabilidade significativamente maior de relatar esse tipo de experiência em comparação aos homens (Almeida, 2003; Brasil, 2024; Duarte et al., 2022; Ferraz et al., 2021; Hohendorff & Patias, 2017; Pereira, 2020; Ribeiro & Soeiro, 2011; Sousa, 2021).

Supõe-se que a maior prevalência de mulheres como vítimas de violência sexual está intrinsecamente relacionada a estruturas sociais e culturais sustentadas por séculos de uma cultura machista e patriarcal. Esses sistemas perpetuam uma lógica de dominação masculina que reforça o sentimento de posse dos homens sobre as mulheres, uma concepção historicamente construída que posiciona mulheres como figuras de submissão. Tal visão contribui para a objetificação feminina, igualando as mulheres a bens e propriedades que podem ser controlados ou violados. Essa estrutura de poder encontra respaldo em dinâmicas culturais que naturalizam a desigualdade de gênero e oferecem suporte à manutenção de crenças que minimizam ou justificam a violência contra meninas e mulheres. Isso ocorre porque a construção social de gênero desempenha um papel central na consolidação dessas relações de poder. O patriarcado mantém minorias em situação de violência, o que não apenas normaliza a violência, mas, principalmente, culpabiliza as vítimas, criando barreiras para o enfrentamento da violência (Sordi, 2022; Vagliati, 2020).

**Tabela 5**

*Associação Ter sofrido abuso sexual X Acompanhar casos de violência*

|                   | Sofreu abuso              |              | $\chi^2$ |
|-------------------|---------------------------|--------------|----------|
|                   | Não (N = 81) <sup>1</sup> | Sim (N = 24) |          |
| <b>Acompanhou</b> |                           |              | 0.065    |
| Não               | 57 (70%)                  | 12 (50%)     |          |
| Sim               | 24 (30%)                  | 12 (50%)     |          |

<sup>1</sup> n(%)

<sup>2</sup> Teste Qui-quadrado de Pearson

A Tabela 5 apresenta a relação entre ter sofrido abuso sexual e acompanhar casos de violência. Na amostra de 105 participantes, 81 relataram não ter sofrido abuso sexual, enquanto 24 afirmaram ter sido vítimas de abuso. Dentre aqueles que não sofreram, 30% já acompanharam algum caso de violência sexual com seus alunos, enquanto 50% dos que sofreram abuso também tiveram essa experiência. Após a aplicação do teste Qui-

quadrado, obteve-se um valor de  $\chi^2$  igual a 0,065. Esse valor sugere que, na presente amostra, a diferença entre os grupos de participantes que sofreram e os que não sofreram abuso, no que diz respeito ao acompanhamento de casos de violência com seus alunos, não é estatisticamente significativa ao nível convencional de 0,05. Portanto, pode-se concluir que, embora exista uma diferença nas proporções de acompanhamento de casos de violência entre os dois grupos, essa diferença não é forte o suficiente para ser considerada significativa do ponto de vista estatístico.

Desse modo, pode-se supor que a experiência pessoal de ter sofrido abuso sexual pode influenciar de maneira, não estatisticamente significativa, a probabilidade de acompanhar casos de violência envolvendo seus alunos, devido a uma maior sensibilização emocional ou identificação com as vítimas. Essa hipótese sugere que indivíduos com histórico de abuso poderiam estar mais propensos a reconhecer sinais de violência ou a se engajar em situações relacionadas, motivados por suas próprias vivências, mesmo que isso não se traduza em diferença estatística na amostra analisada. Nesse sentido, o tamanho da amostra pode ter limitado o poder do teste estatístico para detectar associações menores, ainda que relevantes em um contexto prático.

**Tabela 6**

*Associação Ter acompanhado casos de abuso X Nível de ensino que leciona.*

| Nível                  | Acompanhou casos de abuso |              | $\chi^2$ |
|------------------------|---------------------------|--------------|----------|
|                        | Não (N = 69) <sup>1</sup> | Sim (N = 36) |          |
| Fundamental II         | 20 (29%)                  | 5 (14%)      | 0.2      |
| Fundamental II e médio | 22 (32%)                  | 11 (30%)     |          |
| Médio                  | 27 (39%)                  | 20 (56%)     |          |

<sup>1</sup> n(%)

<sup>2</sup> Teste Qui-quadrado de Pearson

Na amostra de 105 participantes, conforme demonstrado na Tabela 6, 36 afirmaram já ter acompanhado algum caso de abuso sexual. Desses 36 participantes, 56% lecionam aulas ao Ensino Médio. Após a aplicação do teste Qui-quadrado, obteve-se um

valor de  $\chi^2$  igual a 0,2. Esse valor sugere que, na presente amostra, a associação entre o acompanhamento de casos de abuso sexual e o nível de ensino dos participantes não é estatisticamente significativa. Embora a porcentagem de participantes do Ensino Médio seja relativamente alta entre aqueles que já acompanharam casos de abuso, o valor de  $\chi^2$  indica que essa diferença não é forte o suficiente para ser considerada relevante em termos estatísticos, com um  $\chi^2$  superior ao limite de 0,05 geralmente utilizado para definir significância. Esse dado deve ser analisado com cautela, não podendo ser afirmado que existem mais casos de violência denunciados no Ensino Médio tendo em vista que a maioria dos professores ministra aulas para o Ensino Médio.

No entanto, pode-se supor que os alunos dessa faixa etária, a adolescência, ao serem expostos a discussões mais frequentes no ambiente escolar sobre temas como violência sexual, possam sentir-se mais encorajados a relatar situações de violência vivenciadas. Esse fenômeno pode ser explicado pela maior conscientização proporcionada por essas discussões em sala de aula e na mídia, que tentam promover a desnaturalização da violência, o reconhecimento de seus sinais e a legitimação do relato como parte de uma rede de proteção. Pessoas com mais idade podem ter sido educadas em um contexto sócio-histórico no qual expressões de machismo eram mais frequentes e pouco questionadas, desenvolvendo crenças menos flexíveis acerca dos papéis de gênero e da violência. Influenciando, por exemplo, em percepções sobre a culpabilização da vítima. Além disso, o ambiente educacional pode assumir um papel de confiança e acolhimento para esses jovens, especialmente se os professores e demais profissionais demonstrarem abertura e preparo para lidar com o tema. Assim, o incentivo ao diálogo sobre violência sexual nas escolas permite criar um espaço seguro que facilitaria a revelação e a prevenção de situações de violência (Alves, 2016; Duarte et al., 2022;

Giordani et al., 2017; Hernández de Frutos & Olmo Vicén, 2014; Lirio & Rocha, 2012; Nesello et al., 2014; Petrucci et al., 2016).

### **Considerações Finais**

Considera-se que o presente estudo alcançou o objetivo proposto de analisar as crenças que os professores participantes da pesquisa têm acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes, e ainda caracterizá-los sociodemograficamente relacionando entre si as variáveis pesquisadas como o nível de ensino que o professor leciona, possuir filhos, a experiência com casos desse tipo de violência ou histórico pessoal como vítima de violência sexual.

Com base nesses dados, é possível estimar a relevância científica e social do presente estudo, na medida em que as crenças sociais de professores influenciam seus comportamentos e atitudes com relação ao tema exposto. Principalmente, compreendendo-se o importante papel do professor na rede de apoio e proteção à criança e ao adolescente, na qual a escola é elemento fundamental. Os resultados aqui encontrados demonstraram que a maioria dos professores discorda ou discorda totalmente das crenças que toleram e legitimam a violência contra crianças e adolescentes. Contudo, a frequência da posição neutra em “nem concordo, nem discordo”, especialmente na primeira assertiva, “os abusadores são pessoas que parecem diferentes das pessoas normais”, pode ser preocupante. Como aponta Duarte et al. (2022), o professor desempenha um papel protetivo na comunidade escolar e é frequentemente a pessoa que a criança ou o adolescente procura para relevação espontânea de situações de violência sexual. A presença de crenças inadequadas entre os professores, ou de uma posição de indiferença, pode levar à falta de notificação à direção escolar e à não adoção das medidas indicadas pelo ECA e pela Lei 13.431 que preveem a obrigatoriedade de notificação em casos de suspeita ou relatos de qualquer tipo de violência.

Entre as limitações encontradas nesta pesquisa, destaca-se o tamanho limitado da amostra, o que pode restringir a generalização dos resultados. Outro ponto importante é que normalmente os professores participam de formações sobre o tema e compreendem o que é socialmente esperado do comportamento deles. Assim, observa-se que o estudo foi baseado em autorrelatos dos professores na ECAS, o que pode introduzir um viés de desejabilidade social nos dados coletados.

Sugere-se que futuras pesquisas possam ampliar o número de participantes para proporcionar uma compreensão mais abrangente e identificar padrões mais consistentes e relevantes estatisticamente, além de explorar com maior profundidade o impacto das vivências pessoais e profissionais na percepção dos professores sobre o abuso sexual. Também seria interessante comparar as diferentes regiões brasileiras com o intuito de compreender os fatores socioculturais para assim formular intervenções educativas e políticas públicas que promovam equidade de gênero, reduzindo as situações de vulnerabilidade e violência em contextos marcados pela desigualdade socioeconômica e diversidade cultural.

Entende-se que para a escola e os professores possam cumprir com seu papel protetivo, é preciso que haja conhecimento das situações de risco que crianças e adolescentes podem enfrentar. O conhecimento, além de capacitá-los para as ações que devem ser adotadas, é necessário para que crenças inadequadas possam ser desestabilizadas/modificadas. A formação continuada dirigida não somente aos professores, mas a toda comunidade escolar apresenta-se como ferramenta essencial nesse processo.

## Referências

- Almeida, A. C. E. P. (2003). *Abuso sexual de crianças: Crenças sociais e discursos da psicologia*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho] ProQuest Dissertations & Theses. <https://www.proquest.com/openview/b9d3066e29d7665abf133cc75b144249/1?q-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>
- Almeida, J. B. L. de., & Costa, J. B. (2010). Da naturalização à perpetuação: o papel do cotidiano de nossas crenças sociais no processo de percepção das várias formas da violência contra a mulher. *Revista Amazônica*, 5(2), 158-181. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4028788>
- Alves, M. G. (2016). Viver na escola: indisciplina, violência e bullying como desafio educacional. *Cadernos de Pesquisa*, 46(161), 594-613. <https://www.scielo.br/j/cp/a/SgkrDw4s78cHsZvrBnBk5bp/abstract/?lang=pt>
- Araújo, M. A. (2018). *Crenças acerca da violência conjugal e agressão em estudantes universitários*. [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório da Universidade da Beira Interior, Portugal. [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9691/1/6438\\_13737.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9691/1/6438_13737.pdf)
- Brino, R. F., & Williams, L. C. A. (2003). Capacitação do educador acerca do abuso sexual infantil. *Interação em Psicologia*, 7(2), 1-10. <https://doi.org/10.5380/psi.v7i2.3218>
- Carneiro, L. F. M., & Sousa, J. C. (2024). O impacto da violência sexual no desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes. *JNT Facit Business and Technology Journal*, 57 (1), 244-255. <http://revistas.faculdefacit.edu.br>
- Clementino, A. K. de S., Araújo, A. R. de, Barbosa, T. S., & Miranda, G. A. G. de. (2024). A importância da rede de apoio para a vítima de violência doméstica no âmbito familiar e estatal. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciência e Educação - REASE*, 10 (12), 1758-1773. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i12.17532>
- Das Neves Filho, R., Pessoa, A. S. G., Souza, N. H. C. de, & Sena, B. C. S. (2023). A (des)organização da escola pública e a produção da indisciplina de estudantes do

ensino médio. *Colloquium Humanarum*, 20, 311-330. DOI: 10.5747/ch.2023.v20.h564

- Dias, M. J. A. (2018). *Agressões e crenças acerca da violência nas relações íntimas em contexto universitário*. [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório da Universidade da Beira Interior, Portugal. <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/9334>
- Duarte, T. D. M., Patias, N. D., & Hohendorff, J. V. (2022). Crenças de professores sobre violência sexual contra crianças e adolescentes. *Psico-USF*, 27(4), 635-648. <https://www.scielo.br/j/psuf/a/CB3YjngYnG3PMGKmFjfNwnB/>
- Felizmino, T. O., & Silva, J. P. (2021). Autoindicação do bullying frente as crenças do abuso sexual. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 10(3), 415-428. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.v10i3.4000>
- Ferreira, B. B. (2018). *Crenças sobre violência na relação íntima: relação com sintomatologia depressiva na população universitária*. [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório da Universidade da Beira Interior, Portugal. [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9731/1/6512\\_14335.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9731/1/6512_14335.pdf)
- Giordani, J. P., Seffner, F., & Dell'Aglio, D. D. (2017). Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 21(1), 103-111. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702111092>
- Hernández de Frutos, T., & Del Olmo Vicén, N. (2014), “Factors of risk and protection/resilience in adolescent scholar bullying. Longitudinal analysis”, *Revista Internacional de Sociología* [en línea]. [10.3989/ris.2013.05.07](https://doi.org/10.3989/ris.2013.05.07)
- Hohendorff, J. V., & Patias, N. D. (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, 49. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474>
- Hohendorff, J. V., Nelson-Gardell, D., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2017). An integrative conceptual model for enhanced understanding of the dynamics of sexual violence against children. *Vulnerable children and youth in Brazil: innovative approaches from the psychology of social development*, 77-88. [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-65033-3\\_6](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-65033-3_6)

- Lirio, F. C., & Rocha, G. O. R. D. (2012). A escola como partícipe da rede de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. *Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmica-Científica*, 18(1), 154-167. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021221612>
- Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de crenças sobre violência sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30 (1-2): 177-191. <https://doi.org/10.14417/ap.546>
- Mota, T. M. A. C. (2021). *Crenças e significados da violência nas relações de intimidade em estudantes universitários/as*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto Universidade do Porto, Portugal. <https://hdl.handle.net/10216/137702>
- Moura, J. Q. D., Habigzang, L. F., Matos, M., & Gonçalves, M. (2021). Escala de crenças sobre violência conjugal (ECV): versão brasileira. *Psico-USF*, 26(4), 603-616. <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260401>
- Nesello, F., Sant'Anna, F. L., Santos, H. G. dos, Andrade, S. M., Mesas, A. E., & González, A. D. (2014). Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. *Revista Brasileira Saúde Materno Infantil*, 14 (2), 119-136. <https://doi.org/10.1590/S1519-38292014000200002>
- Nunes, M. C. A., & Morais, N. A. (2021). Práticas profissionais relacionadas às demandas de violência sexual: revisão da literatura nacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003227527>
- Oliveira, L. R. G. de, Câmara, L. & Canavêz, F. (2021). Meninos não choram: estudo sobre um caso de abuso sexual infantil. *Desidades*, 29, 151-167. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S231892822021000100010&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S231892822021000100010&script=sci_arttext)
- Paiva, T. T., Pimental, C. E. & Moura, G. B. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202017000200007](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202017000200007)

- Peixoto, J., Matos, M., & Machado, C. (2013). Violência sexual no namoro: os atletas universitários como grupo de risco? *Psicologia*, 27 (1), 133-156. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i1.245>
- Pereira, A. S. R. (2020). *Abuso sexual no gênero masculino: crenças e mitos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório do Centro Universitário de Lisboa, Portugal. <http://hdl.handle.net/10437/11619>
- Pereira, C. A., Maciel, S. C., Dias, C. C. V., Alexandre, T. M. O., Oliveira, M. X., & Pimentel, C. E. (2019). Validação da escala de crenças sobre abuso sexual (ECAS) no contexto brasileiro. *Psico-USF*, 24 (1), 145-158. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240112>
- Perrin, N., Marsh, M., Clough, A., Desgropes, A., Phanel, C. Y., Abdi, A., Kaburu, F., Heitmann, S., Yamashina, M., Ross, B. Read-Hamilton, S., Heise, R. L., & Glass, N. (2019). Social norms and beliefs about gender based violence scale: a measure for use with gender based violence prevention programs in low-resource and humanitarian settings. *Conflict and Health*. 1-12. <https://doi.org/10.1186/s13031-019-0189-x>
- Petrucci, G. W., Borsa, J. C., & Koller, S. H. (2016). A Família e a Escola no Desenvolvimento Socioemocional na Infância. *Temas em Psicologia*, 24 (2), 391-402. <https://doi.org/10.9788/TP2016.2-01Pt>
- Reis, D. C., & Cavalcante, L. I. C. (2019). Avaliação de distorção cognitiva de autores de agressão sexual de crianças e adolescentes (AASCAS): Revisão sistemática da literatura. *Revista da SPAGESP*, 20(2), 99-116. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702019000200008](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000200008)
- Ribeiro, A., & Soeiro, C. (2011). Crenças sobre o abuso sexual em profissionais de educação. VI Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Psicologia da Justiça. ISBN.989-97581-
- Secretaria Nacional de Direitos Humanos. (2024). Disque 100: Serviço de denúncia de violação de direitos humanos. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/acao-informacao/dados-abertos/disque100>

- Silveira, S. L. S., Patias, N. D., & Hohendorff, J. V. (2022). Beliefs of psychology undergraduate students about sexual violence against children and adolescents. *Trends in Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s43076-022-00226-y>
- Sordi, B. A. (2022). *Grupos de estudos feministas em espaços universitários e as insurgentes tessituras na descolonização da psicologia*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará].
- Sousa, S. A. F. de. (2021). *Psicopatologia, crenças sobre violência sexual e dificuldades de regulação emocional em indivíduos sexualmente agressivos: Estudo comparativo entre estudantes universitários dos gêneros masculino e feminino*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal. <http://hdl.handle.net/10437/12665>
- Vagliati, A. C. (2020). *Representações sociais de docentes sobre violência sexual contra meninas: uma experiência com círculos dialógicos*. [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Maringá]. Plataforma Sucupira. [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=8970507](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8970507)
- Ventura, M. C. A. A., Frederico-Ferreira, M. M., & Magalhães, M. J. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino médio. *Revista de Enfermagem Referência*, 3 (11), 95-103. <http://dx.doi.org/10.12707/RIII12120>

## **ESTUDO 2 - Imagens sociais atribuídas pelos professores da educação básica às crianças e aos adolescentes vítimas de abuso sexual e aos autores dessa forma de violência.**

Conceitualmente, assume-se que uma imagem social reflete a maneira como indivíduos ou grupos são classificados a partir da construção de crenças sobre eles ou sobre as razões de seu comportamento (Patias et al., 2017). O comportamento e as interações sociais passam a ser influenciados por essas imagens de modo a confirmá-las. Ou seja, elas se relacionam com as expectativas em relação a esse grupo e seus membros. Essas imagens podem se apresentar em três dimensões: a dimensão cognitiva que está relacionada às informações recebidas e compartilhadas sobre um grupo, formando os estereótipos; a dimensão afetiva que inclui as emoções intergrupais e a dimensão avaliativa que é a valorização associada aos grupos. Em resumo, uma dimensão pode prevalecer sobre as outras a depender do grupo (Domingues, 2013; Patias et al., 2017; Praia et al., 2024).

Essa diferenciação social produz “etiquetas” que dizem respeito a diferentes aspectos associados ao grupo estigmatizado, tais como os estereótipos (aspectos cognitivos), o preconceito (aspectos emocionais) e a discriminação (aspectos comportamentais). Esses estigmas podem causar impacto negativo na construção da identidade do indivíduo com consequências em seu ajustamento e interação social, pois, a internalização deles pode gerar sentimentos de desvalorização pessoal e de inferioridade (Domingues, 2013; Patias et al., 2017; Wendt et al., 2018). Assim, compreende-se que a violência estrutural atinge os adolescentes intensifica suas vulnerabilidades sociais e relacionais e, conseqüentemente, os expõem a diversos fatores de risco para o seu desenvolvimento (Calabar et al., 2021).

Observa-se que, ao longo do tempo, a imagem social da criança e da infância passou por mudanças, o que teve implicações na construção da agenda dos seus direitos fundamentais, nas políticas públicas e na forma como a mídia se apresenta no debate público a respeito do tema. A partir do século XVIII, aconteceram inúmeras transformações no trato às crianças e na imagem social que se tem delas. A imagem de que a criança era um “adulto em miniatura” deu lugar para um “ser em desenvolvimento” que precisa de cuidados e proteção e, a partir disso, com a delimitação de espaços e ações desta na sociedade, ela passa a ficar longe de assuntos considerados imorais como o sexo. O silenciamento de temas sexuais se dá para alimentar a imagem da criança como ser frágil e indefeso. Assim, com relação a temática do abuso sexual infantil, prevalece a imagem da “criança em perigo”, construída a partir de conceitos como dependência dos adultos, vulnerabilidade e inocência (Moraes, 2017).

Apesar dessa mudança, entende-se que as imagens sociais não são facilmente desfeitas, perdurando no tempo. As pesquisas de Patias et al. (2017), Cruz (2019) e Praia (2021) demonstram que mesmo que atualmente possa ser observado um contexto social, histórico e cultural modificado após a elaboração do ECA (Lei n. 8069, 1990) e de novas legislações relativas à criança e ao adolescente, a imagem social do jovem em acolhimento continua atrelada às características negativas e pejorativas que foram construídas ao longo da história com eles sendo considerados pela sociedade indivíduos problemáticos, com distúrbios de toda natureza e incapazes de ter um desenvolvimento saudável. Desse modo, observa-se a consolidação de ideias explícitas e implícitas sobre a infância e a adolescência na história ocidental, condicionando a uma perspectiva cristalizada sobre essa categoria e, conseqüentemente, influenciando a forma de agir e de pensar diante desses sujeitos (Praia et al., 2024).

De acordo com a teoria bioecológica proposta por Urie Bronfenbrenner (2011), é no macrosistema que estão as crenças e os estigmas sociais, significando que esses elementos atravessam até as relações presentes no microsistema. No estudo de Zappe et al. (2016), as autoras ressaltam que, apesar das inovações introduzidas na política de atendimento ao público infanto-juvenil que buscam romper com a cultura da institucionalização, ainda é necessário promover a ruptura e a reeducação do imaginário social para reconstrução de novas imagens sociais. Isso sugere a construção e implementação de programas de intervenção com o objetivo de provocar reflexões capazes de alterar mentalidades e práticas de ação e encaminhamentos, especialmente entre profissionais responsáveis por criar, manter ou executar as ações de proteção ao público infanto-juvenil.

A preocupação com o tema se mostra relevante quando se observa que essas imagens sociais negativas parecem ainda influenciar a forma como educadores percebem as crianças e os adolescentes e isso irá influenciar nas suas práticas profissionais. As imagens sociais negativas podem levar os profissionais a não acreditarem no potencial do jovem ou na capacidade de suas famílias. Ou seja, essas imagens permanecem as mesmas ou são pouco modificadas devido ao forte marco histórico. Conclui-se, assim, que as imagens sociais são resistentes a mudanças e acabam se tornando uma realidade social, gerando dinâmicas que limitam quaisquer possibilidades para indivíduos que estejam fora da lógica pressuposta. Considera-se que modificar as crenças e imagens sociais que a sociedade tem sobre as crianças e os jovens institucionalizados é tarefa fundamental (Patias et al., 2017; Praia et al., 2024; Wendt, et al., 2018).

Essa tarefa precisa ser assumida pela família, pela sociedade e o Estado. Nesse sentido a escola mostra-se privilegiada enquanto espaço de aprendizagem, troca de conhecimentos, habilidades, repasse de valores sociais, formação de hábitos, possuindo

um papel fundamental na formação das crianças e dos adolescentes, bem como na construção de imagens sociais a eles atribuídas. A escola é definida como um ambiente de socialização, um microssistema na ecologia do desenvolvimento de crianças e adolescentes, onde eles estabelecem relações sociais face a face, principalmente os diádicos. No ambiente escolar, as relações que as crianças e os adolescentes estabelecem no contexto microssistêmico impulsionam o desenvolvimento humano. Destarte, entende-se que, após o microssistema familiar, o ambiente escolar é o que proporciona maior convívio social para eles. Nele, a educação se apresenta como um ambiente de formação da pessoa em desenvolvimento e sua sociabilidade (Alves, 2016; Campos & Urnau, 2021; Giordani et al., 2017; Hernández de Frutos & Olmo Vicén, 2014; Nesello et al., 2014; Petrucci et al., 2016; Piske et al., 2019; Santana et al., 2024).

Por entender a escola como esse espaço privilegiado para o desenvolvimento de estratégias de convivência, a pesquisa de Correr et al. (2017) buscou caracterizar a concepção dos professores sobre crianças matriculadas em escolas regulares de Ensino Fundamental e que estavam em acolhimento institucional. Para isso, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratória, com a técnica de entrevista semidirigida com duração de 40 minutos, com oito professoras do Ensino Fundamental do interior de São Paulo que tinham em sua sala crianças na condição referida. Como resultado, obteve-se que as professoras acabaram por refletir processos de culpabilização das crianças e uma dificuldade em desenvolver atividades pedagógicas que considerassem a pluralidade das crianças em desenvolvimento, apresentando práticas enrijecidas por preconceitos que excluem e estigmatizam os estudantes que vivenciam o acolhimento institucional.

Dados presentes na literatura (Cruz et al., 2024; Patias et al., 2016; Patias et al., 2017; Wendt et al., 2018) argumentam que estereótipos são imagens sociais negativas associadas a um determinado grupo social e que trazem consequências para o grupo

estigmatizado, pois os demais indivíduos terão seus comportamentos influenciados por essas imagens. O estudo de Patias et al. (2016) investigou as imagens sobre famílias com filhos em acolhimento institucional e encontraram que as imagens sociais negativas sobre as famílias em situação socioeconômica desfavorável seguem um modelo que aponta a pobreza como causa de todos os problemas familiares, contrapondo-se às imagens das famílias de classe média, nas quais não haveria conflitos ou esses seriam em menor grau.

Com o objetivo de analisar as imagens sociais atribuídas a adolescentes institucionalizados e instituições de acolhimento por profissionais da educação, Praia (2021) utilizou um questionário aberto em versão *online* com 81 profissionais da educação com idades entre 24 e 55 anos, atuando em escolas da região metropolitana de Belém e outros municípios. Os resultados encontrados apontaram que com relação ao adolescente em acolhimento, as imagens, predominantemente, tinham uma valência negativa (triste, carente, revoltado, abandonado). Quanto às instituições de acolhimento para adolescentes, as valências foram positivas (acolhedora, estruturada, segura). O estudo concluiu a necessidade de se estreitar a relação mesossistêmica entre a escola e a instituição de acolhimento para que se torne possível o desenvolvimento de ações eficientes na desconstrução de imagens sociais negativas acerca de adolescentes em acolhimento institucional.

O estudo de Cruz et al. (2024) teve o objetivo de analisar as imagens sociais atribuídas ao adolescente em acolhimento institucional, a partir da perspectiva de educadores e adolescentes acolhidos. Participaram da pesquisa, cinco adolescentes em acolhimento institucional, ambos os sexos, na faixa etária de 12 a 16 anos e cinco educadores, também de ambos os sexos, na faixa etária de 60 anos. Para isso, os pesquisadores utilizaram um roteiro de entrevista semiestruturada. Os resultados indicaram que as imagens sociais emergiram do relato dos educadores que atribuíram a

culpabilização da família, vista como contexto de risco. Já as imagens que emergiram dos relatos dos adolescentes foram positivas. Os resultados destacaram a importância da qualificação dos profissionais, especialmente os educadores, que desempenham um papel fundamental no processo de reintegração dos acolhidos.

A partir do exposto, compreende-se que as imagens sociais atribuídas a grupos e indivíduos são elaboradas e compartilhadas historicamente pela sociedade, sendo resultado das condições em que surgiram e circularam em um contexto social (Domingues, 2013). Portanto, mostra-se relevante compreender a produção e reprodução das imagens sociais sobre os autores e as vítimas de violência sexual a partir das relações de convivência, principalmente no microsistema escolar, na díade professor-aluno, tendo em vista que as imagens sociais estão presentes nas relações interpessoais estabelecidas.

Desse modo, é importante gerar conhecimento sobre o estabelecimento e manutenção de imagens sociais e como isso pode vir a favorecer ou limitar o desenvolvimento de crianças e dos jovens, ampliando as possibilidades de prevenção da violência e a qualificando a formação dos seus educadores, seja na escola ou em outros ambientes.

## **Objetivos**

### **Objetivo Geral**

- Analisar as imagens sociais atribuídas pelos professores da educação básica às crianças e aos adolescentes vítimas de abuso sexual, bem como aos autores dessa forma de violência.

## **Objetivos Específicos**

- Caracterizar sociodemograficamente o grupo de professores participantes;
- Identificar as imagens sociais atribuídas às crianças e aos adolescentes vítimas de abuso sexual e aos autores dessa forma de violência;
- Analisar os principais termos atribuídos pelos participantes às categorias “autor de abuso sexual”, “criança vítimas de abuso sexual”, “adolescente vítima de abuso sexual”, considerando a frequência, a ordem de evocação e as conexões entre as palavras identificadas.

## **Método**

### **Delineamento da pesquisa**

Trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem quantitativa dos dados e com delineamento transversal.

### **Procedimentos éticos**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de natureza exploratório-descritiva, com abordagem quanti-qualitativa dos dados. Com relação às considerações éticas, esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), sob o Parecer nº 5.611.972 (Anexo B).

### **Contexto da Pesquisa**

A presente pesquisa aconteceu simultaneamente em quatro escolas públicas estaduais localizadas na cidade de Belém, escolhidas por conveniência, integrantes de uma Unidade Seduc na Escola, atualmente denominada Diretoria Regional de Ensino (DRE), que compõe a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC/PA). A coleta de dados aconteceu entre os meses de fevereiro, março e abril de 2023.

Para a realização da coleta, foi solicitada à direção das escolas uma reunião com os professores com o intuito de explicar o objetivo da pesquisa e suas etapas. Na reunião, os professores foram convidados a participar. Em todas as escolas foi necessário voltar em mais de um momento, a fim de alcançar os professores ausentes na reunião e assim obter o maior número de participantes possível e tentar constituir uma amostra significativa.

### **Participantes**

O estudo contou com uma amostra por conveniência, não probabilística, composta por 105 participantes, de ambos os sexos, maiores de 18 anos, todos atuando como professores no momento da coleta de dados em uma das quatro escolas públicas estaduais que aceitaram participar da pesquisa. As quatro escolas totalizavam, juntas, no ano de 2023, 123 professores. Assim, os 105 professores participaram do Estudo 1 e Estudo 2 desta pesquisa, e correspondem a 85% do total de professores das quatro escolas. Para seleção, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: ser maior de 18 anos, estar atuando como professor em uma das quatro escolas selecionadas e aceitar voluntariamente participar da pesquisa. Os critérios de exclusão foram: estar afastado do trabalho, não aceitar participar da pesquisa.

Os professores que aceitaram participar receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) e os instrumentos: 1. Formulário de Caracterização Sociodemográfico - FCS (Apêndice B), 2. Questionário de Imagens Sociais - QIS (Apêndice C). Todos foram impressos, sendo lidos e preenchidos pelo próprio participante que os devolveu para as voluntárias da pesquisa.

## **Instrumentos**

Os instrumentos utilizados foram: 1. Formulário de Caracterização Sociodemográfico - FCS (Apêndice B) e 2. Questionário de Imagens Sociais - QIS (Apêndice C).

### ***1. Formulário de Caracterização Sociodemográfico - FCS (Apêndice B)***

Elaborado pela autora, com o objetivo de descrever as características da amostra realizando um levantamento sociodemográfico, o instrumento é composto por 15 itens, entre eles, idade, sexo, orientação sexual, cor/etnia, religião, estado civil, presença de filhos ou não, local de nascimento, local de moradia, nível de ensino que leciona, tempo de experiência, experiência prévia com casos de abuso sexual, vivência de abuso sexual.

### ***2. Questionário de Imagens Sociais - QIS (Apêndice C)***

O segundo instrumento trata-se de um questionário aberto adaptado com base no utilizado por Praia (2021) em sua dissertação de mestrado, o referido instrumento foi elaborado por Zappe et al. (2016). Na referida dissertação, o instrumento foi utilizado para investigar as imagens sociais atribuídas a instituições de acolhimento e os adolescentes institucionalizados por profissionais de educação. Na presente tese, o instrumento foi adaptado para que os educadores participantes pensassem e, em seguida, atribuissem cinco características aos seguintes grupos: 1. Criança vítima de abuso sexual; 2. Adolescente vítima de abuso sexual e 3. Autor de agressão sexual.

## **Análise de dados**

As características elencadas pelos participantes no QIS foram processadas pelo software IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), utilizado como ferramenta auxiliar no processo de codificação de elementos textuais levantados por meio da coleta de dados. Desse modo, foi possível

realizar o processamento de dados para análise de frequência, prototípica e de similitude. Na qual pode-se identificar a estrutura imagética a partir dos critérios de frequência e ordem de evocação das palavras provenientes da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP).

A análise prototípica foi aplicada sobre os dados obtidos na forma de palavras ou expressões evocadas pelos participantes ao lerem o termo indutor. No presente estudo os termos utilizados foram: “criança vítima de abuso sexual”; “adolescente vítima de abuso sexual”; “autor de agressão sexual contra crianças e adolescentes”. A análise prototípica se baseia no princípio de que quanto antes uma pessoa se lembra de uma palavra, maior é a representatividade desta num grupo de pessoas com perfis semelhantes, enquanto o grafo de similitude permite identificar as ocorrências entre as palavras, demonstrando a conexão entre elas, constituindo um panorama de como se apresenta o conteúdo.

### **Resultados e discussão**

A análise do presente estudo foi realizada a partir das respostas de 105 professores atuantes na educação básica no município de Belém, com 100% deles vivendo na zona urbana, sendo 53% mulheres e 47% homens, tendo a maioria idades entre 41 e 50 anos representando 43%. Dentre os participantes, 54% declararam-se pardos, 27% brancos e 19% pretos ou negros. Com relação à escolaridade, 15% têm graduação em nível superior e 85% possuem pós-graduação. Todos os participantes atuam na rede estadual de ensino do estado do Pará sendo vinculados à mesma DRE que está vinculada à SEDUC-PA. Quanto ao nível de ensino no qual lecionam, 24% atuam apenas no Ensino Fundamental II, 45% somente no ensino médio e 31% no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Sobre o tempo de atuação, a maioria atua como professor entre 21 e 25 anos, representando 30%; 22% entre 16 e 20 anos e 17% têm entre 11 e 15 anos de atuação. Com relação às

situações de abuso sexual, 77% declararam nunca ter sofrido e 23% declararam já ter sofrido algum tipo de abuso sexual. Quanto à já ter acompanhado algum caso de abuso sexual, 66% relataram nunca ter acompanhado, enquanto 34% relataram já ter acompanhado algum caso de abuso sexual na escola.

Os participantes acima descritos forneceram cinco respostas de evocação aos estímulos “Criança vítima de abuso sexual”, “Adolescente vítima de abuso sexual” e “Autor de agressão sexual contra crianças e adolescentes” que serão exploradas a seguir.

### **Imagens sociais de crianças vítimas de abuso sexual atribuídas por professores.**

A análise prototípica baseia-se no princípio de que o quanto antes uma pessoa se lembra de uma palavra, maior é a representatividade dessa palavra num grupo formado por pessoas com perfil semelhante. Assim, a presente análise foi realizada a partir do banco de dados relacionado ao estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual”. A média geral da frequência obtida foi de 7,44 (frequência média das evocações) e a frequência mínima considerada para inclusão das palavras nos quadrantes foi igual a 2. Com relação a determinação do ponto de corte para as coordenadas dos quadrantes, foi empregado o critério da mediana nas ordens de evocação. Como cada participante apresentou cinco respostas, o valor do ponto de corte ficou estabelecido em 2,96.

Os resultados da análise prototípica mostram que o primeiro quadrante (quadrante superior esquerdo) apresenta palavras com alta frequência (frequência maior que a média das outras palavras) e baixa ordem de evocação (palavras que foram prontamente evocadas pelos participantes). Assim, elas seriam prováveis indicadoras do núcleo central da imagem social que os professores têm das crianças vítimas de abuso sexual. Desse modo, as duas palavras que provavelmente se referem a elementos centrais da imagem

social são ‘triste’ e ‘medrosa’, ambas com alta frequência, 45 e 37, respectivamente, e ordens médias de evocação inferiores a 2,96.

**Tabela 7**

*Análise prototípica referente ao estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 105)*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 2,96 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,96 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 7,44           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Triste                               |                        | 45         | 2,8 | Agressiva                            | 30         | 3,9 |
| Medrosa                              |                        | 37         | 2,8 | Isolada                              | 25         | 3,2 |
| Calada                               |                        | 23         | 2,8 | Antissocial                          | 16         | 3,6 |
|                                      |                        |            |     | Insegura                             | 14         | 3,1 |
|                                      | <b>Freq. &lt; 7,44</b> |            |     |                                      |            |     |
| Traumatizada                         |                        | 7          | 2,4 | Dispersa                             | 7          | 4   |
| Assustada                            |                        | 5          | 2,4 | Arredia                              | 7          | 3   |
| Indefesa                             |                        | 4          | 1   | Apática                              | 6          | 4,2 |
| Desamparada                          |                        | 4          | 2,8 | Nervosa                              | 6          | 3,7 |
| Quieta                               |                        | 4          | 2   | Sofrida                              | 6          | 3,8 |
| Vulnerável                           |                        | 3          | 1   | Deprimida                            | 5          | 3,6 |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

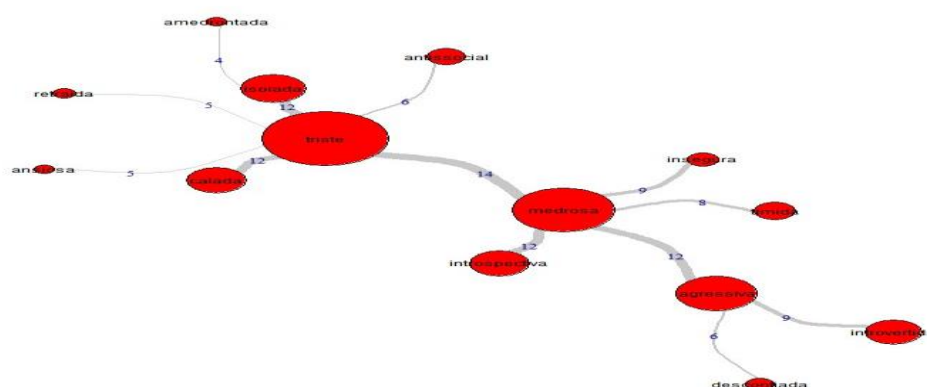
As evocações que compõem o quadrante superior esquerdo (Tabela 7) sugerem que o conhecimento compartilhado pelos professores participantes se caracteriza por conceber que crianças vítimas de abuso sexual são ‘tristes’ e ‘medrosas’. Compreende-se que essas palavras estão relacionadas com a imagem social de que a criança é uma vítima por conta da violência sofrida. Os resultados confirmam o apontado por Moraes (2017) ao destacar que o silenciamento de temas sexuais alimenta a imagem da criança como um ser frágil e indefeso e, especificamente, sobre o tema do abuso sexual apresenta-se a imagem da “criança em perigo”, uma imagem integralizada por conceitos de dependência de adultos, vulnerabilidade e inocência.

Na primeira periferia (quadrante superior direito) estão presentes as palavras com alta frequência, porém uma ordem média de evocação maior, ou seja, palavras que não foram tão prontamente evocadas. Nele estão presentes as palavras ‘agressiva’, ‘isolada’ e ‘antissocial’, com as maiores frequências e altas ordem de evocação, conforme apresentado na Tabela 7. Na segunda periferia, quadrante inferior direito, encontram-se as palavras com baixa frequência que foram evocadas por poucos participantes, e maior ordem de evocação, ou seja, não foram prontamente lembradas, sendo elas: ‘dispersa’,

‘arredia’, ‘apática’, ‘nervosa’, ‘sofrida’ e ‘deprimida’. Na zona de contraste (quadrante inferior esquerdo), encontram-se as palavras com frequência abaixo da média, porém que foram prontamente evocadas. Os elementos da zona de contraste foram ‘traumatizada’, ‘assustada’, ‘indefesa’, ‘desamparada’, ‘quieta’ e ‘vulnerável’, que corroboram com a imagem da “criança em perigo”.

No grafo de similitude é possível observar a conexão entre as palavras evocadas através das arestas que ligam os nós correspondentes. Na Figura 1, pode-se destacar a relação entre as palavras ‘triste’, ‘calada’ e ‘isolada’, evidenciada pela proximidade e pelo número de conexões entre elas, sugerindo que são frequentemente evocadas em conjunto. De modo similar, pode-se observar que o termo ‘medrosa’ está vinculado com ‘introspectiva’ e ‘agressiva’, o termo ‘agressiva’ pode representar uma referência a possíveis comportamentos da criança observados pelos professores, estando vinculado à ‘introvertida’ e ‘desconfiada’.

Figura 1: Grafo de similitude “criança vítima de abuso sexual”.



### **Imagens sociais de adolescentes vítimas de abuso sexual atribuídas por professores.**

Neste item, foram analisados os resultados referentes às imagens sociais dos adolescentes vítimas de abuso sexual atribuídas por professores. A média geral de frequência foi de 6,21 (frequência média das evocações). A frequência mínima

considerada para inclusão das palavras nos quadrantes foi de 2. Quanto às determinações de ponto de corte para as coordenadas dos quadrantes, empregou-se o critério da mediana nas ordens de evocação. Sendo assim, como havia cinco respostas por participante, o valor do ponto de corte foi de 3,01 (critério do ponto de corte da ordem de evocação). A seguir os termos evocados pelos professores estão descritos em uma tabela para melhor visualização e interpretação das informações coletadas, a partir da análise prototípica processada pelo software IRaMuTeQ.

Os resultados da análise prototípica (Tabela 8) demonstram que o quadrante superior esquerdo apresenta as palavras com alta frequência e baixa ordem de evocação. Sendo prováveis indicadoras do núcleo central da imagem social que os participantes têm. Assim, a palavra ‘agressivo’ destaca-se pela alta frequência (31), seguida por ‘inseguro’ com 13 de frequência, provavelmente os dois termos se referem a elementos centrais da imagem social sobre os adolescentes vítimas de abuso sexual, de acordo com os professores participantes da pesquisa. Nestes resultados apresentados, já é possível identificar características diferentes entre os termos evocados associados às crianças vítimas de abuso sexual e aos adolescentes. Pois, ainda que o adolescente esteja no lugar de vítima de abuso sexual, foi atribuída a ele uma imagem social negativa carregada com teor de agressividade.

**Tabela 8**

*Análise prototípica referente ao estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 105)*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 3,01 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 3,01 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 6,21           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Agressivo                            |                        | 31         | 2,7 | Triste                               | 33         | 3,7 |
| Inseguro                             |                        | 13         | 2,4 | Antissocial                          | 21         | 3,6 |
| Calada                               |                        | 12         | 2,7 | Disperso                             | 8          | 3,9 |
|                                      |                        |            |     | Introvertida                         | 8          | 4,2 |
|                                      | <b>Freq. &lt; 6,21</b> |            |     |                                      |            |     |
| Sensível                             |                        | 6          | 3   | Ansiosa                              | 6          | 3,7 |
| Revoltada                            |                        | 5          | 1,6 | Desconfiada                          | 6          | 3,7 |
| Rebelde                              |                        | 5          | 2,8 | Arredio                              | 6          | 3,3 |
| Retraída                             |                        | 5          | 2,8 | Nervoso                              | 4          | 3,5 |
| Tímido                               |                        | 5          | 3   | Raivoso                              | 3          | 3,3 |
|                                      |                        |            |     | Desamparado                          | 3          | 4,7 |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

No quadrante superior direito, primeira zona periférica, destacam-se as palavras ‘triste’ e ‘antissocial’, ambas com alta frequência, 33 e 21, respectivamente, e alta ordem de evocação também, ou seja, não foram prontamente evocadas. Na segunda periferia, as palavras com baixa frequência e alta ordem de evocação, ressalta-se ‘ansiosa’ e ‘desconfiada’ com a mesma frequência e ordem de evocação (6 de frequência e 3.7 ordem de evocação). Nos elementos de contraste encontram-se palavras pouco frequentes, porém prontamente evocadas. As evocações apresentadas pelos professores participantes deste estudo foram ‘sensível’, porém também foram apresentadas, ‘revoltada’, ‘rebelde’, ‘retraída’ e ‘tímido’, conforme descrito na Tabela 8.

Esses dados mostram que os participantes (professores) associaram diversas características aos adolescentes vítimas de abuso sexual, com a prevalência de emoções negativas e estados psicológicos, como ‘triste’, ‘ansiosa’ e ‘desamparado’, e outras referentes a comportamentos, como ‘agressivo’, ‘inseguro’ e ‘antissocial’.

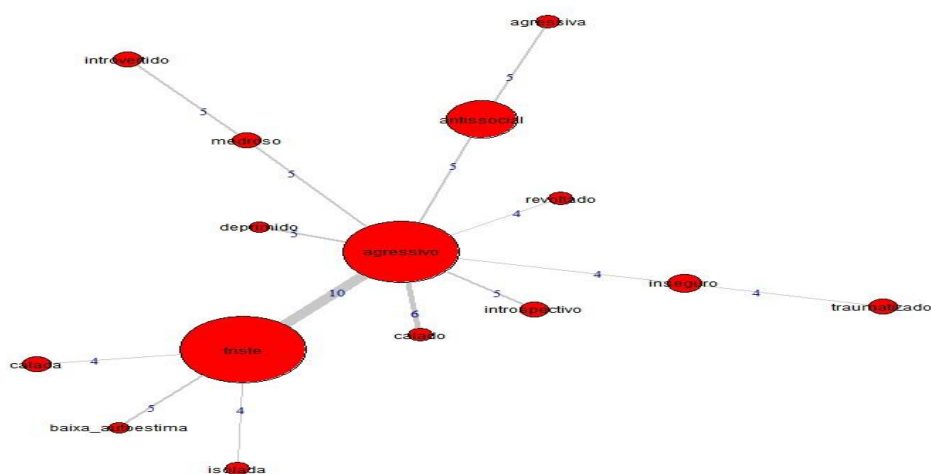
A Tabela 8 reúne dados que corroboram com a imagem social da adolescência historicamente associada aos adolescentes institucionalizados, como demonstrado por Cruz (2019). Em seu estudo a autora aponta que essas imagens se desenvolvem a partir de estereótipos construídos pela sociedade ao longo do tempo e que podem trazer consequências negativas para o desenvolvimento do adolescente, na medida em que reforçam valores depreciativos, reforçando o estigma e a discriminação.

Nesse sentido, compreende-se que a imagem social do adolescente vítima de abuso sexual assemelha-se à imagem do adolescente institucionalizado, como apresentado em pesquisas anteriormente realizadas no Brasil (Cruz, 2019; Domingues, 2013; Patias et al., 2016; Praia, 2021; Wendt et al., 2018; Zappe, et al., 2016). Essas investigações confirmam que atributos negativos são predominantemente atribuídos a esses indivíduos, demonstrando que estar em situação de acolhimento traz consigo

estigmas sociais, como o de ser ‘agressivo’, encontrado no núcleo central deste estudo e outros termos depreciativos presentes nos demais quadrantes.

Compreende-se que as imagens sociais se constituem em conjuntos de saberes associados a uma realidade que condiciona crianças e adolescentes a experiências e perspectivas cristalizadas. Todo esse conjunto de crenças e imagens sociais, a partir do momento em que é compartilhado socialmente, influencia a forma de agir e pensar diante destes indivíduos. Ou seja, apoiando-se na perspectiva de Bronfenbrenner (2011), as imagens sociais presentes no macrosistema influenciam até as relações presentes no microsistema, como por exemplo, a relação professor-aluno. E assim, a imagem que o professor atribui ao seu aluno(a) adolescente vítima de abuso sexual influencia diretamente em suas relações, podendo favorecer ou não o desenvolvimento humano, fortalecendo a rede de apoio e tornando a escola um espaço de prevenção e combate à violência ou um reprodutor de violência e desigualdades.

Figura 2: Grafo de similitude “adolescente vítima de abuso sexual”.



O grafo de similitude demonstra visualmente as relações entre os termos evocados, com centralidade para o termo ‘agressivo’, seguido da palavra ‘triste’, também com alta frequência.

### **Imagens sociais de autores de abuso sexual contra crianças e adolescentes atribuídas por professores.**

Neste terceiro item, foram analisados os resultados referentes às imagens sociais dos autores de abuso sexual contra crianças e adolescentes atribuídas por professores. A média geral de frequência foi de 4,84 (frequência média das evocações). A frequência mínima considerada para inclusão das palavras nos quadrantes foi de 2. Quanto às determinações de ponto de corte para as coordenadas dos quadrantes, empregou-se o critério da mediana nas ordens de evocação. Sendo assim, como havia cinco respostas por participante, o valor do ponto de corte foi de 2,99 (critério do ponto de corte da ordem de evocação).

**Tabela 9**

*Análise prototípica referente ao estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 105)*

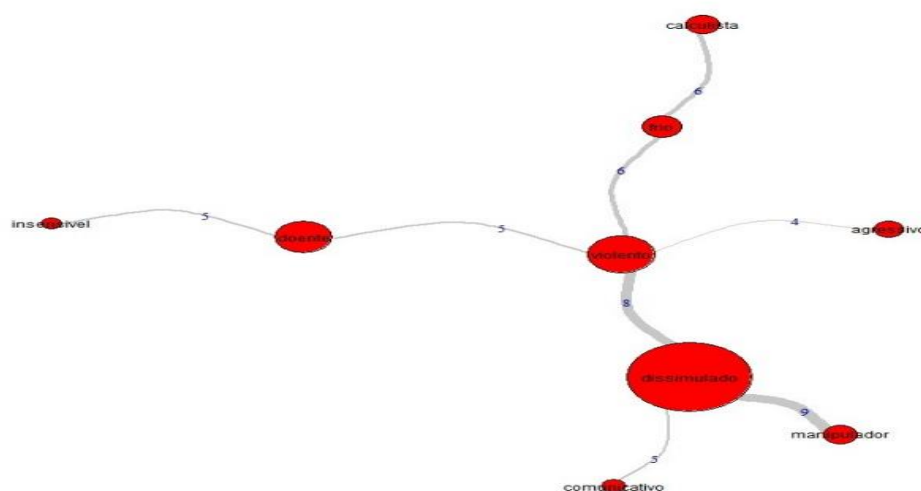
| <b>Ordem Média de Evocação (OME) &lt; 2,99</b> |                        |                   |            | <b>Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,99</b> |                   |            |
|--|------------------------|-------------------|------------|---|-------------------|------------|
| <b>Palavra</b>                                 | <b>Freq. ≥ 4,84</b>    | <b>Frequência</b> | <b>OME</b> | <b>Palavra</b>                              | <b>Frequência</b> | <b>OME</b> |
| Dissimulado                                    |                        | 33                | 2,5        | Calculista                                  | 14                | 4,4        |
| Violento                                       |                        | 21                | 2,9        | Agressivo                                   | 13                | 3,1        |
| Doente   |                        | 19                | 2,2        | Insensível                                  | 11                | 3,3        |
|  |                        |                   |            | Antissocial                                 | 9                 | 3,3        |
|  | <b>Freq. &lt; 4,84</b> |                   |            | Perverso                                    | 4                 | 3          |
| Tarado   |                        | 4                 | 2,8        | Monstro                                     | 4                 | 3          |
| Sociopata                                      |                        | 4                 | 1,8        | Confiável                                   | 4                 | 3,8        |
| Cruel  |                        | 4                 | 2,5        | Mentiroso                                   | 4                 | 3,5        |
| Normal   |                        | 4                 | 1,8        | Egocêntrico                                 | 4                 | 3,2        |
| Atraente                                       |                        | 4                 | 2,2        | Descontrolado                               | 4                 | 3,8        |
| Envolvente                                     |                        | 3                 | 2,3        | Amável                                      | 4                 | 3          |
|  |                        |                   |            | Desumano                                    | 4                 | 3,5        |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

O quadrante superior esquerdo apresenta as palavras com alta frequência e baixa ordem de evocação. Sendo, provavelmente, indicadoras do núcleo central da imagem social de professores acerca de autores de abuso sexual contra crianças e adolescentes.

Desse modo, as duas palavras ‘dissimulado’ e ‘violento’, são provavelmente os elementos centrais dessa imagem social, conforme Tabela 9. Na primeira zona periférica, quadrante superior direito, destacam-se ‘calculista’ e ‘agressivo’. Enquanto na segunda periferia, quadrante inferior direito, destacam-se com a mesma frequência (4) as seguintes palavras: ‘perverso’, ‘monstro’, ‘confiável’, ‘mentiroso’, ‘egocêntrico’, ‘descontrolado’, ‘amável’ e ‘desumano’. É possível identificar que a maioria das palavras possuem valência negativa, porém duas possuem valência positiva, sendo elas: ‘confiável’ e ‘amável’, no entanto, observa-se que apesar da valência positiva, esses termos estão sendo usados de forma associada a imagem de ‘dissimulado’ expressa no núcleo central. No grafo de similitude, o termo ‘dissimulado’ ganha grande destaque, conectado a ‘violento’ e ‘manipulador’ com maiores frequências.

Figura 3: Grafo de similitude “autor de abuso sexual”



Na zona de contraste, destaca-se a palavra ‘normal’ com baixa frequência, mas com baixa ordem de evocação, ou seja, foi mais prontamente evocada pelos professores participantes da pesquisa. A imagem de que o autor de abuso sexual contra criança e adolescente é um indivíduo normal contrapõe-se com a imagem de um indivíduo ‘doente’

expressa no primeiro quadrante. A imagem de um indivíduo ‘normal’ demonstra sinais de mudança na imagem social que é bastante necessária para auxiliar na construção de políticas públicas mais eficazes na prevenção e no combate ao abuso sexual contra crianças e adolescentes (Andrade et al., 2018; Piske et al., 2019).

Desse modo, a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (2011), a análise das imagens sociais atribuídas a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual e aos autores de agressão sexual pode ser compreendida entre os níveis microssistema e macrossistema, considerando os impactos e as dinâmicas nos diferentes contextos em que esses indivíduos estão inseridos. Compreende-se que as imagens sociais são representações coletivas que atribuem significado e valores a grupos e indivíduos, frequentemente carregadas de estigmas, estereótipos e preconceitos. Compreendendo que o macrossistema representa o conjunto de crenças, valores, normas culturais e sociais que influenciam os outros sistemas, quais sejam, exossistema, mesossistema e microssistema. Assim, as imagens sociais são construídas e reproduzidas nesse nível atravessando e influenciando as relações diádicas no microssistema escolar (Campos & Urnau, 2021; Cruz et al., 2024; Cruz et al., 2018; Domingues, 2013; Patias et al., 2017; Piske et al., 2019; Praia et al., 2024).

Quando atribuídas a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, essas imagens podem ser associadas a ideias de fragilidade, culpa, dependência ou até marginalização. Entendendo que o microssistema é composto pelas interações diretas que a criança ou adolescente vivenciam como, por exemplo, a escola, onde a ausência de suporte ou a reprodução de estigmas pode dificultar o enfrentamento da violência, enquanto ambientes acolhedores podem mitigar os efeitos nocivos da violência, auxiliando em ambientes que promovem resiliência (Gomes, 2022).

Em contrapartida, as imagens atribuídas aos autores de agressão sexual contra crianças e adolescentes podem ser socialmente percebidos como desviantes, violentos ou com algum transtorno mental, desconsiderando o contexto mais amplo que contribuiu para suas ações e contrariando o que a literatura aponta como sendo um grupo diverso, sendo mais coerente falar em perfis plurais, nos quais, fatores cognitivos, situacionais e culturais podem auxiliar na compreensão das características ecológicas dos ambientes influentes nas trajetórias e como estas se relacionam à manifestação de uma conduta sexual violenta (Ferraz et al., 2023).

Nesse contexto de prevenção, o microsistema escolar se destaca por sua importância na constituição das redes de proteção e assistência à infância e à adolescência, pois as imagens sociais que os professores têm desses autores de abuso sexual e das vítimas são expressas em seus comportamentos, interferindo nas relações diádicas professor-aluno, auxiliando ou não na construção de um ambiente escolar que protege e fortalece a rede de apoio, podendo ou não influenciar no desenvolvimento de crianças e adolescentes de forma positiva. A ausência ou ineficácia de políticas públicas que protejam crianças e adolescentes reflete a invisibilização da violência e a perpetuação de imagens que não são positivas sobre crianças e adolescentes em desenvolvimento.

### **Considerações Finais**

As imagens sociais são atribuídas a um indivíduo ou grupo e estão intimamente relacionadas com que há de expectativas sobre os comportamentos desses grupos e seus membros, sendo, portanto, resultado de um processo histórico e social. A partir da teoria de Urie Bronfenbrenner (2011) entende-se que essas imagens sociais estão constituídas no macrosistema, porém, elas atravessam até o microsistema interferindo diretamente nas relações diádicas, como, por exemplo, a relação professor-aluno. Deste modo, entende-se que a presença de imagens sociais negativas atribuídas por professores da

educação básica pode resultar em um ambiente escolar que não favoreça adequadamente o desenvolvimento humano, bem como não atue no seu lugar de rede de apoio e de prevenção e combate à violência e ao abuso sexual. Destacando-se assim a importância do microsistema escolar como promotor do desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Os resultados encontrados no presente estudo colaboram com a imagem da “criança em perigo” apontada por Moraes (2017), quando o elemento indutor utilizado foi “criança vítima de abuso sexual”, tendo no núcleo central o termo ‘triste’ e ‘medrosa’. Quando o indutor foi “adolescente vítima de abuso sexual”, a principal palavra do núcleo central foi ‘agressivo’, sendo uma imagem social negativa, corroborando com os estudos sobre adolescente institucionalizado, entendendo que em ambas as condições o jovem se encontra em estado de vulnerabilidade e desassistência (Cruz, 2019; Patias et al., 2016; Patias et al., 2017; Praia, 2021; Wendt et al., 2018). E o indutor “autor de abuso sexual” obteve como evocação mais frequente e mais prontamente evocada, o termo ‘dissimulado’ e até as palavras que aparentemente possuem valência positiva estão associadas ao termo de valência negativa.

Os achados do presente estudo são de grande contribuição para a construção de políticas públicas que dialoguem no sentido de desestabilizar essas imagens, principalmente, as que fazem referência ao adolescente como ‘agressivo’ ainda que este seja uma vítima do abuso sexual, oportunizando que a escola seja de fato um espaço de acolhimento e, ao mesmo tempo, favorável ao desenvolvimento humano de suas crianças e seus adolescentes e fortemente ancorada no papel de rede de apoio na prevenção e no combate à violência e ao abuso sexual.

Apesar dos achados relevantes, o estudo apresenta a limitação de ter sido realizado em um contexto específico e com um número limitado de participantes. Nesse sentido, entendendo a importância do tema, sugere-se que essa pesquisa possa ser ampliada e

replicada em demais espaços escolares em diferentes municípios e demais áreas em situação de vulnerabilidade com o intuito de conhecer as imagens sociais atribuídas pelos professores às crianças e aos adolescentes vítimas para mapear a rede estadual e assim, poder contribuir para além do conhecimento da rede, na construção efetiva de programas de prevenção e proteção aos sujeitos em desenvolvimento de forma contextualizada.

### Referências

- Alves, M. G. (2016). Viver na escola: indisciplina, violência e bullying como desafio educacional. *Cadernos de Pesquisa*, 46(161), 594-613. <https://www.scielo.br/j/cp/a/SgkrDw4s78cHsZvrBnBk5bp/abstract/?lang=pt>
- Andrade, C. dos S. S, Costa, M<sup>a</sup> C. O., Silva, M. L. C. A. da, & Barreto, C. S. L. A. (2018). Notificação da violência física e sexual de crianças e adolescentes: o papel do sistema de vigilância de violências e acidentes/VIVA. *Revista Saúde Coletiva da UEFS*, 8, 46-53. <https://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/2974>
- Brasil. (1990). Lei Federal n. 8.069, de 13 de julho de 1990. ECA \_ Estatuto da Criança e do Adolescente. Acesso em 20 de fevereiro de 2022 [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)
- Bronfenbrenner, U. (2011). Bioecologia do Desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed.
- Calabar, F. P., Silveira, P. S., & Leme, V. B. R. (2021). Percepções de educadores sociais sobre trabalho, adolescências e práticas educativas. *Revista Debates Insubmissos*, 4, (14). <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>
- Campos, D. C., & Urnau L. C. (2021). Exploração sexual de crianças e adolescentes: reflexão sobre o papel da escola. *Psicologia escolar e educacional*, 25 <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392021221612>
- Correr, R., Senem, C. J., & Barros, L. M. (2017). Crianças acolhidas institucionalmente e educação escolar: o que pensam os professores? *Educação: Teoria e Prática*, 27(55), 327-346. [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-81062017000200327&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-81062017000200327&script=sci_abstract)

- Cruz, D. A. (2019). *Adolescentes em acolhimento institucional: imagens sociais e o direito à convivência comunitária*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da UFPA. [https://drive.google.com/file/d/0B-vPLci6JkNDZW1meVpDVHlPbV9HaGs1c0hVRUY0ZUJLYkNB/view?resourcekey=0-si\\_Ngg39nWPLPFxqnrLvw](https://drive.google.com/file/d/0B-vPLci6JkNDZW1meVpDVHlPbV9HaGs1c0hVRUY0ZUJLYkNB/view?resourcekey=0-si_Ngg39nWPLPFxqnrLvw)
- Cruz, D. A., Cavalcante, L. I. C., & Costa, E. F. (2024). Imagens sociais de educadores e adolescentes sobre o adolescente em acolhimento institucional. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, Brasil, 44(106), 40-50 <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20240005>
- Domingues, A. L. (2013). *Imagens associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Instituto Universitário de Lisboa <https://www.proquest.com/openview/10bac7317f985623e9337edc732c8af5/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>
- Ferraz, M. D. M. P., Cavalcante, L. I. C., & Veloso, M. M. X. (2023). Adverse childhood experiences: a study addressing the perpetrators of sexual violence. *Psicologia: Teoria e Prática*, 25(3). DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPSP15116.en>
- Giordani, J. P., Seffner, F., & Dell’Aglío, D. D. (2017). Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(1), 103-111. <https://www.scielo.br/j/pee/a/jqRMtVbSzXryLvxgswkMZmJ/abstract/?lang=pt>
- Gomes, F. V. F. (2022). Ações de prevenção ao bullying escolar no ensino fundamental: um relato de experiência em psicologia escolar/educacional. *Research, Society and Development*, 11(15). DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i15.37162>
- Hernández de Frutos, T. & del Olmo Vicén, N. (2014), “Factors of risk and protection/resilience in adolescent scholar bullying. Longitudinal analysis”, *Revista Internacional de Sociología* [en línea]. Doi: [10.3989/ris.2013.05.07](https://doi.org/10.3989/ris.2013.05.07)
- Moraes, J. C. de O. S. (2017). *Discursos sobre a temática do abuso sexual de crianças e da pedofilia na mídia escrita*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do

- Mato Grosso]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMT\\_eff3e4f5116b09a6e5bdf93d4171b899](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMT_eff3e4f5116b09a6e5bdf93d4171b899)
- Nesello, F., Sant'Anna, F. L., Santos, H. G. dos, Andrade, S. M., Mesas, A. E., & González, A. D. (2014). Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. *Revista Brasileira Saúde Materno Infantil*, 14(2), 119-136. <https://doi.org/10.1590/S1519-38292014000200002>
- Patias, N.D, Garcia, N. M., & Dell'Aglio, D.D. (2016). Imagens sociais sobre famílias com filhos em instituição de acolhimento. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology (IJP)*, 50(2), 215-224. <http://www.redalyc.org/pdf/284/28447010005.pdf>.
- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dell'Aglio, D. D. (2017). Imagens sociais de crianças e adolescentes institucionalizados e suas famílias. *Psicologia & Sociedade*, 29. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i31636>
- Petrucci, G. W., Borsa, J. C., & Koller, S. H. (2016). A Família e a Escola no Desenvolvimento Socioemocional na Infância. *Temas em Psicologia*, 24(2), 391-402. <https://doi.org/10.9788/TP2016.2-01Pt>
- Piske, E. L., Yunes, M<sup>a</sup>. A. M., & Garcia, N. M. (2019). Ambientes educativos como contextos microssistêmicos para o desenvolvimento humano na infância. *Revista eletrônica graduação/pós-graduação em educação*, 15 (3). <https://doi.org/10.5216/rir.v15i3.58821>
- Praia, A. L. da C. (2021). *Instituições de acolhimento e adolescentes institucionalizados: Imagens sociais de profissionais da educação*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da UFPA. <https://drive.google.com/file/d/1qRMVurWcsY541iAuJvTRJKJ3lrn4JCSn/view>
- Praia, A. L. da C., Cavalcante, L. I. C., Cruz, D. A., & Costa, A. C. R. da. (2024). Imagens sociais atribuídas a instituições de acolhimento para adolescentes: perspectivas de profissionais da educação. *Revista Foco*, 17(1), 01-21 <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4197>
- Santana, A. C. de A., Silva, J. B., Rodrigues, D. M., Silva, L. G., Pereira, M. N., Santana, J. S. S., Araújo, M. M., & Andrade, C. de. (2024). O papel da família na educação:

construindo pontes entre escola e lar. *Revista PPC - Políticas Públicas e Cidades*, 13(2), 01-18 <https://journalppc.com/RPPC/article/view/1010>

Wendt, B., Tavares, M. D. F., Penno, D. K., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Imagens sociais atribuídas às instituições de acolhimento. *Revista da SPAGESP*, 19(1), 35-48. Recuperado em <http://pepsic.bvsalud.org/>.

Zappe, J. G., Yunes, M. A.M., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Imagens sociais de famílias com crianças e adolescentes: Impacto do status socioeconômico e da institucionalização. *Pensando Famílias*, 20(1), 83-98. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2016000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100007&lng=pt&tlng=pt).

### **Estudo 3 – “Vivências que Transformam”: elaboração de um programa de intervenção com professores para enfrentamento do abuso sexual no contexto escolar.**

Este estudo teve como objetivo desenvolver e aplicar um programa de intervenção para o enfrentamento do abuso sexual no contexto escolar. Para isso, contou-se com a participação de professores de escolas públicas estaduais localizadas no município de Belém, que integraram os Estudos 1 e 2 desta tese.

A justificativa e orientação para a realização deste tipo de pesquisa são sustentadas por argumentos encontrados na literatura (Brino & Williams, 2008; França, 2009; França, 2014; Oliveira, 2019; Stefanini, 2019; Vagliati, 2020; Vieira et al., 2015), com destaque para a pesquisa de Vagliati (2020), que serviu como base para a construção do programa que será aqui apresentado. A seguir serão descritos exemplos de estudos que elaboraram, aplicaram e avaliaram programas de intervenção com professores como sujeitos da pesquisa. Esses estudos estão organizados em ordem cronológica para uma melhor compreensão da evolução das pesquisas nessa área, sobretudo no sentido de refinar aspectos teóricos e metodológicos desse tipo de investigação.

As autoras Brino e Williams (2008), com o objetivo de capacitar professores para atuarem como agentes de prevenção ao abuso sexual infantil, realizaram e avaliaram um programa de intervenção com o apoio da Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Carlos. Na aplicação, além de capacitarem os professores, foram também promovidas habilidades de autoproteção em crianças e os familiares foram habilitados a reconhecer sinais de ocorrência de abuso sexual e meios de proteção das crianças.

Participaram dessa pesquisa 101 professores da educação infantil, sendo 97 mulheres e 04 homens, 2.918 alunos desses professores e 2.732 familiares dessas

crianças. Foram utilizados os seguintes instrumentos: 1. Indicadores de Abuso Sexual; 2. Exercício sobre Abuso Sexual para Professores; 3. Exercício sobre Abuso Sexual para Familiares; 4. Exercício sobre a Aquisição de Habilidades de Autoproteção em Crianças. Os professores foram divididos em duas turmas, a Turma 1 com 52 participantes e a Turma 2, com 49. As duas turmas foram divididas em três grupos com média de 16 docentes cada. A intervenção foi composta por 12 encontros semanais com duração de 4h cada. Os encontros envolviam questões teóricas acerca dos abusos contra crianças e ações preventivas. Os três últimos encontros foram nomeados como a parte prática do programa a ser realizada pelos professores com as crianças e os familiares. Cada professor participante realizou duas oficinas sobre prevenção ao abuso sexual infantil, com duração de 4h, para os familiares do aluno e duas oficinas sobre autoproteção para as crianças, também com 4h de duração (Brino & Williams, 2008).

Os resultados obtidos na pesquisa de Brino e Williams (2008), permitem considerar que professores podem ser importantes agentes de prevenção do abuso sexual, uma vez que, de forma geral, o desempenho dos participantes nos instrumentos melhorou do início do programa para o final. É possível apontar que um tempo prolongado de duração do programa produz melhora significativa no conhecimento do profissional sobre o tema e a capacitação dos pais por profissionais aumenta a eficácia na aquisição de conhecimentos sobre como identificar situações de abuso sexual e como denunciar. Com relação às crianças, elas se tornaram capazes de dar respostas corretas aos professores após as oficinas.

Com objetivo investigar as representações sociais sobre o conceito de gênero de 12 docentes de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Sarandi (PR), o estudo de França (2009) utilizou a metodologia de uma pesquisa-ação participativa, com uma intervenção composta por oito encontros coletivos aos sábados,

durante quatro meses, com 3h de duração cada encontro, e duas entrevistas individuais com cada professor, realizadas uma antes e uma após a intervenção. O processo de intervenção pedagógica teve por objetivo criar espaços de discussão e reflexão sobre gênero, corpo e sexualidade, apresentando aos participantes diferentes visões sobre esses conceitos, problematizando concepções naturalizadas, desconstruindo e reconstruindo significados estabelecidos como “verdades” antes dos encontros. A autora considerou que os objetivos foram alcançados porque os professores revelaram incertezas e questionamentos sobre suas concepções prévias à intervenção e, assim, supôs-se que as reflexões apresentadas nos encontros puderam proporcionar uma nova postura dos participantes frente as suas verdades pessoais e coletivas.

Essa autora, França (2014), em um novo estudo, realizou uma pesquisa-ação participativa, organizada em círculo dialógicos, com 18 participantes, sendo 14 professoras do Ensino Fundamental e Educação Infantil e 4 funcionários da escola pública da cidade de Campo Mourão (PR). Antes da intervenção, houve a aplicação de um questionário com intuito de traçar o perfil dos participantes e a realização de uma observação participante. A prática dos círculos dialógicos contou com oito encontros com duração de 1h30 cada, durante quatro meses. Os encontros consistiram na apresentação de situações e conceitos de gênero e sexualidade e discussão dos pontos de vista do grupo sobre os temas. Sem a intenção de definir o que é certo ou errado, enfatizando a coexistência de diferentes ideias e opiniões. Com base nos resultados obtidos, a autora considera que não bastam apenas políticas públicas, faz-se necessária uma prática de formação continuada voltada para a subjetividade dos/as profissionais que atuam na instituição escolar.

O estudo de Vagliati (2014) é relevante, embora não tenha incluído uma intervenção, o que foi feito posteriormente quando a autora propôs um programa de

intervenção com professores em outra pesquisa. Nesse primeiro estudo, o objetivo foi conhecer como os professores lidam com a violência sexual no espaço escolar, se eles sabem identificar e quais as suas ações frente à violência. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e outra empírica na qual foram realizadas entrevistas individuais com 31 professores em 11 escolas da rede municipal e estadual do município de Francisco Beltrão (PR). Como resultado, identificou-se que uma minoria, 22% dos professores, teve formação na área da sexualidade e da violência sexual, assim, mesmo os professores sendo considerados agentes importantes no combate, enfrentamento, identificação e prevenção da violência sexual, a formação não garante conhecimento para tal. Por isso, a autora defende a formação da categoria em educação sexual e violência sexual, pois essa formação poderá encorajá-los a identificar as experiências dramáticas que suas alunas e alunos podem estar vivenciando.

A pesquisa de Vieira et al. (2015) trata-se de um estudo de casos múltiplos, tendo como recorte as capacitações realizadas entre 2010 e 2011, pelo governo municipal para os profissionais e gestores da rede pública. Analisou a oferta de capacitações aos agentes do poder público municipal para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes em quatro capitais brasileiras. Para isso foram avaliadas 66 entrevistas semiestruturadas e documentos escritos que caracterizassem as ações formativas. Como resultado, observou-se um investimento desigual entre as capitais e a falta de especificidade no trato do tema. No entanto, a saúde foi a área com maior capacitação dos profissionais, incluindo a notificação nos casos de violência sexual. Os autores sugerem a construção de um plano de capacitação sobre violências e direitos sexuais de crianças e adolescentes e, em especial, violência sexual.

Em uma pesquisa-ação dividida em dois momentos: o investigativo (identificação dos problemas enfrentados pelos participantes do grupo a partir de observação, grupos

focais e questionários para Diagnóstico do Meio Escolar) e o educativo (círculos de cultura). Stefanini (2019), durante quatro meses, realizou a observação participante na escola semanalmente, com duração de duas horas, em dias e horários alternados. Após esse momento, foram realizados três encontros do grupo focal, com duração de cem minutos cada, durante três meses. O momento educativo que é o círculo de cultura propriamente dito, foi constituído de mais três momentos: leitura da realidade, análise crítica da realidade e aplicação do conhecimento. Esses três momentos foram desenvolvidos em dois encontros, com duas horas cada, tendo a participação de oito professores.

Quanto aos resultados encontrados, Stefanini (2019) obteve que os professores participantes não possuíam recursos para lidarem com situações de violência escolar, além da falta de envolvimento dos estudantes nas atividades da escola, assim como ausência da família e da comunidade e a presença de atos de violência e comportamentos agressivos. Identificou-se também que os docentes assumem papel tanto como vítimas quanto autores de violência no ambiente escolar, pois usavam medidas punitivas e comportamentos autoritários para lidarem com as situações de conflito e de violência. A autora ressalta que não há uma resposta simples para a prevenção e enfrentamento da violência, pois seria necessário conhecer a realidade de cada escola para, então, propor a melhor atuação. Os resultados apontam também que a ação educativa proposta destacou a importância de momentos de reflexão entre os professores sobre diferentes perspectivas de conflito e as maneiras de gestão para a sua prevenção, além da necessidade de que atividades para o exercício do diálogo, pensamento crítico e autoavaliação aconteçam na escola de modo sistemático e contínuo.

Com o objetivo de investigar as crenças dos estudantes das terceiras séries dos cursos técnicos integrados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de

Minas Gerais Campus São João Evangelista em relação à educação em sexualidade que receberam durante o tempo de sua formação nessa instituição, Oliveira (2019), realizou dois estudos qualitativos, sendo o Estudo I uma revisão integrativa da literatura e o Estudo II descrevendo as crenças dos estudantes. Para a coleta de dados do Estudo II, utilizou-se o método da roda de conversa com 30 estudantes, variando entre 9 e 3 participantes em cada roda com tempo de duração de 1h no mínimo e 1h22 no máximo. Como resultado foi encontrado que os estudantes apresentam crenças que estão de acordo com as publicações em relação ao tema e que as discussões na instituição aconteceram com pouca frequência, fazendo com que os alunos procurassem informações sobre o tema com 49 colegas ou outras fontes. Além disso, foi identificado pelo autor uma abordagem biológico-higienista na instituição, considerando-se necessária a formação de profissionais da instituição para trabalhar a educação sexual com estudantes, construindo uma educação cidadã, transformadora e respeitosa.

O estudo de Vagliati (2020) buscou analisar as representações sociais de docentes da educação básica sobre violência sexual contra meninas, partindo da hipótese de que essas representações podem ser desestabilizadas por meio de uma proposta de formação pautada na dialogicidade e na troca de saberes. A autora desenvolveu uma pesquisa-ação participativa utilizando o modelo do círculo dialógico, do qual participaram 11 docentes, duas orientadoras, duas auxiliares de serviços gerais, uma diretora, uma auxiliar de cozinha e uma servente geral de uma escola municipal de Maringá (PR) que atuavam com meninas de 6 a 10 anos. Os encontros foram divididos em três momentos: aplicação da TAL (Técnica de Associação Livre); cinco encontros em grupos semanais com duração de 1h30 minutos cada, após o horário de aulas e expediente das participantes; e reaplicação da TAL. Os resultados encontrados foram que, no início da coleta de dados, as participantes verbalizaram representações sociais que responsabilizavam a vítima pela

violência sexual sofrida, contudo, ao longo da intervenção, as participantes passaram a responsabilizar menos as meninas e a atribuir mais a responsabilidade ao adulto, concluindo assim que as docentes participantes manifestaram indícios de desestabilização de suas representações sociais sobre violência sexual contra meninas a partir da intervenção proposta.

O estudo de Vagliati (2020) constitui um referencial importante para esta pesquisa, não apenas devido à sua abordagem metodológica, mas pela relevância de seus achados no campo da prevenção à violência sexual contra meninas e mulheres. A autora partiu da hipótese de que as representações sociais poderiam ser desestabilizadas por meio de uma proposta de formação alicerçada na dialogicidade e na troca de saberes, elaborando uma intervenção que valorizou esses princípios. A relevância desse estudo para a presente pesquisa encontra-se principalmente no modelo participativo que demonstra como intervenções baseadas no diálogo podem promover mudanças significativas nos grupos de docentes diretamente envolvidos no cuidado e proteção de crianças e adolescentes, evidenciando assim que o ambiente escolar pode e deve ser um espaço de reflexão e transformação.

A evolução dos estudos apresentados evidencia uma crescente sofisticação nas metodologias e enfoques empregados em intervenções educativas relacionadas à violência sexual, à educação em sexualidade e às desigualdades de gênero. Essa evolução reflete o aumento da complexidade teórico-prático para enfrentar questões fundamentais no contexto escolar. Dessa forma, há uma ampliação da compreensão sobre o papel da educação no enfrentamento da violência sexual. Enquanto os primeiros estudos estavam centrados em formações pontuais, intervenções mais recentes passaram a adotar metodologias participativas, reflexivas, ajustadas às especificidades socioculturais de cada região. Esses estudos reforçam a importância de formação continuada, sistemática e

colaborativa, bem como de políticas públicas que viabilizem a prática docente mais engajada, crítica e transformadora, essenciais para transformar o ambiente escolar em um espaço de acolhimento, proteção e cidadania.

Dito isso, as pesquisas apresentadas neste tópico demonstraram a importância da realização de estudos e programas de intervenção no contexto escolar, tendo em vista o papel fundamental do professor para o desenvolvimento do aluno e a carência de formação continuada sobre a área da educação sexual, incluindo os temas do abuso e da violência sexual. Assim, este estudo teve como objetivo desenvolver um programa de intervenção com professores visando desestabilizar crenças e imagens sociais que perpetuam ou banalizam a violência, contribuindo para o enfrentamento do abuso sexual contra crianças e adolescentes.

### **Método**

O método utilizado para a elaboração do programa de intervenção presente neste estudo é baseado na pesquisa de Vagliati (2020), na qual a autora propõe uma intervenção com cinco encontros. Essa abordagem também é definida por Linhares (2022), que descreve a importância de se realizar testes de viabilidade de programas de intervenção em ciclos rápidos e repetidos, antes da aplicação em larga escala. Nos ciclos rápidos é possível testar, aprender, redefinir e corrigir o que precisa ser ajustado no programa em desenvolvimento, além de avaliar sua viabilidade com uma curta duração de tempo e baixo custo. Para isso, propõe-se que cada ciclo deve ter um número reduzido de participantes a fim de aumentar a precisão da inovação. Apresenta-se na Tabela 10 as principais características e etapas do programa de intervenção denominado “Vivências que Transformam”.

**Tabela 10***Síntese das principais informações do programa “Vivências que Transformam”*

| <b>Programa</b>    | <b>“Vivências que Transformam”</b> |
|--------------------|------------------------------------|
| Público-alvo       | Professores                        |
| Duração            | 5 (cinco) semanas                  |
| Modalidade         | Presencial                         |
| Encontros          | 5 (cinco) encontros                |
| Tempo por encontro | Média 1 (uma) hora                 |
| Local              | Escolas                            |

**Público-alvo**

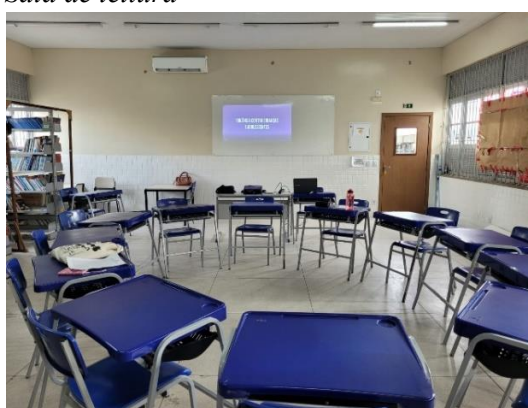
O programa de intervenção proposto é voltado para professores que aceitem participar de forma espontânea que atuam em escolas públicas ou particulares, independentemente do nível de ensino que lecionam.

**Ambiente**

O ambiente adequado para a realização dos encontros do programa “Vivências que Transformam” pode ser uma sala de aula que esteja disponível ou qualquer outro espaço climatizado, que permita manter a porta fechada, e no qual as cadeiras possam ser organizadas em círculo de modo que os participantes fiquem confortáveis e, principalmente, sem interrupções ao longo do encontro. As fotos a seguir são exemplos de espaços utilizados. A Figura 1 retrata a sala de aula e a Figura 2 é a sala de leitura da escola.

**Figura 4***Sala de aula*

Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 5***Sala de leitura*

Fonte: Arquivo pessoal

### **Seleção dos voluntários**

Com o intuito de reduzir possíveis interferências causadas por diferentes coordenações, sugere-se que seja um único coordenador para os cinco encontros. Além disso, mostrou-se importante contar com o apoio de um grupo de voluntárias, preferencialmente, formado por estudantes do curso de graduação em Psicologia. É necessário que as voluntárias passem por um treinamento antes do início dos encontros com leituras de textos sobre o tema, além da vivência de todos os círculos propostos no programa e estreitamento de laços entre o grupo.

### **Materiais utilizados**

A proposta do programa é que ele possa ser aplicado sem precisar de muitos recursos, podendo ser realizado assim com facilidade em outras escolas e em diferentes cidades. Sugere-se que no primeiro dia seja entregue uma pasta com caneta e papéis A4 para anotações aos participantes. Faz-se necessário uma caixa de som para reprodução da música utilizada no segundo encontro. Em todos os encontros, exceto o primeiro, é necessário ter projetor de slide para reprodução dos vídeos, que, nesse caso, as escolas públicas geralmente têm disponível o “Arthur”, equipamento que agrega tanto computador quanto um projetor em um só e possui entrada USB e acesso à Internet. Além de garantir um ambiente arejado e limpo, sugere-se que sejam oferecidos café e biscoitos, com intuito de atender às necessidades dos participantes e tornar o momento o mais agradável possível, considerando a sensibilidade e a complexidade do tema.

**Figura 6**  
*Arthur*



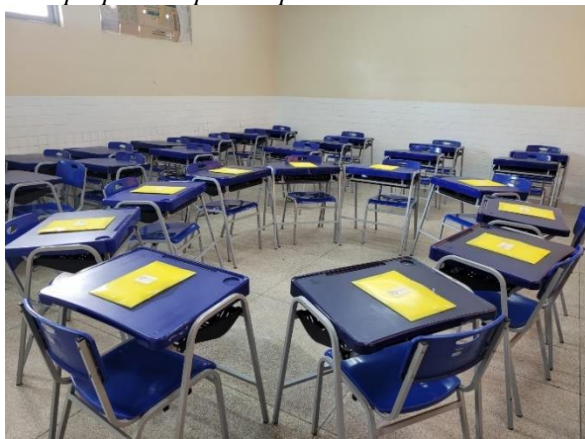
Fonte: Internet

**Figura 7**  
*Pasta dos participantes*



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 8**  
*Sala preparada para o primeiro encontro*



Fonte: Arquivo pessoal

## **Desenvolvimento do programa**

Quanto ao período, à duração e à frequência, o programa é composto por cinco encontros semanais, com duração média de 1 hora cada, totalizando cinco semanas. Sugere-se que a aplicação do programa seja precedida de um período de inserção ecológica da equipe no ambiente institucional, que permita observar as atividades, as interações entre as pessoas e os papéis sociais nele desempenhados.

Para realização de análises do conteúdo do programa, sugere-se que os encontros sejam gravados em áudio e, posteriormente, transcritas as sessões. Além das gravações, a equipe de voluntárias da pesquisa, pode realizar um diário de campo com notas que

descrevam as sessões realizadas e registrem as falas e comportamentos não verbais dos participantes.

### **Programa “Vivências que Transformam”**

A seguir serão descritos os encontros elaborados com base no programa de Vagliati (2020) de círculos dialógicos. O presente programa está organizado em cinco encontros, conforme demonstrado na Tabela 11.

**Tabela 11**

*Organização dos objetivos dos encontros*

| Encontro   | Título   | Objetivo   |
|------------|--|--|
| Encontro 1 | Conhecendo o grupo.  | Apresentar o tema; Estabelecer o contrato; Iniciar o vínculo.  |
| Encontro 2 | O que é violência sexual?  | Sensibilizar para a prevenção, identificação e encaminhamentos em caso de violência.   |
| Encontro 3 | Quem é o autor de agressão sexual?   | Identificar quais as crenças e imagens sociais dos professores sobre os autores de agressão sexual; Refletir sobre a responsabilidade dos autores da violência cometida. |
| Encontro 4 | Quem é a vítima de violência sexual e por que reconhecer o seu sofrimento? | Discutir as diferentes perspectivas sobre as crenças que culpabilizam a vítima.  |
| Encontro 5 | Encerramento.  | Sensibilizar para a importância do papel do professor no acolhimento da vítima e que há esperança de reconstrução de um novo caminho para a vítima.                      |

#### **Encontro 1 – Conhecendo o grupo.**

Sugere-se que o primeiro encontro tenha por objetivo a apresentação dos participantes e da coordenadora e da equipe responsável pela pesquisa, além de estabelecimento do contrato (assiduidade e a liberdade para desistir a qualquer momento da atividade). Com o intuito de aproximar a coordenadora e os participantes da pesquisa, tornando possível o início da construção de um vínculo, propõem-se a dinâmica do “Curtograma” que é uma técnica utilizada para autoconhecimento, mas que quando

compartilhada em grupo mostra semelhanças entre as pessoas e possibilita troca de experiências. Para isso, entrega-se uma folha de papel já com o quadrante desenhando e é solicitado que cada participante preencha no mínimo três itens, porém sem limite máximo de itens, de acordo com cada comando em 1: aquilo que gosta e faz; 2: aquilo que gosta, mas não faz; 3: aquilo que não gosta, mas faz; e 4: aquilo que não gosta e não faz. Após o preenchimento, cada participante do círculo é convidado a ler suas respostas, iniciando pela coordenadora da pesquisa. Destaca-se que todos os encontros devem ser iniciados com um *check-in*, pergunta sobre como cada participante chega, e encerrados com o *check-out*, pergunta sobre como cada participante está deixando o encontro. Assim, pode-se identificar como os participantes estavam se sentindo ao entrar e como estão ao sair de cada círculo.

### **Encontro 2 – O que é violência sexual?**

O segundo encontro tem como tema: “O que é violência sexual”, especificamente, o abuso sexual. Para motivar a discussão, sugere-se a apresentação do vídeo produzido pelo grupo de pesquisa GEAV “Violência contra crianças e adolescentes” (2021). O vídeo de 3min.04” de duração foi elaborado com objetivo de sensibilizar a sociedade para prevenção, identificação e cuidados em casos de violência sexual.

#### **Figura 9**

*Vídeo: “Violência contra crianças e adolescentes” GEAV (2021)*



Fonte: YouTube.

Após a apresentação do vídeo, foi planejada a execução da música “Baile de Favela” composta pelo MC João (2016), junto o compartilhamento da sua letra impressa. A referida música voltou à mídia após ser utilizada em versão instrumental pela ginasta

Rebeca Andrade nas olimpíadas de Tóquio (2021). A letra original descrita abaixo é ofensiva e normaliza a violência sexual contra mulheres, manifestando-se de forma explícita, o que pode levar as vítimas a duvidarem se o que vivenciaram foi, de fato, violência sexual.

“Ela veio quente, e hoje eu tô fervendo  
 Que ela veio quente, hoje eu tô fervendo  
 Quer desafiar? Num tô entendendo  
 Mexeu com o R7 vai voltar com a xota ardendo (vai)  
 Que o Helipa, é, baile de favela  
 Que a Marcane, é, baile de favela  
 Que a são Rafael, é, baile de favela  
 E os menor preparado pra foder com a xota dela (vai)  
 Eliza Maria, é, baile de favela  
 Invasão, é, baile de favela  
 E as casinha, é, baile de favela  
 E os menor preparado pra foder com a xeca dela (vai)  
 Que o Hebron, é, baile de favela  
 A Bailão, é, baile de favela  
 E na rua 7? Baile de favela!  
 E os menor preparado pra foder com a xeca dela (vai)  
 Ela veio quente, hoje eu tô fervendo  
 Ela veio quente, hoje eu tô fervendo  
 Quer desafiar? Num tô entendendo  
 Mexeu com o r7 vai voltar com a xota ardendo (vai)  
 Que o Helipa, é, baile de favela  
 Que a Marcane, baile de favela  
 Que a são Rafael, é, baile de favela  
 E os menor preparado pa foder com a xota dela (vai)”.

Sugere-se como perguntas norteadoras, conhecer o que os participantes acham que é o papel do professor no contexto da violência; se eles conseguem identificar mudanças

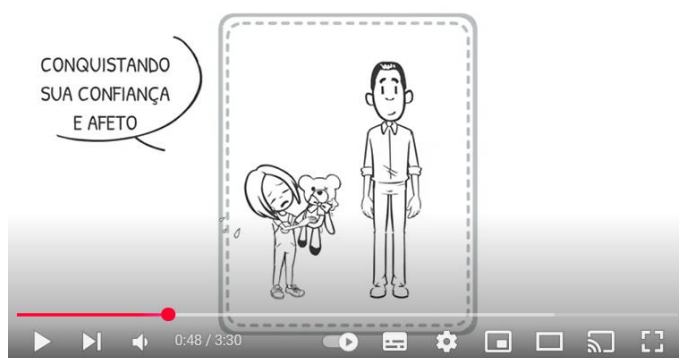
nos comportamentos dos seus alunos em sala de aula; se eles conheciam os encaminhamentos apresentados nos vídeos; como se sentiram ao ler a letra e ouvir a música “Baile de Favela” naquele momento.

### **Encontro 3 – Quem é o autor de agressão sexual?**

O objetivo do terceiro encontro é conhecer quais as crenças e imagens sociais dos docentes sobre os autores de agressão sexual e se consideram que eles têm responsabilidade pela violência cometida. Para fomentar o diálogo, sugere-se a apresentação do segundo vídeo produzido pelo grupo de pesquisa GEAV (2021) intitulado “Autores de agressão/violência sexual” com duração de 3min.30”.

#### **Figura 10**

*Vídeo: “Autores de agressão/violência sexual” GEAV (2021)*



Fonte: YouTube.

Além do vídeo, é entregue uma impressão com um trecho de uma entrevista presente no artigo de Zúquete e Noronha (2012) com um autor de agressão e uma vítima de violência sexual. Os trechos selecionados fazem parte do “Caso César”, no qual o acusado era vizinho da vítima, uma menina de nove anos, e ele diz que ela desejava as relações sexuais e o autor utiliza seres sobrenaturais (demônios) para explicar o que aconteceu. Depoimento do autor de agressão:

“Ela vinha, ela sabia que eu estava só, ela vinha pra casa, e aí eu comecei a penetrar nela, e aí depois de um tempo eu consegui ficar penetrando nela, e a culpa condenou que para ser descoberto

porque ela inflamou o útero dela, foi assim que descobriu. A gente tendo relação? Eu tive relação com ela umas 14 vezes. [...] Ela ia lá pra casa, não precisava nem chamar que eu já sabia que ela ia. Agora se fosse hoje com essa cadeia que eu tô tirando aí, eu aprendi a lição, cara” (Zúquete & Noronha, 2012, p. 1369).

“Um dia eu tava em casa, cheguei do serviço, aí cheguei em casa tava ela e meus irmãos, aí todo mundo saiu, né? Ela saiu também depois voltou, aí acho que o Diabo fez um laço aí, né, botou na minha cabeça para eu tocar nela... aí comecei a me envolver com ela, me envolver com ela, aí penetrava os dois dedos nela... (Entrevista 6)” (Zúquete & Noronha, 2012, p. 1369).

Trecho da sentença:

“A vítima, em suas declarações, noticia que sofreu sequelas físicas e psicológicas. Idem sua genitora. Na mesma toada, a testemunha que prestou socorro à vítima. Houve uma violência física, necessitando até mesmo de tratamento cirúrgico (Sentença 6)” (Zúquete & Noronha, 2012, p. 1369).

Com o objetivo de promover o início de um processo de despatologização do sujeito autor de agressão e desestabilização das crenças e imagens sociais que perpetuam e banalizam a violência, sugere-se que sejam utilizadas as seguintes questões norteadoras no círculo: por que a maioria dos agressores sexuais são homens?; todos os agressores são pedófilos?; mulheres não cometem violência sexual?; os maiores casos de violência sexual são cometidos por agressores conhecidos da vítima ou estranhos?; podemos concluir que todo homem é um agressor sexual?; seria possível identificar um agressor sexual por meio de alguma característica física?; ou de algum comportamento específico?

#### **Encontro 4 – Quem é a vítima de violência sexual e por que reconhecer o seu sofrimento?**

Para conduzir o diálogo no quarto encontro, sugere-se que sejam apresentadas duas notícias impressas para cada participante, a primeira vinculada em 2018, com o seguinte título “Para defensor público, mulher de minissaia pode ser considerada culpada em casos de assédio”. Na matéria, é exposto que para o Defensor Público Geral do Estado de Pernambuco, o fato de uma mulher estar de minissaia pode ser determinante para a absolvição de um agressor em casos de assédio. A segunda notícia mostra as roupas das vítimas de violência sexual apresentadas em uma exposição na Bélgica, pois ao contrário do que possa estar presente nas crenças sobre essas vítimas, as roupas são comuns. Desse modo, busca-se romper com a imagem de que a vítima é sempre vulgar ou sedutora o que seria usado como uma possível justificativa para a violência sofrida. Para ampliar a discussão, prevê-se um questionamento sobre o que os participantes pensam sobre pessoas que dizem que o comportamento da menina influencia na violência sexual? Se já chegaram a pensar que a menina poderia ser culpada? E como pensam hoje sobre o assunto?

Para apresentar uma outra perspectiva sobre o tema, sugere-se a reprodução do vídeo “Abuso sexual usando a metáfora da xícara de chá”. No vídeo ilustrado de 2min.50”, são mostradas diferentes situações em que uma pessoa oferece chá para outra e pode ser que a outra pessoa mude de ideia e passe a não querer mais o chá ou não esteja mais em condições de tomá-lo e não pode ser obrigada a isso. A xícara de chá é uma metáfora para a violência sexual e como fica fácil entender que não se deve obrigar alguém a tomar chá, mas não é tão óbvio quando o assunto é sexo sem consentimento. Deve-se deixar claro durante a discussão que o consentimento se refere a pessoas adultas, nunca às crianças. Pretende-se, nesse encontro, apresentar e discutir crenças relacionadas

à culpabilização da vítima pela violência sexual sofrida, além da ideia de que a criança ou o/a adolescente está inventando a violência como uma forma de chamar atenção. A pergunta norteadora nessa etapa será: por que é fácil entender que ninguém deve ser obrigado a tomar chá, mas não é tão óbvio quando o assunto é sexo sem consentimento?

### **Figura 11**

*Vídeo: “Abuso sexual usando a metáfora da xícara de chá”*



Fonte: YouTube.

## **Encontro 5 – Encerramento.**

No quinto encontro sugere-se a apresentação de um trecho do documentário “Canto de Cicatriz”, disponível no canal do YouTube. O trecho do vídeo fala sobre violência sexual contra meninas com foco no abuso e na exploração sexual e traz depoimentos de vítimas que relatam detalhes dos abusos sofridos intercalando com comentários de especialistas, desenhos feitos por crianças vítimas e enquetes com pessoas comuns que evidenciam as crenças e preconceitos envolvendo o assunto. Propõem-se as seguintes questões para a discussão com os participantes, se uma criança ou adolescente contasse que está sendo ou foi vítima de violência sexual, você acreditaria? Por quê? O que levaria você a acreditar na fala? O que você faria em um caso desses? Precisaria buscar outros fatores, provas, que comprovassem? O que você acha sobre, em boa parte dos casos apresentados, a fala da vítima ser colocada em dúvida? Por quê? O não

reconhecimento do sofrimento da vítima pela pessoa que ela confiou pode causar consequências? Por quê? Se sim, quais?

### Figura 12

Video: “Canto de Cicatriz”



Fonte: YouTube.

Além do documentário, o quinto e último encontro pode retomar possíveis dúvidas ou reflexões que os participantes queiram fazer, além da avaliação de satisfação dos participantes através da aplicação de um questionário de eficácia e satisfação adaptado com base no estudo de Vieira (2024), o qual contém 13 assertivas organizadas em uma escala *Likert* onde 1 é discordo totalmente e 5 é concordo totalmente. As assertivas se propõem a avaliar a eficácia do programa, além de conhecer o nível de satisfação do participante, levantando temas sobre horário, local e número de participantes adequados; tempo de duração de cada encontro e tempo de duração do programa foram satisfatórios e suficientes para alcance do objetivo; se os objetivos foram claramente apresentados e compreendidos; se os conhecimentos foram ao encontro das necessidades e expectativas; se a linguagem foi sensível e clara, se se sentiram estimulados a falar o que pensam e fazem; se o participante considera o programa recomendável a outros professores; se aprendeu coisas que ajudaram a mudar a forma de pensar sobre violência sexual, se compreenderam que é o autor de violência e a importância de reconhecer o depoimento e o sofrimento da vítima. Após o questionário, é o encerramento oficial dos encontros com

um momento de confraternização entre participantes e equipe da pesquisa com o oferecimento de um lanche.

**Tabela 12**

*Síntese das atividades e recursos utilizados nos encontros.*

| Encontro | Atividades   | Recursos  |
|----------|--|---|
| 1        | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Apresentação dos participantes e da equipe da pesquisa;</li> <li>2. Realização da dinâmica do “Curtograma”.</li> </ol>   | Folhas de papel A4.   |
| 2        | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Vídeo (GEAV): “Violência contra crianças e adolescentes” (2020).</li> <li>2. Música Baile de Favela.</li> </ol>  | Caixa de som;<br>Projektor de slides.                         |
| 3        | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Vídeo (GEAV): “Autores de agressão/violência sexual” (2020).</li> <li>2. Trecho de uma entrevista com um autor de agressão: Caso Cesar.</li> </ol>   | Projektor de slides;<br>Cópias da entrevista impressa.        |
| 4        | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Notícia 1: “Para defensor público, mulher de minissaia pode ser considerada culpada em casos de assédio”.</li> <li>2. Notícia 2: “Exposição na Bélgica traz roupas de vítimas de estupro para romper mito de “culpa da mulher”.</li> <li>3. Vídeo: “Abuso sexual usando a metáfora da xícara de chá”.</li> </ol> | Projektor de slides;<br>Cópias das reportagens impressas.     |
| 5        | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Trecho do documentário “Canto de cicatriz”.</li> <li>2. Aplicação do Questionário de avaliação da eficácia e satisfação dos participantes quanto ao programa.</li> </ol>   | Projektor de slides;<br>Questionários de avaliação impressos. |

Assim, neste estudo, o programa foi descrito com o intuito de permitir a sua replicação em diferentes contextos educacionais, fornecendo orientações para sua implementação, descrevendo as atividades e os recursos necessários, com o objetivo de contribuir para o enfrentamento do abuso sexual contra crianças e adolescentes.

### Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo desenvolver um programa de intervenção com professores com intuito de desestabilizar crenças e imagens sociais que banalizam e

perpetuam a violência, contribuindo assim para o enfrentamento do abuso sexual no contexto escolar. Além disso, o estudo descreveu detalhadamente os elementos constituintes do Programa “Vivências que Transformam”, tornando-o replicável em diferentes contextos educacionais.

A descrição aprofundada de cada etapa do programa, juntamente com os materiais necessários, reforça o compromisso de fornecer uma base sólida para que outros psicólogos interessados possam implementar a intervenção com educadores no ambiente escolar. Esse cuidado reflete a preocupação em garantir que a proposta seja acessível e útil em diferentes realidades, favorecendo sua aplicabilidade prática.

Cabe ressaltar que apesar da relevância teórica e prática do programa, a implementação de políticas públicas que viabilizem iniciativas dessa natureza é essencial para a formação continuada dirigida aos professores e sua completa articulação com os demais agentes na comunidade escolar. Somente assim, será possível consolidar uma rede eficaz de prevenção e enfrentamento da violência sexual, reservando um lugar para programas como este e articulando-o a outras iniciativas sistemáticas.

O próximo estudo, Estudo 4, que também compõe esta tese, investigará os aspectos relacionados à viabilidade, aceitabilidade e avaliação da eficácia do programa “Vivências que Transformam”, abordando os desafios encontrados na sua aplicação, os resultados alcançados e os possíveis impactos da intervenção no ambiente escolar. Espera-se assim contribuir com evidências empíricas que ampliem a capacidade do programa de promover mudanças no comportamento dos docentes em relação a crenças que dificultam o melhor acolhimento e encaminhamento das diversas situações de violência às quais seus alunos e alunas estão expostos.

## Referências

- Blueseatstudios.com. (2015, 12 de junho). Abuso sexual usando a metáfora da xícara de chá [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=ckUYhFrVJlc&t=16s>
- Brino, R. F. & Williams, L. C. A. (2008). Professores como agentes de prevenção do abuso sexual infantil. *Educação & realidade*, 33(2), 209-229. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/7073>
- Chaffe, L. (2009). Canto de cicatriz [Documentário]. Atena Produções, Coletivo Feminino Plural. <https://www.youtube.com/watch?v=rv0DHEoMNg0&t=21s>
- França, F. F. (2009). *A contribuição dos estudos de gênero à formação docente: uma proposta de intervenção*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá].
- França, F. F. (2014). *Representações sociais de gênero e sexualidade na escola: diálogo com educadoras*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Maringá]. Repositório Institucional da Universidade Estadual de Maringá. <http://old.ppe.uem.br/teses/2014/2014%20-%20Fabiane%20Freire%20Franca.pdf>
- GEAV. (2021, 02 de outubro). Violência contra crianças e adolescentes [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=gSRaVlu2Rbs&t=19s>
- GEAV. (2021, 02 de outubro). Autores de agressão/Violência sexual [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=UhxKG9Na1Wo&t=48s>
- Linhares, M<sup>a</sup>. B. M. (2022). Iniciativas inovadoras e primeira infância: o desenvolvimento de programas. *Revista brasileira de avaliação*, 11 (spe). e113322. <https://doi.org/10.4322/rbaval202211033>
- Oliveira, E. E. (2019). *Investigação das crenças de estudantes sobre a educação em sexualidade no ensino integrado do IFMG-SJE*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro]. <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/12642>
- Stefanini, J. R. (2019). *Pesquisa-ação e práticas restaurativas para a prevenção da violência escolar: percepção dos professores*. [Tese de doutorado, Universidade

de São Paulo]. Repositório Institucional da USP. Doi:10.11606/T.22.2019.tde-07082019-191518

Vagliati, A. C. (2014). *Gritos do silêncio: O professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar*. [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná]. Repositório Institucional da Unioeste. <https://tede.unioeste.br/handle/tede/961>

Vagliati, A. C. (2020). *Representações sociais de docentes sobre violência sexual contra meninas: uma experiência com círculos dialógicos*. [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Maringá]. Plataforma Sucupira. <http://old.ppe.uem.br/teses/2020/2020%20-%20Ana%20Carla.pdf>

Vieira, L. J. E. de S., Silva, R. M. da, Cavancanti, L. F., & Deslandes, S. F. (2015). Capacitação para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes em quatro capitais brasileiras. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(11): 3407-3416. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.20512014>

Zúquete, J. G. P. E. da S., & Noronha, C. V. (2012). “Foi normal, não foi forçado!” versus “Fui abusada sexualmente”: uma interpretação dos discursos de agressores sexuais, das suas vítimas e de testemunhas. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 22 (4): 1357-1376. <https://www.scielo.br/j/physis/a/9pS4BxQJD9WcRHPXKQh8TGs/?format=pdf&lang=pt>

**Estudo 4 – Evidências dos efeitos, da viabilidade e da aceitabilidade de um programa de intervenção com professores para o enfrentamento do abuso sexual no contexto escolar: “Vivências que Transformam”.**

Pesquisas com programas de intervenção têm se expandido em diversas áreas do conhecimento, incluindo a Psicologia. No contexto brasileiro, estudos recentes têm se dedicado a avaliar os efeitos dessas intervenções com diferentes públicos-alvo e abordagens metodológicas distintas (Durgante et al., 2024; Fernandes & Dell’Aglío, 2023; Lins et al., 2023; Pessoa et al., 2023). De modo geral, parte-se do pressuposto que uma intervenção aplicada em um determinado contexto e população específica pode estimular reflexões sobre o tema proposto, gerando mudanças de perspectiva que favorecem mudanças positivas no comportamento. Essas possíveis transformações podem contribuir para a promoção de saúde mental e para a construção de espaços que possibilitem o desenvolvimento humano saudável.

A pesquisa-ação com professores proposta por França (2009) adotou uma abordagem qualitativa, com entrevistas individuais antes e após a intervenção, permitindo a análise das mudanças de percepção dos participantes. Já em seu trabalho de 2014, França utilizou novamente a pesquisa-ação participativa com uma abordagem qualitativa, porém com ênfase no método dos círculos dialógicos. Essa abordagem dos círculos de diálogos proporcionou a problematização e o questionamento de concepções cristalizadas sobre gênero e sexualidade, levando os participantes a vivenciarem dúvidas e tensões internas.

O estudo de Stefanini (2019) adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada na metodologia dos círculos de cultura, uma prática dialógica inspirada no pensamento de Paulo Freire. Essa abordagem visa a construção coletiva do conhecimento por meio da reflexão crítica e da problematização das experiências dos participantes. Além disso, a

pesquisa utilizou a análise temática indutiva como procedimento metodológico para interpretação de dados qualitativos. A pesquisa de Vagliati (2020) utilizou a Técnica de Associação Livre (TAL) aplicada antes e depois da intervenção com círculos dialógicos para investigar e desestabilizar as representações sociais de docentes da educação básica sobre a violência sexual contra meninas.

Os estudos aqui apresentados avaliaram os efeitos positivos de suas intervenções por meio da comparação de dados obtidos antes e após a aplicação do programa, e a partir da análise qualitativa da percepção dos participantes sobre as vivências empreendidas. A identificação de mudanças nos comportamentos e nas percepções dos participantes indicou que as intervenções conduzidas foram eficazes em promover reflexões críticas, desestabilização de concepções preexistentes e estimulando a construção de novas formas de compreensão de os temas áridos em qualquer época da história: gênero, violência e sexualidade.

A avaliação dos programas de intervenção é um componente essencial para compreender seus impactos e para aprimorar práticas de pesquisa. Avaliar os efeitos permite não apenas verificar a eficácia da intervenção, mas também ajustar estratégias metodológicas para que sejam mais eficazes no futuro. Isso contribui para o desenvolvimento de programas cada vez mais alinhados às necessidades do público-alvo e às exigências do contexto social. Promovendo uma reflexão contínua sobre como melhorar e expandir esses processos na tentativa de garantir mudanças positivas e duradouras.

Desse modo, o presente estudo tem como objetivo averiguar os efeitos, a viabilidade e a aceitabilidade de um programa de intervenção aplicado a professores, utilizando a metodologia dos grupos vivenciais com práticas não coercitivas, com intuito contribuir para o enfrentamento do abuso sexual no contexto escolar. A análise será

realizada com base em cinco encontros e nos resultados obtidos por meio de instrumentos aplicados (ECAS e QIS) antes e após a intervenção, tanto no grupo controle quanto no grupo experimental, além do *follow-up* realizado três meses após o término do programa.

## **Objetivos**

### **Objetivo geral**

- Averiguar os efeitos, a viabilidade e a aceitabilidade de um programa de intervenção aplicado a professores, com o propósito de desestabilizar crenças e imagens sociais em relação a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual e seus autores, comparando as percepções dos participantes antes, após a intervenção e no *follow-up*.

### **Objetivos específicos**

- Comparar as respostas dos professores com relação às crenças sociais a partir dos resultados obtidos na Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS), antes e após a intervenção e o *follow-up*;
- Analisar as respostas dos professores com relação às imagens sociais a partir dos resultados do Questionário de Imagens Sociais (QIS), antes e após a intervenção e no *follow-up*;
- Identificar desafios e propostas para a ampliação e aprimoramento de futuras aplicações do programa.

## **Método**

### **Delineamento da pesquisa**

Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa e qualitativa dos dados, de delineamento longitudinal e quase-experimental, envolvendo dois grupos amostrais: o

grupo experimental (GE) e o grupo controle (GC), que não são equivalentes. A pesquisa busca comparar as médias obtidas no pré-teste, pós-teste e *follow-up*, a partir da proposição e implementação de um programa de intervenção com professores.

Os resultados do pré-teste têm como objetivo identificar as crenças e imagens sociais dos participantes por meio da aplicação de instrumentos de ECAS e QIS e do Formulário de Caracterização Sociodemográfico (Etapa A: aplicação dos instrumentos), com resultados apresentados nos Estudo 1 e 2 da presente pesquisa. A aplicação do programa de intervenção, detalhado no Estudo 3, ocorre com o grupo experimental (Etapa B). O pós-teste (Re-etapa A) é a reaplicação dos instrumentos tanto com o grupo controle quanto com o grupo experimental, a fim de avaliar possíveis mudanças nas percepções dos professores em relação às crenças e imagens após a intervenção. Três meses após o término do programa, é realizado o *follow-up* com o grupo experimental para verificar se as mudanças identificadas entre o pré-teste e o pós-teste foram mantidas ao longo do tempo.

### **Procedimentos éticos**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de natureza exploratório-descritiva, com abordagem quanti-qualitativa dos dados. Com relação às considerações éticas, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), Parecer nº 5.611.972 (Anexo B).

### **Contexto da pesquisa**

A pesquisa foi realizada em três escolas públicas estaduais da cidade de Belém, escolhidas por conveniência, todas integrantes da mesma DRE, a qual a doutoranda faz parte como psicóloga desde 2009. As escolas escolhidas serão aqui denominadas como Escola B, Escola D e Escola U.

A Escola B está situada no bairro do Reduto, que integra o centro histórico da cidade, com rico patrimônio arquitetônico colonial, com conexão com o Porto de Belém. A escola oferece Ensino Fundamental II e Ensino Médio, ambos em tempo integral. Os 28 professores que faziam parte do quadro docente no ano de 2023 possuíam carga-horária de 40 horas semanais. A escola contava à época da pesquisa, com 282 alunos matriculados, a maioria dos quais residia no mesmo bairro da instituição.

A Escola D, localizada no bairro de Umarizal, área nobre e urbanizada da cidade, com variedade de serviços e equipamentos comunitários. O bairro é um dos mais valorizados da cidade. Os alunos da referida instituição não moram no bairro que estudam, em geral são oriundos de diferentes áreas da cidade. A escola oferece as modalidades de ensino regular e EJA (Educação de Jovens e Adultos) nas etapas: Fundamental II e Ensino Médio. No ano de 2023, a escola contou com 700 alunos regularmente matriculados e uma equipe com 30 docentes.

A Escola U está situada no bairro Nazaré considerado como um dos bairros que compõem o centro da capital paraense, com pontos turísticos e imóveis valorizados. A escola oferece Ensino Médio Integral, que apresenta um tempo de permanência em sala de aula maior que o ensino não integral, indo de cinco para sete horas de permanência. Os 32 professores que compunham o quadro no ano de 2023, tinham carga-horária de oito horas diárias e 40 horas semanais. Em 2023, a escola contou com 355 alunos matriculados. Nesta escola, os alunos também não costumam morar no mesmo bairro onde a instituição está situada, percorrendo grandes distâncias para chegar até ela.

A Escola R, localizada no bairro da Pedreira, está situada em um dos maiores polos comerciais da cidade. O bairro conta com oito escolas particulares e quatro escolas estaduais. A referida escola oferece Ensino Fundamental I e II, e Ensino Médio. Em 2023, contava com 661 alunos e 33 professores. Ressalta-se que, para a presente pesquisa, essa

escola teve apenas o grupo piloto realizado entre os meses de fevereiro e março de 2023, com um grupo reduzido de participantes, composto por cinco professoras do 5º ano do Ensino Fundamental I. Os dados desse grupo não foram incluídos na análise final, garantindo que não influenciassem no resultado do Estudo 4.

Na Tabela 13 estão as escolas nas quais ocorreu a implementação do programa “Vivências que Transformam”.

**Tabela 13**

*Estrutura das escolas com grupo experimental durante a coleta em 2023*

| Escola   | Nível de ensino               | Quantidade de professores | Quantidade de alunos |
|----------|-------------------------------|---------------------------|----------------------|
| Escola B | Fundamental II e Ensino Médio | 28                        | 282                  |
| Escola D | Fundamental II e Ensino Médio | 41                        | 700                  |
| Escola U | Ensino Médio                  | 32                        | 355                  |

Fonte: Elaborado pela autora.

## Participantes

Nas reuniões realizadas em cada escola para apresentar o programa aos docentes, no momento da aplicação da Etapa A, aqueles que concordaram em participar, assinaram o TCLE (Apêndice A) e realizaram o autopreenchimento dos três instrumentos.

Os professores participantes do grupo experimental foram selecionados com base na disponibilidade nos dias em que os encontros ocorreram, seguindo a orientação das direções escolares de que os docentes que não tivessem aula no dia do encontro dificilmente participariam do grupo. Assim, os encontros foram organizados da seguinte maneira: terças-feiras na Escola D, quartas-feiras na Escola B e quintas-feiras na Escola U. As segundas e sextas-feiras foram desaconselhadas por todas as instituições para a realização de atividades, por serem apontadas como os dias com maior índice de absenteísmo docente. Dessa forma, participaram do grupo experimental 27 professores dos 80 docentes das três escolas que realizaram a Etapa A.

## **Ambiente**

A Etapa A e Re-Etapa A referentes à aplicação dos instrumentos, ocorreram em espaços disponibilizados dentro das escolas, como salas dos professores ou salas de aula cedidas especificamente para essa finalidade. Já os encontros foram organizados de acordo com a disponibilidade de infraestrutura de cada instituição: na Escola D e na Escola U, todas as atividades foram realizadas em salas de aula, enquanto na Escola B, os encontros ocorreram na sala de leitura. Essa organização visou garantir um ambiente adequado para condução das atividades, proporcionando conforto e privacidade aos participantes.

## **Instrumentos**

Os instrumentos utilizados na Etapa A e reaplicados na Re-etapa A foram: 1. Formulário de Caracterização Sociodemográfica - FCS (Apêndice B), 2. Escala de Crenças sobre Abuso Sexual - ECAS (Anexo A) e 3. Questionário de Imagens Sociais - QIS (Apêndice C).

O Formulário de Caracterização Sociodemográfica - FCS (Apêndice B) foi elaborado pela autora, com o objetivo de descrever as características da amostra realizando um levantamento sociodemográfico, composto por 15 itens, entre eles, idade, sexo, orientação sexual, presença de filhos ou não, local de nascimento, local de moradia, nível de ensino que leciona, tempo de experiência, experiência prévia com casos de abuso sexual, vivência desse tipo de violência.

A Escala de Crenças sobre Abuso Sexual - ECAS (Anexo A) adaptada e validada para o Brasil por Pereira et al. (2019), inclui assertivas voltadas para as crenças em torno dos abusos sexuais, especificamente, cometidos contra crianças e adolescentes. Na versão adaptada para o contexto brasileiro, a escala possui 11 itens, com as opções de respostas

apresentadas em uma escala *Likert* de 5 pontos, variando de 1 “discordo totalmente” a 5 “concordo totalmente”.

O Questionário de Imagens Sociais - QIS (Apêndice C) trata-se de um questionário aberto adaptado com base no utilizado por Praia (2021) em sua dissertação de mestrado, tendo sido previamente elaborado por Zappe et al. (2016). Na presente tese, o instrumento foi adaptado para que os educadores participantes pensassem e, em seguida, atribuíssem cinco características aos seguintes grupos: 1. Crianças vítimas de abuso sexual; 2. Adolescentes vítimas de abuso sexual e 3. Autor de agressão sexual.

### **Procedimentos de coleta**

Para conduzir a coleta de dados da Etapa A, foi solicitada à direção das escolas uma reunião com os professores com o intuito de apresentar os objetivos da pesquisa, detalhar suas etapas e reforçar a importância da participação dos professores. Durante a reunião, os docentes foram convidados a participar do estudo. Como nem todos puderam comparecer no primeiro momento, foi necessário retornar às escolas em diferentes ocasiões, buscando garantir uma amostra significativa. Com relação a Re-etapa A, não foi marcada uma reunião, assim, a equipe de voluntárias voltou em diferentes dias para a reaplicação dos instrumentos com os professores participantes da Etapa A.

Quanto a Etapa B, compreende-se que os encontros dos grupos vivenciais se configuram como espaços de comunicação oral, marcados por interações de influências mútuas entre os participantes, em contextos não coercitivos, destacando o papel central das experiências compartilhadas em situação de troca social (Darwich & Garcia, 2019; Darwich et al., 2020), todos os encontros foram registrados em áudio para garantir maior fidelidade na transcrição e análise dos dados. Dito isso, pontua-se que o programa de intervenção foi conduzido conforme o plano de intervenção descrito a seguir, adaptado a

partir do modelo elaborado por Vagliati (2020), conforme demonstrado no Quadro 1, que teve como objetivo proporcionar melhor compreensão dos temas abordados.

### Quadro 1

*Síntese do programa de intervenção.*

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Encontro 1</b> | <b>Conhecendo o grupo</b>   |
| Objetivo          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar o tema do grupo vivencial;</li> <li>• Estabelecer o contrato (assiduidade e liberdade para desistir a qualquer momento);</li> <li>• Iniciar a construção do vínculo entre participantes e a equipe da pesquisa.</li> </ul>  |
| Recursos          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação dos participantes e da equipe da pesquisa;</li> <li>• Realização da dinâmica do “Curtograma”.</li> </ul>  |
| <b>Encontro 2</b> | <b>O que é violência sexual?</b>  |
| Objetivo          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sensibilizar para a prevenção, identificação e encaminhamentos em caso de violência.</li> </ul>  |
| Recursos          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo (GEAV): “Violência contra crianças e adolescentes” (2020).</li> <li>• Música Baile de Favela.</li> </ul>   |
| <b>Encontro 3</b> | <b>Quem é o autor de agressão sexual?</b>   |
| Objetivo          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer quais as crenças e imagens sociais dos docentes sobre os autores de agressão sexual e se consideram que eles têm responsabilidade pela violência cometida.</li> </ul>   |
| Recursos          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeo (GEAV): “Autores de agressão/violência sexual” (2020).</li> <li>• Trecho de uma entrevista com um autor de agressão: Caso Cesar.</li> </ul>  |
| <b>Encontro 4</b> | <b>Quem é a vítima de violência sexual e por que reconhecer o seu sofrimento?</b>   |
| Objetivo          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Discutir as diferentes perspectivas sobre as crenças que culpabilizam a vítima.</li> </ul>   |
| Recursos          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Notícia 1: “Para defensor público, mulher de minissaia pode ser considerada culpada em casos de assédio”.</li> <li>• Notícia 2: “Exposição na Bélgica traz roupas de vítimas de estupro para romper mito de “culpa da mulher”.</li> <li>• Vídeo: “Abuso sexual usando a metáfora da xícara de chá”.</li> </ul> |
| <b>Encontro 5</b> | <b>Encerramento</b>   |
| Objetivo          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sensibilizar para a importância do papel do professor no acolhimento da vítima e que há esperança de reconstrução de um novo caminho.</li> </ul>   |
| Recursos          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Trecho do documentário “Canto de cicatriz”.</li> <li>• Aplicação do Questionário de avaliação da eficácia e satisfação dos participantes quanto ao programa.</li> </ul>  |

### **Apresentação do Programa: “Vivências que Transformam”.**

Para a realização do presente programa foram formados três grupos distintos que aconteceram simultaneamente, entre os meses de abril, maio e junho de 2023, em três escolas diferentes, aqui identificadas como Escola B, Escola D e Escola U. Esses grupos foram compostos por professores com atuação em escolas públicas pertencentes a mesma DRE localizada na cidade de Belém. As escolas selecionadas para a pesquisa foram escolhidas devido ao conhecimento e à relação prévia da pesquisadora com os diretores, o que facilitou a autorização da instituição para a realização da pesquisa e contribuiu para a organização logística, incluindo a flexibilização de horários, liberação dos professores uma hora antes do término do horário de aula para participação das atividades. Essa medida foi adotada em resposta à previsão, feita pelas próprias escolas, de possíveis dificuldades em garantir a participação dos docentes na formação fora do expediente regular, corroborando uma dificuldade já apontada na pesquisa de Vagliati (2020).

Além do conhecimento prévio da direção, influenciou na escolha o fato de todas as escolas terem uma infraestrutura mínima, o que tornou possível a realização dos encontros em um espaço confortável e que pudesse resguardar o sigilo. A instituição disponibilizou uma sala de aula climatizada e limpa, além do equipamento necessário para reprodução do material de vídeo.

### **Procedimentos de realização do programa de intervenção**

Os encontros estavam planejados para ocorrer uma vez por semana, com duração aproximada de uma hora cada, ao longo de cinco semanas consecutivas, totalizando um mês e uma semana. No entanto, devido a diversos imprevistos nas escolas, não foi possível realizá-los de forma contínua em nenhuma delas, resultando na necessidade de encontros alternados. Ainda assim, entre um encontro e outro, era enviado um *card* à

direção da escola para que fosse encaminhado aos professores como lembrete do próximo encontro.

### Figura 13

*Card de aviso entre os encontros*



Fonte: Elaborado pela autora.

Na Escola B, houve um intervalo de uma semana entre o primeiro e o segundo encontro, com os próximos encontros ocorrendo de forma subsequente. Na Escola D, houve um intervalo de duas semanas entre o segundo e o terceiro encontro, realizando os demais consecutivamente. De forma semelhante, na Escola U, houve duas semanas seguidas sem encontros entre o segundo e o terceiro, além de um feriado entre o terceiro e o quarto encontro.

### Quadro 2

*Demonstrativo de realização dos encontros.*

| Escola B   |            | Escola D   |            | Escola U   |            |
|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Encontro 1 | 03/05/2023 | Encontro 1 | 25/04/2023 | Encontro 1 | 04/05/2023 |
| Encontro 2 | 17/05/2023 | Encontro 2 | 02/05/2023 | Encontro 2 | 11/05/2023 |
| Encontro 3 | 24/05/2023 | Encontro 3 | 23/05/2023 | Encontro 3 | 01/06/2023 |
| Encontro 4 | 31/05/2023 | Encontro 4 | 30/05/2023 | Encontro 4 | 15/06/2023 |
| Encontro 5 | 07/06/2023 | Encontro 5 | 06/06/2023 | Encontro 5 | 22/06/2023 |

Fonte: elaborado pela autora.

## **Procedimentos de análise**

A Análise Temática elaborada por Braun e Clarke (2006) é um método de análise qualitativa utilizado para identificar, analisar e interpretar padrões ou temas dentro de dados qualitativos, seguindo seis etapas (Sobreira et al., 2024; Souza, 2019). No presente estudo, o processo de análise teve início com a transcrição das gravações de cada encontro. Os temas foram organizados com base nas interações entre os participantes em cada grupo, refletindo o conteúdo trazido espontaneamente no círculo, com os encontros referenciados como E1, E2, E3, E4, E5.

A discussão dos temas será orientada à luz da Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (2011), segundo a qual o macrossistema abrange um conjunto de crenças sociais, imagens sociais, valores, normas culturais e ideologias presentes em uma sociedade que influenciam diretamente outros sistemas do ambiente ecológico. No contexto do abuso sexual contra crianças e adolescentes, as crenças e imagens sociais presentes no macrossistema desempenham um papel fundamental na forma como o fenômeno é percebido, discutido e enfrentado. Essas influências não apenas moldam atitudes individuais, mas principalmente orientam práticas institucionais, impactando na forma como a sociedade responde à proteção e à assistência às vítimas.

Sabe-se que crenças e imagens sociais que banalizam a violência e culpabilizam vítimas, perpetuam desigualdades de gênero e mantêm relações de poder contribuem para o silenciamento de situações de abuso sexual. De forma ainda mais preocupante, essas percepções podem levar à omissão e à negligência por parte das instituições de ensino, que deveriam desempenhar um papel central na rede de proteção de crianças e adolescentes. Nesse sentido, é fundamental que as escolas se posicionem como ambientes genuinamente protetivos, comprometidos com o enfrentamento da violência sexual e a

garantia de um lugar seguro, promovendo e preservando a saúde física e mental dos que nela convivem (Pessoa et al., 2023; Sato & Croce, 2021).

No presente estudo, utilizou-se também o índice de Kappa de Cohen como recurso estatístico para avaliar a confiabilidade da análise dos dados obtidos, com foco na verificação da concordância entre os avaliadores da pesquisa, denominados aqui de juízes, na atribuição das categorias. Amplamente empregado por profissionais da área da saúde, o índice de Kappa calcula a proporção de concordância observada entre os juízes e a proporção máxima em que eles poderiam concordar ao acaso (Diniz et al., 2023). Pretendeu-se com esse recurso conferir maior rigor metodológico, com o intuito de garantir a validade e a confiabilidade das categorias emergentes do processo de codificação. Assim, os fragmentos dos diálogos dos encontros foram selecionados e organizados em uma planilha de Excel e enviados para a apreciação de dois juízes para que esses procedessem à categorização, assim como a doutoranda responsável pela pesquisa. Assume-se que o valor de Kappa pode variar de 0 a 1, sendo  $K < 0$  sem concordância;  $0 \leq K < 0,21$  concordância leve;  $0,21 \leq K < 0,41$  concordância fraca;  $0,41 \leq K < 0,61$  concordância moderada,  $0,61 \leq K < 0,81$  concordância substancial e entre  $0,81 \leq K < 1$  concordância quase perfeita. Na presente pesquisa o valor de Kappa foi de 0,83 sendo considerado uma concordância quase perfeita.

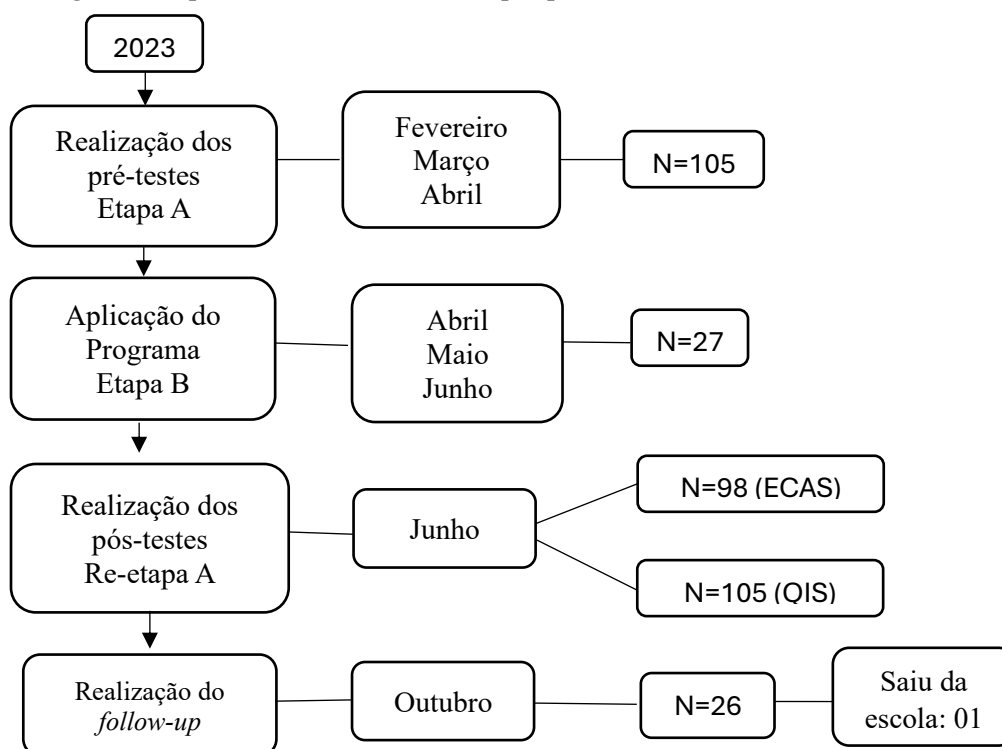
### **Resultados e Discussão**

O fluxograma do processo de realização da pesquisa (Figura 8) apresentado a seguir demonstra os meses de realização de cada etapa e a respectiva quantidade de participantes. Na Etapa A, obteve-se a participação de 105 professores das quatro escolas anteriormente descritas neste estudo. Após o programa de intervenção, os instrumentos foram reaplicados, exceto o formulário de caracterização sociodemográfico (FCS). Três

meses após o encerramento do programa, foi conduzido o *follow-up* no mês de outubro. Nessa etapa, optou-se por incluir apenas o grupo experimental devido às dificuldades encontradas durante a reaplicação da Etapa A, como a resistência de professores em “preencher novamente o mesmo instrumento”. Apesar dos desafios, todos os participantes preencheram os dois instrumentos na reaplicação da Etapa A, exceto 07 docentes que, ao longo do ano, trocaram de instituição, impossibilitando sua participação. E, no *follow-up*, apenas 01 participante não preencheu por estar de licença saúde, conforme pode ser observado no Quadro 3.

**Figura 14**

*Fluxograma do processo de realização da pesquisa*



**Quadro 3**

*Distribuição dos participantes de acordo com cada etapa da pesquisa*

| Escola   | Total de professores por escola | Participantes Etapa A | Participantes Etapa B | Participantes Re-etapa A | <i>Follow-up</i> |
|----------|---------------------------------|-----------------------|-----------------------|--------------------------|------------------|
| Escola B | 28                              | 23                    | 13                    | 21                       | 12               |
| Escola D | 41                              | 30                    | 07                    | 28                       | 07               |
| Escola U | 32                              | 27                    | 07                    | 27                       | 07               |

De acordo com os dados preenchidos pelos docentes nos questionários sociodemográficos aplicados na Etapa A, os dados revelaram a seguinte caracterização desses participantes: 44% são do sexo feminino; 85% identificam-se como heterossexuais; 63% declaram-se pardos. Quanto à religião, 52% são católicos e 59% possuem filhos. Quanto à origem e moradia, 85% nasceram em área urbana e 100% residem nela. Sobre a atuação docente, 52% ministram aula somente para o Ensino Médio, 26% para os ensinos Fundamental II e Médio e 22% apenas para o nível Fundamental II. Os dados da formação acadêmica mostram que 96% possuem pós-graduação. Em relação à violência sexual, 63% relataram não ter acompanhado algum caso de violência sexual na escola, e que 70% afirmaram não ter sofrido nenhuma situação de violência sexual.

As análises foram realizadas separadamente, seguindo o mesmo procedimento para ambas as etapas, antes da aplicação do programa de intervenção (Etapa A), após a realização do programa (Re-etapa A) e *follow-up*. Ao final, os dados de cada análise foram comparados para verificar possíveis mudanças e permanências nas respostas dos participantes.

#### **Análise das crenças: antes, após o programa e *follow-up*.**

Após a elaboração do artigo “Pesquisas com escalas sobre abuso e violência sexual: uma revisão integrativa” pela doutoranda em 2022, escolheu-se por utilizar a Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS) trata-se de uma escala adaptada para o contexto brasileiro por Pereira et al. (2009), composta por 11 afirmativas, cujas respostas estão organizadas em uma escala *Likert* com 5 alternativas cada, apresentadas em uma escala de 1 a 5, sendo 1 – Discordo totalmente e 5 – Concordo totalmente, conforme Quadro 5. As afirmativas da ECAS representam crenças que minimizam a gravidade do abuso sexual, culpabilizam as vítimas e perpetuam o silenciamento.

**Quadro 4**

*Assertivas da Escala de Crenças sobre o Abuso Sexual (ECAS).*

|     |  |
|-----|--|
| P1  | Os abusadores são pessoas que parecem diferentes das pessoas normais.  |
| P2  | As crianças podem provocar o abuso, pelo seu comportamento sedutor.  |
| P3  | Só se pode falar de abuso quando há violência.   |
| P4  | Se alguém abusa sexualmente de uma criança/adolescente, é porque não consegue arranjar parceiras(os) adultas(os).            |
| P5  | Se uma criança/adolescente só se queixa do abuso muito mais tarde, então ele provavelmente não existiu.                      |
| P6  | As adolescentes levam os homens mais velhos a abusar delas.  |
| P7  | Só com crianças pequenas é que se pode falar de abuso. Se um(a) adolescente se envolve com alguém mais velho, a culpa é sua. |
| P8  | Se o abusador não tiver magoado a criança/adolescente o abuso é pouco grave.   |
| P9  | Só se pode falar de abuso se a criança/adolescente resistir fisicamente.   |
| P10 | A maioria das queixas de abuso sexual são falsas.  |
| P11 | Se não tiver havido penetração, então o abuso é pouco grave.   |

Fonte: Elaborado pela autora.

No presente estudo, aplicou-se o teste de *alfa de Cronbach* que é uma medida de consistência interna ou confiabilidade de um conjunto de itens em uma escala, refletindo se os itens internos estão medindo de maneira consistente o construto que se propõe a medir. Após o cálculo, encontrou-se um valor de 0,842 para os participantes da Etapa A, indicando que os itens da ECAS estão, de maneira consistente, avaliando o constructo pretendido, conforme Tabela 14.

**Tabela 14**

*Alfa de Cronbach*

| Grupo                           | N   | Alfa  | IC95        |
|---------------------------------|-----|-------|-------------|
| <b>Etapa A</b>                  | 105 | 0.842 | 0.769-0.844 |
| Etapa A – Grupo Controle        | 78  | 0.838 | 0.736-0.888 |
| Etapa A – Grupo Experimental    | 27  | 0.858 | 0.716-0.919 |
| <b>Re-etapa A</b>               | 98  | 0.797 | 0.711-0.858 |
| Re-etapa A – Grupo Controle     | 71  | 0.733 | 0.591-0.817 |
| Re-etapa A – Grupo Experimental | 27  | 0.922 | 0.85-0.975  |

| <b>Grupo</b>                          | <b>N</b> | <b>Alfa</b> | <b>IC95</b> |
|---------------------------------------|----------|-------------|-------------|
| <i>Follow-Up</i> – Grupo Experimental | 26       | 0.787       | 0.55-0.895  |

As análises estatísticas foram processadas no programa R, considerando-se estatisticamente significante valores inferiores ou iguais a  $\chi^2 \leq 0,05$ . Conforme a Tabela 15 para o grupo experimental, duas afirmativas apresentaram mudanças estatisticamente significativas entre os resultados da ECAS antes e após a aplicação do programa de intervenção, quais sejam, a afirmativa P1 e afirmativa P7, também demonstrado nas Figuras 9 e 10. As demais apresentaram alterações positivas, porém, sem relevância estatística. Essas mudanças podem ser mais bem compreendidas quando analisadas em conjunto com as falas dos participantes ao longo dos encontros.

**Tabela 15**  
*Respostas Etapa A, Re-etapa A e follow-up do grupo experimental*

|           | <b>Etapa</b>                          |  |   | $\chi^2$     |
|-----------|---------------------------------------|--|---|--------------|
|           | <b>Etapa A</b><br>N = 27 <sup>1</sup> | <b>Re-etapa A</b><br>N = 27 <sup>1</sup> | <b>Follow-up</b><br>N = 26 <sup>1</sup> |              |
| <b>P1</b> |                                       |  |   | <b>0.007</b> |
| 1         | 8 (30%)                               | 19 (70%)                                 | 17 (65%)                                |              |
| 2         | 12 (44%)                              | 7 (26%)                                  | 8 (31%)                                 |              |
| 3         | 3 (11%)                               | 0 (0%)                                   | 0 (0%)                                  |              |
| 4         | 4 (15%)                               | 1 (3.7%)                                 | 0 (0%)                                  |              |
| 5         | 0 (0%)                                | 0 (0%)                                   | 1 (3.8%)                                |              |
| <b>P2</b> |                                       |  |   | 0.6          |
| 1         | 22 (81%)                              | 24 (89%)                                 | 24 (92%)                                |              |
| 2         | 5 (19%)                               | 3 (11%)                                  | 2 (7.7%)                                |              |
| <b>P3</b> |                                       |  |   | 0.3          |
| 1         | 19 (70%)                              | 20 (74%)                                 | 23 (88%)                                |              |
| 2         | 8 (30%)                               | 6 (22%)                                  | 3 (12%)                                 |              |
| 4         | 0 (0%)                                | 1 (3.7%)                                 | 0 (0%)                                  |              |
| <b>P4</b> |                                       |  |   | 0.2          |
| 1         | 20 (74%)                              | 22 (81%)                                 | 22 (85%)                                |              |

|            |          |          |          |                |
|------------|----------|----------|----------|----------------|
| 2          | 7 (26%)  | 4 (15%)  | 2 (7.7%) |                |
| 3          | 0 (0%)   | 0 (0%)   | 2 (7.7%) |                |
| 4          | 0 (0%)   | 1 (3.7%) | 0 (0%)   |                |
| <b>P5</b>  |          |          |          | <b>0.2</b>     |
| 1          | 18 (67%) | 24 (89%) | 22 (85%) |                |
| 2          | 8 (30%)  | 3 (11%)  | 4 (15%)  |                |
| 3          | 1 (3.7%) | 0 (0%)   | 0 (0%)   |                |
| <b>P6</b>  |          |          |          | <b>0.5</b>     |
| 1          | 19 (70%) | 22 (81%) | 22 (85%) |                |
| 2          | 6 (22%)  | 5 (19%)  | 4 (15%)  |                |
| 3          | 2 (7.4%) | 0 (0%)   | 0 (0%)   |                |
| <b>P7</b>  |          |          |          | <b>0.030</b>   |
| 1          | 17 (63%) | 22 (81%) | 24 (92%) |                |
| 2          | 10 (37%) | 5 (19%)  | 2 (7.7%) |                |
| <b>P8</b>  |          |          |          | <b>0.4</b>     |
| 1          | 24 (89%) | 21 (78%) | 24 (92%) |                |
| 2          | 3 (11%)  | 6 (22%)  | 2 (7.7%) |                |
| <b>P9</b>  |          |          |          | <b>&gt;0.9</b> |
| 1          | 24 (89%) | 23 (85%) | 22 (85%) |                |
| 2          | 3 (11%)  | 4 (15%)  | 4 (15%)  |                |
| <b>P10</b> |          |          |          | <b>0.9</b>     |
| 1          | 17 (63%) | 20 (74%) | 18 (69%) |                |
| 2          | 9 (33%)  | 7 (26%)  | 7 (27%)  |                |
| 3          | 1 (3.7%) | 0 (0%)   | 1 (3.8%) |                |
| <b>P11</b> |          |          |          | <b>&gt;0.9</b> |
| 1          | 24 (89%) | 23 (85%) | 23 (88%) |                |
| 2          | 3 (11%)  | 4 (15%)  | 3 (12%)  |                |

---

<sup>1</sup> n (%)

<sup>2</sup> Fisher's exact test; Pearson's Chi-squared test

No grupo experimental, antes da aplicação do programa de intervenção, 44% dos participantes assinalaram que discordavam da primeira assertiva (P1): “Os abusadores

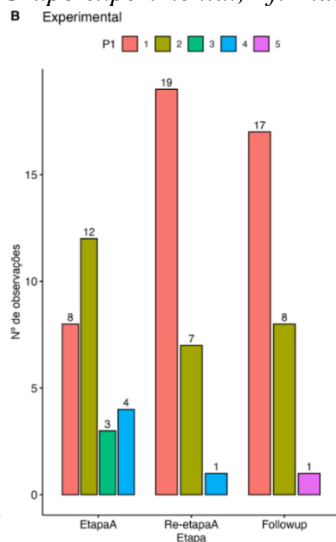
são pessoas que parecem diferentes das pessoas normais”, enquanto 30% discordavam totalmente. Além disso, 11% marcaram “nem concordo nem discordo” e 15% concordaram com a afirmação. Observa-se que após a aplicação do programa, houve uma mudança significativa nas respostas, com 70% dos participantes marcando “discordo totalmente”, 26% indicando “discordo”, nenhum respondendo “nem concordo, nem discordo” e apenas um participante disse concordar com a afirmativa (3.7%), sendo obtido o valor de  $p^2 = 0,007$ , no teste Qui-quadrado, indicando uma mudança importante e estatisticamente significativa nas respostas. No *follow-up*, essa mudança permaneceu alta quando comparada à Etapa A, embora com uma leve diminuição em relação à Re-etapa A, alcançando 65% em “discordo totalmente”, 31% em “discordo”, um participante em “concordo totalmente” (3,8%), enquanto os demais itens não foram assinalados. Assim, destaca-se a evolução dos percentuais de 30% (Etapa A) para 70% (Re-etapa A) e 65% (*follow-up*) no grupo experimental, apontando que o aumento significativo no reconhecimento de que a aparência não define o autor de agressão indica uma maior sensibilização sobre o tema por parte dos participantes.

Tema que foi bastante dialogado durante o programa “Vivências que Transformam”, especialmente no encontro 3 elaborado para abordar o assunto, com intuito de desestabilizar crenças com relação aos autores de agressão, principalmente aquelas que contribuem com a construção de estereótipos sobre os potenciais autores como sendo diferentes das pessoas normais, alguém necessariamente com transtornos mentais, doenças psiquiátricas graves e um desconhecido da vítima (Almeida, 2003; Duarte et al., 2022; Ribeiro & Soeiro, 2011; Pereira, 2020; Sousa, 2021). Os resultados obtidos por Ferraz et al. (2023), identificaram um perfil de autores delineado na amostra brasileira de homens adultos, não brancos, com baixa escolaridade e que professam a religião evangélica, corroborando com os achados de Teixeira et al. (2020). As autoras

destacam que o perfil encontrado também reflete a seletividade carcerária no Brasil, composta em 65,88% de pessoas não brancas e 45% com Ensino Fundamental incompleto (Ferraz et al., 2023).

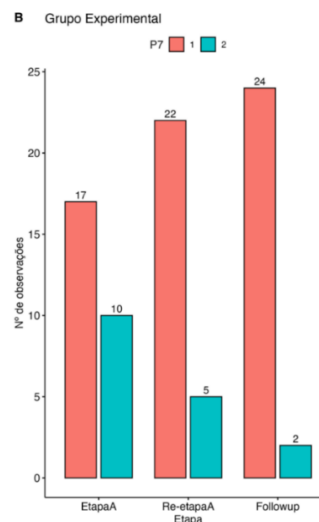
**Figura 15**

*Grupo experimental, Afirmativa 1*



**Figura 4 16**

*Grupo experimental, Afirmativa 7*



Outra pergunta que obteve um resultado significativo, com  $\chi^2 = 0,030$ , após o teste do Qui-quadrado, foi a afirmativa 7 (P7): “Só com crianças pequenas é que se pode falar de abuso. Se um(a) adolescente se envolve com alguém mais velho, a culpa é sua”. Antes do programa, 63% dos participantes discordavam totalmente e 37% discordavam. Após a intervenção, houve uma mudança relevante, para 81% discordo totalmente e 19% discordo. No *follow-up*, os resultados subiram para 92% discordo totalmente e 7,7% discordo. Os resultados demonstram uma possível alteração nas percepções sobre responsabilidade dos adolescentes no contexto de abuso sexual e no entendimento de que o abuso não está limitado a crianças pequenas. É fundamental ressaltar que para além do fato de o abuso sexual não se limitar apenas às crianças, mas também pode acontecer com adolescentes, mas que se deve compreender que o adolescente é igualmente uma vítima e jamais deve ser responsabilizado pela violência sexual sofrida (Ferraz et al., 2021).

As demais afirmativas não alcançaram mudanças estatísticas significativas ( $\chi^2 \leq 0,05$ ), mas observa-se a relevância de pontuar algumas das alterações apresentadas nos resultados por terem sido temas debatidos nos encontros e que podem ter influenciado nas mudanças das respostas como, por exemplo, na segunda afirmação (P2), “As crianças podem provocar o abuso, pelo seu comportamento sedutor”, antes do programa, 81% discordavam totalmente e 19% discordavam. Após a intervenção, esses percentuais aumentaram para 89% em discordo totalmente e 11% em discordo. Após o *follow-up*, o percentual em discordo totalmente aumento para 92%, diminuindo para 7,7% em discordo, não havendo marcação nas demais alternativas. O cálculo do teste Qui-quadrado para essa questão resultou em  $\chi^2 = 0,6$ , no entanto, ao analisar as falas dos professores nos encontros, observa-se que eles reconhecem a existência da crença que tende a responsabilizar a vítima pela violência sofrida, demonstrada nos encontros a partir do tema: “Culpabilização da vítima e normalização da violência”. Ressalta-se que os participantes demonstraram durante o programa uma tendência a reconhecer que existe a culpabilização da vítima na sociedade, no entanto, eles responsabilizaram mais os adultos, seja pelas mães por não conseguirem proteger suas filhas, seja pelos homens autores de violência. Esse posicionamento, ainda que recaia mais sobre as mulheres, reflete uma percepção crítica da dinâmica de culpabilização de meninas e um foco na responsabilidade dos agentes adultos envolvidos nas situações de abuso sexual.

O teste Qui-quadrado da quinta afirmação (P5): “Se uma criança/adolescente só se queixa do abuso muito mais tarde, então ele provavelmente não existiu” foi de  $\chi^2 = 0,2$ . Contudo, essa mudança nas respostas é significativa, pois foi tema relevante nos encontros, especialmente no E5, no qual os professores destacaram o longo período entre a ocorrência da violência e o momento do relato da vítima, conforme exemplificado após o trecho do vídeo Canto de cicatriz. Em termos de resultados, observou-se que o

percentual de participantes que discordavam totalmente da afirmativa aumentou de 67% para 89% (Re-etapa A) e manteve-se em 85% no *follow-up*, enquanto os que discordavam diminuiu de 30% para 11% (Re-etapa A) e 15% no *follow-up*.

A análise dos resultados da afirmação (P6): “As adolescentes levam os homens mais velhos a abusar delas” revela uma mudança nas percepções do grupo experimental. A porcentagem de pessoas que discordam totalmente aumentou de 70% para 81% indicando um fortalecimento da rejeição à ideia de que adolescentes provocam o abuso sexual de homens mais velhos. E o número de pessoas que discordam diminuiu de 22% para 19% obtendo o valor de  $\chi^2 = 0,5$ , o que sugere uma associação moderada, indicando que as variações nas respostas podem ser explicadas por fatores como a participação no programa. Condenando o comportamento de culpabilização da vítima e demonstrando uma maior conscientização das responsabilidades dos agressores.

Na afirmação (P3): “Só se pode falar de abuso quando há violência”, apesar de um valor de  $\chi^2 = 0,3$ , indicando uma associação fraca, a interpretação da questão revela um entendimento adequado sobre abuso sexual, pois os professores, desde a primeira aplicação do instrumento já discordaram dessa afirmação sendo, 70% em discordo totalmente e 30% em discordo, após a intervenção, cresceu o percentual de discordo totalmente indo para 74% e discordo caiu para 22%. No *follow-up*, o percentual aumentou para 88% em discordo totalmente e caiu para 12% em discordo. Destaca-se que a literatura aponta que quando a violência sexual acontece por parte de pais e padrastos, é mais comum que não aconteça o uso de coerção severa, devido ao seu poder geracional e recursos mais complexos para atuar no convencimento da vítima (Ferraz et al., 2023). Ressalta-se também que os próprios exemplos de situações de violência que as professoras mulheres relataram no programa não envolviam o uso da violência física.

Quanto ao grupo controle, não houve diferença estatisticamente significativa, conforme demonstra Tabela 16 com os resultados da Etapa A e Re-etapa A, sem aplicação do programa de intervenção entre as etapas. Pode-se, assim, supor que as mudanças nos resultados obtidos no grupo experimental dizem respeito a experiência de ter vivenciado o programa “Vivências que Transformam”.

**Tabela 16**  
*Respostas Etapa A e Re-etapa A do grupo controle*

|           | Etapa                           |                                   | $\chi^2$ |
|-----------|---------------------------------|-----------------------------------|----------|
|           | Etapa A<br>N = 105 <sup>l</sup> | Re-etapa A<br>N = 98 <sup>l</sup> |          |
| <b>P1</b> |                                 |                                   | 0,087    |
| 1         | 38 (36%)                        | 50 (51%)                          |          |
| 2         | 38 (36%)                        | 33 (34%)                          |          |
| 3         | 15 (14%)                        | 6 (6.1%)                          |          |
| 4         | 13 (12%)                        | 7 (7.1%)                          |          |
| 5         | 1 (1.0%)                        | 2 (2.0%)                          |          |
| <b>P2</b> |                                 |                                   | 0.6      |
| 1         | 83 (79%)                        | 84 (86%)                          |          |
| 2         | 17 (16%)                        | 10 (10%)                          |          |
| 3         | 3 (2.9%)                        | 2 (2.0%)                          |          |
| 4         | 2 (1.9%)                        | 2 (2.0%)                          |          |
| <b>P3</b> |                                 |                                   | 0.4      |
| 1         | 82 (78%)                        | 78 (80%)                          |          |
| 2         | 22 (21%)                        | 16 (16%)                          |          |
| 3         | 0 (0%)                          | 1 (1.0%)                          |          |
| 4         | 1 (1.0%)                        | 3 (3.1%)                          |          |
| <b>P4</b> |                                 |                                   | 0.3      |
| 1         | 83 (79%)                        | 83 (85%)                          |          |
| 2         | 19 (18%)                        | 12 (12%)                          |          |
| 3         | 3 (2.9%)                        | 1 (1.0%)                          |          |
| 4         | 0 (0%)                          | 2 (2.0%)                          |          |
| <b>P5</b> |                                 |                                   | 0.12     |

|            |          |          |       |
|------------|----------|----------|-------|
| 1          | 77 (73%) | 83 (85%) |       |
| 2          | 26 (25%) | 14 (14%) |       |
| 3          | 2 (1.9%) | 1 (1.0%) |       |
| <b>P6</b>  |          |          | 0.4   |
| 1          | 76 (72%) | 79 (81%) |       |
| 2          | 23 (22%) | 16 (16%) |       |
| 3          | 6 (5.7%) | 3 (3.1%) |       |
| <b>P7</b>  |          |          | 0.069 |
| 1          | 78 (74%) | 83 (85%) |       |
| 2          | 26 (25%) | 13 (13%) |       |
| 3          | 1 (1.0%) | 2 (2.0%) |       |
| <b>P8</b>  |          |          | 0.6   |
| 1          | 93 (89%) | 90 (92%) |       |
| 2          | 11 (10%) | 8 (8.2%) |       |
| 4          | 1 (1.0%) | 0 (0%)   |       |
| <b>P9</b>  |          |          | 0.6   |
| 1          | 92 (88%) | 88 (90%) |       |
| 2          | 13 (12%) | 10 (10%) |       |
| <b>P10</b> |          |          | 0.3   |
| 1          | 64 (61%) | 69 (70%) |       |
| 2          | 38 (36%) | 28 (29%) |       |
| 3          | 3 (2.9%) | 1 (1.0%) |       |
| <b>P11</b> |          |          | 0.3   |
| 1          | 92 (88%) | 90 (92%) |       |
| 2          | 13 (12%) | 8 (8.2%) |       |

---

<sup>1</sup> n (%)

<sup>2</sup> Fisher's exact test

A Tabela 17 apresenta dados comparando o grupo experimental (GE) com o grupo controle (GC) entre as etapas (Etapa A, Re-etapa A e *Follow-up*). De modo geral, observa-se que a maioria das afirmativas apresenta maior frequência de respostas no item “discordo totalmente” já apontando um desempenho positivo dos professores em ambos

os grupos. No entanto, ao comparar a evolução entre as etapas, percebe-se que o grupo experimental apresenta melhorias evidentes entre a Etapa A e Re-etapa A. Já no grupo controle, os números tendem a se manter mais estáveis. No *follow-up*, a manutenção dos resultados do grupo experimental é perceptível, ainda que com pequenas variações. Dessa forma, os dados sugerem que a intervenção pode ter tido um impacto positivo no grupo experimental, promovendo uma mudança, e garantindo a manutenção desse efeito ao longo do tempo.

**Tabela 17**  
*Comparação grupo controle e grupo experimental*

|           | Etapa A  |          | Re-etapa A |          | Follow-up |
|-----------|----------|----------|------------|----------|-----------|
|           | GE       | GC       | GE         | GC       | GE        |
| <b>P1</b> |          |          |            |          |           |
| 1         | 8 (30%)  | 38 (36%) | 19 (70%)   | 50 (51%) | 17 (65%)  |
| 2         | 12 (44%) | 38 (36%) | 7 (26%)    | 33 (34%) | 8 (31%)   |
| 3         | 3 (11%)  | 15 (14%) | 0 (0%)     | 6 (6.1%) | 0 (0%)    |
| 4         | 4 (15%)  | 13 (12%) | 1 (3.7%)   | 7 (7.1%) | 0 (0%)    |
| 5         |          | 1 (1.0%) | 0 (0%)     | 2 (2.0%) | 1 (3.8%)  |
| <b>P2</b> |          |          |            |          |           |
| 1         | 22 (81%) | 83 (79%) | 24 (89%)   | 84 (86%) | 24 (92%)  |
| 2         | 5 (19%)  | 17 (16%) | 3 (11%)    | 10 (10%) | 2 (7.7%)  |
| 3         |          | 3 (2.9%) |            | 2 (2.0%) |           |
| 4         |          | 2 (1.9%) |            | 2 (2.0%) |           |
| <b>P3</b> |          |          |            |          |           |
| 1         | 19 (70%) | 82 (78%) | 20 (74%)   | 78 (80%) | 23 (88%)  |
| 2         | 8 (30%)  | 22 (21%) | 6 (22%)    | 16 (16%) | 3 (12%)   |
| 3         |          | 0 (0%)   | 0 (0%)     | 1 (1.0%) | 0 (0%)    |
| 4         |          | 1 (1.0%) | 1 (3.7%)   | 3 (3.1%) |           |
| <b>P4</b> |          |          |            |          |           |
| 1         | 20 (74%) | 83 (79%) | 22 (81%)   | 83 (85%) | 22 (85%)  |
| 2         | 7 (26%)  | 19 (18%) | 4 (15%)    | 12 (12%) | 2 (7.7%)  |
| 3         |          | 3 (2.9%) | 0 (0%)     | 1 (1.0%) | 2 (7.7%)  |
| 4         |          | 0 (0%)   | 1 (3.7%)   | 2 (2.0%) | 0 (0%)    |
| <b>P5</b> |          |          |            |          |           |
| 1         | 18 (67%) | 77 (73%) | 24 (89%)   | 83 (85%) | 22 (85%)  |
| 2         | 8 (30%)  | 26 (25%) | 3 (11%)    | 14 (14%) | 4 (15%)   |
| 3         | 1 (3.7%) | 2 (1.9%) | 0 (0%)     | 1 (1.0%) | 0 (0%)    |
| <b>P6</b> |          |          |            |          |           |
| 1         | 19 (70%) | 76 (72%) | 22 (81%)   | 79 (81%) | 22 (85%)  |
| 2         | 6 (22%)  | 23 (22%) | 5 (19%)    | 16 (16%) | 4 (15%)   |
| 3         | 2 (7.4%) | 6 (5.7%) | 0 (0%)     | 3 (3.1%) | 0 (0%)    |
| <b>P7</b> |          |          |            |          |           |
| 1         | 17 (63%) | 78 (74%) | 22 (81%)   | 83 (85%) | 24 (92%)  |
| 2         | 10 (37%) | 26 (25%) | 5 (19%)    | 13 (13%) | 2 (7.7%)  |
| 3         |          | 1 (1.0%) |            | 2 (2.0%) |           |

|            |          |          |          |          |          |
|------------|----------|----------|----------|----------|----------|
| <b>P8</b>  |          |          |          |          |          |
| 1          | 24 (89%) | 93 (89%) | 21 (78%) | 90 (92%) | 24 (92%) |
| 2          | 3 (11%)  | 11 (10%) | 6 (22%)  | 8 (8.2%) | 2 (7.7%) |
| 4          |          | 1 (1.0%) |          | 0 (0%)   |          |
| <b>P9</b>  |          |          |          |          |          |
| 1          | 24 (89%) | 92 (88%) | 23 (85%) | 88 (90%) | 22 (85%) |
| 2          | 3 (11%)  | 13 (12%) | 4 (15%)  | 10 (10%) | 4 (15%)  |
| <b>P10</b> |          |          |          |          |          |
| 1          | 17 (63%) | 64 (61%) | 20 (74%) | 69 (70%) | 18 (69%) |
| 2          | 9 (33%)  | 38 (36%) | 7 (26%)  | 28 (29%) | 7 (27%)  |
| 3          | 1 (3.7%) | 3 (2.9%) | 0 (0%)   | 1 (1.0%) | 1 (3.8%) |
| <b>P11</b> |          |          |          |          |          |
| 1          | 24 (89%) | 92 (88%) | 23 (85%) | 90 (92%) | 23 (88%) |
| 2          | 3 (11%)  | 13 (12%) | 4 (15%)  | 8 (8.2%) | 3 (12%)  |

<sup>1</sup> n (%)

A seguir, são apresentadas as análises com relação as imagens sociais dos professores, obtidas a partir da aplicação do Questionário de Imagens Sociais (QIS) também aplicado com os grupos controle e experimental. A coleta ocorreu conjuntamente com a ECAS, em três momentos ao longo da presente pesquisa, antes do início do programa de intervenção (Etapa A), imediatamente após sua conclusão (Re-etapa A) e, exclusivamente, com o grupo experimental, três meses após o encerramento (*follow-up*).

### **Imagens Sociais antes, após o programa e *Follow-up***

Com base nas respostas dos professores ao QIS, realizou-se a análise prototípica referente ao estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual”, “adolescente vítima de abuso sexual” e “autor de abuso sexual”. Nesta seção, foram comparadas as respostas dos grupos experimental e controle. Optou-se por apresentá-los separadamente para maior clareza e melhor organização dos dados, iniciando pelo grupo experimental que foi composto por 27 professores que participaram do programa de intervenção “Vivências que Transformam”. Eles responderam ao questionário antes da intervenção (Etapa A), imediatamente após o programa (Re-etapa A) e o *follow-up* três meses após o encerramento do programa.

**Grupo experimental: “criança vítima de abuso sexual”**

Com relação ao estímulo indutor, “criança vítima de abuso sexual”, o primeiro quadrante (superior esquerdo), apresenta as palavras com alta frequência e baixa ordem de evocação (mais prontamente lembradas pelos participantes). Provavelmente indicadoras do núcleo central da imagem social que os professores têm das crianças vítimas de abuso sexual, conforme pode ser observado nas Tabelas 18 (Etapa A), 19 (Re-etapa A) e 20 (*Follow-up*) a seguir.

**Tabela 18**

*Análise prototípica - estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 27)*

*Etapa A – Grupo Experimental*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 2,89 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,89 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 3,88           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Triste                               |                        | 11         | 2,5 | Agressiva                            | 7          | 4,3 |
| Introvertida                         |                        | 7          | 2,4 | Isolada                              | 7          | 3,4 |
| Assustada                            |                        | 4          | 2   | Antissocial                          | 5          | 3,4 |
|                                      | <b>Freq. &lt; 3,88</b> |            |     |                                      |            |     |
| Introspectiva                        |                        | 3          | 2,3 | Desconfiada                          | 3          | 3,3 |
| Tímida                               |                        | 3          | 2,7 | Nervosa                              | 3          | 3   |
| Amedrontado                          |                        | 2          | 1,5 | Baixa autoestima                     | 3          | 4   |
| Acuada                               |                        | 2          | 1,5 | Ingênua                              | 2          | 4,5 |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

**Tabela 19**

*Análise prototípica - estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 27)*

*Re-etapa A – Grupo Experimental*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 3,01 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 3,01 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 3,65           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Triste                               |                        | 12         | 1,8 | Agressiva                            | 7          | 4   |
| Calada                               |                        | 7          | 2,9 | Medrosa                              | 6          | 3,2 |
| Envergonhada                         |                        | 4          | 3   | Isolada                              | 5          | 3,8 |
|                                      | <b>Freq. &lt; 3,65</b> |            |     |                                      |            |     |
| Assustada                            |                        | 3          | 1,3 | Introspectivo                        | 3          | 4,3 |
| Introspectiva                        |                        | 3          | 2,3 | Inocente                             | 3          | 4,3 |
| Indefesa                             |                        | 3          | 2,7 | Ansiosa                              | 3          | 4   |
| Antissocial                          |                        | 3          | 2,7 | Deprimida                            | 3          | 3,7 |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

No núcleo central, identificaram-se características marcantes que permaneceram estáveis entre as etapas como, por exemplo, a palavra ‘triste’ evocada em todos os momentos de coleta e com frequências semelhantes, 11, 12 e 10 vezes, respectivamente, porém com ordem de evocação menor após a intervenção, apontando para a consolidação da tristeza como um elemento marcante e consensual da imagem social atribuída às

crianças vítimas de abuso sexual. Ressalta-se que a inclusão do termo ‘calada’ após a intervenção pode sugerir um novo aspecto relevante, possivelmente associado a como os professores percebem o comportamento das vítimas após a violência sofrida.

Na primeira periferia, quadrante superior direito, estão as palavras que não foram tão prontamente evocadas, mas com alta frequência. A palavra ‘agressiva’ se repete em todas as etapas e com a mesma frequência (7), e o termo ‘isolada’ também se repete no mesmo quadrante com uma pequena diminuição na frequência indo de 7 para 5 evocações entre a Etapa A e a Re-etapa, mas indo para 8 no *follow-up*, e o termo ‘antissocial’ que estava na Etapa A, não aparece na Re-etapa A, porém, surge o termo ‘medrosa’ (Re-etapa A, Tabela 19) que se mantém no *follow-up*. O que pode sugerir que esses aspectos ‘agressiva’ e ‘isolada’ continuam sendo relevantes, significativos, embora menos evocadas que o núcleo central, complementando-o.

**Tabela 20**

*Análise prototípica - estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 26)*

*Follow-up – Grupo Experimental*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 2,88 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,88 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 3,85           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Triste                               |                        | 10         | 2,1 | Isolada                              | 8          | 4,2 |
| Introvertida                         |                        | 7          | 2,1 | Agressiva                            | 7          | 3,7 |
| Desconfiada                          |                        | 5          | 2,6 | Medrosa                              | 7          | 3,4 |
|                                      | <b>Freq. &lt; 3,85</b> |            |     |                                      |            |     |
| Traumatizada                         |                        | 3          | 1   | Antissocial                          | 3          | 3,7 |
| Instável                             |                        | 3          | 1   | Ansiosa                              | 3          | 4,3 |
| Calada                               |                        | 3          | 2,7 | Isolado                              | 3          | 4   |
| Amedrontada                          |                        | 3          | 1,7 | Deprimida                            | 2          | 4   |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ

Na segunda periferia, quadrante inferior direito, encontram-se palavras com baixa frequência e maior ordem de evocação, ou seja, não foram prontamente lembradas e só foram evocados por poucos participantes, sugerindo um menor consenso entre eles. Na Tabela 18 estão presentes os termos ‘desconfiada’, ‘nervosa’, ‘baixa autoestima’ e ‘ingênuas’. Após a intervenção, surgiram as palavras ‘introspectivo’, ‘inocente’, ‘ansiosa’ e ‘deprimida’ (Tabela 19) e no *follow-up* (Tabela 20), mantiveram-se as palavras ‘ansiosa’

e ‘deprimida’. Na zona de contraste, quadrante inferior esquerdo, estão as palavras com frequência abaixo da média, com uma ordem de evocação intermediária. Observa-se que os termos que aparecem possuem significados semelhantes, ‘introspectiva’ que está presente na Etapa A e na Re-etapa A com a mesma frequência (3), ‘assustada’ (Tabela 19), ‘amedrontada’ e ‘acuada’ (Tabela 18). Observa-se que ‘amedrontada’ continua aparecendo no *follow-up*.

A análise dos dados apresentados permite identificar as características que os professores associam às crianças vítimas de abuso sexual comparando em diferentes momentos (Etapa A, Re-etapa A e *Follow-up*). O núcleo central demonstra uma constância, mostrando estabilidade e consensualidade entre os participantes dessas crianças como indivíduos vulneráveis. A palavra ‘triste’ aparece como o elemento mais forte em todas as etapas, indicando um aspecto emocional negativo que é o núcleo principal da imagem social, apontando para uma possível ênfase no sofrimento psicológico e nas dificuldades de interação social, possivelmente estando relacionado a valores de empatia dos professores por essas crianças. Os elementos da primeira periferia apresentam uma maior variação, como os termos ‘agressiva’, ‘isolada’, ‘antissocial’, ‘medrosa’ que parecem complementar o núcleo central. O uso do termo ‘agressiva’ pode indicar que os professores percebem reações externas, possivelmente defensivas e impulsivas. ‘isolada’ e ‘antissocial’ podem refletir dificuldades de interação social.

Compreende-se assim que as evocações atribuídas às crianças vítimas de abuso sexual, tanto antes quanto após a intervenção, refletem a percepção dos professores sobre o comportamento das crianças com um olhar mais sensível, evidenciando aspectos associados à sua vulnerabilidade, corroborando com a imagem da “criança em perigo” apontada por Moraes (2017) que está associada aos conceitos de fragilidade e inocência. Após a intervenção, observa-se uma maior atenção às possíveis consequências

emocionais do abuso, sugerindo que o programa pode ter contribuído para ampliar a compreensão dos participantes, favorecendo uma percepção mais empática sobre o impacto emocional da violência sofrida.

**Grupo experimental: “adolescente vítima de abuso sexual”**

Com relação ao estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual”, obtém-se conforme a seguir, Tabela 21 (Etapa A), Tabela 22 (Re-etapa A) e Tabela 23 (*follow-up*).

**Tabela 21**

*Análise prototípica - estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 27)*  
*Etapa A – Grupo Experimental*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 3,01 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 3,01 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 3,36           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Deprimido                            |                        | 7          | 2,1 | Agressivo                            | 8          | 3,2 |
| Desconfiado                          |                        | 5          | 3   | Triste                               | 8          | 3,1 |
| Traumatizado                         |                        | 5          | 2,4 | Antissocial                          | 5          | 3,6 |
|                                      | <b>Freq. &lt; 3,36</b> |            |     |                                      |            |     |
| Tímido                               |                        | 3          | 3   | Ansiosa                              | 3          | 3,3 |
| Calada                               |                        | 3          | 1,3 | Baixa autoestima                     | 3          | 3,3 |
| Agressiva                            |                        | 2          | 2,5 | Retraída                             | 3          | 3,7 |
|                                      |                        |            |     | Revoltado                            | 3          | 3,3 |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

**Tabela 22**

*Análise prototípica - estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 27)*  
*Re-etapa A – Grupo Experimental*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 3 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 3 |            |     |
|-----------------------------------|------------------------|------------|-----|-----------------------------------|------------|-----|
| Palavra                           | Freq. ≥ 2,84           | Frequência | OME | Palavra                           | Frequência | OME |
| Triste                            |                        | 10         | 2,1 | Antissocial                       | 6          | 3,7 |
| Agressivo                         |                        | 6          | 2,9 | Introspectivo                     | 3          | 4,3 |
| Revoltada                         |                        | 4          | 2,5 | Introvertida                      | 3          | 4   |
|                                   | <b>Freq. &lt; 2,84</b> |            |     |                                   |            |     |
| Assustada                         |                        | 2          | 3   | Calada                            | 2          | 3,5 |
| Calado                            |                        | 2          | 1,5 | Inocente                          | 2          | 4,5 |
| Introspectiva                     |                        | 2          | 2   | Vítima                            | 2          | 5   |
|                                   |                        |            |     | Apático                           | 2          | 4   |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

**Tabela 23**

*Análise prototípica - estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 26)*  
*Follow-up – Grupo Experimental*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 2,88 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,88 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 3,03           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Triste                               |                        | 11         | 2,6 | Antissocial                          | 6          | 4   |
|                                      |                        |            |     | Isolada                              | 5          | 4,2 |
|                                      |                        |            |     | Deprimida                            | 4          | 4   |
|                                      | <b>Freq. &lt; 3,03</b> |            |     |                                      |            |     |
| Envergonhada                         |                        | 3          | 2   | Ansiosa                              | 3          | 4,3 |
| Instável                             |                        | 3          | 1,6 | Medrosa                              | 3          | 4   |
| Revoltada                            |                        | 3          | 2   | Retraída                             | 3          | 3,3 |

---

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

Obteve-se na Etapa A (Tabela 21), no núcleo central, os termos ‘deprimido’, ‘desconfiado’ e ‘traumatizado’ com alta frequência e baixa ordem de evocação. Já na Re-etapa A (Tabela 22), apareceram as palavras ‘triste’, ‘agressivo’ e ‘revoltada’ no núcleo central, mostrando uma mudança entre a realização das etapas, pois as evocações ‘triste’ e ‘agressivo’, antes da intervenção, estavam compondo a primeira periferia (quadrante superior direito), ou seja, essas palavras passaram a ser mais prontamente evocadas e passaram a compor o núcleo central quando aplicada a Re-etapa A e com o termo ‘triste’ se mantendo com maior frequência no *follow-up* (Tabela 23).

Conforme apresentado na Tabela 21, a primeira periferia era inicialmente composta por ‘agressivo’, ‘triste’ e ‘antissocial’. Na Re-etapa A (Tabela 22), manteve-se o termo ‘antissocial’ e surgiram as características ‘introspectivo’ e ‘introvertida’, ambos os termos estão associados a uma percepção de retraimento social. No *follow-up* houve a repetição de ‘antissocial’ e o acréscimo de ‘isolada’ e ‘deprimida’. Essas evocações podem indicar que os professores identificam tanto sofrimento interno quanto afastamento social do aluno na escola como possível consequência do abuso sexual.

Na segunda periferia, quadrante inferior direito, encontram-se as palavras ‘ansiosa’, ‘baixa autoestima’, ‘retraída’ e ‘revoltado’ na Tabela 21, enquanto na Tabela 22, compõem o quadrante os termos ‘calada’, ‘inocente’, ‘vítima’ e ‘apático’ e no *follow-up* foram atribuídos os termos ‘ansiosa’, ‘medrosa’, ‘retraída’ e ‘desconfiada’. Na zona de contraste, quadrante inferior esquerdo, estão os elementos que, mesmo com baixa frequência, podem trazer indícios de modificação das imagens sociais. Na Etapa A, surgem as palavras ‘tímido’, ‘calada’ e ‘agressiva’, cambiando para ‘assustada’, ‘calado’

e ‘introspectiva’ na Re-etapa A (Tabela 22) e ‘envergonhada’, ‘instável’ e ‘revoltada’ no *follow-up*.

A percepção do adolescente como ‘agressivo’ na primeira periferia, Etapa A (Tabela 21) e no núcleo central, Re-etapa A (Tabela 22), corroboram com a imagem de que os adolescentes são menos identificados com a vulnerabilidade apontada nas crianças. A palavra ‘agressivo’ sugere força ou violência, deslocando a imagem da vítima. Essa imagem corrobora com estudos que também destacam atributos negativos a esses sujeitos e compreendendo que as imagens sociais estão intimamente relacionadas com as expectativas sobre os comportamentos dos indivíduos, essas evocações negativas associadas aos adolescentes podem ocasionar consequências negativas para o seu desenvolvimento (Cruz, 2019; Cruz et al., 2024; Domingues, 2013; Patias et al., 2016; Praia, 2021; Wendt et al., 2018; Zappe et al., 2016).

Contudo, ressalta-se que no *follow-up* a palavra ‘agressivo’ não surgiu em nenhum quadrante, podendo assim supor um início de desestabilização dessa imagem social negativa. Além disso, é importante destacar que após a aplicação da intervenção, houve o surgimento das palavras ‘inocente’ e ‘vítima’, ainda que na segunda periferia (Tabela 22, Re-etapa A), pois elas não apareciam anteriormente, porém não foram utilizadas novamente no *follow-up*. As mudanças identificadas entre as tabelas apontam para uma evolução no entendimento dos professores sobre as possíveis consequências da vivência de uma situação de abuso sexual pelos alunos. As percepções descritas reforçam o desafio de interpretar o comportamento desses jovens vítimas sem estigmatizá-los.

***Grupo experimental: “autor de abuso sexual”***

Na Etapa A (Tabela 24), o núcleo central é composto pelas palavras ‘dissimulado’, ‘doente’, ‘vítima’ e ‘gentil’, apresentando maior frequência e baixa ordem de evocação. Na primeira periferia, encontram-se ‘antissocial’, ‘calculista’, ‘violento’ e ‘mentiroso’,

com alta frequência, mas que não foram tão prontamente evocadas. Na segunda periferia estão ‘amável’, ‘desumano’, ‘psicopata’ e ‘abandonado’ com baixa frequência e alta ordem de evocação. E na zona de contraste estão presentes ‘viciado’, ‘desconfiado’, ‘perverso’ e ‘frio’, com baixa frequência, porém baixa ordem de evocação, ou seja, prontamente lembrados.

**Tabela 24**

*Análise prototípica - estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 27)*

*Etapa A – Grupo Experimental*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 3,1 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 3,1 |            |     |
|-------------------------------------|------------------------|------------|-----|-------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                             | Freq. ≥ 2,72           | Frequência | OME | Palavra                             | Frequência | OME |
| Dissimulado                         |                        | 7          | 2,3 | Antissocial                         | 4          | 3,2 |
| Doente                              |                        | 6          | 2,2 | Calculista                          | 4          | 5   |
| Vítima                              |                        | 4          | 1,8 | Violento                            | 3          | 4,3 |
| Gentil                              |                        | 3          | 2,7 | Mentiroso                           | 3          | 3,7 |
|                                     | <b>Freq. &lt; 2,72</b> |            |     |                                     |            |     |
| Viciado                             |                        | 2          | 1,5 | Amável                              | 2          | 4   |
| Desconfiado                         |                        | 2          | 3   | Desumano                            | 2          | 3,5 |
| Perverso                            |                        | 2          | 2   | Psicopata                           | 2          | 3,5 |
| Frio                                |                        | 2          | 2,5 | Abandonado                          | 2          | 3,5 |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

**Tabela 25**

*Análise prototípica - estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 27)*

*Re-etapa A – Grupo Experimental*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 2,98 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,98 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 2,62           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Normal                               |                        | 4          | 2,5 | Dissimulado                          | 7          | 3,9 |
| Violento                             |                        | 3          | 1,3 | Agressivo                            | 4          | 3,5 |
| Observador                           |                        | 3          | 2,3 | Possessivo                           | 3          | 4,3 |
| Criminoso                            |                        | 3          | 2,3 | Sociopata                            | 3          | 3,3 |
| Doente                               |                        | 3          | 1,3 |                                      |            |     |
|                                      | <b>Freq. &lt; 2,62</b> |            |     |                                      |            |     |
| Oportunista                          |                        | 2          | 2,5 | Covarde                              | 2          | 5   |
| Próximo                              |                        | 2          | 1   | Antissocial                          | 2          | 3,5 |
| Manipulador                          |                        | 2          | 2   | Irracional                           | 2          | 3   |
| Imoral                               |                        | 2          | 1,5 | Machista                             | 2          | 3,5 |
|                                      |                        |            |     | Confiável                            | 2          | 5   |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

Na Re-etapa A (Tabela 25), o núcleo central é composto pelas palavras ‘normal’, ‘violento’, ‘observador’, ‘criminoso e ‘doente’, com maior frequência e baixa ordem de evocação. Na primeira periferia, estão ‘dissimulado’, ‘agressivo’, ‘possessivo’ e ‘sociopata’ com alta frequência, mas que não foram tão prontamente evocadas. Na segunda periferia encontram-se ‘covarde’, ‘antissocial’, ‘irracional’, ‘machista’ e ‘confiável’ com baixa frequência e alta ordem de evocação. E na zona de contraste estão

‘oportunista’, ‘próximo’, ‘manipulador’ e ‘imoral’, com baixa frequência, porém baixa ordem de evocação, ou seja, prontamente lembrados.

**Tabela 26**

*Análise prototípica - estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 26)*

*Follow-up – Grupo Experimental*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 2,98 |                        |            | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,98 |             |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|--------------------------------------|-------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 2,72           | Frequência | OME                                  | Palavra     | Frequência | OME |
| Dissimulado                          |                        | 7          | 2,14                                 | Normal      | 6          | 2,8 |
| Próximo                              |                        | 4          | 2,5                                  | Mentiroso   | 3          | 4   |
| Doente                               |                        | 3          | 1,3                                  |             |            |     |
| Persuasivo                           |                        | 3          | 1,7                                  |             |            |     |
| Manipulador                          |                        | 3          | 2,3                                  |             |            |     |
|                                      | <b>Freq. &lt; 2,72</b> |            |                                      |             |            |     |
| Conservador                          |                        | 2          | 1,5                                  | Insensível  | 2          | 3,5 |
| Psicopata                            |                        | 2          | 2,5                                  | Ardiloso    | 2          | 4,5 |
| Amigável                             |                        | 2          | 1                                    | Oportunista | 2          | 4,5 |
| Extrovertido                         |                        | 2          | 2,5                                  | Mau caráter | 2          | 4,5 |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

Observa-se que, ao longo das três etapas analisadas, o termo ‘doente’ manteve-se presente no núcleo central, embora tenha apresentado uma redução importante na frequência, passando de seis ocorrências na Etapa A para três na Re-etapa A, mantendo-se em três no *follow-up*. Outro aspecto relevante é a introdução do termo ‘normal’ no núcleo central, após a intervenção, durante a Re-etapa A (Tabela 25), o que pode sugerir uma tentativa de naturalizar ou humanizar a imagem atribuída ao autor de abuso sexual contra crianças e adolescentes após a participação no programa. Principalmente, quando observado que a palavra ‘normal’ surge novamente no *follow-up* na primeira periferia, complementando o núcleo central. Destaca-se também o surgimento do termo ‘machista’ na segunda periferia na Re-etapa A, possivelmente associado a questões de gênero e à objetificação de meninas e mulheres, ampliando assim a percepção sobre os comportamentos que envolvem a violência sexual e os sujeitos que os cometem.

***Grupo controle: “criança vítima de abuso sexual”***

Conforme pode ser observado nas Tabelas 27 e 28, não houve mudanças significativas no núcleo central, tendo permanecido os termos ‘triste’ e ‘medrosa’ com

altas frequências e baixa ordem de evocação. As palavras ‘agressiva’ e ‘insegura’ também apareceram tanto na Etapa A (Tabela 27), quanto na Re-etapa A (Tabela 28), ambas na primeira periferia. A expressão ‘apática’ se manteve na segunda periferia, com frequência semelhante entre as etapas, 5 e 4, respectivamente.

**Tabela 27**

*Análise prototípica - estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 78)*

*Etapa A – Grupo Controle*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 2,98 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,98 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 7,38           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Triste                               |                        | 34         | 2,9 | Agressiva                            | 23         | 3,7 |
| Medrosa                              |                        | 33         | 2,8 | Isolada                              | 18         | 3,1 |
| Introspectiva                        |                        | 20         | 2,8 | Insegura                             | 13         | 3,2 |
|                                      | <b>Freq. &lt; 7,38</b> |            |     |                                      |            |     |
| Retraída                             |                        | 7          | 1,9 | Dispersa                             | 7          | 4   |
| Traumatizada                         |                        | 6          | 2,2 | Sensível                             | 7          | 3,7 |
| Ansiosa                              |                        | 6          | 2,3 | Sofrida                              | 6          | 3,8 |
| Amedrontada                          |                        | 5          | 2,8 | Apática                              | 5          | 4,2 |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

**Tabela 28**

*Análise prototípica - estímulo indutor “criança vítima de abuso sexual” (N = 78)*

*Re-etapa A – Grupo Controle*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 2,94 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,94 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 6,56           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Triste                               |                        | 36         | 2,4 | Insegura                             | 17         | 3,4 |
| Medrosa                              |                        | 26         | 2,9 | Agressiva                            | 17         | 3,6 |
| Calada                               |                        | 15         | 2,8 | Antissocial                          | 13         | 3,8 |
|                                      | <b>Freq. &lt; 6,56</b> |            |     |                                      |            |     |
| Vulnerável                           |                        | 3          | 1,7 | Desconfiada                          | 6          | 3,5 |
| Vítima                               |                        | 3          | 2,2 | Tristonha                            | 5          | 3,4 |
| Indefesa                             |                        | 2          | 2,2 | Apática                              | 4          | 4,8 |
| Agressivo                            |                        | 2          | 2,8 | Instável                             | 4          | 3   |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

Pode-se supor, a partir dos dados aqui apresentados, que a imagem social atribuída às crianças vítimas de abuso sexual, pelos professores participantes do estudo, conforme hipótese levantada, demonstrou estabilidade no grupo controle, uma vez que esses sujeitos não participaram do programa de intervenção, permanecendo assim marcada por características de vulnerabilidade e inocência, assim como a imagem identificada no grupo experimental.

**Grupo controle: “adolescente vítima de abuso sexual”**

Os dados apresentados no grupo controle com relação às imagens atribuídas aos adolescentes vítimas de abuso sexual apresentam tanto na Etapa A (Tabela 29) quanto na Re-etapa A (Tabela 30), a presença do termo ‘agressivo’ no núcleo central; ‘antissocial’ na primeira periferia; ‘introvertido’ e ‘introvertida’ na segunda periferia; e ‘revoltado’ e ‘revoltada’ na zona de contraste.

**Tabela 29**

*Análise prototípica - estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 78)*

*Etapa A – Grupo Controle*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 3,01 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 3,01 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 5,32           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Agressivo                            |                        | 23         | 2,5 | Triste                               | 25         | 3,8 |
| Inseguro                             |                        | 13         | 2,4 | Antissocial                          | 16         | 3,6 |
| Medroso                              |                        | 11         | 2,7 | Introvertido                         | 10         | 3,1 |
|                                      | <b>Freq. &lt; 5,32</b> |            |     |                                      |            |     |
| Insegura                             |                        | 5          | 3   | Isolado                              | 5          | 3,8 |
| Revoltada                            |                        | 5          | 1,6 | Introvertida                         | 5          | 4,4 |
| Tímida                               |                        | 4          | 1,5 | Deprimida                            | 5          | 3,8 |
| Sensível                             |                        | 4          | 2,7 | Solitário                            | 3          | 4,3 |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

**Tabela 30**

*Análise prototípica - estímulo indutor “adolescente vítima de abuso sexual” (N = 78)*

*Re-etapa A – Grupo Controle*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 2,93 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,93 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 5,31           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Triste                               |                        | 34         | 2,7 | Antissocial                          | 19         | 3,3 |
| Agressivo                            |                        | 22         | 2,3 | Medroso                              | 15         | 3,8 |
| Deprimida                            |                        | 13         | 2,7 | Agressiva                            | 15         | 3   |
|                                      | <b>Freq. &lt; 6,56</b> |            |     |                                      |            |     |
| Isolada                              |                        | 3          | 2,6 | Carente                              | 5          | 4   |
| Revoltado                            |                        | 3          | 2,8 | Calada                               | 5          | 4   |
| Violento                             |                        | 2          | 1,7 | Introvertido                         | 5          | 3,6 |
| Raivosa                              |                        | 2          | 1,2 | Vítima                               | 5          | 3,2 |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

Os termos que emergem no núcleo central e nas periferias refletem percepções negativas e estigmatizantes dos adolescentes vítimas. O termo ‘agressivo’ sugere a violência como característica predominante associada a esses sujeitos, enquanto ‘antissocial’, na primeira periferia, sugere um distanciamento ou retraimento nas interações sociais no ambiente escolar. As palavras ‘introvertido’ e ‘introvertida’ reforçam a imagem de isolamento ou dificuldade de socialização. A zona de contraste mantém a

ideia de um estado emocional negativo com a palavra ‘revoltada’ (Etapa A) e ‘revoltado’, assim como as palavras ‘violento’ e ‘raivosa’ (Re-etapa A, Tabela 30).

**Grupo controle: “autor de abuso sexual”**

Sobre o “autor de abuso sexual” se repetem nas Etapa A (Tabela 31) e Re-etapa A (Tabela 32) os termos ‘violento’ e ‘doente’ no núcleo central. Na primeira periferia, se repete o termo ‘calculista’ entre as etapas.

**Tabela 31**

*Análise prototípica - estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 78)*

*Etapa A – Grupo Controle*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 2,98 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,98 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 4,39           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Dissimulado                          |                        | 26         | 2,5 | Calculista                           | 10         | 4,2 |
| Violento                             |                        | 18         | 2,6 | Insensível                           | 8          | 3,1 |
| Frio                                 |                        | 13         | 2,9 | Criminoso                            | 8          | 4,1 |
| Doente                               |                        | 13         | 2,2 | Covarde                              | 6          | 3,1 |
|                                      | <b>Freq. &lt; 4,39</b> |            |     |                                      |            |     |
| Tarado                               |                        | 4          | 2,7 | Traumatizado                         | 4          | 3,5 |
| Atraente                             |                        | 4          | 2,2 | Monstro                              | 4          | 3   |
| Prestativo                           |                        | 3          | 2,2 | Egocêntrico                          | 4          | 3,2 |
| Vítima                               |                        | 3          | 2,3 | Sociável                             | 4          | 3   |
|                                      |                        |            |     | Conhecido                            | 4          | 3   |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

**Tabela 32**

*Análise prototípica - estímulo indutor “autor de abuso sexual” (N = 78)*

*Re-etapa A – Grupo Controle*

| Ordem Média de Evocação (OME) < 2,95 |                        |            |     | Ordem Média de Evocação (OME) ≥ 2,95 |            |     |
|--------------------------------------|------------------------|------------|-----|--------------------------------------|------------|-----|
| Palavra                              | Freq. ≥ 5,36           | Frequência | OME | Palavra                              | Frequência | OME |
| Agressivo                            |                        | 17         | 2,3 | Dissimulado                          | 32         | 3,2 |
| Doente                               |                        | 16         | 1,7 | Manipulador                          | 31         | 3,5 |
| Violento                             |                        | 11         | 2,9 | Calculista                           | 14         | 4,6 |
| Sedutor                              |                        | 10         | 2,3 | Psicopata                            | 9          | 4,6 |
|                                      | <b>Freq. &lt; 5,36</b> |            |     |                                      |            |     |
| Amigável                             |                        | 5          | 2,2 | Mentiroso                            | 5          | 4   |
| Insensível                           |                        | 4          | 2,7 | Educado                              | 5          | 3   |
| Autoritário                          |                        | 4          | 1   | Envolvente                           | 5          | 3,4 |
| Próximo                              |                        | 4          | 1,7 | Intimidador                          | 5          | 4,6 |
|                                      |                        |            |     | Prestativo                           | 5          | 3   |

Fonte: Elaborada pela autora do estudo, a partir da análise prototípica processada pelo IRaMuTeQ.

Observa-se que mesmo os termos com uma valência positiva como ‘sociável’ (segunda periferia, Tabela 31), ‘prestativo’ e ‘atraente’ (zona de contraste, Tabela 31), ‘sedutor’ (núcleo central, Tabela 32), ‘educado’ e ‘prestativo’ (segunda periferia, Tabela

32), ‘amigável’ (zona de contraste, Tabela 32), aqui estão sendo utilizados de forma negativa, estando associados a aspectos relacionados com manipulação e dissimulação. Confirmando a imagem social presente no núcleo central em ambas as etapas de que o autor de abuso sexual é um indivíduo ‘agressivo’, ‘dissimulado’, ‘doente’, ‘violento’.

O próximo eixo de análise dos resultados obtidos após a aplicação do programa de intervenção refere-se às verbalizações registradas ao longo dos cinco encontros propostos no Estudo 3, realizados a partir do programa “Vivências que Transformam”, nas três escolas que compuseram o grupo experimental.

### **Análise Temática**

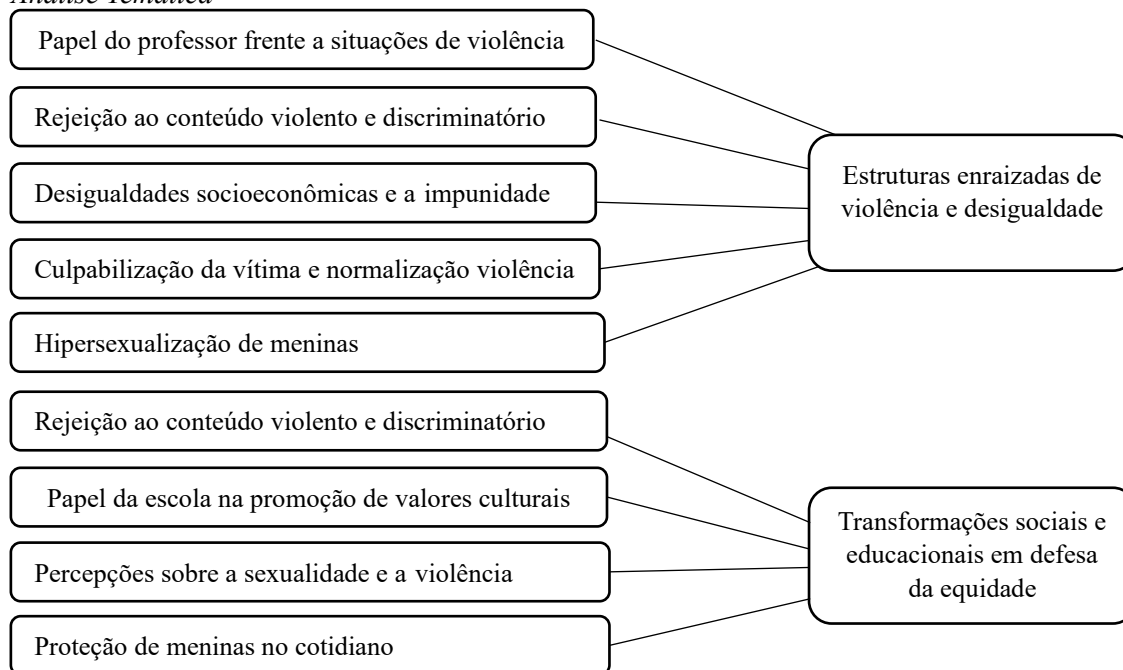
A análise Temática de Braun e Clarke (2006) foi usada para organizar e analisar os dados qualitativos dos registros dos encontros realizados com os professores. Inicialmente, nove temas foram identificados a partir das falas dos participantes, abordando questões relacionadas à violência, desigualdade, sexualidade e proteção da criança e do adolescente. Os nove temas foram assim nomeados: Papel do professor frente a situações de violência; Rejeição ao conteúdo violento e discriminatório; Papel da escola na promoção de valores culturais; Negligência institucional e impunidade; Percepções sobre a sexualidade e a violência sexual; Desigualdades socioeconômicas e a impunidade; Culpabilização da vítima e normalização da violência; Hipersexualização de meninas e Proteção de meninas no cotidiano.

Com base nos conceitos de resistência à mudança, que se refere à tendência de determinadas crenças e imagens sociais se manterem estáveis devido a fatores culturais, estruturais ou normativos, os nove temas foram então reorganizados em dois grandes agrupamentos temáticos: **Estruturas enraizadas de violência e desigualdade**: esse

agrupamento reúne os temas com maior resistência à mudança, por estarem ligados a sistemas e crenças sociais que perpetuam a violência, a impunidade e a desigualdade. Por isso, inclui temas como o papel do professor frente a situações de violência, negligência institucional e impunidade, desigualdades socioeconômicas e a impunidade, culpabilização da vítima e normalização da violência e hipersexualização de meninas.

**Transformações sociais e educacionais em defesa da equidade:** esse agrupamento reúne os temas que sugerem menor resistência à mudança, pois refletem avanços na conscientização e mobilização em prol da proteção de crianças e adolescentes. São temas relacionados à rejeição ao conteúdo violento e discriminatório, papel da escola na promoção de valores culturais, percepções sobre a sexualidade e a violência sexual, proteção de meninas no cotidiano.

**Figura 17**  
*Análise Temática*



### **Estruturas enraizadas de violência e desigualdade**

Esse tema está profundamente ligado às crenças e imagens sociais que perpetuam a violência, a impunidade e a desigualdade, tornando essas questões difíceis de serem

modificadas. Englobando assim: Papel do professor frente a situações de violência; Negligência institucional e impunidade; Desigualdades socioeconômicas e a impunidade; Culpabilização da vítima e normalização da violência; e Hipersexualização de meninas.

### ***Papel do professor frente a situações de violência***

No E2, quando perguntados qual os participantes acham que é o papel do professor na rede de apoio que foi apresentada no vídeo “Violência contra crianças e adolescentes” (GEAV, 2020), foi possível organizar as falas dos docentes no presente tema. Dentro dele, alguns professores posicionaram-se demonstrando práticas de acolhimento no ambiente escolar, ou seja, identificaram a escola como o lugar de escuta e acolhimento, valorizando a escuta ativa, o diálogo aberto e sem julgamento entre professor-aluno, garantindo segurança emocional, além de incentivar e valorizar a importância da conscientização para que as vítimas se sintam encorajadas em denunciar, como pode ser observado nas falas:

Prof. 9 (Escola B): *Então o lugar de oferecer uma escuta, um acolhimento, é se colocar à disposição, você pode falar que eu não vou te julgar, por isso eu não vou falar que é mentira sua, eu não vou falar que é besteira, vou falar o que falou no vídeo, é valorizar essa fala, se for uma mentira, se for alguma coisa já não é comigo.*

Prof. 25 (Escola U): *Deveria ser a parte mínima e o nosso papel é acolher essas crianças em todos os sentidos, né? Trazer essas crianças. É levar o assunto para que elas também venham a ter coragem de denunciar.*

Prof. 21 (Escola U): *Então, o aluno, ele não vai chegar e conversar contigo se você não oportunizar esse momento.*

Prof. 24 (Escola U): *Nós passamos na tela um vídeo e depois nós abrimos uma roda de conversa, aí foi que nós começamos a escutá-los, muitos relatos, queixas de pai, queixas de professores, deram muitos relatos.*

Ainda na mesma categoria, também no E2, identificou-se outros participantes que relataram preocupações e desafios significativos ao lidar com situações sensíveis como os casos de violência sexual. Esses professores manifestaram inseguranças pessoais e profissionais ao tentarem acolher os alunos, essa percepção é demonstrada em uma

tendência em tentar não se envolver ou imediatamente encaminhar. Os discursos demonstraram limites e inseguranças no papel do professor diante de situações de abuso sexual, conforme destacado a seguir.

Prof. 6 (Escola B): *Eu acredito que a gente até pode ser esse lugar de acolhimento, de escuta, mas eu não tô preparada para exercer esse lugar, eu não me acho preparada, habilitada, eu tenho medo de fazer igual o vídeo disse, em uma das minhas falas eu achar que eu tô acolhendo, mas na verdade eu tô causando outras dores.*

Prof. 12 (Escola B): *A gente não sabe o que fazer nessas situações, a gente quer ajudar e acaba atrapalhando.*

Prof. 7 (Escola B): *Eu me sinto muito à vontade para falar, por exemplo, com a minha filha, orientar minha filha, mas a filha de outras pessoas eu acho complicado (...) a gente interferir dessa forma, no meu modo de ver, já aconteceu várias vezes, e aí eu vou logo encaminhando para as pessoas de competência.*

Prof. 15 (Escola D): *Eu sei que a gente assume muita coisa, por conta desse papel de ser professor, mas pra gente, eu vejo como difícil, porque, por exemplo, para eu sentar com alguém que passou por isso... eu não tenho... eu não estudei psicologia.*

Prof. 20 (Escola D): *Agora, quando o aluno sofre o abuso, aí já é mais difícil, porque eu acho que já foge um pouco do nosso papel.*

Continuando na mesma categoria (E2), os participantes relataram desempenhar seu papel no sentido de apenas orientar e educar os alunos em sala de aula, através das suas disciplinas, para que eles possam reconhecer situações de violência sexual, isto é, uma educação para identificação e prevenção de violências, na qual os docentes se pronunciaram conforme demonstrado a seguir.

Prof. 20 (Escola D): *Eu, por exemplo, sou professor de ciências, então tenho que orientar o meu aluno, para ele saber identificar o que é um abuso, o que não é.*

Prof. 14 (Escola D): *uma das nossas funções é ensinar esse aluno a identificar essas formas de violência, porque muitos deles sofrem e eles não sabem que tão sofrendo uma violência.*

Prof. 17 (Escola D): *a nossa função, é o que a gente vê dentro da sala de aula, a gente observa, e se a pessoa está com algum tipo de problema, se ela confia, se ela tem algum tipo de empatia, ela vem tentar conversar contigo, como já aconteceu. é repassado para a escola, e a partir daí a escola chama a psicóloga da DRE.*

Prof. 10 (Escola B): *No caso do professor acho que é melhor a gente trabalhar dentro da disciplina mesmo e tentar orientar no que for possível que ele (aluno) consiga ver o que está acontecendo, as situações todas e identificar, passar logo para a coordenação, para a direção que eles vão tomar essas medidas.*

Especificamente no grupo realizado na escola D, surgiu um ponto de pauta que não foi tratado em nenhuma outra escola que é a percepção que alguns docentes têm de que os alunos estão mais ‘maliciosos’ hoje do que no passado e que acabam por colocar professores e professoras em situações constrangedoras e até comprometedoras, ocasionando o afastamento dos docentes com relação aos alunos, gerando mudanças nas dinâmicas de interação entre eles. Esse comportamento também foi agrupado na categoria em análise.

Prof. 17 (Escola D): *É, antes da pandemia, você tinha um convívio sem... a palavra não é maldade, mas sem, sem nenhum tipo de... situação. Hoje em dia você pode nem dizer que a menina é bonitinha, ou que o menino está bonitinho ou diferente, que tudo gera, pode gerar uma coisa contra você. Então, para a pessoa se salvar, ela evita né, de brincar, porque a pessoa pode ter um pensamento de uma conotação diferente. E, antigamente não existia dessa forma que está agora, né.*

Prof. 15 (Escola D): *Eu, por exemplo, não fico em sala de aula sozinha quando tem um, dois alunos, de jeito nenhum, eu abro a porta, independente se é menino ou menina. Tem essa questão. A gente acaba, nem podendo ser essa figura que a gente pode, porque eu não vou me sentir à vontade, porque depois vai dizer ‘olha, ela ficou sozinha na sala com essa aluna do terceiro, sabe se lá o que estava fazendo’. você está entendendo? O próprio aluno também, ou os alunos, vendo isso. Então, a gente, eu sei que a gente tem que, tem esse nosso papel de acolher, mas nessa circunstância fica muito ruim de conversar para saber como ajudar em particular, mas, como esse particular?*

Prof. 20 (Escola D): *É um problema novo que você vai ter que começar a lidar, que essa juventude, ela está bem mais maliciosa do que nós éramos.*

Prof. 14 (Escola D): *Às vezes eles chegam querendo tirar alguma dúvida, mas o lá de trás já está te filmando, pra ver qual é a sua reação.*

### ***Negligência institucional e impunidade***

Durante o E3, o grupo da Escola D, pronunciou-se quanto ao posicionamento da equipe gestora da instituição frente às situações de violência sexual denunciadas. O contexto narrado reflete uma dinâmica de omissão e falta de responsabilização contribuindo para a perpetuação do abuso, principalmente na situação em que o autor de agressão era professor da instituição. No âmbito do microsistema, a escola demonstra

falhas graves ao não garantir a segurança de seus alunos no ambiente escolar. Refletindo uma cultura de negligência institucional que favorece a manutenção do ciclo do abuso sexual. Além disso, a abordagem de “afastar” o professor sem aplicar as devidas medidas legais estabelece um padrão de impunidade e desconsidera o comprometimento sobre o desenvolvimento das vítimas, conforme observado a seguir.

Prof. 19 (Escola D): *A gente teve aqui na escola um professor que ele se aproveitava das crianças aqui. Olha, eu estou aqui há 35 anos e quando eu entrei aqui ele se julgava lutador de jiu-jitsu, inclusive tive até uma confusão com ele porque ele queria brigar comigo. ‘Ah, porque tu não me respeita’. ‘Não é questão de respeitar tua palavra, a questão tá na cara’. Ele foi colocado para fora na marra daqui, porque toda vez eu participava pra direção, pro diretor, vice-diretor e ninguém tomava nenhuma providência.*

Prof. 15 (Escola D): *Lembrando disso, falando da questão da negligência, do não resolver, esse caso ficou realmente, acabaram dando um jeitinho para ele sair da escola, mas sem o cartaz no peito dele.*

Prof. 19 (Escola D): *Um dia eu estava aqui e um aluno falou, ‘olha professor fulano assim, assim’, aí eu subi, fiquei tão revoltado que eu subi, aí quando eu vi, ele saiu com a criança de trás da sala. E eu fui na cara dele, ‘tu não tem vergonha, não?’ Quer dizer, eu participava, falava para a direção e a direção não tomava nenhuma providência, sabe?!*

Prof. 17 (Escola D): *Aí, quando ele ficou com quase nada (hora-aula), ele saiu.*

No E5, a Prof. 1 (Escola B) também relatou uma situação em que a escola não soube conduzir o caso de violência sexual do qual tomou conhecimento: *“teve a situação que foi pessimamente conduzida ano passado, em que eu relatei, eu passei adiante, ela (aluna) acusava o pai de abusar e na verdade a mãe dela foi chamada, não foi chamado conselho tutelar, nada, só a mãe. Aí, dois dias depois, a aluna saiu da escola”*. Demonstrando o desconhecimento da direção da escola sobre como tratar casos de violência.

### ***Desigualdades socioeconômicas e a impunidade***

A análise a seguir evidenciou a crença de alguns docentes verbalizada no E3 de que, em camadas sociais e econômicas mais altas, atos de violência sexual tendem a ser acompanhados por um cenário de impunidade, sustentado pelo uso do poder econômico e das redes de influência social, especialmente aquelas que se conectam ao sistema

judiciário. Compreende-se, portanto, que no macrossistema, valores culturais associados à desigualdade de poder e aos privilégios econômicos contribuem para normalizar e perpetuar disparidades no acesso à justiça. Esses valores, fortalecem a crença de que existe uma proteção aos autores de violência sexual em contextos privilegiados, criando barreiras para a responsabilização legal desses indivíduos.

Prof. 19 (Escola D): *Tem muitas coisas que acontecem na sociedade que o pessoal procura não ver, finge que não vê. Ai a gente faz um trabalho, você está fazendo um trabalho, mas continua acontecendo. E vocês vão ver na alta 'society' dos poderosos que têm muitas crianças que ainda continuam vindo do interior se prostituindo ou seja eles mesmos prostituem as crianças e fica por isso mesmo.*

Prof. 8 (Escola B): *Tem pessoas que têm dinheiro, que confiam que a justiça não chega em quem tem dinheiro. Geralmente o pessoal conhece juizes, que conhece outro juiz que consegue uma prisão domiciliar, ou um serviço comunitário que para mim ainda é mais perigoso.*

Prof. 1 (Escola B): *Por mim 'ah, prima juíza, a neta juíza conseguiu que o demônio ficasse em prisão domiciliar', por mim ele vai pra cadeia ser arrombado por tudo que é cara! Porque ele fez com a filha dos outros, se fosse com a tua filha tu ia ficar doida, mas porque é o teu avô ele pode fazer com a filha dos outros? Se fosse a tua filha de 13, 14 anos estava tudo bem porque com a prima que foi abusada todo mundo se juntou para conseguir colocar o cara na cadeia e tá certo isso, mas quando!*

Prof. 1 (Escola B): *Que geralmente não chega (a punição), ou quando chega é muito mais leve do que aconteceu. Ainda tem o discurso de 'mas ele se arrependeu', porque ele foi descoberto, né? Ele se arrependeu porque perdeu tudo o que ele tinha pagando chantagem. Porque senão, ele não ia se arrepender, se ele tivesse oportunidade ele ia fazer do mesmo jeito.*

### ***Culpabilização da vítima e normalização da violência***

Ainda no E3, os professores relataram já terem se deparado com discursos machistas, opressores que culpabilizam a vítima e normalizam a violência contra meninas e mulheres, minimizando sua gravidade, destacando a tendência de responsabilizá-las pelo abuso sofrido, sustentada pela crença que associa o comportamento ou o traje da vítima ao ato do agressor. Destacou-se também o sentimento de impotência frente às práticas que perpetuam ciclos de violência sexual.

Prof. 8 (Escola B): *Quando a gente vê esses casos sempre querem colocar a culpa na vítima né, principalmente quando ela tem um pouco mais de idade, 10, 12 anos. 'Ah, ela me seduzia, usava short curto dentro de casa'. Principalmente quando é padrasto e afilhada, né. E eles falam sempre esse mesmo discurso 'ah, ela tomava banho e passava de toalha na minha frente, ela andava de shortinho dentro de casa'. Ai, é a mãe saber e acobertar.*

Prof. 1 (Escola B): *E ainda tem mães que culpam a própria criança, né.*

Prof. 7 (Escola B): *E isso gente, independente de classe social, tá? Porque a gente pensa assim 'ah, porque são classes mais baixas, e tudo mais, que são mais suscetíveis'. Negativo. Eu estou falando para vocês porque eu tenho uma irmã, e essa minha irmã na fase adulta dela, ela veio relatar para mim e para o meu pai, a gente não entendia por que ela tinha tanta raiva do meu tio, a gente achava que era coisa de adolescente. 'Ah, não gosto do meu tio'. Ai a gente foi saber, depois que esse meu tio faleceu, ela falou. 'Quando eu era adolescente, ele passava a mão em mim, quando eu estava dormindo, quando eu estava na rede, e eu ficava envergonhada'.*

Ainda na mesma categoria, no E4, os professores voltaram a esse tema, após a apresentação dos recursos Notícia 1: “Para defensor público, mulher de minissaia pode ser considerada culpada em casos de assédio” e Notícia 2: “Exposição na Bélgica traz roupas de vítimas de estupro para romper mito de “culpa da mulher”. Os relatos destacam como é recorrente o discurso que culpa as mulheres pelo assédio ou violência sofrida, apontando um padrão cultural de responsabilização das mulheres. No entanto, ressalta-se que os professores se posicionaram contra o movimento de culpabilização das mulheres.

Prof. 9 (Escola B): *Hoje, os caras andam por aí, andam sem camisa, camisas que mostram boa parte do corpo, roupas que mostram o pênis mesmo. Ai, mas do outro lado é um problema, então?*

Prof. 22 (Escola U): *Eu acho um absurdo, dizer que a minissaia vai gerar toda uma situação.*

Prof. 2 (Escola B): *O fato de eu estar com uma minissaia, né, não significa que eu vou sair para paquerar, né? Porque não é a minha roupa que vai dizer se eu quero paquerar ou não, né?*

Prof. 14 (Escola D): *Olha, eu já ouvi muito desse discurso 'mas também, olha como ela estava vestida'. Eu acho interessante como é que os homens, e outras mulheres, quando veem assim a questão do estupro, ainda tem essa culpabilização da vítima. Ela deve procurar, ela deve deixar, devia fazer isso gostando. Então, infelizmente, a sociedade é muito machista. A mulher anda do jeito que quer, mas ainda sofre muito. Olha, muito da minha vestimenta hoje foi por conta de assédio, por preconceito, entendeu?*

Prof. 25 (Escola U): *São outras formas de entender comportamento no caso, não o masculino como deveria ser entendido, mas sim interpretar o comportamento feminino como uma questão de culpa, culpabilizando a mulher uma situação que está realmente ligado, como ele diz aqui, ao patriarcado, com o machismo, com a misoginia, com a objetificação, tudo isso se tem em torno da figura feminina.*

Prof. 1 (Escola B): *Como eu falo para os meus primos, não interessa, a menina pode estar nua, se ela disser na hora que não, acabou.*

Ainda no E4, quando discutida a notícia 2: “Exposição na Bélgica traz roupas de vítimas de estupro para romper mito de “culpa da mulher”, evidenciou-se uma dinâmica

cultural que reforça crenças patriarcais, responsabilizando mulheres por atos de violência sofridos, em consonância com o debate no E3. Observa-se que o patriarcado permeia a percepção sobre as mulheres, mesmo quando elas exercem sua liberdade individual, inserindo suas escolhas em narrativas que as julgam a partir de um ponto de vista homogêneo e limitante. Demonstrando como valores culturais no macrosistema são reproduzidos em práticas sociais cotidianas, no microsistema, por meio de relações diádicas. Assim, demonstra-se a influência do patriarcado na responsabilização social das mulheres, a qual se pode observar a partir das falas dos docentes como sistemas culturais amplos moldam e restringem interações em contextos imediatos.

Prof. 15 (Escola D): *O pensamento é, digamos assim, do patriarcado, vou colocar desse jeito. Ainda existem mulheres que se colocam nessa posição de 'sim, eu vou usar essa roupa porque eu quero chamar atenção, porque eu quero aquilo'. Tá entendendo? E aí, por causa dessa, as outras são julgadas igual essa. Porque essa tem esse pensamento de querer vestir para poder chamar atenção, desculpa a expressão, mas as outras são julgadas, pega a régua dela e coloca nas outras. Todo mundo é igual. Todas as mulheres querem a mesma coisa.*

Prof. 7 (Escola B): *Tem mulher que pensa assim: 'mas amiga é porque tu foste com essa roupa, entendeu?'*

Prof. 8 (Escola B): *Para mim, a pessoa possivelmente já ficou olhando a mulher de minissaia ou com roupa de academia. Sabe essas pessoas que ficam meio que olhando? Tipo, quando está na academia, eu já vi vários casos que a mulher está lá fazendo agachamento e o homem está lá olhando, sabe?*

Prof. 1 (Escola B): *Mas eles sempre tentam jogar sua culpa pro outro. A questão é essa, o cara não presta, ele faz tudo, mas tudo que ele faz sempre é justificado. Se o outro fizer, você pode até acusar. Toda vez começa com a típica frase: Não é bem assim.*

Prof. 8 (Escola B): *Imagina o abusador vendo uma autoridade de justiça falando isso. Ele vai pensar, 'ah, eu posso fazer isso porque vai ter alguém ali que vai concordar comigo'. Tipo, é o que acontece muito dentro de ônibus, passa o cara do lado e passa a mão na mulher.*

Prof. 7 (Escola B): *Na prática está colocando no mesmo nível paquera, namoro com assédio, com violência sexual.*

Prof. 1 (Escola B): *Porque até se fosse mal interpretado o sentido de uma paquera, uma paquera não é agressiva.*

Prof. 5 (Escola B): *Nossa, tu ficas com medo e tu ficas te culpando, eu acho que a culpa é minha. É surreal isso.*

Prof. 1 (Escola B): *Sim, eu não deveria usar isso então.*

Prof. 14 (Escola D): *Muitas mulheres são estupradas pelo próprio parceiro, quando ela diz que não e ele insiste, e aí ela sente muita pressão em si mesma. Quando ele pressiona naquela questão de 'ah, eu sei o que tu queres', mas você que é mulher, você não fala nada. Isso é estupro.*

O discurso apontado pelos professores homens no E4 reflete um processo de reflexão crítica, mas ainda destaca a influência do machismo em práticas e discursos sociais que se encaixam na culpabilização da vítima. Essas falas são expressões de uma consciência crítica emergente sobre as estruturas patriarcais que historicamente moldam comportamentos e valores. Assim, é importante ressaltar que esses relatos são resultado de uma transformação individual, oportunizada a partir de experiências vividas como, por exemplo, participar de movimentos sociais. Esse processo não apenas os levou a questionar, mas também permitiu observar mudanças nas gerações mais novas, como observado pelo Prof. 25 (Escola U).

Prof. 25 (Escola U): *eu era extremamente machista até um determinado momento da minha vida. Eu era a reprodução do meu pai, sabe, até uma determinada época da minha vida, eu era bem parecido com ele, era racista, era homofóbico, machista, isso foi tudo um processo de desconstrução que eu comecei a militar no movimento estudantil, comecei a ler mais.*

Prof. 17 (Escola D): *Enquanto a roupa das mulheres, quando eu era mais jovem realmente eu pensava que as mulheres queriam se oferecer, eu não tinha consciência crítica a respeito. Com o passar do tempo, amadurecendo nas análises, hoje eu tenho outro pensamento, todos nós, seja uma mulher ou um homem, que quer se vestir bem, que quer se sentir bem, quer se sentir bonito ou bonita, não cabe ao homem ou a mulher analisar o outro se está assim é porque está se entregando, porque quer se mostrar. Não. A pessoa quer se sentir bonita.*

Prof. 18 (Escola D): *Meus pais são do interior, lá no sítio onde o meu pai se aposentou (...) é muito comum 'aquela menina, mas olha essa roupinha, né? Não tinha nem tecido, praticamente, né? Bota um pedaço, aí depois não quer que fulano fale', entendeu? Então, isso é um comentário tão natural, que é visto, falado, percebido de forma tão natural que, ou tu vais internalizar em algum momento de que isso talvez seja verdade, né? Ou tu vais ter que sozinho chegar a essa conclusão de que isso está errado, porque naquele grupo ninguém vai levar essa reflexão para ti.*

Prof. 25 (Escola U): *se a gente analisar a partir, por exemplo, da minha geração, tem todo sinal do machismo, da misoginia que a gente carrega e traz com esses processos de formação cultural, é como um dia desses eu estava conversando com a minha mãe...se em 50 anos eu consegui mudar, como que uma pessoa de 50 anos também não consegue? (...) Essa molecada de hoje crescendo um pouquinho mais libertas de certos tabus, de certos preconceitos, mas mesmo assim, a gente ainda vê. É que ainda tem pai preconceituoso né, uma mãe preconceituosa muitas vezes, mas a gente já percebe um certo avançar, percebo assim uma outra compreensão de quando estou batendo papo com determinados amigos da minha idade.*

### ***Hipersexualização de meninas***

A presente categoria surgiu no E3 deve ser compreendida como um processo social e cultural profundamente enraizado, caracterizado pela exposição precoce e excessiva a comportamentos ou expectativas de natureza sexual que desconsideram a idade e o estágio de desenvolvimento das vítimas (Mattos, 2021). Esse fenômeno reflete dinâmicas presentes desde as práticas sociais e culturais no macrossistema, que perpetuam padrões de objetificação feminina até as interações no microssistema. Os relatos analisados a seguir evidenciam como a hipersexualização está relacionada a normalização do abuso sexual. Conforme as narrativas apontam, os comportamentos após o abuso podem incluir a reprodução de atitudes sexualizadas e a percepção da violência como algo normal por parte da vítima ao compreender que a sua aceitação ou valorização está condicionada a um comportamento sexualizado.

Prof. 25 (Escola U): *Chegou uma garotinha de nove anos na época só que ela tinha um porte físico de doze mais ou menos, ela era maior que todos os outros garotinhos de lá. O que acontecia, a mãe dela era usuária de pasta de cocaína, então, a mãe dela não tinha acesso a dinheiro, pra ter dinheiro pra usar droga, ela levava a filha pra uma oficina e entregava a filha pra um cara de sessenta e poucos anos de idade e aí ele praticava com ela sexo anal, então essa garotinha passou por isso uns anos, até que descobriram, a mãe foi encaminhada, o cara foi preso, quando essa garotinha chegou no abrigo houve um processo de sexualização de todas as crianças, a gente pegava ela dentro do armário trancada com os meninos fazendo sexo oral, sexo anal, ela ia para baixo da cama com os meninos.*

Prof. 24 (Escola U): *Foi assim que uma amiga descobriu o filho dela, ela tinha filhos gêmeos né, e ela começou a perceber que um despertou muito rápido pro sexo e ela começou a investigar, aí tinha uma moça que tomava conta deles, dezessete anos a menina, se trancava no banheiro com o menino e fazia sexo oral nele todo dia, só um dos meninos, tanto que houve esse despertar nele.*

Prof. 27 (Escola U): *eu já vi um caso desse na família da minha esposa, uma garotinha que, inclusive, minha sogra depois pegou pra criar, mas ela não conseguiu, o estrago já tinha sido feito na cabeça da menina. Então, ela foi abusada quando criança porque o pai dela morreu, a mãe foi embora, abandonou os filhos, eram três, duas meninas e um rapazinho e cada um ficou numa família no interior e essa mais velha ela começou a ser abusada lá, quando ela foi para casa da minha sogra eu percebi esse comportamento dela, de querer se chegar num adulto já com a intenção de querer se entregar, eu falei para minha esposa isso, falei 'olha, presta atenção, essa mocinha tem problema, ela se aproxima, pode reparar' ela se aproxima dos adultos já com uma intenção de malícia mesmo sabe, era uma questão de uma forma parece que impregnou nela, tipo, 'para eu agradar eu tenho que me entregar', a gente tentou trabalhar muito com essa garotinha e tal, dar uma nova vida, mas não conseguiu, foi complicado, ela foi embora inclusive.*

## **Transformações sociais e educacionais em defesa da equidade**

Esse tema engloba: Rejeição ao conteúdo violento e discriminatório; Papel da escola na promoção de valores culturais; Percepções sobre a sexualidade e a violência sexual; e Proteção de meninas no cotidiano. Temas mais voltados à conscientização e mudanças de atitudes sociais que estão mais suscetíveis à transformação.

### ***Rejeição ao conteúdo violento e discriminatório***

Após a utilização da música “Baile de favela” como recurso organizado para o E2, os professores demonstraram indignação, com reações emocionais intensas à letra, evidenciando repulsa e desconforto frente ao conteúdo violento e desrespeitoso. Além disso, denunciaram a normalização de comportamentos agressivos e criminosos através da música e a reprodução de desigualdades de gênero que reforçam estereótipos machistas e naturalizam a violência contra a mulher. Essas falas foram agrupadas na presente categoria destacando o impacto negativo da música em diversos aspectos, como a promoção de comportamentos violentos e normalização de práticas agressivas e perpetuação da desigualdade de gênero. Revelando uma preocupação educacional com a mensagem transmitida pela letra, especialmente no contexto escolar, onde esse conteúdo pode influenciar negativamente os estudantes. Conforme demonstra-se a seguir.

Prof. 25 (Escola U): *Conteúdo zero, opressão total da figura feminina, né, desrespeito com menor de idade, tudo isso a gente encontra aqui, absurdo. Para mim uma música dessa deveria ser censurada. Ah, isso é besteira, é, mas não foi, ela foi obrigada, tá sendo oprimida, tá sendo violentada, sabe? Isso aqui, só traz o quê? Só traz, é apologia a isso. Vulgar.*

Prof. 22 (Escola U): *Isso é uma música horrível, né? Assim, em termos é violência pura, né?*

Prof. 5 (Escola B): *Agredida, ultrajada. Eu estava fazendo uma atividade de paródia com meus alunos e eles escolheram essa música, e aí quando eu fui ouvir a letra eu fiquei, ‘Não, isso não é possível’, me deu uma ânsia, uma dor no coração, só de ler as frases, mas assim, é o meio cultural deles, se eles escolheram a música, claro que a gente mudou a letra, né?*

Prof. 7 (Escola B): *Então eu penso o seguinte, que isso aqui é a banalização da criminalidade, é a banalização do mal, é a banalização de uma coisa que deveria ser combatida, letras como essa aqui não é expressão, ‘Ah, porque não posso deixar de me expressar’, ‘Não posso ter censura’, pelo amor de Deus, gente, isso aqui é uma coisa muito grave.*

Prof. 6 (Escola B): *Enojada.*

Prof. 20 (Escola D): *O que eu vejo aqui hoje, é uma banalização total, e ele está reproduzindo o que pra ele é uma coisa...altamente machista, porque para ele aqui, ser o bonzão é fazer a mulher ficar ardendo, né?*

Prof. 15 (Escola D): *Inclusive, como se coloca a batida, ele estimula a... por exemplo, os meninos a praticarem o estupro. Estimula, porque 'ah, vai fazer tal coisa, ah, ela não quer? Mas a gente vai dar um jeito'.*

Prof. 14 (Escola D): *Porque você vê ali a mulher sendo objetificada. e o pior, se ela sofre um estupro, 'ah, mas ela estava procurando, ela estava lá'.*

Prof. 20 (Escola D): *quer desafiar, né, olha aí, se a mulher estiver usando uma roupinha menos, assim, menos confortável, está desafiando.*

### ***Papel da escola na promoção de valores culturais***

Ainda no E2, os professores destacaram a relevância do papel da escola em oferecer alternativas culturais que transcendam os repertórios já acessíveis aos alunos. Entre as estratégias mencionadas, enfatizaram a importância de apresentar aos estudantes músicas fora do contexto habitual, além de discutir criticamente as mensagens das canções trazidas pelos próprios alunos promovendo uma abordagem que valoriza o diálogo entre o repertório cultural dos discentes e uma análise crítica das mensagens transmitidas. Porém, também ressaltaram a necessidade de refletir sobre a adequação de determinados gêneros musicais em eventos escolares, e a necessidade de a escola manter o controle sobre o que será ofertado.

Prof. 24 (Escola U): *Nas festas eles querem colocar o proibido no som (...) O nosso certo, é manter, não vai botar, tem que frear, aí explicar, frear.*

Prof. 25 (Escola U): *Frear e manter.*

Prof. 17 (Escola D): *Aí na reunião que nós tivemos, ficou determinado que festa de quadrilha, vai ser música de quadrilha. Não vai ter funk, nem rap.*

Prof. 24 (Escola U): *Eu encontrei o professor de Artes e ele estava com os meninos ensaiando aqui e a música que estava tocando era "roda viva", aí eu parei e fiquei e os meninos com cartazes, com tintas escrevendo, quando terminou eu fui e falei 'professor, meus parabéns'. E eu acho que é essa a função da escola, mostrar essa outra cultura para eles, uma outra cultura muito melhor, mais inteligente, né.*

Prof. 9 (Escola B): *Falando como professor de Literatura, algumas bases que eu tive, tem muitas obras que elas são péssimas, assim de conteúdo, por exemplo um clássico literário que é Lolita, ele fala de um pedófilo, e é um livro maravilhoso, muito bom mesmo, claro que é muito absurdo, mas o que torna ele um clássico, não é o próprio conteúdo dele, tem várias questões que estão por trás daquilo, mas é o narrador, uma das coisas, que é bom é o sentimento de mal-estar mesmo, é desconfortável, mas esse sentimento desconfortável, do nojo, é importante, trazer para sala de aula até para a gente reconhecer, pensar isso não é legal, então olha aqui essa obra, lê, não é excluir esse debate de sala de aula, é trazer esse debate de conhecer, para dentro.*

Prof. 12 (Escola B): *Fazer o que eu percebo que se faz, por exemplo, eu fiquei surpreso de alguns alunos conhecerem MPB, e muito surpreso que eles escutavam Belchior, que nem eu escuto tanto.*

### ***Percepções sobre a sexualidade e a violência sexual***

No E3, após apresentação do vídeo “Autores de agressão/violência sexual” (GEAV, 2020), durante a discussão, os docentes apresentaram uma visão acompanhada por crenças e estereótipos de gênero evidenciando a influência do macrossistema sobre os indivíduos como, por exemplo, reflexões sobre a pedofilia e o desejo sexual por crianças, revelando a presença da crença de que todo autor de agressão é pedófilo. No entanto, estudos que investigam o perfil de agressores sexuais revelam que, em sua maioria, são homens comuns e raramente pedófilos, mas que as experiências adversas na infância, fatores pessoais e situacionais na bioecologia do desenvolvimento podem estar relacionados no momento da agressão (Ferraz, Cavalcante e Veloso, 2023). Além desses fatores, a violência sexual cometida por homens contra meninas e mulheres não se origina de desejo sexual, mas se impõe como uma relação de poder, cujo fim é a subjugação do corpo feminino (Vagliati, 2020).

Também foi evidenciado a influência significativa do contexto socioeconômico na perpetuação do abuso sexual e da exploração sexual, destacando como situações de vulnerabilidade econômica frequentemente colocam o corpo feminino em risco, especialmente em comunidades periféricas, onde a exploração sexual é vista como expressão direta de desigualdades estruturais. Adicionalmente, os relatos mencionam vivências de violência e desigualdade, sugerindo que essas experiências não apenas

perpetuam ciclos de abuso sexual, como impactam diretamente a maneira como esse tema é abordado no contexto escolar. Essa categoria ressalta a complexidade da violência sexual e seu entrelaçamento com aspectos econômicos e culturais.

Prof. 24 (Escola U): *para mim, todos eram pedófilos.*

Prof. 8 (Escola B): *Não sabia dessa diferença que nem todo abusador é um pedófilo.*

Prof. 1 (Escola B): *Para mim chamava tudo de pedófilo. Mas também não deixa de ser, ainda que seja situacional, você está sentindo o desejo pela criança, para mim é pedófilo. Eu jogo tudo no mesmo balaio. Pode não ser o único desejo sexual, mas é pedófilo porque sente desejo por criança e se não existisse desejo, podia ter a situação e não ia acontecer nada.*

Prof. 7 (Escola B): *eu não sabia que era tão baixa a percentagem de mulheres (autoras de violência), eu achava que era um pouquinho mais.*

Prof. 15 (Escola D): *Eu imaginava, mas não tinha certeza desses dados de mulher, para mim foi de fato novidade. Mas o que eu sabia, né?! Do fato dos homens, quando vi o vídeo eu lembrei muito do que minha avó dizia antigamente, que ela dizia que o homem tinha um bicho atrás dele. E a gente têm que tomar cuidado porque o homem tem esse bicho atrás e a gente não pode confiar.*

Prof. 1 (Escola B): *o problema é que as pessoas têm que entender que as pessoas bestificadas elas sabem se portar muito bem na sociedade fazendo um papel de ser exemplar.*

Ainda na mesma categoria, durante a realização do E2, um relato destacou-se no grupo realizado na Escola B, o da Prof. 6 (Escola B), no qual a professora aponta que após ter saído do encontro na semana anterior, foi ministrar aula em outra escola localizada em um bairro periférico e, utilizando o que havia sido discutido no grupo, deparou-se com relatos de alunas que evidenciam a relação da violência sexual com situações de vulnerabilidade.

Prof. 6 (Escola B): *Naquela mesma quarta-feira que eu tive essa oportunidade de ter esse aprendizado, eu levei para escola de periferia, e eu vi relatos assim que vocês não têm noção, é chocante. 'Eu tinha 13 anos e minha mãe foi trabalhar me deixou com meu pai, meu pai não era muito rígido e me deixava o dia todo dormindo. Às vezes me deixando só de calcinha. Quando foi um dia, aí, ele perguntou se eu queria ir pra boca, se eu quisesse ir pra boca eu ia viver, eu ia vender droga'. Aí, outro diz assim 'professora, quando eu tinha 11 anos eu tive que me prostituir porque eu tinha que colocar comida pra dentro de casa'. Então, eu acredito que esse percentual está muito relacionado a essa questão da dependência financeira que para elas acaba até como uma sobrevivência, porque elas estão crescendo e a gente têm necessidades, até por uma questão de vaidade. A gente vai para escola, vê uma colega com uma coisa e vê que a gente não tem. Então, hoje em dia você vê essa questão do corpo da mulher dentro da periferia se tornando algo, por exemplo, uma menina de 12, 13 anos que desenvolveu, por exemplo, uma mama no despertar da sexualidade, na puberdade, que eu com 42 não desenvolvi. Se você vê uma menina de 13 anos, parece que tem um corpo de 30. Então assim, eu acredito que está bem relacionado a esse contexto socioeconômico, essa dependência. Ela vê essa figura do homem e ele se aproveita dessa*

*condição financeira, desse poder aquisitivo, e faz disso uma troca. Esse corpo passa a ser uma mercadoria.*

Ainda compondo a categoria, após a leitura do recurso: Trecho de uma entrevista com um autor de agressão: Caso Cesar, no E3, a análise das falas permitiu identificar narrativas que refletem como fatores culturais se articulam no entendimento de fenômenos como a violência sexual, evidenciando influências do macrossistema no microsistema e a relação entre eles. Como a fala do Prof. 25 (Escola U) revela uma crença associada ao conceito de uma maldade intrínseca masculina se contrapondo a uma perspectiva de santidade da mãe/mulher. A fala da Prof. 1 (Escola B) corrobora com a crença de que o autor de agressão sexual é um demônio, enquanto uma entidade personificada do mal. Essa narrativa apresenta uma simplificação que reduz a complexidade dos fatores bioecológicos envolvidos. Por outro lado, a Prof. 6 (Escola B) apresenta uma explicação mais racional, na qual o comportamento é explicado a partir de um sistema de regras e convenções sociais, próprias do macrossistema, refletindo-as no microsistema. A Prof. 15 (Escola D) apresenta uma perspectiva que destaca a influência da cultura machista que reforça estereótipos repassados a partir de processos de socialização nos microsistemas.

*Prof. 25 (Escola U): é ainda coloca a culpa no demônio “é, mermão, é o demônio”. Até porque eu acho que existindo essa concepção da mãe, sabe? Esse lado que a mulher traz um pouco com ela? Já não seria o que acontece com a gente, porque existe essa demonidade na gente, né? A gente traz essa perversidade, essa maldade, sabe? Esse ser que você não tem controle.*

*Prof. 1 (Escola B): Não, eu acho que ele é o próprio demônio. A situação 'Ah, porque não são demônios'. Não, pra mim são! É uma besta! O problema é que dentro das famílias às vezes aquele abusador não faz dentro de casa, mas faz fora, e aí quando é descoberto a família toda tenta justificar: O meu avô era um abusador, ele nunca abusou de nós, mas quando a gente descobriu, foi com um processo rolando. A gente descobriu por que ele começou a ser chantageado! E aí ele começou a se desfazer de todos os bens que ele tinha, e de repente a gente soube através da mídia que o nome dele apareceu, aí foi ver toda uma comoção da família para defendê-lo, para ajudá-lo. Aí, eu disse, ‘vem cá! Eu tenho uma outra prima que foi abusada pelo padrasto, ali todo mundo se juntou para tacar o pau porque ele era um demônio que abusou dela e tal, aí o outro abusou de um monte de menina, aí todo mundo está defendendo? Ah, eu vou sim!’ Desculpa eu sou desbocada, é vózinho o caralho!*

Prof. 6 (Escola B): *Eu não acho que uma pessoa, na minha concepção, alguém que é pedófilo ou estuprou, foi o demônio que tomou conta da mente dele. Ele é um criminoso! No máximo ele não conseguiu atingir o nível de civilização humana para estar dentro de uma sociedade.*

Prof. 15 (Escola D): *Aquela visão do depoimento que ‘ah, mas ele foi criado assim, olha ela chegou lá me oferecendo, se eu não aceitar, se eu não pegar, não fizer, eu não sou homem’. Foi criado desse jeito. Não é o pedófilo naquele caso. Foi aquele outro que foi criado para ser o pegador. Uma outra situação é a questão da religiosidade, seja ela qual for, que igreja for. Que eles vão nela buscar uma justificativa pra tentar assim, ‘olha não foi eu, foi ‘o coisa’ que veio em mim, não tenho nada a ver com isso’. ‘Veio nela, por isso que ela estava lá’.*

Prof. 9 (Escola B): *Chocante né. Mas uma das coisas que me chama muito a atenção, é que ele desejava ter relações sexuais e aí vem o pensamento de que ‘ah, com certeza ela queria né’, mas o olhar que o homem tem sobre a mulher é esse. Eu posso. Com certeza eu posso e vou fazer. E qualquer manifestação de comportamento vai estar por essa lógica.*

Ainda no E3, foi destacada a diferença de comportamento entre os contextos rural e urbano, apontando que em contextos rurais a exploração sexual estaria presente devido às trocas econômicas ou abusos cometidos pelos próprios familiares, enquanto no ambiente urbano foi verbalizada uma percepção de uma menor exposição a riscos por conta de uma maior supervisão parental. E no E4, a fala do Prof. 20 (Escola D) corroborou novamente com o tema: *“Igual no interior, né? Hoje é por culpa da vítima que ela acaba na casa dele se oferecendo, foi ela”.*

Prof. 18 (Escola D): *É como se em algum momento ele falasse que ela é culpada de certa forma. E eu percebo dessa forma porque eu vejo que isso é muito comum, né?! Principalmente em interior, né?! No interior existe muito essa ideia de que a menina menor de idade ela é culpada porque se oferece para o mais velho, por inúmeros motivos. De dinheiro, quer uma vida melhor, enfim. Então, até na minha própria família já teve um caso de um tio meu, onde ocorreu a violência, né?! Foi descoberta, a mãe da menina descobriu, aí depois investigando a situação se descobriu que a menina já tinha sido abusada também outras vezes pelo próprio tio, do interior que ela vinha, no Marajó. Em Breves, especificamente. Então o discurso que eu escutava muito dos mais velhos era, ‘a gente tem que ver se essa menina não se ofereceu, tem que ver porque às vezes ele tá sozinho, ela vai daquele jeitinho’.*

Prof. 17 (Escola D): *Na cidade as mães vigiam mais. No interior, eu sou do interior, passei um bom tempo lá. Ainda existe aquela ideia, existe essa tradição junto com os idosos e mais ainda com os próprios pais às vezes, se a criança ela tem relação com os próprios familiares, tios. As crianças pescadoras, elas vão nadar e não se oferecem. Os pais oferecem a criança em troca de óleo, em troca de dinheiro. Isso é fato notório no interior. Na cidade não, na cidade a pessoa vigia mais, as mães.*

### ***Proteção de meninas no cotidiano***

Principalmente as participantes mulheres e mães relataram percepções e ações relacionadas à proteção de suas alunas e, principalmente, suas filhas, meninas e adolescentes, contra a violência sexual. Essas narrativas compõem a categoria aqui apresentada, que surgiu tanto no E3 quanto no E4, que expõe o conflito dessas professoras quanto ao controle sobre o comportamento de suas filhas e a liberdade de expressão individual. Essa categoria corrobora com os achados na categoria “Cuidado materno” no trabalho de Vagliati (2020), na qual se reduz a responsabilidade de meninas pela violência ocorrida, mas, por outro lado, aumenta a responsabilidade dos adultos que a orientam e cuidam, no caso, especificamente, as mães.

Pode-se observar a partir dessa categoria que no microsistema familiar e escolar surgem preocupações sobre a objetificação precoce de meninas, com relatos que associam o uso de maquiagem ou roupas à vulnerabilidade, ao criar a percepção de que assim elas poderiam ser vistas como adultas o que as deixaria mais expostas à violência. Essa preocupação materna é justificada pelo medo de homens “mal-intencionados” evidenciando o impacto direto das experiências de violência vividas pelas próprias mães/mulheres, destacando-se nas falas das professoras Prof. 2 (Escola B), Prof. 6 (Escola B) e Prof. 24 (Escola U) que verbalizaram a presença do medo. O discurso de evitar ou mesmo não usar roupas curtas transfere a responsabilidade pela segurança exclusivamente para mulheres, perpetuando a crença da culpabilização da vítima ou de suas mães que não as protegeram. Essas práticas de controle, embora revestidas do discurso da proteção, reforçam valores que limitam a liberdade das meninas e mulheres e perpetuam desigualdades de gênero.

Prof. 14 (Escola D): *Eu estava no ônibus e o cara esfregando a calça no meu braço.*

Prof. 15 (Escola D): *Quem nunca? Quando a gente é menina, quem nunca? Isso é impossível, achar alguma mulher hoje em dia que diga 'ah, nunca aconteceu', então é uma exceção. Porque a gente cresce sofrendo assédio, se é no ônibus, se é andando na rua, em qualquer lugar.*

Prof. 2 (Escola B): *Acontecia quando eu andava de ônibus, era super constrangedor, né? Passar no ônibus e nitidamente o homem se esfregar em você, nitidamente você ver que ele estava com o membro ereto, então a gente fica em choque mesmo. Hoje, algumas pessoas criticam quando a pessoa diz 'ah, eu não falei porque eu fiquei em choque'. Mas fica em choque! A minha filha, quando ela começou a voltar do inglês sozinha, eu experimentei mandar ela de ônibus porque nem sempre dava para eu ir buscar. E aí ela me ligou chorando muito, porque no ônibus o homem estava se esfregando nela, ela tinha 14 anos. Ela chegou em pânico em casa, e eu sofri junto com ela. A gente se culpa, dizendo por que eu não fui buscar, por que isso, por que aquilo. E hoje em dia, ela já fez 18 anos e assim, sempre que eu posso, eu tento me deslocar pra UFPA pra buscá-la, eu tenho medo de que ela ande de ônibus.*

Prof. 24 (Escola U): *Eu fui vítima do meu tio, escutei da minha tia, é normal todo homem faz isso. Eu contei quando era pequena, tinha 10 anos, então pra mim, eu achava normal. Eu queria brincar lá na máquina de escrever e ele me deixava na máquina brincando e ficava tocando no meu seio, né, e pra mim era normal, né, eu estava brincando...e aí eu já vim entender quando eu fiquei maior.*

Prof. 24 (Escola U): *tenho uma filha adolescente, casei com um homem e lembro que uma vez a minha filha veio 'tio, e sentou no colo dele' e chamei e falei 'a mãe não quer mais que você faça isso', tenho medo, muito medo, chegou a um ponto de eu dizer para ele que 'se tocar na minha filha, eu te mato'. Porque a gente quer proteger né. É questão de orientação mesmo né, porque acontecia isso comigo, sabe? e eu não entendia: por que eu não posso falar para ninguém? Égua, meu deus do céu, uma questão de orientação mesmo, se minha mãe tivesse me orientado e tudo mais, não teria acontecido a situação.*

Prof. 2 (Escola B): *Toda a vez que eu vejo minhas alunas do sexto ano passando um batom, fazendo aquilo que elas chamam de gatinho (delineado), eu já fico muito preocupada. Eu converso sobre esse assunto, sobre elas estarem na rua dessa forma, porque eu digo para elas que um homem que tenha má índole, ele não vai olhar para ela como uma criança, ele vai olhar como uma mulher já, porque na verdade ela está mais adulta quando ela põe um batom vermelho, né? Então eu sempre fico muito preocupada com isso. Eu sempre tenho esse tipo de conversa com elas, eu nem sei se é adequado. Para não usar batom na rua, para não andar maquiada porque isso faz com que ela apareça mais adulta do que ela é, e sempre tem homens ruins, né? Não uso muito palavra pedófilo, mas homens mal-intencionados, que é como elas entendem e que vai te enxergar não como uma menina, mas como uma mulher.*

Prof. 6 (Escola B): *A minha filha ela faz as atividades dela tudo próximo de casa então às vezes ela vai andando. Ela gosta de ir de vestido, short curto, normal, ela é adolescente. Então, às vezes eu falo 'minha filha, desculpe, mas eu vou pedir para você trocar porque eu tenho medo, porque tem doido por aí'.*

Prof. 24 (Escola U): *Tenho uma filha de 16 anos e meu problema com a minha filha é ela botar roupa colada e tudo mais, eu ando com ela e nossa muito perceptivo os homens olhando para minha filha, sabe, e é terrível às vezes quando ela quer ir sozinha, aparece com uma roupa colada, eu disse: 'não, coloca uma blusa'.*

No entanto, o discurso da Prof. 7 (Escola B) aponta a reprodução de uma cultura machista que culpabiliza mulheres, mas tenta agir de modo contrário dando liberdade para

sua filha se vestir como queira, contrariando o discurso das demais professoras. Prof. 7 (Escola B): *“A educação que eu tô dando pra minha filha é totalmente o contrário disso que estás falando. Eu não impeço. Eu tenho uma filha pré-adolescente, né, não vou tolhendo a vontade dela de usar, de se maquiar, da forma dela de se vestir, eu não interfiro nisso. Eu entendo a proteção, mas eu acho que isso é uma reprodução da absorção dessa cultura”*.

No E4, o tema retornou evidenciando a complexidade inerente às dinâmicas de proteção relacionadas ao corpo feminino. Os papéis sociais desempenhados por mães e educadoras são profundamente atravessados por tensões que emergem do esforço de proteger e ao mesmo tempo não reproduzir crenças opressoras. Ou seja, buscar segurança em um contexto no qual a violência sexual é uma constante ameaça. Sendo importante destacar o sentimento de impotência diante do contexto social machista e violento.

Prof. 6 (Escola B): *Então, a única arma que eu tenho é dizer, minha filha te poupa, porque acho que hoje em vários aspectos da nossa vida se a gente pudesse se poupar, a gente pouparia energia, né? Então, te poupa, porque eu não posso como mãe e como ser humano estar ali protegendo a minha filha de alguém que eu não tenho o controle e que eu não vou mudar, eu mãe, eu professora, eu, eu posso com meu discurso tentar mudar essas práticas, mas tem hora que a gente se sente insegura.*

Prof. 6 (Escola B): *Então, às vezes, na tentativa de proteger a minha filha, a única saída também é usar esse discurso de proteção, mesmo eu sabendo que eu posso tá caindo num erro, que eu posso tá oprimindo a minha filha, que eu possa estar limitando ela de fazer.*

Prof. 15 (Escola D): *Como se a gente estivesse remando contra a maré, está todo mundo pensando daquele jeito e a gente que pensa desse outro jeito aí eles querem colocar como se fosse algo negativo, que não é. Feminista, esquerda, comunista.*

Chamou atenção o fato de, no E2, a Prof. 24 (Escola U) compartilhou a violência que sofreu por parte do tio quando ainda era criança e esse tema retornou diversas vezes ao longo dos demais encontros, desde o E2, no qual ela compartilhou pela primeira vez com o grupo a situação de assédio, inclusive demonstrando emoção com a voz embargada e choro, E2: *“Minha filha é adolescente e eu não quero minha filha sendo assediada, como eu fui, né, é muito difícil para mim ver isso”* e sua preocupação com a filha

adolescente e o fato de ter casado novamente, ameaçando o atual marido de matá-lo caso cometa algum tipo de abuso sexual contra a sua filha, E2: *“Quando eu me separei, eu pensava assim, não vou mais arranjar ninguém, eu não vou levar ninguém pra minha casa pra abusar da minha filha, né? Aí, eu arranjei meu atual marido, mas eu sou muito sincera, muito honesta, olhei pra ele assim, ‘se tu encostar nela, eu te mato’”*, fazendo com que ele mantenha distância da enteada, declarando ainda no E2: *“chega ele nem vai no quarto dela, só bate na porta”*. A insegurança e as ameaças ao marido também retornaram no E5: *“eu não me preocupo dele me bater porque se me bater, eu matava, mas que não encostasse na minha filha. Porque aí a gente corre esse risco do homem vir e querer abusar da tua filha dentro da tua casa”*. O assunto se fez presente em todos os encontros, revelando o quanto marcas de violências sofridas na infância reverberam ao longo da vida adulta, afetando não apenas a própria trajetória, mas também influenciando negativamente na relação com a filha e com o atual relacionamento amoroso.

Finalizando o programa, o E5 foi organizado com intuito de reforçar o importante papel dos professores na rede de apoio e proteção a crianças e adolescentes contra a violência sexual, utilizando o trecho do vídeo Canto de cicatriz. Com relação ao recurso, Prof. 1 (Escola B) apontou o tempo que se leva entre o acontecimento de uma violência e o momento em que a vítima se torna capaz de denunciar o ocorrido. Prof. 1 (Escola B) *“Me chamou atenção, geralmente, o tempo que leva desde a violência sofrida até a pessoa relatar. A não ser que por algum motivo a coisa explode, mas o tempo daquilo de quando acontece até realmente a pessoa ser capaz de falar, de contar e admitir que aquilo aconteceu”*. Corroborando com a fala da Prof. 2 (Escola B) destacada a seguir:

*Parece que precisa de maturação, né? Que de fato aconteceu, é o processo de se sentir culpada, de achar que ela que teve culpa, né? E até entender, porque quando é criança não entende, né? Aí, depois você vai crescendo e vai achando que você era a culpada até chegar à maturidade você entender que, de fato, não era culpada. E aí vir o renascer, o se transformar, o ir pra vida, eu quero viver, a vida não é só dor.*

No E5, o Prof. 9 (Escola B) marcou a importância de entender o adolescente como um indivíduo ainda em desenvolvimento e, inclusive, imaturo neurologicamente. *“Não está formado nem o pré-frontal direito, está formando as coisas. Então, 'ela estava desejando', ela nem sabe que isso é desejo sexual, seduzir, algo nesse sentido. Aí, eu escuto muito e acho muito perigoso quando fala assim 'mas hoje em dia o adolescente é muito inteligente'”*. Ressaltando que quando se é adolescente, as pessoas tendem a ver o jovem de forma amadurecida, mas percebe-se que isso é um engano. *“E se a gente for parar para olhar, 'nossa, eles são muito inteligentes, ele sabe mais coisas do que eu'. Uma coisa é você ter a informação de internet, mas de se conhecer, de conseguir construir uma identidade, de conseguir construir até mesmo um corpo, não dá”*.

O Prof. 18 (Escola D) apontou que muitas pessoas pensam que nunca irão se deparar com casos de violência e que, de fato, talvez muitos casos nunca cheguem ao conhecimento: *“Existem muitas pessoas que imaginam que nunca algum aluno vai chegar e denunciar. Mas eu acho que existem tantos casos que acontecem que a gente nem sabe. E o que eu acho até, pode existir algum caso que eu não fiquei sabendo. Não só um, mas vários, né?”*. Destacando que os alunos só irão denunciar para o professor uma situação de violência se houver um bom relacionamento entre eles. *“O aluno vê aquele momento como uma oportunidade, né? Pra falar. Somente se você tem uma relação boa com seus alunos. Abre pro diálogo, pra conversa”*.

No E5, os professores expressaram uma preocupação quanto à necessidade de a coordenação e a direção também participarem da formação, devido à importância do tema, as ocorrências na escola e ao desconhecimento relatados por parte dos profissionais. Como a fala da Prof. 1 (Escola B) com a qual, todos os professores desse grupo concordaram:

*“Aliás, essa é uma pergunta, a gente tá recebendo esse treinamento, mas eles também estão? Eu acho que eles deviam ter um momento assim, eu não digo desses 5 encontros, mas eu digo direto*

*e prático. Dizer olha, quando acontecer X, Y e Z o procedimento é fazer A, B, C, quando acontecer isso, o procedimento legal é esse, porque senão o professor vai realmente tentar buscar a melhor forma, mas nem elas (direção) são preparadas pra isso”.*

Em contribuição, a Prof. 2 (Escola B) identifica o seu papel como uma possível multiplicadora dentro do ambiente escolar: *“E até a gente pode ajudar, né? Conversando com elas (equipe pedagógica) podemos ser multiplicadoras dessa conversa, né? A gente tem uma proximidade muito grande. A coordenação aqui é muito próxima dos professores. Então a gente pode cada um do seu jeito, da sua maneira, falar com elas”.*

Dando destaque às experiências vividas, o Prof. 25 (Escola U) retoma que provavelmente sua mudança de pensamento com relação às mulheres tenha acontecido devido ao seu relacionamento com seu pai e o nascimento de sua filha. Conforme destacado:

*“Eu nunca neguei isso (falas machistas), né? Principalmente, quando se tem o pai que tem, que tá afirmando a masculinidade o tempo todo, eu ainda trato disso até hoje, porque o meu pai era extremamente filho da puta. Com o tempo, tu vais criando repúdio. Ai, vem a filha, tu olha para tua filha e diz assim ‘égua, cara, eu não quero que olhem para minha filha do jeito que eu já olhei para a filha do outro’. É umas coisas assim, tu tem que ter esse processo de desconstrução.*

Ainda no E5, na Escola U, o Prof. 25 concluiu: *“aquela história né, assim, eu tenho que educar a minha filha pra ser uma pessoa prevenida numa sociedade muito escrota, mas eu tenho que educar o meu filho a não ser um estuprador”.* A Prof. 15 (Escola D) retomou o fato de o autor de agressão não ser necessariamente um pedófilo, demonstrando uma possível desestabilização de uma crença importante que tende a diminuir a responsabilidade pelos atos dos homens que cometem a violência: *“O problema é dele e, como a gente falou da outra vez, não significa que ele seja doente. Existe um desvio moral ali que não é doença”.*

Ao final do E5, a Prof. 2 (Escola B) sentenciou: *“Por isso que não pinta clima com adolescente, né?!”.* Essa fala tão potente trazida pela docente, aplaudida por todos os professores do grupo, evidencia a desestabilização de crenças que culpabilizam a

vítima e perpetuam a violência. Os encontros revelaram que os docentes já vinham refletindo sobre a violência contra meninas e mulheres, especialmente quanto a culpa atribuída à vítima, ainda que muitas vezes a culpa seja atribuída às mães. Assim, pode-se supor que o ambiente criado pelos grupos favoreceu a troca de experiências sensíveis, o compartilhamento de vivências e as contribuições mútuas entre os participantes. Desse modo, pode-se inferir que os professores se beneficiaram com essa vivência grupal, ampliando suas percepções sobre o tema e reforçando seu papel na rede de apoio e proteção as crianças e aos adolescentes contra a violência sexual.

A seguir, encontra-se a análise das respostas dos participantes do grupo experimental ao questionário de avaliação da eficácia e satisfação com relação ao programa. Os resultados obtidos corroboram com a percepção de que o programa conseguiu favorecer um espaço de compartilhamento, acolhimento e, principalmente, reflexão sobre os temas envolvidos na violência sexual que acomete crianças e adolescentes.

### **Questionário de Avaliação do programa “Vivências que Transformam”**

Com o objetivo de avaliar a percepção de eficácia, satisfação e aceitabilidade dos participantes em relação à organização do programa e seus efeitos, foi aplicado, ao final do E5, um questionário composto por 13 afirmativas, cujas respostas foram registradas em uma escala *Likert*, variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). As seis primeiras afirmativas abordaram aspectos relacionados à satisfação com o horário de início dos encontros, o local, o número de participantes, a duração de cada encontro, a duração total do programa e a clareza dos objetivos. A segunda parte do questionário, que compreende as afirmativas de sete a treze, focou na avaliação da coordenação dos encontros e nos aprendizados percebidos pelos participantes, incluindo se compreendem

quem é o autor de agressão e a importância de reconhecer o depoimento e o sofrimento da vítima, conforme Quadro 6 e o instrumento (Apêndice D).

### Quadro 6

#### *Questionário de avaliação da eficácia e satisfação com o programa*

|    |  |
|----|--|
| 1  | O horário de início dos encontros foi adequado.  |
| 2  | O local foi adequado.  |
| 3  | O Número de participantes foi adequado.  |
| 4  | O tempo de duração de cada encontro foi satisfatório.  |
| 5  | O tempo de duração do Programa (5 encontros) foi suficiente para alcançar o objetivo proposto.                     |
| 6  | Os objetivos foram claramente apresentados e compreendidos.  |
| 7  | Os conhecimentos adquiridos foram ao encontro das minhas expectativas e necessidades.                              |
| 8  | A coordenadora utilizou uma linguagem sensível e clara para que todos compreendessem.                              |
| 9  | A forma como a coordenadora orientou as sessões motivou-me a falar abertamente e a dizer o que penso e o que faço. |
| 10 | Considero este tipo de apoio/programa recomendável a outros professores.   |
| 11 | Apreendi coisas que me ajudaram a mudar a forma de pensar sobre violência sexual.                                  |
| 12 | Compreendo melhor quem é o autor de agressão sexual.   |
| 13 | Compreendo a importância de reconhecer o depoimento e o sofrimento da vítima.                                      |

Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados encontrados mostram uma aprovação geral por parte dos participantes em relação aos diferentes aspectos avaliados. A maioria expressou altos índices em afirmações relacionadas à organização, eficácia e impactos do programa. Os aspectos logísticos, como horário e local receberam avaliações positivas. Sobre o número de participantes ser adequado, 25,9% discordaram, destes participantes que discordaram, os da Escola U, enquanto respondiam ao questionário, verbalizaram que mais professores deveriam participar do programa e não somente eles.

Com relação ao conteúdo e à condução, observa-se que 81,5% dos participantes consideraram que a coordenadora utilizou linguagem clara e sensível, enquanto 89% afirmaram que a coordenação os motivou a falar abertamente. Estes resultados destacam a importância da postura e da didática da coordenadora no engajamento dos participantes.

**Tabela 33***Resultados do Questionário de avaliação da eficácia e satisfação com o programa*

| <b>Afirmativa</b> | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>3</b> | <b>4</b> | <b>5</b> |
|-------------------|----------|----------|----------|----------|----------|
| 1                 | --       | --       | 3,8%     | 48,1%    | 48,1%    |
| 2                 | --       | --       | 3,8%     | 22,2%    | 74%      |
| 3                 | --       | 25,9%    | --       | 25,9%    | 48,2%    |
| 4                 | --       | --       | --       | 48,1%    | 51,9%    |
| 5                 | --       | --       | 11,2%    | 48,1%    | 40,7%    |
| 6                 | --       | --       | --       | 40,7%    | 59,3%    |
| 7                 | --       | --       | 11,2%    | 33,3%    | 55,5%    |
| 8                 | --       | --       | --       | 18,5%    | 81,5%    |
| 9                 | --       | --       | --       | 29,6%    | 70,4%    |
| 10                | --       | --       | --       | 11,1%    | 88,9%    |
| 11                | --       | --       | --       | 29,6 %   | 70,4%    |
| 12                | --       | --       | --       | 40,7%    | 59,3%    |
| 13                | --       | --       | --       | 11,1%    | 88,9%    |

Fonte: elaborado pela autora.

Outro ponto relevante é com relação a percepção dos impactos do programa. A maioria indicou concordância plena com a afirmação de que aprenderam algo que mudou sua forma de pensar sobre violência sexual (70,4%). Resultados semelhantes foram observados em relação à compreensão acerca do depoimento e do sofrimento da vítima (88,9%). Por fim, foi quase unânime a indicação de que o programa seria recomendável a outras pessoas, com 88,9% concordando totalmente, como observado na Tabela 33.

Assim, pode-se concluir que com base nos resultados apresentados, o programa atendeu de maneira significativa às expectativas e necessidades dos participantes. Observa-se que todos os 27 participantes que iniciaram nos grupos preencheram o questionário, pois não houve nenhuma desistência do programa ao longo da realização dos encontros, podendo-se concluir que houve um alto engajamento e participação dos sujeitos. Compreende-se também que o fato de os docentes estarem no espaço da escola e em seus horários de trabalho pode ter favorecido a permanência e a frequência.

Porém, ressalta-se que o comportamento dos professores que manifestaram interesse durante os encontros pode demonstrar que o conteúdo abordado foi considerado

pertinente e útil, alinhando-se com suas expectativas. Os dados também sugerem que foi possível criar com os professores um ambiente sensível e participativo para se falar abertamente, refletindo um ambiente de confiança e troca de experiências, favorecendo a expressão e o engajamento dos sujeitos. A recomendação do programa reforça a percepção sobre a relevância do tema, sugerindo um impacto positivo. Pode-se concluir que os dados indicam que o programa foi eficaz não apenas na transmissão de conhecimento, mas no estímulo à reflexão crítica e à sensibilização dos participantes, cumprindo seu papel de promover desestabilização de crenças que perpetuam e banalizam a violência contra crianças e adolescentes.

### **Considerações finais**

Os resultados obtidos na realização do presente estudo revelam que o programa de intervenção aplicado, “Vivências que Transformam”, teve efeitos positivos na percepção dos professores participantes, conforme os dados obtidos por meio da ECAS. Observou-se diferença significativa entre as etapas antes e após a intervenção para os sujeitos que participaram do grupo experimental, com a manutenção dessa diferença no *follow-up*. Esse resultado indica uma diferença em comparação com o grupo controle, sugerindo que as diferenças encontradas podem ser atribuídas à participação no programa. As mudanças identificadas reforçam uma visão positiva sobre a eficácia da intervenção, evidenciando seu potencial para promover reflexões mais empáticas e contribuir para desestabilização de crenças sociais que perpetuam e banalizam a violência, além de culpabilizar às vítimas.

No que se refere às imagens sociais, a inclusão do termo ‘normal’ na Re-etapa A no grupo experimental e sua manutenção no *follow-up*, quando associado aos autores de abuso sexual, pode indicar um esforço em compreender a complexidade do indivíduo além do ato cometido. No entanto, o predomínio de termos negativos como ‘violento’ e

‘criminoso’ podem evidenciar que a percepção sobre esses sujeitos permaneceu centrada nesses aspectos negativos e violentos, embora sinais iniciais de desestabilização tenham sido identificados. As mudanças observadas entre as etapas do grupo experimental apontam para uma evolução no entendimento dos professores sobre as possíveis consequências da vivência de uma situação de abuso sexual para os alunos adolescentes. As percepções descritas reforçam o desafio de interpretar o comportamento dos alunos sem estigmatizá-los.

Assim, observa-se uma maior atenção às possíveis consequências emocionais do abuso, sugerindo que o programa pode ter contribuído para ampliar a compreensão dos participantes, favorecendo uma percepção mais empática sobre o impacto emocional da violência sofrida, destacando a necessidade de formações continuadas para os professores, no intuito de instrumentalizá-los para lidar com os comportamentos associados as situações traumáticas. Essas mudanças podem refletir uma maior conscientização, mas também alertam para a necessidade de ações que promovam acolhimento e integração emocional, indo além dos rótulos atribuídos.

Obteve-se também resultados positivos com relação às verbalizações ao longo dos cinco encontros, pois considera-se que os professores demonstraram se expressar livremente, inclusive concordando ou discordando dos colegas, além de compartilharem muitas vivências íntimas com o grupo. Destaca-se o reconhecimento do adolescente como um indivíduo em desenvolvimento, ainda imaturo neurologicamente, o que reforça a necessidade de cuidado e proteção, não sendo exclusivo às crianças. Ademais, a percepção de que a violência pode parecer distante para alguns profissionais, compreendendo que, na verdade pode haver uma alta quantidade de casos que não são denunciados, ou não chegam ao conhecimento dos professores.

Outro ponto importante destacado pelos professores foi a preocupação expressa quanto à necessidade de participação da coordenação e da direção na formação, demonstrando a relevância do tema e a necessidade de maior envolvimento institucional, dada a frequência de ocorrências e o desconhecimento da equipe relatado por muitos docentes. Por fim, a reflexão sobre o autor de abuso sexual que não deve ser necessariamente identificado como um pedófilo ou um indivíduo ‘doente’, apartado da sociedade. Sugerindo uma desconstrução das crenças que dificultam o enfrentamento da violência sexual no ambiente escolar.

Os resultados encontrados a partir dos questionários de eficácia e satisfação também demonstram uma aprovação geral por parte dos participantes em relação aos diferentes aspectos do programa avaliados. Sugerindo que os objetivos do presente estudo foram alcançados, pois foi possível aplicar e avaliar os efeitos, assim como a viabilidade e a aceitabilidade do programa de intervenção com professores em três diferentes escolas simultaneamente, utilizando uma metodologia baseada em grupos vivenciais com objetivo de desestabilizar crenças e imagens sociais que culpabilizam a vítima e/ou banalizam/toleram a violência sexual.

Entretanto, apesar de mudanças importantes que demonstram um início de desestabilização de imagens sociais que podem prejudicar o manejo de situações de violência de forma mais adequada e, principalmente, favorecer o desenvolvimento de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, pode-se supor que fosse necessário maior tempo de intervenção (quantidade maior de encontros) para obter resultados mais positivos e contundentes sobre as imagens, especialmente aquelas associadas aos adolescentes vítimas de abuso sexual que ainda estão mais vinculados à agressividade do que de fato ao seu lugar de vítima. E aos autores de abuso que quando associados à imagem de ‘doente’ dificulta a percepção da complexidade presente nos atos de violência

sexual contra crianças e adolescentes. Desse modo, essa pode ser identificada como uma limitação do presente estudo que pode ser considerada em pesquisas futuras.

Neste sentido, reforça-se a importância de transformar a escola em um espaço de pensamento crítico, promovendo reflexões e debates para construir uma cultura de prevenção à violência sexual. A escola deve assumir seu lugar enquanto componente da rede de apoio e proteção às crianças e adolescentes (Campos & Urnau, 2021). Sugerem também, que pesquisas futuras possam ser realizadas com grupos de educadores em variados contextos escolares, podendo contribuir para compreender como fatores institucionais e outros fatores contextuais podem influenciar as percepções e práticas dos docentes frente às questões de violência.

### Referências

- Almeida, A. C. E. P. (2003). *Abuso sexual de crianças: crenças sociais e discursos da psicologia*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho] ProQuest Dissertations & Theses. <https://www.proquest.com/openview/b9d3066e29d7665abf133cc75b144249/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed.
- Cruz, D. A. (2019). *Adolescentes em acolhimento institucional: imagens sociais e o direito à convivência comunitária*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da UFPA. . [https://drive.google.com/file/d/0B-vPLci6JkNDZW1meVpDVHIPbV9HaGs1c0hVRUY0ZUJLYkNB/view?resourcekey=0-si\\_Ngg39nWPLPFxqnrLvw](https://drive.google.com/file/d/0B-vPLci6JkNDZW1meVpDVHIPbV9HaGs1c0hVRUY0ZUJLYkNB/view?resourcekey=0-si_Ngg39nWPLPFxqnrLvw)
- Cruz, D. A., Cavalcante, L. I. C., & Costa, E. F. (2024). Imagens sociais de educadores e adolescentes sobre o adolescente em acolhimento institucional. *Boletim Academia*

*Paulista de Psicologia*, 44(106), 40-50. <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20240005>

Darwich, R. A. & Garcia, M. L. G. (2019). Grupos vivenciais e permanência com sucesso na escola: conquista de direitos. *Espaço temático: direito à educação pública, democracia e lutas sociais*, 22(3), 558-565. <https://doi.org/10.1590/1982-02592019v22n3p558>

Darwich, R. A., Carvalho, L. F., & Moura, M. S. (2020). Grupos vivenciais e pandemia de Covid-19: pesquisa mediada pela internet. *Asas da palavra*, 17(2), 13-21. <https://doi.org/10.17648/asas.v17i2.2330>

Diniz, D. B., Cavalcante, L. I. C., & Reis, D. C. (2023). Parental practices exercised in the childhood of authors of sexual assault. *Child studies*, (2), 37-54. <https://doi.org/10.21814/childstudies.4533>

Domingues, A. L. (2013). *Imagens associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Institucional IUL. [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/7498/1/master\\_ana\\_domingues.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/7498/1/master_ana_domingues.pdf)

Duarte, T. D. M., Patias, N. D., & Hohendorff, J. V. (2022). Crenças de professores sobre violência sexual contra crianças e adolescentes. *Psico-USF*, 27(4), 635-648. <https://www.scielo.br/j/psuf/a/CB3YjngYnG3PMGKmFjNwnB/>

Durgante, H., Bedin, L. M., & Dell'Aglio, D. D. (2024). Avaliação de intervenção psicológica positiva para a promoção de saúde de aposentados. *Psicologia em estudo*, 29, 1-15. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v29i1.54885>

Fernandes, G. & Dell'Aglio, D. D. (2023). Evaluation of an anti-bullying intervention in the school context. *Estudos de Psicologia*, 40, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202340e210096>

Ferraz, M. de M. P., Cavalcante, L. I. C., & Veloso, M. M. X. (2023). Adverse childhood experiences: a study addressing the perpetrators of sexual violence. *Psicologia: Teoria e Prática*, 25(3). Doi: <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPSP15116.en>

- Ferraz, M. de M. P., Veloso, M. M. X. & Cabral, I. R. (2021). Violência sexual contra crianças e adolescentes: análise das notificações a partir do debate sobre gênero. *Desidades*, 29(9), 134-150.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2318-92822021000100009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822021000100009&lng=pt&tlng=pt)
- França, F. F. (2009). *A contribuição dos estudos de gênero à formação docente: uma proposta de intervenção*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá].
- França, F. F. (2014). *Representações sociais de gênero e sexualidade na escola: diálogo com educadoras*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Maringá]. Repositório Institucional da Universidade Estadual de Maringá.  
<http://old.ppe.uem.br/teses/2014/2014%20%20Fabiane%20Freire%20Franca.pdf>
- Lins, T. C. de S., Filho, N. C. dos A., & Alvarenga, P. (2023). Effects of an intervention focused on child emotion socialization. *Psicologia: Teoria e Prática*, 25(3), 1-22.  
<https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPHD15287.en>
- Mattos, R. M. (2021). Constituição da sexualidade feminina negra e a hipersexualização infantil: o caso de Mignonnes. *Odeere*, 6(2), 383-411. Doi: 10.22481/odeere.v6i2.9048
- Moraes, J. C. de O. S. (2017). *Discursos sobre a temática do abuso sexual de crianças e da pedofilia na mídia escrita*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.  
[https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMT\\_eff3e4f5116b09a6e5bdf93d4171b899](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMT_eff3e4f5116b09a6e5bdf93d4171b899)
- Moretti, M. S., & Pessoa, A. S. G. (2020). Avaliação da eficácia de um programa de formação sobre violência contra crianças e adolescentes. *Revista brasileira de educação médica*, 44(4). DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.4-20200259>
- Patias, N. D, Garcia, N. M., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Imagens sociais sobre famílias com filhos em instituição de acolhimento. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, 50(2), 215-224.  
<https://doi.org/10.30849/rip/ijp.v50i2.75>

- Pereira, C. A., Maciel, S. C., Dias, C. C. V., Alexandre, T. M. O., Oliveira, M. X., & Pimentel, C. E. (2019). Validação da escala de crenças sobre abuso sexual (ECAS) no contexto brasileiro. *Psico-USF*, 24 (1), 145-158. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240112>
- Pereira, A. S. R. (2020). *Abuso sexual no gênero masculino: crenças e mitos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias] <http://hdl.handle.net/10437/11619>
- Pessoa, A. S. G., Komatsu, A. V., & Guimarães, D. A. (2023). Avaliação de um programa de intervenção conduzido em contextos educativos com crianças afetadas pela pandemia. *Fragments de cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, 33(3), 590-601. <https://doi.org/10.18224/frag.v33i3.13816>
- Praia, A. L. da C. (2021). *Instituições de acolhimento e adolescentes institucionalizados: Imagens sociais de profissionais da educação*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da UFPA. <https://drive.google.com/file/d/1qRMVurWcsY541iAuJvTRJKJ3lrn4JCSn/view>
- Ribeiro, A., & Soeiro, C. (2011). *Crenças sobre o abuso sexual em profissionais de educação*. VI Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Psicologia da Justiça. ISBN.989-97581-
- Sato, M. S., & Croce, M. L. (2021). *A participação dos pais no desenvolvimento escolar do aluno: a corresponsabilidade pedagógica*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá] Repositório Institucional da UEM. <https://dfe.uem.br/mayarasayurisato.pdf>
- Sobreira, S., Fetzner, A. R., Ribeiro, F., & Vetromilla, C. (2024). Distintas possibilidades para o uso da Análise Temática. *Humanidades em Revista*, 6(1). <http://orcid.org/0000-0002-0074-0688>
- Sousa, S. A. F. de. (2021). *Psicopatologia, crenças sobre violência sexual e dificuldades de regulação emocional em indivíduos sexualmente agressivos: Estudo comparativo entre estudantes universitários dos gêneros masculino e feminino*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Institucional Universidade Lusófona.

- Souza, L. K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2019v71i2p.51-67>
- Stefanini, J. R. (2019). *Pesquisa-ação e práticas restaurativas para a prevenção da violência escolar: percepção dos professores*. [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional da USP. <http://hdl.handle.net/10437/12665>
- Teixeira, J. N. D. S., Resende, A. C., & Perissinotto, R. (2020), Vitimização e psicopatia em autores de violência sexual contra crianças e adolescentes. *Avaliação Psicológica*, 19(2), 123-131. <https://doi.org/10.15689/ap.2020.1902.02>
- Vagliati, A. C. (2020). *Representações sociais de docentes sobre violência sexual contra meninas: uma experiência com círculos dialógicos*. [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Maringá]. [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=8970507](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8970507)
- Wendt, B., Tavares, M. D. F., Penno, D. K., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Imagens sociais atribuídas às instituições de acolhimento. *Revista da SPAGESP*, 19(1), 35-48. <http://pepsic.bvsalud.org/>.
- Zappe, J. G., Yunes, M. A.M., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Imagens sociais de famílias com crianças e adolescentes: Impacto do status socioeconômico e da institucionalização. *Pensando Famílias*, 20(1), 83-98. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2016000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100007&lng=pt&tlng=pt).

## Considerações Finais da Tese

A presente tese teve por objetivo **desenvolver**, aplicar e avaliar os efeitos, a viabilidade e a aceitabilidade de um programa de intervenção voltado para professores sobre crenças relacionadas ao abuso sexual contra crianças e adolescentes, bem como as imagens sociais atribuídas aos autores e vítimas. Para isso, foram realizados quatro estudos. O primeiro consistiu em uma pesquisa descritiva e exploratória com o objetivo de analisar as crenças que os professores participantes da pesquisa têm sobre o abuso sexual contra crianças e adolescentes e sua relação com as variáveis pesquisadas. O segundo estudo, também de natureza descritiva e exploratória, investigou as imagens sociais atribuídas pelos professores da educação básica às crianças e aos adolescentes vítimas de abuso sexual e aos seus autores. O terceiro estudo apresentou a descrição do programa de intervenção “Vivências que Transformam”, enquanto o quarto estudo se dedicou as evidências dos efeitos da aplicação do programa proposto no Estudo 3.

O Estudo 1, contou com a participação de 105 professores atuantes nos ensinos Fundamental I, II e Ensino Médio, que atuam em quatro escolas públicas estaduais situadas na cidade de Belém. Os participantes responderam a um formulário de caracterização sociodemográfico elaborado pela autora e a uma Escala de Crenças sobre Abuso Sexual contra crianças e adolescentes (ECAS) adaptada para o contexto brasileiro por Pereira *et al.* (2019). A referida escala foi escolhida após a realização de uma revisão integrativa da literatura, publicada pela autora em 2022 (Apêndice E), sobre as escalas utilizadas para conhecer as crenças sobre abuso sexual em pesquisas empíricas.

Os resultados encontrados no Estudo 1 apontaram que a maioria dos professores participantes da pesquisa discorda totalmente ou discorda das crenças que toleram e legitimam a violência contra crianças e adolescentes, revelando que os docentes não

validam nem legitimam o abuso sexual, podendo demonstrar uma evolução da consciência social acerca do fenômeno da violência, mudando da crença que antes culpabilizava a vítima para uma responsabilização do autor.

O Estudo 2 teve o objetivo de conhecer e analisar as imagens sociais atribuídas pelos professores às crianças e aos adolescentes vítimas de abuso sexual e aos autores dessa forma de violência. Complementarmente, este estudo também contou com os mesmos 105 participantes do Estudo 1, pois quando os docentes aceitavam participar da pesquisa, eles recebiam e assinavam o TCLE e preenchiam os três instrumentos: o Formulário de Caracterização Sociodemográfica (FCS), a ECAS e o Questionário de Imagens Sociais (QIS). Assim, era solicitado que os instrumentos fossem lidos e respondidos imediatamente, não podendo ser levados para casa para preenchimento e entrega posterior. Essa medida foi adotada com o intuito de impedir que os instrumentos não fossem devolvidos para a equipe da pesquisa, evitando possíveis perdas.

Observa-se que os resultados encontrados no Estudo 2, corroboram com a imagem da vulnerabilidade e fragilidade quando o elemento indutor foi ‘criança vítima de abuso sexual’. Com relação ao estímulo ‘adolescente vítima de abuso sexual’, o principal termo do núcleo central foi ‘agressivo’, contribuindo com a imagem negativa também encontrada em estudos com adolescentes em situação de acolhimento institucional. Quanto ao ‘autor de abuso sexual’, a imagem foi voltada ao sentido da dissimulação, violência e manipulação e, inclusive os termos que poderiam ser usados com sentidos positivos como, por exemplo, ‘confiável’ ou ‘amável’, ganharam conotação negativa.

Assim, desenvolveu-se o programa “Vivências que Transformam”, com suas principais informações descritas no Estudo 3. O programa foi desenvolvido com base nos dados obtidos, destacando-se as lacunas observadas na literatura sobre programas de intervenção para a prevenção e o enfrentamento da violência sexual contra crianças e

adolescentes, com foco nos professores como público-alvo. Os encontros foram estruturados com base no modelo proposto por Vagliati (2020), porém com adaptações elaboradas pela autora da presente tese como, por exemplo, o uso da metodologia de grupos vivências com a finalidade de desestabilizar crenças e imagens sociais que culpabilizam a vítima e/ou banalizam/toleram a violência sexual. A descrição detalhada de cada etapa reforça o compromisso em fornecer subsídios para que outros psicólogos interessados possam implementar a intervenção aqui proposta com educadores em diferentes ambientes escolares, diversas regiões e com baixo custo. Tornando a intervenção prática e acessível.

Nesse sentido, o Estudo 4 pretendeu averiguar os efeitos, a viabilidade e a aceitabilidade do programa após a sua aplicação simultânea em três escolas localizadas na cidade de Belém. Para isso, buscou-se responder três perguntas principais, quais sejam, 1. É possível implementar esse programa na prática? (viabilidade); 2. O programa realmente funciona? (eficácia); e 3. As pessoas gostam e se engajam? (aceitabilidade). Para responder essas perguntas, os conceitos crenças sociais e imagens sociais foram analisados a partir das comparações entre as respostas na ECAS e no QIS, para os grupos controle e experimental, antes e após a intervenção, bem como no *follow-up* realizado três meses após o encerramento do programa, somente com o grupo experimental. Também foram analisadas as falas dos professores nos encontros estruturados e suas respostas ao questionário de avaliação da eficácia e satisfação com relação ao programa.

Os resultados demonstraram que o programa teve um impacto positivo na percepção dos professores quando analisadas as porcentagens na ECAS antes, após a intervenção e sua manutenção no *follow-up* para o grupo experimental, apresentando diferenças significativas frente ao grupo controle. Podendo-se supor que as diferenças encontradas podem ser atribuídas à participação no programa. Quanto às imagens sociais,

pode-se apontar que surge uma tentativa de ampliar a imagem atribuída aos autores de abuso sexual, demonstrando um início de compreensão sobre a complexidade do indivíduo para além do ato cometido. Ademais, as características descritas reforçam o desafio de interpretar o comportamento dos alunos, sejam eles crianças ou adolescentes, sem estigmatizá-los.

Pode-se avaliar que os professores participantes demonstraram aprovação geral do programa, evidenciando alta aceitabilidade demonstrada nas avaliações positivas ao questionário de avaliação da eficácia e satisfação, além da não ocorrência de desistências ao longo dos encontros, pois todos os professores que iniciaram o programa o concluíram. A única perda registrada no *follow-up* ocorreu devido à saída de um docente da escola. A alta taxa de adesão destaca a viabilidade do programa proposto como uma estratégia de prevenção e enfrentamento da violência sexual em contextos educacionais diferentes e com baixo custo.

Destaca-se enquanto base teórica que atravessou a pesquisa a teoria do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner (2011), na qual compreende-se que as crenças e imagens sociais estão constituídas no macrosistema, porém, elas atravessam até o microsistema interferindo diretamente nas relações diádicas, como por exemplo, a relação professor-aluno. Deste modo, entende-se que a presença de crenças que perpetuam ou banalizam a violência e imagens sociais negativas atribuídas pelos professores aos alunos e alunas vítimas de violência, podem resultar em um ambiente escolar que não favoreça o desenvolvimento saudável do seu alunado, bem como dificultando a atuação dos docentes, e por conseguinte da escola, no seu lugar de rede de apoio e de prevenção e combate à violência e ao abuso sexual. Destacando-se assim a importância do microsistema escolar como promotor do desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Assim, considera-se que a presente tese contribui especialmente para a área da psicologia do desenvolvimento. Ao analisar o programa de intervenção com base no Modelo Bioecológico, é possível ampliar a compreensão das interações individuais e contextuais. Destaca-se que o programa “Vivências que Transformam” teve como objetivo gerar um impacto no microssistema educacional e, sistematicamente, nos demais sistemas, reconhecendo a influência mútua de um sistema para o outro.

Desse modo, os achados evidenciam a necessidade de inserir capacitações permanentes na formação continuada dos professores, considerando o papel crucial da escola na proteção de crianças e adolescentes. Ademais, a pesquisa pode subsidiar políticas públicas educacionais que fortaleçam a atuação dos professores como parte da rede de apoio e prevenção. Dessa forma, o ineditismo da presente tese está em não procurar apenas preencher lacunas na literatura ao abordar as crenças e imagens sociais de professores sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes, mas também por contribuir com uma proposta de intervenção que se mostra eficaz e acessível, colaborando para um ambiente escolar mais seguro e acolhedor. Sugerindo que mudanças na percepção dos professores podem ter efeitos positivos na forma como a escola responde a casos de abuso sexual.

Além da área educacional, a pesquisa também apresenta implicações para a área da saúde, especialmente no que tange à saúde mental e ao bem-estar das crianças e dos adolescentes vítimas de abuso sexual. Ao dialogar com professores sobre o tema da violência e proporcionar a reflexão crítica sobre crenças e imagens sociais, eles podem compreender melhor a complexidade do fenômeno, possibilitando uma intervenção precoce e encaminhamentos mais ágeis aos serviços de saúde e proteção. Os achados reforçam a importância da colaboração entre os setores da educação e da saúde na

construção de estratégias integradas para a prevenção e o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes.

Apesar das significativas contribuições, algumas limitações devem ser consideradas. Primeiramente, a amostra foi composta por professores de uma única cidade, ainda que de escolas distintas, o que pode limitar a generalização para contextos regionais diferentes. A generalização dos resultados é limitada pelo tamanho da amostra, ainda que essa não tão reduzida. Aumentar a amostra seria possível com a realização de estudos com longa duração e com amostras maiores para validar os achados e explorar os efeitos, mas principalmente os impactos. Outro ponto importante que deve ser analisado é que as medidas obtidas através da ECAS, são autorrelatadas o que pode apresentar um viés de resposta. Ressalta-se que os docentes geralmente estão expostos a formações sobre o tema, sendo capazes de identificar qual o comportamento socialmente esperado deles frente à pauta da violência sexual. Outro fator relevante é quanto a limitação no número de participantes, sendo 105 na Etapa A e 27 no programa de intervenção (Etapa B).

Além desses fatores, outra dificuldade encontrada foi a impossibilidade de retornar às três escolas para realizar o programa com os professores do grupo controle. Observou-se a dificuldade em alinhar a agenda da escola com a agenda da pesquisa. No segundo semestre do ano de 2023, diversos feriados resultaram na liberação de aulas, reduzindo o tempo disponível para os encontros. Além disso, programas do governo estadual impediram a liberação dos docentes. Destaca-se ainda que, no segundo semestre de 2023 e ao longo de 2024, a Escola U passou por uma grande reforma, pois será utilizada como alojamento durante a COP 30. Nesse período, a escola permaneceu fechada, levando os alunos a dividirem espaço com a escola vizinha e tiveram o tempo de aula reduzido, o que impossibilitou a realização do programa.

Para expandir os achados desta pesquisa, recomenda-se que pesquisas futuras explorem a aplicação do programa “Vivências que Transformam” em diferentes contextos educacionais, como áreas rurais e ribeirinhas, além de outros municípios. O objetivo é mapear a rede estadual para contribuir com a formulação de políticas públicas específicas e adequadas às realidades locais encontradas. Sugere-se também a realização de pesquisas que avaliem a manutenção dos efeitos por um período de tempo mais longo, ultrapassando os três meses após o encerramento do programa analisados na presente pesquisa. Propõem-se ainda que futuras investigações possam ampliar o número de participantes, a partir da ampliação do número de grupos, permitindo uma compreensão mais abrangente e identificação de padrões mais consistentes e relevantes estatisticamente. Por fim, recomenda-se a expansão da aplicação do programa em diferentes estados do Brasil, favorecendo uma análise comparativa entre realidades regionais.

Considera-se então que os quatro estudos aqui apresentados forneceram evidências que podem contribuir para a elaboração de políticas públicas voltadas à prevenção e ao enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes em ambientes educacionais. Essas políticas devem incluir formações continuadas não apenas aos professores, mas voltadas para toda a comunidade escolar, promovendo uma abordagem integrada. Acredita-se que os impactos dessas ações irão se estender e influenciar os demais sistemas, como a família, contribuindo para a construção de um ambiente mais seguro e propício ao desenvolvimento infantil e juvenil.

## Referências

- Abramovay, M. (2015). Programa de prevenção à violência nas escolas violências nas escolas. FLACSO, Brasil. [https://flacso.org.br/files/2015/08/Violencias-nas-Escolas\\_edicao2.pdf](https://flacso.org.br/files/2015/08/Violencias-nas-Escolas_edicao2.pdf)
- Almeida, A. C. E. P. (2003). *Abuso sexual de crianças: Crenças sociais e discursos da psicologia*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho] ProQuest <https://www.proquest.com/openview/b9d3066e29d7665abf133cc75b144249/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>
- Almeida, J. B. L. de., & Costa, J. B. (2010). Da naturalização à perpetuação: O papel do cotidiano de nossas crenças sociais no processo de percepção das várias formas da violência contra a mulher. *Revista Amazônica*, 5(2). 158-181. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4028788>
- Alves, A. D. N., Santos, J. M. S., & Ramos, R. S. (2013). Conselho tutelar e abuso sexual: ocorrências em crianças e adolescentes. *Revista de Enfermagem*, 7(1), 135-142. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-32979>
- Alves, M. G. (2016). Viver na escola: indisciplina, violência e bullying como desafio educacional. *Cadernos de Pesquisa*, 46(161), 594-613. <https://www.scielo.br/j/cp/a/SgkrDw4s78cHsZvrBnBk5bp/abstract/?lang=pt>
- Andrade, C. dos S. S, Costa, M<sup>a</sup> C. O., Silva, M. L. C. A. da, & Barreto, C. S. L. A. (2018). Notificação da violência física e sexual de crianças e adolescentes: o papel do sistema de vigilância de violências e acidentes/VIVA. *Revista Saúde Coletiva da UEFS*, 8, 46-53. <https://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/2974>
- Araújo, M. A. (2018). *Crenças acerca da violência conjugal e agressão em estudantes universitários*. [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório da Universidade da Beira Interior, Portugal. [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9691/1/6438\\_13737.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9691/1/6438_13737.pdf)
- Aznar-Blefari, C., Schaefer, L. S., Pelisoli, C. da L., Habigzang, L. F. (2020). Atuação de psicólogos em alegações de violência sexual: Boas práticas nas entrevistas de

- crianças e adolescentes. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 25, n. 4, p. 625-635, out./dez. Recuperado em <http://dx.doi.org/10.1590/1413/82712020250403>
- Bluseatstudios.com. (2015, 12 de junho). Abuso sexual usando a metáfora da xícara de chá [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=ckUYhFrVJlc&t=16s>
- Brasil, C. F. (2010). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.
- Brasil. (1990). Lei Federal n. 8.069, de 13 de julho de 1990. ECA \_ Estatuto da Criança e do Adolescente. Acesso em 20 de fevereiro de 2022 [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)
- Brasil. (2017). Lei Federal n. 13.431, de 4 de abril de 2017. Acesso em 21 de maio de 2021 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13431.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13431.htm)
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.
- Brino, R. F., & Williams, L. C. A. (2003). Capacitação do educador acerca do abuso sexual infantil. *Interação em Psicologia*, 7(2), 1-10. <https://doi.org/10.5380/psi.v7i2.3218>
- Brino, R. F. & Williams, L. C. A. (2008). Professores como agentes de prevenção do abuso sexual infantil. *Educação & realidade*, 33(2), 209-229. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/7073>
- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. W. (2000). Developmental Science in the 21st Century: Emerging Questions, Theoretical Models, Research Designs and Empirical Findings. *Published by blackwell Publishers*, 108 Cowley Road, Oxford USA.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed.
- Calabar, F. P., Silveira, P. S., & Leme, V. B. R. (2021). Percepções de educadores sociais sobre trabalho, adolescências e práticas educativas. *Revista Debates Insubmissos*, 4, (14). <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>

- Campos, D. C., & Urnau L. C. (2021). Exploração sexual de crianças e adolescentes: reflexão sobre o papel da escola. *Psicologia escolar e educacional*, 25 <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392021221612>
- Carneiro, L. F. M., & Sousa, J. C. (2024). O impacto da violência sexual no desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes. *JNT Facit Business and Technology Journal*, 57 (1), 244-255. <http://revistas.faculadefacit.edu.br>.
- Cezar, P. K., Arpini, D. M., & Goetz, E.R. (2017). Registros de Notificação Compulsória de Violência Envolvendo Crianças e Adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37 (2), 432-445. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001942015>
- Chaffé, L. (2009). Canto de cicatriz [Documentário]. Atena Produções, Coletivo Feminino Plural. <https://www.youtube.com/watch?v=rv0DHEoMNg0&t=21s>
- Clementino, A. K. de S., Araújo, A. R. de, Barbosa, T. S., & Miranda, G. A. G. de. (2024). A importância da rede de apoio para a vítima de violência doméstica no âmbito familiar e estatal. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciência e Educação - REASE*, 10 (12), 1758-1773. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i12.17532>
- Correr, R., Senem, C. J., & Barros, L. M. (2017). Crianças acolhidas institucionalmente e educação escolar: o que pensam os professores? *Educação: Teoria e Prática*, 27(55), 327-346. [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-81062017000200327&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-81062017000200327&script=sci_abstract)
- Costa, L. P., Cavalcante, L. C., & Reis, D. C. (2018). Autores de agressão sexual em contextos intra e extrafamiliar: revisão da literatura. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, 26 (2), 61-69. [https://www.researchgate.net/profile/Daniela-Reis-4/publication/330740718\\_Autores\\_de\\_agressao\\_sexual\\_em\\_contextos\\_intra\\_e\\_extrafamiliar\\_revisao\\_da\\_literatura/links/5c6ebaca92851c168fcc6e71/Autores-de-agressao-sexual-em-contextos-intra-e-extrafamiliar-revisao-da-literatura.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Daniela-Reis-4/publication/330740718_Autores_de_agressao_sexual_em_contextos_intra_e_extrafamiliar_revisao_da_literatura/links/5c6ebaca92851c168fcc6e71/Autores-de-agressao-sexual-em-contextos-intra-e-extrafamiliar-revisao-da-literatura.pdf)
- Cruz, D. A. (2019). *Adolescentes em acolhimento institucional: imagens sociais e o direito à convivência comunitária*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da UFPA. [https://drive.google.com/file/d/0B-vPLci6JkNDZW1meVpDVHIPbV9HaGs1c0hVRUY0ZUJLYkNB/view?resourcekey=0-si\\_Ngg39nWPLPFxqnroLvw](https://drive.google.com/file/d/0B-vPLci6JkNDZW1meVpDVHIPbV9HaGs1c0hVRUY0ZUJLYkNB/view?resourcekey=0-si_Ngg39nWPLPFxqnroLvw)

- Cruz, D. A., Cavalcante, L. I. C., & Costa, E. F. (2024). Imagens sociais de educadores e adolescentes sobre o adolescente em acolhimento institucional. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 44(106), 40-50. <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20240005>
- Darwich, R. A. & Garcia, M. L. G. (2019). Grupos vivenciais e permanência com sucesso na escola: conquista de direitos. *Espaço temático: direito à educação pública, democracia e lutas sociais*, 22(3), 558-565. <https://doi.org/10.1590/1982-02592019v22n3p558>
- Darwich, R. A., Carvalho, L. F. & Moura, M. S. (2020). Grupos vivenciais e pandemia de Covid-19: pesquisa mediada pela internet. *Asas da palavra*, 17(2), 13-21. <https://doi.org/10.17648/asas.v17i2.2330>
- Das Neves Filho, R., Pessoa, A. S. G., Souza, N. H. C. de, & Sena, B. C. S. (2023). A (des)organização da escola pública e a produção da indisciplina de estudantes do ensino médio. *Colloquium Humanarum*, 20, 311-330. DOI: 10.5747/ch.2023.v20.h564
- De Carvalho Barreto, A. (2016). Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Psicologia em Revista*, 22(2), 275-293. <https://doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P275>
- Dias, M. J. A. (2018). *Agressões e crenças acerca da violência nas relações íntimas em contexto universitário*. [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório da Universidade da Beira Interior, Portugal. <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/9334>
- Diniz, D. B., Cavalcante, L. I. C., & Reis, D. C. (2023). Parental practices exercised in the childhood of authors of sexual assault. *Child studies*, (2), 37-54. <https://doi.org/10.21814/childstudies.4533>
- Domingues, A. L. (2013). *Imagens associadas às famílias de crianças e jovens em acolhimento institucional*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Institucional IUL. [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/7498/1/master\\_ana\\_domingues.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/7498/1/master_ana_domingues.pdf)

- Duarte, T. D. M., Patias, N. D., & Hohendorff, J. V. (2022). Crenças de professores sobre violência sexual contra crianças e adolescentes. *Psico-USF*, 27(4), 635-648. <https://www.scielo.br/j/psuf/a/CB3YjngYnG3PMGKmFjfNwnB/>
- Durgante, H., Bedin, L. M., & Dell’Aglío, D. D. (2024). Avaliação de intervenção psicológica positiva para a promoção de saúde de aposentados. *Psicologia em estudo*, 29, 1-15. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v29i1.54885>
- Felizmino, T. O., & Silva, J. P. (2021). Autoindicação do bullying frente as crenças do abuso sexual. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 10(3), 415-428. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v10i3.4000>
- Fernandes, G. & Dell’Aglío, D. D. (2023). Evaluation of an anti-bullying intervention in the school context. *Estudos de Psicologia*, 40, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202340e210096>
- Ferraz, M. de M. P., Cavalcante, L. I. C., & Veloso, M. M. X. (2023). Adverse childhood experiences: a study addressing the perpetrators of sexual violence. *Psicologia: Teoria e Prática*, 25(3). Doi: <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPSP15116.en>
- Ferraz, M. de M. P., Veloso, M. M. X. & Cabral, I. R. (2021). Violência sexual contra crianças e adolescentes: análise das notificações a partir do debate sobre gênero. *Desidades*, 29(9), 134-150. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2318-92822021000100009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822021000100009&lng=pt&tlng=pt)
- Ferreira, B. B. (2018). *Crenças sobre violência na relação íntima: relação com sintomatologia depressiva na população universitária*. [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório da Universidade da Beira Interior, Portugal. [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9731/1/6512\\_14335.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9731/1/6512_14335.pdf)
- Ferreira, J. A. de O. A., Farias, E. O de C., Lima, E. U., & Lima, E. S. (2021). Escola, pobreza e desigualdade social: práticas de reprodução ou emancipação do cidadão. *Brazilian Journal of Development*, 7 (3), 26410-26420. DOI:10.34117/bjdv7n3-373

- França, F. F. (2009). *A contribuição dos estudos de gênero à formação docente: uma proposta de intervenção*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá].
- França, F. F. (2014). *Representações sociais de gênero e sexualidade na escola: diálogo com educadoras*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Maringá]. Repositório Institucional da Universidade Estadual de Maringá. <http://old.ppe.uem.br/teses/2014/2014%20%20Fabiane%20Freire%20Franca.pdf>
- GEAV. (2021, 02 de outubro). Autores de agressão/Violência sexual [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=UhxKG9Na1Wo&t=48s>
- GEAV. (2021, 02 de outubro). Violência contra crianças e adolescentes [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=gSRaVlu2Rbs&t=19s>
- Giordani, J. P., Seffner, F., & Dell’Aglío, D. D. (2017). Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 21(1), 103-111. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702111092>
- Gomes, F. V. F. (2022). Ações de prevenção ao bullying escolar no ensino fundamental: um relato de experiência em psicologia escolar/educacional. *Research, Society and Development*, 11(15). DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i15.37162>
- Habigzang, L. F., Azevedo, G. A., Koller, S. H., & Machado, P. X. (2006). Fatores de Risco e de proteção na rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 379-386. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300006>
- Habigzang, L. F., Ramos, M. da S., & Koller, S. H. (2011). A revelação de abuso sexual: as medidas adotadas pela rede de apoio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27 (4), 467-473. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400010>
- Hernández de Frutos, T. & del Olmo Vicén, N. (2014), “Factors of risk and protection/resilience in adolescent scholar bullying. Longitudinal analysis”, *Revista Internacional de Sociología* [en línea]. Doi: [10.3989/ris.2013.05.07](https://doi.org/10.3989/ris.2013.05.07)

- Hohendorff, J. V., & Patias, N. D. (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: Identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, 49. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474>
- Hohendorff, J. V., Nelson-Gardell, D., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2017). An integrative conceptual model for enhanced understanding of the dynamics of sexual violence against children. *Vulnerable children and youth in Brazil: innovative approaches from the psychology of social development*, 77-88. [https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-65033-3\\_6](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-319-65033-3_6)
- Leme, V. B. R., Del Prette, Z.A.P., Koller, S. H., & Del Prette, A. (2016). Habilidades sociais e o modelo bioecológico do desenvolvimento humano: análise e perspectivas. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 181-193. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015aop001>
- Linhares, M<sup>a</sup>. B. M. (2022). Iniciativas inovadoras e primeira infância: o desenvolvimento de programas. *Revista brasileira de avaliação*, 11 (spe). e113322. <https://doi.org/10.4322/rbaval202211033>
- Lins, T. C. de S., Filho, N. C. dos A., & Alvarenga, P. (2023). Effects of an intervention focused on child emotion socialization. *Psicologia: Teoria e Prática*, 25(3), 1-22. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPHD15287.en>
- Lira, M. O. de S. C., Rodrigues, V. P., Rodrigues, A. D., Couto, T. M., Gomes, N. P., & Diniz, N. M. F. (2023). Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta. *Texto & Contexto Enfermagem*, 26 (3), 1-8. <https://doi.org/10.1590/0104-07072017000080016>
- Lirio, F. C., & Rocha, G. O. R. D. (2012). A escola como partícipe da rede de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. *Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmica-Científica*, 18(1), 154-167. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021221612>
- Martinez, A. M. (2010). O que pode fazer o psicólogo na escola? *Em aberto*, 23 (83), 39-56. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.23i83.%25p>

- Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de crenças sobre violência sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 30 (1-2): 177-191. <https://doi.org/10.14417/ap.546>
- Mattos, R. M. (2021). Constituição da sexualidade feminina negra e a hipersexualização infantil: o caso de Mignonnes. *Odeere*, 6(2), 383-411. Doi: 10.22481/odeere.v6i2.9048
- Moraes, J. C. de O. S. (2017). *Discursos sobre a temática do abuso sexual de crianças e da pedofilia na mídia escrita*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso]. Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMT\\_eff3e4f5116b09a6e5bdf93d4171b899](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMT_eff3e4f5116b09a6e5bdf93d4171b899)
- Moreira, A. P. G., & Guzzo, R. S. L. (2017). Violência e prevenção na escola: as possibilidades da psicologia da libertação. *Psicologia & Sociedade*, 29, <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i41683>
- Moretti, M. S., & Pessoa, A. S. G. (2020). Avaliação da eficácia de um programa de formação sobre violência contra crianças e adolescentes. *Revista brasileira de educação médica*, 44(4). DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.4-20200259>
- Mota, T. M. A. C. (2021). *Crenças e significados da violência nas relações de intimidade em estudantes universitários/as*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto Universidade do Porto, Portugal. <https://hdl.handle.net/10216/137702>
- Moura, J. Q. D., Habigzang, L. F., Matos, M., & Gonçalves, M. (2021). Escala de crenças sobre violência conjugal (ECV): versão brasileira. *Psico-USF*, 26(4), 603-616. <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260401>
- Nesello, F., Sant'Anna, F. L., Santos, H. G. dos, Andrade, S. M., Mesas, A. E., & González, A. D. (2014). Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. *Revista Brasileira Saúde Materno Infantil*, 14(2), 119-136. <https://doi.org/10.1590/S1519-38292014000200002>
- Nunes, M. C. A., & Morais, N. A. (2021). Práticas profissionais relacionadas às demandas de violência sexual: revisão da literatura nacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003227527>

- Oliveira, E. E. (2019). *Investigação das crenças de estudantes sobre a educação em sexualidade no ensino integrado do IFMG-SJE*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro]. <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/12642>
- Oliveira, J. A. (2023). *Uma análise da violência no ambiente das escolas públicas brasileiras*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria]. Repositório Institucional UFSM. <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/31310>
- Oliveira, L. R. G. de, Câmara, L. & Canavêz, F. (2021). Meninos não choram: estudo sobre um caso de abuso sexual infantil. *Desidades*, 29, 151-167. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S231892822021000100010&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S231892822021000100010&script=sci_arttext)
- Paiva, T. T., Pimental, C. E. & Moura, G. B. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 215-227. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202017000200007](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202017000200007)
- Patias, N. D., Garcia, N. M., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Imagens sociais sobre famílias com filhos em instituição de acolhimento. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, 50(2), 215-224. <https://doi.org/10.30849/rip/ijp.v50i2.75>
- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dell'Aglio, D. D. (2017). Imagens sociais de crianças e adolescentes institucionalizados e suas famílias. *Psicologia & Sociedade*, 29. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i131636>
- Peixoto, J., Matos, M., & Machado, C. (2013). Violência sexual no namoro: os atletas universitários como grupo de risco? *Psicologia*, 27 (1), 133-156. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i1.245>
- Pereira, A. S. R. (2020). *Abuso sexual no gênero masculino: crenças e mitos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório do Centro Universitário de Lisboa, Portugal. <http://hdl.handle.net/10437/11619>

- Pereira, C. A., Maciel, S. C., Dias, C. C. V., Alexandre, T. M. O., Oliveira, M. X., & Pimentel, C. E. (2019). Validação da escala de crenças sobre abuso sexual (ECAS) no contexto brasileiro. *Psico-USF*, 24 (1), 145-158. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240112>
- Perrin, N., Marsh, M., Clough, A., Desgropes, A., Phanuel, C. Y., Abdi, A., Kaburu, F., Heitmann, S., Yamashina, M., Ross, B. Read-Hamilton, S., Heise, R. L., & Glass, N. (2019). Social norms and beliefs about gender based violence scale: a measure for use with gender based violence prevention programs in low-resource and humanitarian settings. *Conflict and Health*. 1-12. <https://doi.org/10.1186/s13031-019-0189-x>
- Pessoa, A. S. G., Komatsu, A. V., & Guimarães, D. A. (2023). Avaliação de um programa de intervenção conduzido em contextos educativos com crianças afetadas pela pandemia. *Fragments de cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, 33(3), 590-601. <https://doi.org/10.18224/frag.v33i3.13816>
- Petrucci, G. W., Borsa, J. C., & Koller, S. H. (2016). A Família e a Escola no Desenvolvimento Socioemocional na Infância. *Temas em Psicologia*, 24(2), 391-402. <https://doi.org/10.9788/TP2016.2-01Pt>
- Piske, E. L., Yunes, M<sup>a</sup>. A. M., & Garcia, N. M. (2019). Ambientes educativos como contextos microssistêmicos para o desenvolvimento humano na infância. *Revista eletrônica graduação/pós-graduação em educação*, 15 (3). <https://doi.org/10.5216/rir.v15i3.58821>
- Praia, A. L. da C. (2021). *Instituições de acolhimento e adolescentes institucionalizados: Imagens sociais de profissionais da educação*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional da UFPA. <https://drive.google.com/file/d/1qRMVurWcsY541iAuJvTRJKJ3ltn4JCSn/view>
- Praia, A. L. da C., Cavalcante, L. I. C., Cruz, D. A., & Costa, A. C. R. da. (2024). Imagens sociais atribuídas a instituições de acolhimento para adolescentes: perspectivas de profissionais da educação. *Revista Foco*, 17(1), 01-21 <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4197>

- Reis, D. C., & Cavalcante, L. I. C. (2018). Autor de agressão sexual de criança/adolescente: uma caracterização da produção sobre o tema. *Ciências & Cognição*, 23(2), [http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/1460/pdf\\_120](http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/1460/pdf_120)
- Reis, D. C., & Cavalcante, L. I. C. (2019). Avaliação de distorção cognitiva de autores de agressão sexual de crianças e adolescentes (AASCAS): Revisão sistemática da literatura. *Revista da SPAGESP*, 20 (2), 99-116. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702019000200008](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000200008)
- Ribeiro, A., & Soeiro, C. (2011). *Crenças sobre o abuso sexual em profissionais de educação*. VI Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Psicologia da Justiça. ISBN.989-97581-
- Salles, L. M. F., De Paula e Silva, J. M. A., Revilla, J. C. & Fernandez, C. (2014). Um estudo sobre jovens e violência no espaço escolar. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 148-157. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100016>
- Santana, A. C. de A., Silva, J. B., Rodrigues, D. M., Silva, L. G., Pereira, M. N., Santana, J. S. S., Araújo, M. M., & Andrade, C. de. (2024). O papel da família na educação: construindo pontes entre escola e lar. *Revista PPC - Políticas Públicas e Cidades*, 13(2), 01-18 <https://journalppc.com/RPPC/article/view/1010>
- Santos, M. C. dos, & Böing, E. (2018). Modelo bioecológico do desenvolvimento humano na intervenção psicossocial com adolescentes em conflito com a lei. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(61), 93-109. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412018000200008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412018000200008&lng=pt&tlng=pt).
- Sato, M. S., & Croce, M. L. (2021). *A participação dos pais no desenvolvimento escolar do aluno: a corresponsabilidade pedagógica*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá] Repositório Institucional da UEM. <https://dfe.uem.br/mayarasayurisato.pdf>

- Secretaria Nacional de Direitos Humanos. (2024). Disque 100: Serviço de denúncia de violação de direitos humanos. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/disque100>
- Silveira, S. L. S., Patias, N. D., & Hohendorff, J. V. (2022). Beliefs of psychology undergraduate students about sexual violence against children and adolescents. *Trends in Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s43076-022-00226-y>
- Sindeev, A., & Guzmán-Negrón, E. (2018). Perfil epidemiológico, clínico-psiquiátrico y legal del sentenciado por delitos sexuales, Establecimiento Penitenciario Lurigancho, Lima, 2017. *Acta Médica Peruana*, 35(3), 168-173. [http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1728-59172018000300005](http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1728-59172018000300005)
- Sobreira, S., Fetzner, A. R., Ribeiro, F., & Vetromilla, C. (2024). Distintas possibilidades para o uso da Análise Temática. *Humanidades em Revista*, 6(1). <http://orcid.org/0000-0002-0074-0688>
- Sordi, B. A. (2022). *Grupos de estudos feministas em espaços universitários e as insurgentes tessituras na descolonização da psicologia*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará].
- Sousa, S. A. F. de. (2021). *Psicopatologia, crenças sobre violência sexual e dificuldades de regulação emocional em indivíduos sexualmente agressivos: Estudo comparativo entre estudantes universitários dos gêneros masculino e feminino*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal. <http://hdl.handle.net/10437/12665>
- Souza, L. K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2019v71i2p.51-67>
- Stefanini, J. R. (2019). *Pesquisa-ação e práticas restaurativas para a prevenção da violência escolar: percepção dos professores*. [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional da USP. <http://hdl.handle.net/10437/12665>

- Teixeira, J. N. D. S., Resende, A. C., & Perissinotto, R. (2020). Vitimização e psicopatia em autores de violência sexual contra crianças e adolescentes. *Avaliação Psicológica*, 19(2), 123-131. <https://doi.org/10.15689/ap.2020.1902.02>
- Vagliati, A. C. (2014). *Gritos do silêncio: O professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar*. [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná]. Repositório Institucional da Unioste. <https://tede.unioeste.br/handle/tede/961>
- Vagliati, A. C. (2020). *Representações sociais de docentes sobre violência sexual contra meninas: uma experiência com círculos dialógicos*. [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Maringá]. Plataforma Sucupira. [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=8970507](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8970507)
- Ventura, M. C. A. A., Frederico-Ferreira, M. M., & Magalhães, M. J. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino médio. *Revista de Enfermagem Referência*, 3 (11), 95-103. <http://dx.doi.org/10.12707/RIII12120>
- Vieira, L. J. E. de S., Silva, R. M. da, Cavancanti, L. F., & Deslandes, S. F. (2015). Capacitação para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes em quatro capitais brasileiras. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(11): 3407-3416. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.20512014>
- Viodres Inoue, S. R., & Ristum, M. (2008). Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de psicologia*, 25 (1), 11-21. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100002>.
- Wendt, B., Tavares, M. D. F., Penno, D. K., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Imagens sociais atribuídas às instituições de acolhimento. *Revista da SPAGESP*, 19(1), 35-48. <http://pepsic.bvsalud.org/>.
- Zappe, J. G., Yunes, M. A.M., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Imagens sociais de famílias com crianças e adolescentes: Impacto do status socioeconômico e da institucionalização. *Pensando Famílias*, 20(1), 83-98.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2016000100007&lng=pt&tlng=pt.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100007&lng=pt&tlng=pt)

Zúquete, J. G. P. E. da S., & Noronha, C. V. (2012). “Foi normal, não foi forçado!” versus “Fui abusada sexualmente”: uma interpretação dos discursos de agressores sexuais, das suas vítimas e de testemunhas. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 22 (4): 1357-1376.  
<https://www.scielo.br/j/physis/a/9pS4BxQJD9WcRHPXKQh8TGs/?format=pdf&lang=pt>

## Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Sr. (a), convido você a participar de uma pesquisa de doutorado vinculada ao Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento sobre as Crenças e imagens sociais de professores acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes. Sua participação é importante para compreensão do comportamento e para a elaboração de conhecimento e de políticas públicas. O objetivo desta pesquisa é propor, aplicar e avaliar os efeitos de um programa de intervenção sobre crenças e imagens sociais acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes com a participação de professores. As informações serão coletadas por meio de um questionário sociodemográfico e mais dois questionários. Se você concordar em participar, então deverá responder aos instrumentos. Os benefícios gerados com sua participação são indiretos, pois as suas informações ajudarão a compor os dados da pesquisa. Com base nos resultados, serão apresentadas propostas de intervenção psicológica, assim como subsidiará a discussão de políticas públicas para os autores de agressão sexual de crianças e adolescentes. Os benefícios para você, participante da pesquisa, dizem respeito a promoção do autoconhecimento, bem como ao aumento da possibilidade de mudanças pessoais que possam vir a desestabilizar crenças e imagens sociais que banalizam a violência. Os riscos que esta pesquisa poderá oferecer são mínimos, como desconforto psíquico diante de perguntas íntimas, entretanto, se você se sentir fragilizado ou desconfortável em função das informações que você disponibilizará nos questionários você poderá desistir a qualquer momento e terá assistência necessária sendo encaminhado para a equipe técnica da pesquisa, incluindo a pesquisadora que é psicóloga. Os resultados da pesquisa serão devolvidos diretamente a você, individualmente, se você tiver interesse em conhecê-los. Não haverá pagamento para você participar. A sua participação é voluntária e sua desistência é permitida em qualquer momento do estudo, sem que lhe traga prejuízos. Se em algum momento do estudo você sofrer danos e/ou lesões físicas ou psicológicas, e se for comprovado que são decorrentes deste estudo, você será amparado por lei a receber indenização. Será assegurado sigilo quanto a sua identidade, ficando suas informações sob a guarda da pesquisadora, resguardando a privacidade e o anonimato. Para maiores esclarecimentos, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética do Núcleo de Medicina Tropical (UFPA), através do e-mail: [cepnmt@ufpa.br](mailto:cepnmt@ufpa.br), ou no seguinte endereço e telefone: Av.

Generalíssimo Deodoro, 92, bairro Umarizal. CEP: 66055-240 – Belém, Pará. Telefone: (91) 3201-0961. Também poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço profissional: Rua Augusto Corrêa, 01, Campus Universitário do Guamá, NTPC, prédio 1, CEP: 66.075-110 – Belém, Pará, Telefone: (91) 98803-1908, e-mail: [fernanda.lima@ntpc.ufpa.br](mailto:fernanda.lima@ntpc.ufpa.br). Este termo será assinado em duas vias, sendo que o original ficará com você (participante) e uma cópia ficará com a pesquisadora.

#### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que fui esclarecido (a) sobre o objetivo da pesquisa, assim como os riscos e benefícios envolvidos na sua participação. Declaro ainda que, por minha livre vontade, aceito participar nesta pesquisa, cooperando com a coleta de dados para análise.

Assinatura do Participante

---

Belém, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Apêndice B – Formulário de Caracterização Sociodemográfico (FCS)****FORMULÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICO (FCS)**

Este formulário é totalmente anônimo. Não preencha seu nome, nem assine.  
Obrigada pela sua colaboração!

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( )Feminino ( )Masculino

Orientação sexual: ( )Heterossexual ( )Homossexual ( )Outro \_\_\_\_\_

Cor/Etnia: \_\_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_

Estado civil: ( )Solteiro(a) ( )Casado(a) ( )União estável ( )Outro \_\_\_\_\_

Possui filhos? ( )Sim ( )Não

Local de nascimento: ( )Zona urbana ( )Zona rural ( )Zona ribeirinha

Local de moradia: ( )Zona urbana ( )Zona rural ( )Zona ribeirinha

Escolaridade:

( ) Graduação: Curso \_\_\_\_\_

( ) Pós-graduação: ( )Especialização ( )Mestrado ( )Doutorado ( )Outro: \_\_\_\_\_

Nível de ensino que leciona:

( ) Ensino Fundamental -1º Ao 5º ano.

( ) Ensino Fundamental - 6º ao 9º ano.

( ) Ensino Médio

Tempo de atuação como professor(a): \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na escola atual: \_\_\_\_\_

Você já acompanhou algum caso de abuso sexual?

( ) sim ( ) não

Você já sofreu algum tipo de abuso sexual?

( ) sim ( ) não

## Apêndice C – Questionário de Imagens Sociais (QIS)

### QUESTIONÁRIO DE IMAGENS SOCIAIS (QIS)

#### INSTRUÇÕES:

Você vai encontrar a seguir três categorias, pede-se que você leia e pense sobre elas e escreva cinco características de cada grupo.

Este questionário é totalmente anônimo. Não preencha seu nome, nem assine.

Obrigada pela sua colaboração!

- Pense em uma CRIANÇA vítima de abuso sexual. Como você caracteriza essa criança? Escreva 5 características de uma criança que tenha sofrido abuso sexual.

1- \_\_\_\_\_  
2- \_\_\_\_\_  
3- \_\_\_\_\_  
4- \_\_\_\_\_  
5- \_\_\_\_\_

- Pense em um(a) ADOLESCENTE vítima de abuso sexual. Como você caracteriza esse(a) adolescente? Escreva 5 características de um(a) adolescente que tenha sofrido abuso sexual.

1- \_\_\_\_\_  
2- \_\_\_\_\_  
3- \_\_\_\_\_  
4- \_\_\_\_\_  
5- \_\_\_\_\_

- Pense em um(a) AUTOR(a) de AGRESSÃO SEXUAL contra crianças e adolescentes. Como você caracteriza esse(a) autor de agressão sexual contra crianças e adolescentes? Escreva 5 características de um(a) autor de agressão sexual contra crianças e adolescentes.

1- \_\_\_\_\_  
2- \_\_\_\_\_  
3- \_\_\_\_\_  
4- \_\_\_\_\_  
5- \_\_\_\_\_

## Apêndice D – Questionário de Avaliação da Eficácia e Satisfação com o Programa

### Questionário de avaliação da eficácia e satisfação com o programa

|    |   | (1)<br>Discordo<br>totalmente | (2)<br>Discordo | (3)<br>Indiferente | (4)<br>Concordo | (5)<br>Concordo<br>totalmente |
|----|---|-------------------------------|-----------------|--------------------|-----------------|-------------------------------|
| 1  | O horário de início dos encontros foi adequado.   |                               |                 |                    |                 |                               |
| 2  | O local foi adequado.   |                               |                 |                    |                 |                               |
| 3  | O Número de participantes foi adequado  |                               |                 |                    |                 |                               |
| 4  | O tempo de duração de cada encontro foisatisfatório.  |                               |                 |                    |                 |                               |
| 5  | O tempo de duração do Programa (5 encontros) foi suficiente para alcançar o objetivoproposto.                     |                               |                 |                    |                 |                               |
| 6  | Os objetivos foram claramente apresentados e compreendidos.   |                               |                 |                    |                 |                               |
| 7  | Os conhecimentos adquiridos foram aoencontro das minhas expectativas e necessidades.                              |                               |                 |                    |                 |                               |
| 8  | A coordenadora utilizou uma linguagem sensível e clara para que todos compreendessem.                             |                               |                 |                    |                 |                               |
| 9  | A forma como a coordenadora orientou assessões motivou-me a falar abertamente e a dizer o que penso e o que faço. |                               |                 |                    |                 |                               |
| 10 | Considera este tipo de apoio/programarecomendável a outros professores.   |                               |                 |                    |                 |                               |
| 11 | Aprendi coisas que me ajudaram a mudar a forma de pensar sobre violência sexual.                                  |                               |                 |                    |                 |                               |
| 12 | Compreendo melhor quem é o autor de agressão sexual.  |                               |                 |                    |                 |                               |
| 13 | Compreendo a importância de reconhecer o depoimento e o sofrimento da vítima.                                     |                               |                 |                    |                 |                               |

## Apêndice E - Artigo Pesquisas com escalas sobre abuso e violência sexual: Uma revisão integrativa



Revista Eletrônica Acervo Saúde | ISSN 2178-2091

### Pesquisas com escalas de crenças sobre abuso e violência sexual: uma revisão integrativa

Surveys with scales of beliefs about abuse and sexual violence: an integrative review

Encuestas con escalas de creencias sobre abuso y violencia sexual: una revisión integradora

Fernanda Monteiro Lima<sup>1\*</sup>, Lília Iêda Chaves Cavalcante<sup>1</sup>, Daniela Castro dos Reis<sup>1</sup>.

#### RESUMO

**Objetivo:** Identificar em artigos científicos publicados quais as escalas utilizadas para conhecer as crenças sobre abuso e violência sexual em pesquisas empíricas. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com uso do protocolo PRISMA e adoção de critérios de inclusão que valorizam pesquisas empíricas com escala para mensurar as crenças sobre abuso ou violência sexual. As bases de dados utilizadas foram *SciElo, Lilacs, Psycinfo, Scopus e Web of Sciences*. As estratégias de busca envolveram descritores em português (escala, questionário, instrumento, crenças, abuso sexual e violência sexual) e em inglês (*scale, beliefs, sexual abuse, sexual violence*). **Resultados:** Foram encontrados 128 artigos, porém após a aplicação dos critérios de elegibilidade e exclusão, restaram 8, sendo 7 escritos em português e 1 em inglês. **Considerações finais:** As pesquisas encontradas a partir desta revisão sistemática mostraram que os instrumentos utilizados permitiram mensurar as crenças em questão, evidenciando a atualidade daquelas que reforçam a legitimação/tolerância ao abuso e à violência sexual, independentemente da amostra selecionada. O estudo dessas crenças se mostrou relevante na medida em que podem influenciar a produção de conhecimento e mudanças nas relações sociais das quais depende o êxito das políticas públicas voltadas ao enfrentamento do abuso sexual.

**Palavras-chave:** Crenças, Abuso sexual, Violência sexual.

#### ABSTRACT

**Objective:** To identify in published scientific articles which scales are used to know the beliefs about sexual abuse and violence in empirical research. **Methods:** This is an integrative literature review using the PRISMA protocol and adoption of inclusion criteria that value empirical research with a scale to measure beliefs about sexual abuse or violence. The databases used were *SciElo, Lilacs, Psycinfo, Scopus and Web of Sciences*. The search strategies involved descriptors in Portuguese (scale, questionnaire, instrument, beliefs, sexual abuse and sexual violence) and in English (*scale, beliefs, sexual abuse, sexual violence*). **Results:** 128 articles were found, but after applying the eligibility and exclusion criteria, 8 remained, 7 of which were written in Portuguese and 1 in English. **Final considerations:** The research found from this systematic review showed that the instruments used allowed the measurement of the beliefs in question, evidencing the relevance of those that reinforce the legitimation/tolerance of abuse and sexual violence, regardless of the selected sample. The study of these beliefs proved to be relevant insofar as they can influence the production of knowledge and changes in social relationships on which the success of public policies aimed at coping with sexual abuse depends.

**Keywords:** Beliefs, Sexual abuse, Sexual violence.

#### RESUMEN

**Objetivo:** Identificar en artículos científicos publicados qué escalas se utilizan para conocer las creencias sobre el abuso y la violencia sexual en la investigación empírica. **Métodos:** Se trata de una revisión integradora de la literatura utilizando el protocolo PRISMA y la adopción de criterios de inclusión que valoran la investigación empírica con una escala para medir las creencias sobre el abuso o la violencia sexual. Las bases de datos utilizadas fueron *SciElo, Lilacs, Psycinfo, Scopus y Web of Sciences*. Las estrategias de

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém - PA. \*E-mail: [fernanda.lima@ntpc.ufpa.br](mailto:fernanda.lima@ntpc.ufpa.br)

SUBMETIDO EM: 2/2022

ACEITO EM: 2/2022

PUBLICADO EM: 3/2022

búsqueda involucraron descriptores en portugués (escala, cuestionario, instrumento, creencias, abuso sexual y violencia sexual) y en inglés (escala, creencias, abuso sexual, violencia sexual). **Resultados:** Se encontraron 128 artículos, pero después de aplicar los criterios de elegibilidad y exclusión, quedaron 8, de los cuales 7 estaban escritos en portugués y 1 en inglés. **Consideraciones finales:** La investigación encontrada a partir de esta revisión sistemática mostró que los instrumentos utilizados permitieron medir las creencias en cuestión, evidenciando la relevancia de aquellas que refuerzan la legitimación/tolerancia al abuso y la violencia sexual, independientemente de las seleccionadas. muestra. El estudio de estas creencias se mostró relevante en la medida en que pueden influir en la producción de conocimientos y cambios en las relaciones sociales de las que depende el éxito de las políticas públicas dirigidas al enfrentamiento del abuso sexual.

**Palabras clave:** Creencias, Abuso sexual, Violencia sexual.

## INTRODUÇÃO

A violência se mostra como um fenômeno complexo, multifacetado, controverso, perpetrado por indivíduos contra outros indivíduos. Dentro do escopo da violência, encontra-se a violência sexual que é uma de suas formas. A violência sexual alcança todas as faixas etárias, classes sociais e ambos os sexos, atingindo desde recém-natos até idosos. É um fenômeno mundial e está presente tanto em relações heterossexuais quanto homossexuais (SINDEEV A e GUZMÁN-NEGRÓN E, 2018; REIS DC e CAVALCANTE LIC, 2018; REIS DC e CAVALCANTE LIC, 2019).

Devido à magnitude das consequências da violência sexual para a vítima, podendo ser desde lesões físicas, passando pelo risco de adquirirem infecções sexualmente transmissíveis até o desenvolvimento de transtornos psicológicos como, por exemplo, a depressão, a ansiedade, o transtorno de estresse pós-traumático. Desse modo, a violência sexual adquiriu progressivamente um caráter endêmico, tornando-se um problema de saúde pública (SINDEEV A e GUZMÁN-NEGRÓN E, 2018; REIS DC e CAVALCANTE LIC, 2018; REIS DC e CAVALCANTE LIC, 2019).

A violência sexual pode ser dividida em abuso sexual e exploração sexual. No abuso sexual, o objetivo é estimular a vítima sexualmente ou obter prazer sexual pessoal. Enquanto na prática da exploração sexual, está presente uma relação mercantil, visando ao lucro, como na prostituição e na pornografia. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o abuso sexual infantojuvenil é apontado como um dos maiores problemas sociais e de saúde pública na contemporaneidade e que pode estar presente tanto no contexto extrafamiliar como intrafamiliar (OMS, 2014; CEZAR PK, et al., 2017; COSTA LP, et al., 2018).

Diante desse cenário, uma das dificuldades mais evidentes no trato da violência sexual, diz respeito ao desafio de se detectar a amplitude e complexidade desse fenômeno, uma vez que a presença de crenças sociais pode favorecer leituras enviesadas da sua manifestação em diferentes épocas e sociedades, impedindo até mesmo a sua definição e notificação como prevê a legislação e a política pública da área. Assim, o reconhecimento da experiência abusiva depende, por vezes, de crenças sociais que podem promover ou não atitudes capazes de acentuar as dinâmicas traumáticas nos limites da violência sexual (CAMARGO E, 2019; PEREIRA CA, et al., 2019).

Isso porque, crenças podem ser entendidas como uma representação aceita por um grupo, que afeta de forma direta aspectos da cognição, afetividade e do comportamento dos indivíduos, além de refletir na socialização e na formação cultural e ideológica da sociedade. É a partir da construção das crenças sobre indivíduos ou sobre o porquê de eles agirem de determinado modo que o comportamento e as interações sociais são guiados, o que sugere a relevância da produção científica sobre a constituição e configurações (RIBEIRO A e SOEIRO C, 2011; PEREIRA CA, et al., 2019).

Diante do exposto, o objetivo do presente artigo foi identificar em artigos científicos publicados entre os anos de 2000 e 2021, quais têm sido as escalas utilizadas quando se pretende conhecer as crenças sobre abuso e violência sexual presentes em pesquisas empíricas na literatura nacional e internacional, a partir da realização de uma revisão integrativa.

## MÉTODOS

Esta revisão integrativa foi realizada a partir dos critérios do protocolo Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises (PRISMA). Com base nessas orientações, a questão de pesquisa delimitada indagou: quais são os instrumentos utilizados para identificar crenças sociais sobre abuso e violência sexual nas publicações científicas no período de 2000 à 2021. Para tanto, realizou-se uma busca exploratória por artigos nacionais e internacionais sobre o tema utilizando como ferramenta de busca o Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por este ser mundialmente empregado na divulgação de trabalhos científicos.

Como não foram localizados termos específicos no site dos Descritores em Ciências da Saúde, que apontassem a terminologia comum para esse tipo de pesquisa, a escolha dos descritores se deu a partir da sua evidente associação com tema. Sendo escolhidos seis descritores em português: escala, questionário, instrumento, crenças, abuso sexual e violência sexual e os seguintes termos em inglês: *scale, beliefs, sexual abuse, sexual violence*, sendo *and* o termo booleano utilizado na pesquisa. Foram definidas as seguintes bases de dados eletrônicas: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (Lilacs), *Psycinfo*, *Scopus* e *Web of Sciences*.

Desse modo, delimitaram-se os critérios de inclusão e exclusão dos artigos. Critérios de inclusão: artigos completos de livre acesso disponíveis para download; publicados no período de 2000 a 2021. Destaca-se que este recorte temporal foi estabelecido devido a terem sido encontrados textos relevantes enquadrados nesse período na busca preliminar; escritos nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola; pesquisas empíricas que utilizem uma ou mais escalas de crenças sobre violência sexual ou abuso sexual; com pelo menos uma das palavras-chave escolhidas para a busca no título ou no resumo.

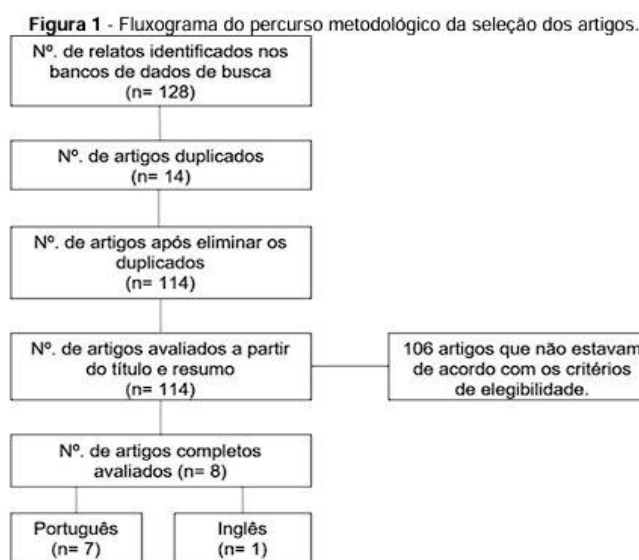
Critérios de exclusão: artigos que não utilizem nenhuma escala de crenças sobre violência sexual ou abuso sexual; artigos que não apresentem uma das palavras-chave determinadas na busca citadas no título ou no resumo; literatura cinzenta (documentação técnica, anúncios de jornais, relatórios); artigos teóricos e documentais; artigos de revisão sistemática ou integrativa da literatura; livros, teses, dissertações e monografias; artigos escritos em outras línguas que não as especificadas.

A partir da busca por publicações referentes ao tema da presente pesquisa, os artigos encontrados foram enumerados ordinalmente e, em seguida, classificados de acordo com as seguintes categorias: selecionados, duplicados e alheios ao tema. A seleção dos artigos foi feita a partir da leitura do título, bem como do resumo de cada estudo. Nos casos em que os resumos se mostraram insuficientes, foi feita a leitura completa da publicação.

Os artigos selecionados de acordo com os critérios de inclusão foram arquivados em uma planilha eletrônica e os demais, de acordo com os critérios de exclusão, foram descartados. A busca pelos artigos foi realizada pela pesquisadora e compreendeu o período de cinco meses, de setembro de 2021 a janeiro de 2022, com duração média de três horas diárias, três dias por semana. Em seguida, os artigos recuperados foram arquivados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Utilizando-se as palavras-chave descritas e os critérios de elegibilidade e de exclusão, foram encontradas 128 produções nas bases de dados conforme são apresentadas a seguir: Lilacs (n= 25), SciELO (n= 8), *Scopus* (n= 30), *Web of Sciences* (n= 45), *PsycInfo* (n= 20). Do total dos 128 artigos, 14 foram excluídos por estarem em duplicidade, restando 114 textos. Estes foram analisados sendo excluídos 106 pelos seguintes motivos: 1 tratava-se de uma revisão bibliográfica; 8 por utilizarem entrevista como método, sem a utilização de nenhuma escala; 12 utilizaram escala de crenças, porém sem estar relacionada com abuso sexual ou violência sexual; 38 utilizaram escalas de violência sexual, porém não relacionadas com o tema crenças; e 52 tratavam de um tema alheio, referindo-se ao abuso ou violência sexual e/ou crenças de forma tangenciada. Após essa análise, restaram 8 artigos que cumpriram todos os critérios, sendo 7 escritos em português e 1 em língua inglesa.



Fonte: Lima FM, et al., 2022.

O **Quadro 1** apresenta a identificação dos oito artigos selecionados a partir da utilização dos critérios de elegibilidade e exclusão nas bases de dados escolhidas com suas respectivas informações que os caracterizam, como: autores do artigo, população estudada, número de participantes, faixa etária e localidade onde foram realizadas as pesquisas. Os artigos estão organizados por ordem alfabética dos nomes dos autores.

**Quadro 1 - Caracterização dos artigos selecionados na revisão integrativa.**

| Autor(es)/ano                 | População  | Nº   | Faixa etária | Local                            |
|-------------------------------|--|------|--------------|----------------------------------|
| BRINO RF e WILLIAMS LCA, 2003 | Educadoras.                                      | 11   | 31-60 anos   | São Carlos - SP.                 |
| FELIZMINO TO e SILVA JP, 2021 | Estudantes do 9º ano do ensino fundamental.      | 284  | 14-18 anos   | Aracaju - SE.                    |
| MARTINS S, et al., 2012       | Estudantes universitários.                       | 1000 | 18-24 anos   | Portugal (Continental).          |
| PAIVA TT, et al., 2017        | População em geral.                              | 305  | 18-62 anos   | João Pessoa - PB.                |
| PEIXOTO J, et al., 2013       | Estudantes universitários atletas e não atletas. | 100  | 18-38 anos   | Portugal (Região Norte).         |
| PEREIRA CA, et al., 2019      | Estudantes universitários.                       | 417  | 16-50 anos   | João Pessoa - PB.                |
| PERRIN N, et al., 2019        | Membros da comunidade.                           | 415  | 15-46 anos   | Somália e Sudão do Sul - África. |
| VENTURA MCAA, et al., 2013    | Estudantes de escolas secundaristas.             | 682  | 17 anos      | Portugal (Coimbra).              |

Fonte: Lima FM, et al., 2022.

Presentes no **Quadro 2** estão as informações referentes aos instrumentos de crenças utilizados por cada pesquisa empírica, além de recursos complementares, quando utilizados.

**Quadro 2** - Instrumentos utilizados por artigo.

| Autor(es)/ano                 | Instrumento(s)   |
|-------------------------------|--|
| BRINO RF e WILLIAMS LCA, 2003 | Registro de abuso sexual (RAS);<br>Questionário sobre conhecimento e crenças a respeito de abuso sexual.   |
| FELIZMINO TO e SILVA JP, 2021 | Questionário de dados pessoais;<br>Escala de autoindicação de bullying;<br>Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS).  |
| MARTINS S, et al., 2012       | Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS).   |
| PAIVA TT, et al., 2017        | Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC);<br>Escala de autoestima de Rosenberg;<br>Inventário de Personalidade de Dez Itens (TIPI);<br>Escala de satisfação com a vida (ESV);<br>Questionário sociodemográfico. |
| PEIXOTO J, et al., 2013       | Escala de Crenças sobre Violação (ECV);<br><i>Sexual Experiences Survey – Short Form Perpetration (SES-SFP)</i> .  |
| PEREIRA CA, et al., 2019      | Questionário sociodemográfico;<br>Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS).   |
| PERRIN N, et al., 2019        | <i>Social Norms and Beliefs about Gender Based Violence Scale</i> .  |
| VENTURA MCAA, et al., 2013    | Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC).   |

Fonte: Lima FM, et al., 2022.

Tomando como referência o período selecionado para a presente revisão (2000-2021), o artigo mais antigo foi o das autoras Brino RF e Williams LCA (2003) e o mais recente é de Felizmino TO e Silva JP (2021), ambas realizadas no contexto escolar, sendo a primeira com educadoras e a segunda com estudantes do 9º ano do ensino fundamental. Uma diferença importante entre os dois artigos é que na pesquisa de 2003, as autoras elaboraram um instrumento próprio e fizeram a adaptação de outro, enquanto no artigo de 2021, os autores utilizaram uma escala validada para o contexto brasileiro.

O artigo de 2003 trata-se de um estudo cujo objetivo foi avaliar a eficácia de um programa de intervenção com o intuito de capacitar educadoras para atuar em situações de abuso sexual com seus alunos. No grupo de 11 educadoras, 5 participaram da intervenção e 6 formaram o grupo controle. O estudo foi dividido em duas etapas, a primeira previu o curso de capacitação, semelhante a um *workshop*, composto por quatro encontros quinzenais. A segunda etapa foi denominada de consultoria, na qual foram realizadas reuniões mensais e individuais com as professoras (BRINO RF e WILLIAMS LCA, 2003).

Utilizados na pesquisa de Brino RF e Williams LCA (2003), antes do primeiro encontro, depois do último encontro da primeira etapa e, novamente, após o término da consultoria, foram aplicados instrumentos para conhecer as crenças sobre o tema e posteriormente para verificar se elas haviam sido alteradas. Quais sejam: 1) Registro sobre Abuso Sexual (RAS) – instrumento traduzido pelas autoras de Hazzard (1984); 2) Questionário sobre Conhecimento de Crenças a Respeito de Abuso Sexual.

Esse segundo instrumento é composto por 43 afirmações de verdadeiro ou falso sobre abuso sexual, elaborado pelas autoras para o estudo. A partir dos resultados, as autoras concluíram que o instrumento RAS mostrou-se adequado para detectar mudanças nos comportamentos das educadoras se for aplicado com intervalos maiores de tempo, o que não foi possível na pesquisa em tela. E quanto ao Questionário, elas pontuaram que as participantes do grupo experimental apresentaram um aumento em seu repertório sobre abuso sexual, enquanto as participantes do grupo controle mantiveram o repertório inalterado (BRINO RF e WILLIAMS LCA, 2003).

Como pode ser verificado no **Quadro 1** e no **Quadro 2**, no cenário da literatura internacional, destaca-se Portugal, com três pesquisas realizadas nesse país, publicadas entre os anos de 2012 e 2013. Enquanto no cenário nacional, destaca-se João Pessoa-PB, com duas pesquisas realizadas nos anos de 2017 e 2019. Os três estudos elaborados em Portugal utilizam instrumentos diferentes entre si. Cada pesquisa aplicou as seguintes escalas de crenças: Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS); Escala de Crenças sobre Violação (ECV) e Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC) (MARTINS S, et al., 2012; PEIXOTO J, et al., 2013; VENTURA MCAA, et al., 2013).

A pesquisa de Peixoto J, et al. (2013), além de uma escala de crenças, aplicou um instrumento de experiências sexuais, mas não relacionado com crenças, o *Sexual Experiences Survey – Short Form Perpetration* (SES-SFP). Apesar da diferença entre os instrumentos, as pesquisas apresentaram públicos-alvo semelhantes, os estudantes secundaristas e universitários. É importante ressaltar que as escolas secundaristas em Portugal são de cursos profissionais e científico-humanísticos (MARTINS S, et al., 2012; PEIXOTO J, et al., 2013; VENTURA MCAA, et al., 2013).

A pesquisa de Martins S, et al. (2012) teve por objetivo validar um instrumento de investigação sobre violência sexual, adaptado para a população de estudantes universitários portugueses, devido a inexistência de instrumentos com essa capacidade de aferição na época e a relevância do tema, procurando identificar o grau de tolerância/legitimação e conhecendo as crenças que mantêm esses comportamentos de violência sexual entre os sujeitos. Os autores concluíram que a escala apresentada possui níveis satisfatórios de precisão e validade, sendo mais um instrumento importante para investigar a tolerância à violência sexual.

O objetivo do estudo de Peixoto J, et al. (2013) foi identificar se estudantes universitários do sexo masculino, praticantes de modalidades esportivas de contato, apresentariam um nível maior de legitimação/tolerância face à violência sexual sobre as mulheres a partir da aplicação da Escala de Crenças sobre Violação (ECV) e se eles apresentariam uma taxa de atos de violência sexual no namoro maior que um grupo de universitários não atletas a partir da aplicação do *Sexual Experiences Survey – Short Form Perpetration* (SES-SFP).

Os participantes foram divididos em 50 universitários atletas de modalidades de contato e 50 universitários não atletas. Os resultados demonstraram que atletas e não atletas não evidenciaram diferenças estatisticamente relevantes e, de um modo geral, os dois grupos apresentaram um reduzido nível de suporte às crenças que justificam ou desculpabilizam a violência sexual, porém em relação ao comportamento, avaliado pelo segundo instrumento (SES-SFP), os dois grupos apresentaram uma taxa superior de perpetração de atos sexuais abusivos na intimidade no "tipo mais grave", a violação (PEIXOTO J, et al., 2013).

O terceiro estudo realizado em Portugal, apresentado nesta revisão, foi conduzido por Ventura MCAA, et al. (2013) e teve como objetivo identificar crenças e atitudes legitimadoras de violência nas relações de intimidade a partir da utilização da Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC). A população foi composta por 682 estudantes de duas escolas do ensino secundário da região de Coimbra. Os resultados da escala mostraram que, em sua maioria, os estudantes discordam das crenças legitimadoras da violência sexual, porém, os participantes do sexo masculino tiveram uma concordância maior com os comportamentos violentos do que as do sexo feminino.

Assim como o estudo de Ventura MCAA, et al. (2013), a pesquisa de Paiva TT, et al. (2017) também utilizou a Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC), porém com uma população e objetivos diferentes. Em Paiva TT, et al. (2017), o objetivo é relacionar as crenças que legitimam a violência conjugal com os conceitos de autoestima, satisfação com a vida e personalidade. Por isso, além do uso da ECVC, eles aplicaram mais três instrumentos para medir esses conceitos e um questionário sociodemográfico, conforme mostra o **Quadro 2**.

A amostra selecionada foi formada por 305 pessoas da população geral, maioria mulheres, residentes na cidade de João Pessoa-PB, como pode ser verificado no **Quadro 1**. Os resultados dessa pesquisa apontaram que fatores pessoais como autoestima e personalidade possuem relação com a legitimação das crenças sobre violência sexual. Porém, a satisfação com a vida não demonstrou essa relação, o que os autores sugerem que possa ser investigado em estudos posteriores (PAIVA TT, et al., 2017).

Os artigos de Felizmino TO e Silva JP (2021) e Pereira CA, et al. (2019) utilizaram a mesma escala, a Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS) que se propõe a apresentar uma medida de tolerância/legitimação do abuso sexual, especificamente cometido contra crianças e adolescentes. A pesquisa de Pereira CA, et al. (2019) teve como objetivo validar para o contexto brasileiro a referida escala, que foi elaborada e validada inicialmente para Portugal, tendo em vista a necessidade de um instrumento que auxilie na obtenção de medidas válidas para o tema.

A validação se deu em duas fases. A primeira, denominada de "Validação exploratória", participaram 208 estudantes dos cursos de Direito e Psicologia de universidades públicas e privadas, na cidade de João Pessoa-PB, conforme **Quadro 1**. Além da escala, foi aplicado um questionário sociodemográfico. Na segunda fase, "validação confirmatória", participaram 209 estudantes universitários com as mesmas características da fase anterior, sendo realizados os mesmos procedimentos. Os autores consideraram que a escala apresentou indicadores satisfatórios de validade e consistência interna podendo ser utilizada para o contexto brasileiro.

A pesquisa de Felizmino TO e Silva JP (2021) fez uso da escala validada para o Brasil, com uma amostra de 284 estudantes no 9º ano no ensino fundamental, conforme **Quadro 1**. O objetivo da pesquisa foi identificar se as crenças sobre abuso sexual interferem na autoindicação do *bullying*. Além dela, foram aplicados um questionário de dados pessoais do aluno e a Escala de Autoindicação de *Bullying* (Escala B).

Os resultados apontam que o abuso sexual ainda é uma prática cotidiana nas escolas em que a pesquisa ocorreu e, em alguns casos, esse tipo de violência sexual é uma manifestação de *bullying*. Os autores ressaltam que o tema abuso sexual ainda está atrelado a tabus e inibições o que dificulta o debate e as informações corretas sobre ele. Contudo, os resultados obtidos através da ECAS mostrou que a maioria dos alunos discorda das afirmações que toleram, legitimam e culpabilizam a vítima (FELIZMINO TO e SILVA JP, 2021).

A pesquisa publicada na língua inglesa foi realizada por Perrin N, et al. (2019) com 415 pessoas de comunidades dos países Somália e Sudão do Sul, como mostra o **Quadro 1**. A pesquisa teve por objetivo o desenvolvimento e o teste de uma escala de Normas e Crenças Sociais sobre a Escala de Violência Baseada no Gênero (VBG) que fosse capaz de medir a mudança ao longo do tempo em normas sociais e crenças pessoais associadas à violência contra mulheres e meninas entre homens e mulheres membros da comunidade em áreas humanitárias complexas e de poucos recursos.

Após a análise dos dados, os pesquisadores concluíram que a escala desenvolvida se mostra como um instrumento com fortes propriedades psicométricas, tendo consistência interna e confiabilidade para medir a mudança em normas sociais prejudiciais associadas à VBG. Sendo, de acordo com os autores, um dos primeiros instrumentos a apresentar boas qualidades para ser aplicado no contexto de áreas humanitárias e poucos recursos (PERRIN N, et al., 2019).

Tendo em vista que a violência sexual é um evento complexo que adquiriu um caráter endêmico, esta torna-se progressivamente um problema de saúde pública, na medida em que deixa sequelas que atingem muito além de questões físicas, refletindo na saúde biopsicossocial das vítimas que podem se tornar mais vulneráveis a desenvolver distúrbios sexuais, quadros de depressão, queixas somáticas, transtorno de estresse pós-traumático, transtornos de ansiedade, alimentares e dissociativos, déficit de atenção e hiperatividade (ANDRADE CS, et al., 2018; PEREIRA CA, et al., 2019).

Assim como podem apresentar alterações comportamentais, cognitivas e afetivas, tais como, sentimento de culpa, diferença em relação aos pares, desconfiança, baixa autoestima, baixo rendimento escolar, conduta hiper sexualizada, abuso de substâncias entorpecentes, fuga do lar, furtos, isolamento social, agressividade, mudança nos padrões de sono, irritabilidade, comportamento autodestrutivos podendo chegar a ideações ou tentativas de suicídio. Os danos aos quais a vítima estará exposta dependem do tempo do abuso (frequência, duração) e do tipo de violência empregada (intensidade), sendo também relevante o tipo de relação da vítima com o autor da agressão e essas repercussões podem se manifestar a curto, médio e longo prazo (ANDRADE CS, et al., 2018; PLATT VB, et al., 2018; PEREIRA CA, et al., 2019).

Neste sentido, os estudos encontrados na presente pesquisa levam em consideração a grande relevância do tema, a lacuna existente na literatura e, principalmente, a importância das crenças para as relações humanas, tendo em vista que elas influenciam na forma como os indivíduos interagem, pois estão diretamente relacionadas aos comportamentos de proteção, prevenção ou violação dos direitos e da integridade humana (PEREIRA CA, et al., 2019; PEREIRA ASR, 2020).

Assim, as escalas elaboradas e utilizadas nos estudos podem demonstrar se determinada amostra apresenta altos níveis de crenças que legitimam/toleram o abuso ou a violência sexual e, a partir do conhecimento desses níveis, é possível elaborar programas de intervenção com o intuito de modificar as

crenças e, conseqüentemente, modificar comportamentos que as perpetuam. Colaborando para a elaboração de políticas públicas, além de orientação para profissionais e comunidade em geral, contribuindo para o campo social, científico e de saúde pública (BRINO RF e WILLIAMS LCA, 2003; WALD G, et al., 2018; PEREIRA CA, et al., 2019).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas encontradas a partir desta revisão sistemática da literatura mostraram que os instrumentos utilizados permitiram mensurar as crenças, evidenciando a atualidade daquelas que reforçam a legitimação/tolerância ao abuso e à violência sexual, independentemente da amostra selecionada e do contexto apresentado, demonstrando que as escalas são sensíveis à investigação do objeto de pesquisa. As limitações apontadas pelos autores, em sua maioria, dizem respeito à amostra não ser suficientemente diversificada, destacando a necessidade de mais pesquisas com diferentes público-alvo. Percebe-se que pelo fato de a validação da escala de crenças sobre abuso sexual para o contexto brasileiro ser recente (2019), ainda não foram publicados, nas bases de dados investigadas, muitos estudos com a sua aplicação. O estudo dessas crenças de legitimação/tolerância do abuso e da violência sexual se mostrou relevante na medida em que podem influenciar a produção de conhecimento e mudanças nas relações sociais das quais depende o êxito das políticas públicas voltadas ao enfrentamento do abuso sexual.

### REFERÊNCIAS

1. ANDRADE CSS, et al. Notificação da violência física e sexual de crianças e adolescentes: O papel do sistema de vigilância de violências e acidentes/VIVA. *Revista Saúde Col. UEFS, Feira de Santana*, 2018, 8: 46-53.
2. BRINO RF, WILLIAMS LCA. Capacitação do educador acerca do abuso sexual infantil. *Interação em Psicologia*, 2003; 7(2): 1-10.
3. CAMARGO E. Gender inequality and intimate partner violence in Bolivia. *Revista Colombiana de Sociologia*, 2019; 42 (2): 257-277.
4. CEZAR PK, et al. Registros de notificação compulsória de violência envolvendo crianças e adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2017; 37 (2): 432-445.
5. COSTA LP, et al. Autores de agressão sexual em contextos intra e extrafamiliar: Revisão da literatura. *Mudanças- Psicologia da Saúde*, 2018; 26(2), 61-69.
6. FELIZMINO TO, SILVA JP. Autoindicação do bullying frente as crenças do abuso sexual. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 2021; 10(3): 415-428.
7. MARTINS S, et al. Escala de crenças sobre violência sexual (ECVS). *Análise Psicológica*, 2012; XXX (1-2): 177-191.
8. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Relatório mundial sobre a prevenção da violência. 2014. Disponível em: <https://neve.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf>. Acessado em: 10 de janeiro de 2022.
9. PAIVA TT, et al. Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 2017; 10(2): 215-227.
10. PEIXOTO J, et al. Violência sexual no namoro: Os atletas universitários como grupo de risco? *Psicologia Edições Colibri*, 2013; XXXVII (1): 133-156.
11. PEREIRA ASR. Abuso sexual no gênero masculino: Crenças e mitos (Mestrado em Psicologia Forense) – Instituto de Psicologia e Ciências da Vida. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2020; 45 p.
12. PEREIRA CA, et al. Validação da escala de crenças sobre abuso sexual (ECAS) no contexto brasileiro. *Psico-USF*, 2019; 1: 145-158.
13. PERRIN N, et al. Social norms and beliefs about gender based violence scale: A measure for use with gender based violence prevention programs in low-resource and humanitarian settings. *Conflict and Health*, 2019; 13:6: 1-12.
14. PLATT VB, et al. Violência sexual contra crianças: Autores, vítimas e conseqüências. *Ciência & saúde coletiva*, 2018; 23 (4): 1019-1031.
15. REIS DC, CAVALCANTE LIC. Autor de agressão sexual de criança/adolescente: Uma caracterização da produção sobre o tema. *Ciências & Cognição*, 2018; 23(2): 263-276.
16. REIS DC, CAVALCANTE LIC. Avaliação de distorção cognitiva de autores de agressão sexual de crianças e adolescentes (AASCAS): Revisão sistemática da literatura. *Revista da SPAGESP*, 2019; 20 (2): 99-116.
17. RIBEIRO A, SOEIRO C. Crenças sobre o abuso sexual em profissionais de educação. VI Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Psicologia da Justiça. 2011.
18. SINDEEV A, GUZMÁN-NEGRÓN E. Perfil epidemiológico, clínico-psiquiátrico y legal del sentenciado por delitos sexuales, establecimiento Penitenciario Lurigancho, Lima. *Acta Médica Peruana*, 2018; 35(3), 168-173.
19. VENTURA MCAA, et al. Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, 2013; 11: 95-103.
20. WALD G, et al. Modelo comunitario para la promoción, prevención, asistencia y protección ante situaciones de abuso sexual contra niñas, niños e adolescentes. *Physis: Revista de saúde coletiva*, 2018; 28 (4): 1-25.

## Anexo A – Escala de Crenças sobre Abuso Sexual

### Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS)

E. C. A. S. (C. Machado, M. Gonçalves & M. Matos, 2000; Universidade do Minho)  
Adaptado para o contexto brasileiro por Pereira *et al.* (2019).

#### INSTRUÇÕES:

Você vai encontrar a seguir um conjunto de afirmações em relação a situações de abuso sexual, isto é, situações em que um adulto mantém atos sexuais com alguém que tem menos de 14 anos. Pede-se que **leia atentamente** essas frases e exprima a sua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A **sua opinião** é o mais importante. Por favor, tente responder de acordo com a sua forma de pensar e sentir e **não como acha que deveria ser**.

Avalie cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o seu modo de pensar. Assegure-se de que respondeu a todas as questões, devendo optar **apenas por uma das hipóteses** apresentadas.

As respostas a este questionário são totalmente anônimas. Não preencha seu nome, nem assine.

Obrigada pela sua colaboração!

Por favor, leia atentamente cada afirmação e responda:

**1 – Discordo totalmente**

**2 – Discordo**

**3 - Não concordo nem discordo**

**4 – Concordo**

**5 – Concordo totalmente**

- 1- Os abusadores são pessoas que parecem diferentes das pessoas normais.  
( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 2- As crianças podem provocar o abuso, pelo seu comportamento sedutor.  
( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 3- Só se pode falar de abuso quando há violência.  
( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 4- Se alguém abusa sexualmente de uma criança/adolescente, é porque não consegue arranjar parceiras(os) adultas(os).  
( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5
- 5- Se uma criança/adolescente só se queixa do abuso muito mais tarde, então ele provavelmente não existiu.

1  2  3  4  5

6- As adolescentes levam os homens mais velhos a abusar delas.

1  2  3  4  5

7- Só com crianças pequenas é que se pode falar de abuso. Se um(a) adolescente se envolve com alguém mais velho, a culpa é sua.

1  2  3  4  5

8- Se o abusador não tiver magoado a criança/adolescente o abuso é pouco grave.

1  2  3  4  5

9- Só se pode falar de abuso se a criança/adolescente resistir fisicamente.

1  2  3  4  5

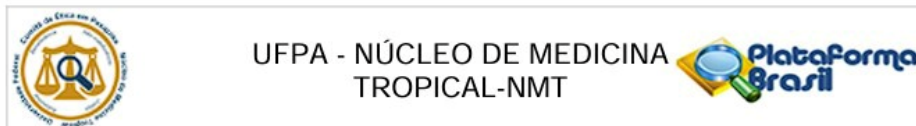
10- A maioria das queixas de abuso sexual são falsas.

1  2  3  4  5

11- Se não tiver havido penetração, então o abuso é pouco grave.

1  2  3  4  5

## Anexo B – Parecer Comitê de Ética



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Crenças e imagens sociais de professores acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes.

**Pesquisador:** FERNANDA MONTEIRO LIMA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 59192922.5.0000.5172

**Instituição Proponente:** Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.611.972

#### Apresentação do Projeto:

O projeto "Crenças e imagens sociais de professores acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes." constitui um projeto de tese de doutorado da pós-graduanda Fernanda Monteiro Lima, orientada pela docente Profa. Dra. Lilia Ieda Chaves Cavalcante, ambas vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento (NTPC), da UFPA. Envolverá "professores de escolas públicas estaduais situadas no município de Belém escolhidas igualmente por conveniência", e tem como objetivo "... propor, aplicar e avaliar os efeitos de um programa de intervenção sobre crenças e imagens sociais acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes com a participação de professores. Para isso, serão coletados os dados de 100 participantes que responderão a um formulário de caracterização sociodemográfico, às perguntas da Escala de Crenças sobre Abuso Sexual (ECAS) e a um questionário que identifica (ou descreve) imagens sociais. Destes, será selecionada uma amostra de 30 professores, divididos entre Grupo Experimental e Grupo Controle, para que seja realizada o programa de intervenção. Posteriormente, os instrumentos (exceto o formulário sociodemográfico) serão reaplicados e o Grupo Controle será exposto a intervenção" (Projeto, p. 3). Na segunda parte do projeto será aplicado o programa de intervenção que consistirá de oito encontros semanais de 90 minutos cada, "pautados na prática de grupos vivenciais que são atividades estruturadas com o intuito de propiciar mudanças pessoais a partir das experiências compartilhadas com uma proposta não-coercitiva". Os oito encontros tratarão

**Endereço:** Av. Generalíssimo Deodoro, 92

**Bairro:** Umarizal

**CEP:** 66.055-240

**UF:** PA

**Município:** BELEM

**Telefone:** (91)3201-0961

**E-mail:** cepnmt@ufpa.br



UFPA - NÚCLEO DE MEDICINA  
TROPICAL-NMT



Continuação do Parecer: 5.611.972

dos temas: apresentação de participantes, coordenadora e equipe responsável pela pesquisa, estabelecimento de regras de participação; o que é violência sexual, especificamente, o abuso sexual; quem é o autor de agressão sexual?; propostas de despatologização do sujeito; "Quem é a vítima de violência sexual?"; "Por que reconhecer o sofrimento da vítima?"; as lógicas que sustentam as crenças que perpetuam e legitimam o abuso sexual; imagens sociais que dizem respeito ao autor de agressão e à vítima de abuso sexual.; e encerramento da atividade e avaliação de satisfação dos participantes. Terminada a intervenção (etapa B), serão reaplicados os instrumentos (etapa A), aos grupos experimental e controle e, na sequência, o grupo controle também será exposto ao programa de intervenção.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: "Propor, aplicar e avaliar os efeitos de um programa de intervenção sobre crenças e imagens sociais acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes com a participação de professores". (p. 21 do arquivo "Projeto Completo")

Objetivos específicos:

- Caracterizar sociodemograficamente os professores participantes da pesquisa;
- Mensurar as crenças sobre abuso sexual contra crianças e adolescentes dos professores;
- Analisar as características atribuídas pelos professores às crianças e aos adolescentes vítimas de abuso sexual, bem como aos autores de agressão sexual;
- Desenvolver e aplicar um programa de intervenção sobre crenças e imagens sociais acerca do abuso sexual contra crianças e adolescentes." (p. 22 do arquivo "Projeto completo")

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

(Extraídos do arquivo "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1938299", p. 3)

Riscos: "Os riscos associados à pesquisa podem ser: acessar vivências dolorosas que despertem processos psicológicos intensos em função das informações que o participante disponibilizará nos questionários ou durante as atividades de reflexão dos encontros em grupo. Por isso, seguindo orientações da OMS (2011), será garantido aos participantes o acesso aos serviços de assistência psicossocial da instituição envolvida, assim como a equipe de pesquisa será colocada à disposição para contato com o participante a qualquer momento durante a pesquisa, incluindo a pesquisadora que é psicóloga, assim como a possibilidade de desistência de participação a qualquer momento."

Benefícios: "O conhecimento das crenças e das imagens sociais sobre abuso sexual, bem como a

**Endereço:** Av. Generalíssimo Deodoro, 92

**Bairro:** Umarizal

**UF:** PA

**Telefone:** (91)3201-0961

**Município:** BELEM

**CEP:** 66.055-240

**E-mail:** cepnmt@ufpa.br



UFPA - NÚCLEO DE MEDICINA  
TROPICAL-NMT



Continuação do Parecer: 5.611.972

elaboração de uma proposta de intervenção que possa desestabilizar/ modificar as crenças que perpetuam situações de violência contribui para a formulação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento deste tema. Os benefícios ao participante da pesquisa dizem respeito a promoção do autoconhecimento, bem como ao aumento da possibilidade de mudanças pessoais que possam vir a desestabilizar/modificar crenças e imagens sociais que banalizam a violência.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto atende ao critério de relevância científica e social, e apresenta de maneira clara a metodologia do estudo. Atende ao que é preconizado na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que estabelece as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas com seres humanos (sigilo, autonomia e voluntariedade dos participantes, autorização de participação no estudo por parte dos participantes). O projeto prevê o início da coleta de dados para setembro de 2022.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O pesquisador apresentou os Termos exigidos, estando todos adequados:

1. FOLHA DE ROSTO CONEP - Apresentado e adequado.
2. PROJETO DE PESQUISA ORIGINAL NA ÍNTEGRA - Apresentado e adequado.
3. TAI – Termo de Anuência Institucional – Apresentado e adequado.
4. CRONOGRAMA – Apresentado e adequado.
5. ORÇAMENTO: Prevê custos de responsabilidade pessoal.
6. TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Não se aplica.
7. TCUD – Termo de Compromisso de Utilização de Dados – Não se aplica.
8. TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Apresentado e adequado.

**Recomendações:**

Não há recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisadora atendeu a todas as recomendações deste Comitê, listadas abaixo:

No TCLE:

- Foi incluído o cabeçalho na segunda página;

- Foi inserida a informação de que o original do TCLE ficará com o(a) participante e uma cópia dela ficará com o pesquisador ("Este termo será assinado em duas vias, sendo que o original ficará com você (participante) e uma cópia ficará com a pesquisadora.").

Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, 92

Bairro: Umarizal

CEP: 66.055-240

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-0961

E-mail: cepnmt@ufpa.br



Continuação do Parecer: 5.611.972

- Foram inseridas as informações sobre local e horário dos encontros/atividades do projeto ("Caso você seja convidado a participar dos encontros do grupo e concordar em participar, esses acontecerão no espaço físico da EEEFM Rodrigues Pinagé, às sextas-feiras, às 16hs, com duração de 90 minutos").

- Foram incluídos os benefícios para o participante ("Os benefícios para você, participante da pesquisa, dizem respeito a promoção do autoconhecimento, bem como ao aumento da possibilidade de mudanças pessoais que possam vir a desestabilizar/modificar crenças e imagens sociais que banalizam a violência.")

- Foi incluída a menção aos riscos para o participante na segunda etapa do projeto, atividades de discussão em grupo ("...entretanto, se você se sentir fragilizado ou desconfortável em função das informações que você disponibilizará nos questionários ou durante as atividades de reflexão dos encontros em grupo, você poderá desistir a qualquer momento e terá assistência necessária sendo encaminhado para a equipe técnica da pesquisa...").

- Foi inserida no projeto a informação sobre como serão recrutados os 100 participantes ("...Os professores da EEEFM Rodrigues Pinagé e da EEEFM Ulysses Guimarães serão convidados a participar ... através de mensagem enviada nos grupos de WhatsApp das escolas formados pelos docentes e equipe pedagógica, com autorização da direção. A mensagem informará resumidamente sobre a pesquisa e, principalmente, os dias e horários que a pesquisadora e a equipe de voluntários estarão presentes na escola para tal fim. Esses dias serão acordados com a escola a partir da disponibilidade do calendário acadêmico para que não ocorra nenhum prejuízo à rotina escolar...").

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Diante do exposto, este Colegiado manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa por estar de acordo com a Resolução CNS nº466/2012. Em atendimento a esta resolução esclarecemos que a responsabilidade do pesquisador é indelegável, indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais. Cabe ainda ao pesquisador:

a) desenvolver o projeto conforme delineado;

|  |                               |
|--|-------------------------------|
| <b>Endereço:</b> Av. Generalíssimo Deodoro, 92 | <b>CEP:</b> 66.055-240        |
| <b>Bairro:</b> Umarizal                        |                               |
| <b>UF:</b> PA                                  | <b>Município:</b> BELEM       |
| <b>Telefone:</b> (91)3201-0961                 | <b>E-mail:</b> cepnmt@ufpa.br |



Continuação do Parecer: 5.611.972

- b) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final para este CEP;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- d) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- e) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- f) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, alteração ou interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento  | Arquivo                                       | Postagem               | Autor                  | Situação |
|---|---|------------------------|------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1938299.pdf | 18/07/2022<br>10:53:14 |                        | Aceito   |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | TERMOANUENCIA_ULYSSESGUIMAR AES.pdf           | 18/07/2022<br>10:51:49 | FERNANDA MONTEIRO LIMA | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | PROJETO CEP_FERNANDALIMA_NOVO.pdf             | 18/07/2022<br>10:50:27 | FERNANDA MONTEIRO LIMA | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_NOVO_2.pdf                               | 18/07/2022<br>10:49:52 | FERNANDA MONTEIRO LIMA | Aceito   |
| Folha de Rosto  | folhaderostoassinada.pdf                      | 29/04/2022<br>12:33:26 | FERNANDA MONTEIRO LIMA | Aceito   |
| Declaração de concordância                                | TERMO_ANUENCIA.pdf                            | 28/04/2022<br>19:48:50 | FERNANDA MONTEIRO LIMA | Aceito   |
| Outros  | QUESTIONARIO_ECAS.pdf                         | 27/04/2022<br>20:57:20 | FERNANDA MONTEIRO LIMA | Aceito   |
| Outros  | QUESTIONARIO_DADOS_SOCIODEMOGRAFICOS.pdf      | 27/04/2022<br>20:56:25 | FERNANDA MONTEIRO LIMA | Aceito   |
| Outros  | QUESTIONARIO_IMAGENS_SOCIAIS.pdf              | 27/04/2022<br>20:54:28 | FERNANDA MONTEIRO LIMA | Aceito   |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Endereço: Av. Generalíssimo Deodoro, 92  
 Bairro: Umarizal CEP: 66.055-240  
 UF: PA Município: BELEM  
 Telefone: (91)3201-0961 E-mail: cepnmt@ufpa.br



Continuação do Parecer: 5.611.972

Não

BELEM, 29 de Agosto de 2022

---

**Assinado por:**  
**FABIOLA ELIZABETH VILLANOVA**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Generalíssimo Deodoro, 92

**Bairro:** Umarizal

**UF:** PA **Município:** BELEM

**Telefone:** (91)3201-0961

**CEP:** 66.055-240

**E-mail:** cepnmt@ufpa.br